

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

VANDERLEI BRAULINO QUEIROZ

**POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO AO ADOECIMENTO DO PROFESSOR
UNIVERSITÁRIO**

**CAMPO GRANDE - MS
2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

VANDERLEI BRAULINO QUEIROZ

**POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO AO ADOECIMENTO DO PROFESSOR
UNIVERSITÁRIO.**

Relatório de exame de qualificação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação – curso de mestrado, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Educação. Orientadora: Dra. Sônia da Cunha Urt.

**CAMPO GRANDE - MS
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central – UFMS, Campo Grande - MS, Brasil.

Queiroz, Vanderlei Braulino.

Possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do Professor
Universitário/Vanderlei Braulino Queiroz - Campo Grande – MS. 2021.

201 p. 30 cm.

Orientador: Profa. Dra. Sônia da Cunha Urt.

Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

1. Enfrentamento ao adoecimento
2. Psicologia Histórico-cultural.
3. Professor universitário

VANDERLEI BRAULINO QUEIROZ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Sônia da Cunha Urt
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Orientadora

Profa. Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci
Universidade Estadual de Maringá
Membro Titular UEM/UFMS

Prof. Dr. Armando Marino Filho
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Membro Titular UFMS/CTL

Profa. Dra. Célia Beatriz Piatti
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Membro Suplente UFMS

Campo Grande – MS, 28 de junho de 2021.

**Aos meus pais e a todos
que compartilharam comigo
da jornada até este momento.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente à minha orientadora, Profa. Dra. Sônia da Cunha Urt, que me auxiliou nas etapas desta pesquisa. Agradeço aos demais professores pelas aulas ministradas, sugestões oferecidas e a partilha do conhecimento. Agradeço aos meus colegas de turma, em especial à Alcione Ribeiro Dias, pela parceria e colaboração, que favoreceram o desenvolvimento desta pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos a todos do GEPPE, Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia e Educação, que me acolheu como membro e possibilitou o desenvolvimento deste estudo. Meus Agradecimentos ao Instituto Sul Mato-grossense para Cegos Florivaldo Vargas e à Secretaria Municipal de Assistência Social do município de Campo Grande – MS, que me apoiaram nessa empreitada com palavras de incentivo e em algumas ocasiões, acomodando horários para conciliar minha vida de estudo e trabalho.

Agradeço à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, por possibilitar, com preservação do anonimato dos professores envolvidos, dados referentes aos atestados e licenças dos professores, no período de 2005 a 2019. Sem o que, a presente pesquisa estaria bastante empobrecida.

Especial agradecimento aos meus pais, familiares, namorada e amigos, pelo apoio e paciência durante o desenvolvimento desta pesquisa.

O adoecimento, muitas vezes, pode se tornar uma forma de resistência ao processo de sucumbir às péssimas condições de trabalho, pode ser uma forma de não compactuar com uma sociedade que desvaloriza o trabalhador e o conhecimento. (FACCI; URT et al, 2017, p. 132).

POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO AO ADOECIMENTO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO.

RESUMO

Vinculado à pesquisa: “As contribuições da Psicologia Histórico-cultural para a compreensão do adoecimento do professor no Ensino Superior” (FACCI, M.), o presente estudo diante da intensificação do trabalho e sua precarização, historicamente produzidos nas sociedades capitalistas, procura responder o seguinte problema: Quais os modos de preservação ou promoção da saúde, que os professores universitários utilizam como enfrentamento ao adoecimento? tem por objetivo investigar as possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor universitário. Para tal, o presente estudo faz uso dos pressupostos teóricos metodológicos da Psicologia Histórico-cultural. Realiza um breve panorama histórico sobre a compreensão do adoecimento e da atividade do professor universitário; expõe ainda alguns conceitos fundamentais, tais como atividade, trabalho, resistência e enfrentamento, utilizados na análise dos dados obtidos empiricamente. Os dados empíricos se constituem de tabelas sobre atestados e licenças dos professores universitários da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, nos anos de 2005 a 2019. Questionários aplicados aos Professores da área de humanas da UFMS e entrevistas com alguns desses professores, supostamente os menos adoecidos. Dadas as análises se conclui que são diversas as possibilidades de enfrentamento ao adoecimento dos professores universitários, dentre os quais a resistência por meio de atividades ditas individuais e a resistência ativa, na forma de organização coletiva. Percebe-se que há maior incidência da resistência e conclui que a possibilidade de enfrentamento ao adoecimento do professor enquanto resistência ativa, se torna mais efetiva devido ao seu caráter coletivo.

Palavras-chave

Enfrentamento ao adoecimento Psicologia Histórico-cultural Professor universitário

POSSIBILITIES OF COPING WITH THE ILLNESS OF THE UNIVERSITY PROFESSOR.

SUMARY

Linked to the research: "The contributions of Historical-cultural Psychology to the understanding of teacher illness in Higher Education" (FACCI, M.), the present study in the face of the intensification of work and its precariousness, historically produced in capitalist societies, seeks to answer the following problem: What ways of preservation or health promotion, which university professors use as a confrontation with illness? Therefore, it aims to investigate the possibilities of coping with the illness of the university professor. For this, the present study makes use of the methodological theoretical assumptions of Historical-cultural Psychology. It provides a brief historical overview of the understanding of illness and the activity of the university professor; it also exposes some fundamental concepts, such as activity, work, resistance and coping, used in the analysis of empirically obtained data. The empirical data are tables on attestates and licenses of university professors of the Federal University of Mato Grosso do Sul, from 2005 to 2019. Questionnaires applied to teachers in the humanities area of UFMS and interviews with some of these teachers, supposedly the least sick. Given the analyses, it is concluded that there are several possibilities of coping with the illness of university professors, among which resistance through so-called individual activities and active resistance, in the form of collective organization. It is perceived that there is a higher incidence of resistance and concludes that the possibility of coping with the teacher's illness as active resistance becomes more effective due to its collective character.

Key words

Coping with illness

Historical-cultural psychology

University professor

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Esquematização da evolução do conceito da saúde e doença em degraus. Leitura a partir do primeiro degrau abaixo.....	50
Figura 2: Referencial teórico adotado pelos autores.....	56
Figura 3: Instrumentos de coleta de dados utilizados nos trabalhos analisados.....	57
Figura 4: Inventários, Questionários e Escalas utilizadas nas pesquisas.....	58
Figura 5: Métodos de Análise e Softwares utilizados nas pesquisas.....	58
Figura 6: Entrevistas, eixos e categorias.....	96
Figura 7: Categoria doenças, atestados e licenças.....	99
Figura 8: Possibilidades de enfrentamento.....	103

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Pesquisa exploratória sobre saúde e adoecimento dos professores no Banco de Teses e Dissertações da CAPES/CNPq. Em 13 de Julho de 2020.....	42
Gráfico 2: Afastamento por motivos de saúde dos docentes da UFMS – 2005 a 2015.....	76
Gráfico 3: Quantidade de afastamentos por sexo.....	76
Gráfico 4: Média de idade por sexo.....	77
Gráfico 5: Motivos de afastamento em ordem decrescente, relativos ao catálogo de doenças-CID 10.....	79
Gráfico 6: Percentual relativo dos motivos de afastamento dos docentes.....	79
Gráfico 7: Distribuição dos CID 10 – 2005 a 2019.....	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Número de trabalhos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações.....	56
Quadro 2. Número de resumos disponíveis dos trabalhos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações.....	56
Quadro 3: Possibilidades de enfrentamento individual.....	60
Quadro 4: Possibilidades de enfrentamento coletivos.....	63
Quadro 5: Possibilidades de enfrentamento relativo à gestão ou às políticas públicas.....	65
Quadro 6: Envio dos questionários via web.....	73
Quadro 7: Número possível de pessoas para a entrevista individual.....	74
Quadro 8: Quantidade de dias de afastamento por sexo.....	77
Quadro 9 Dias de afastamento de docentes da UFMS por CID.....	78
Quadro 10: Quadro de afastamentos CID 10/F – Transtornos Mentais e Comportamentais....	81
Quadro 11: Formas de enfrentamento ao adoecimento.....	86
Quadro 12: Data, duração e local das entrevistas.....	88
Quadro 13: Atuação na graduação e Pós-graduação.....	90
Quadro 14: Leitura das entrevistas e subcategorias identificadas.....	91
Quadro 15: Organização das subcategorias.....	92
Quadro 16: Entrevistado e assunto identificado.....	93
Quadro 17: Ações de resistência individual e coletivas.....	103
Quadro 18: Ações de resistência ativa.....	104
Quadro 19: Alterações ou superação do capitalismo.....	104

LISTA DE SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DIAS - Divisão de Atenção Integral ao Servidor

GEPPE – Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia e Educação

INISA – Instituto Integrado de Saúde

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

PROGEP - Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

PHC – Psicologia Histórico-cultural

UEM – Universidade Estadual de Maringá

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1	
ATIVIDADE HUMANA E O TRABALHO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO.....	20
1.1 A atividade Humana e o trabalho.....	20
1.2 O que faz um professor universitário: trabalho alienado?.....	30
1.2.1 As mudanças no mundo do trabalho na sociedade capitalista.....	32
1.2.2 As mudanças no trabalho do professor.....	35
1.2.3 As mudanças no trabalho do professor decorrentes da pandemia de Covid-19.....	37
1.2.4 Nocividade do trabalho e o uso da medicalização.....	38
1.3.2 A resistência como modo de enfrentamento ao adoecimento.....	39
CAPÍTULO 2	
SAÚDE, ADOECIMENTO E OS MODOS DE ENFRENTAMENTO.....	42
2.1 A Sociedade e o adoecimento na história: um panorama histórico sobre Saúde e Doença.....	43
2.2 O pensamento contemporâneo sobre saúde e doença.....	47
2.3 Saúde e adoecimento nos pressupostos da Psicologia Histórico-cultural.....	51
2.4 Enfrentamento ao adoecimento do professor universitário: um recorte do estado do conhecimento.....	55
2.4.1 Possibilidades de enfrentamentos individuais.....	59
2.4.2 Possibilidades de enfrentamento coletivos.....	63
2.4.2.1 Possibilidades de enfrentamento relativo às políticas públicas e institucionais.....	65
2.4.3 A reorganização da sociedade capitalista.....	67
CAPÍTULO 3	
ENFRENTAMENTO AO ADOECIMENTO PELO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO: APROXIMAÇÕES AOS DADOS EMPÍRICOS DA PESQUISA.....	69
3. 1 METODOLOGIA.....	69
3.1.1 Pressupostos teóricos metodológicos.....	69
3.1.2 Procedimentos metodológicos.....	71

3. 2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	75
3.2.1 Resultados e discussão.....	75
3.2.1.2 Dos atestados e das licenças - (anos de 2005 a 2019)	75
3.2.1.2.1 Discussão.....	81
3.2.1.3 Dos questionários via web.....	84
3.2.1.3.1 Discussão.....	86
3.2.1.4 Das entrevistas.....	87
3.2.1.4.1 Caracterização dos sujeitos entrevistados.....	89
3.2.1.4.2 Eixo –1 Adoecimento.....	94
3.2.1.4.2.1 Categoria: Intensificação e precarização.....	94
3.2.1.4.2.2 Categoria: Doenças, atestados e licenças.....	99
3.2.1.4.3 Eixo - 2 Enfrentamento.....	100
3.2.1.4.3.1 Categoria: Prazer no trabalho.....	100
3.2.1.4.3.2 Categoria: Enfrentamento.....	100
3.2.1.4.3.3 Discussão.....	105
4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS.....	112
REFERÊNCIAS DO ESTADO DO CONHECIMENTO.....	120
APÊNDICE.....	137
APÊNDICE 1: Carta de solicitação para acesso aos dados da UFMS	125
APÊNDICE 2. Questionário da Pesquisa.....	126
APÊNDICE 3: Roteiro de entrevistas.....	133
APÊNCICE 4: Entrevistas.....	135
ANEXO.....	197
ANEXO 1: Autorização da pesquisa junto ao comitê de ética.....	197

INTRODUÇÃO

De fato, a precarização do trabalho, o adoecimento e sofrimento dos professores no contexto atual, resulta das contradições engendradas na relação capital versus trabalho de modo geral, mas também nas singularidades que se processam em cada momento histórico do fazer da profissão na relação com a sociedade, Estado e educação (FACCI e URT, 2017 p. 10).

Esta dissertação nasceu do desejo do autor em aprimorar seu processo de produção do conhecimento científico. Ela também teve origem na parceria estabelecida com uma pesquisa maior, intitulada: "As contribuições da Psicologia Histórico-cultural para a compreensão do adoecimento do professor no ensino superior". coordenada pela Professora Doutora Marilda Gonçalves Dias Facci (UEM/UFMS/CNPq), da qual participam os Professores Doutores Sônia da Cunha Urt e Armando Marino Filho (UFMS/CPTL).

Outro fato que também desencadeou a presente dissertação, foi a discussão entre colegas no Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia e Educação (GEPPE), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, coordenado pela Professora Doutora Sônia da Cunha Urt, também orientadora desta dissertação. No GEPPE se discutia a necessidade de estudar não apenas o adoecimento, como também o não adoecimento, ou seja: a saúde e a promoção da saúde no contexto educacional.

A possibilidade de colaborar com a pesquisa maior; as discussões no grupo de pesquisa; a formação como profissional da Psicologia; possibilitaram ao autor da presente dissertação, uma forte identificação com o tema, tanto do adoecimento docente universitário, na pesquisa

maior, como em relação ao tema da pesquisa que se apresenta neste momento, com o título: “possibilidades de enfrentamento ao adoecimento dos professores universitários”.

É sabido, que o contexto educacional atual faz parte de um contexto maior de crises e transformações. A presente dissertação, concorda com as palavras de Saviani e Duarte (2015 p. 15), quando afirma: “Constatamos que é mais ou menos recorrente o entendimento de que a situação atual é caracterizada, de forma genérica, pela crise de paradigmas”, pois o projeto educacional da modernidade, “assentado sob os ideais de constante progresso social, da ciência, da razão, do sujeito racional e autônomo e do papel da própria educação como realização desses ideais” (SILVA, 1996 p. 253), não tem se realizado como o prometido e sofre ataques do projeto neoliberal.

Segundo Silva (1996), no ideário do projeto neoliberal a educação deixa de ser dever da esfera pública para se tornar oferta da iniciativa privada. O objetivo da educação deixa de ser focado no ensino do conhecimento acumulado pela humanidade, estimular o pensamento crítico e assim melhorar as condições sociais, para se tornar espaço de formação profissional e assim atender às necessidades de força de trabalho nas relações de mercado. Essas mudanças têm gerado a precarização do trabalho docente e maior suscetibilidade ao adoecimento do professor.

Neste contexto, diversos pesquisadores têm feito esforço para compreender o adoecimento do trabalhador, de maneira especial na área da educação. Pesquisas, como a de Penteado e Souza Neto (2019), afirmam que no Brasil os estudos sobre os problemas de saúde, mal-estar, sofrimento e adoecimento docente, apontam para a maior incidência dos transtornos mentais e comportamentais. Apontam ainda que os distúrbios da voz, doenças osteomusculares e do tecido conjuntivo também estão muito presentes. Essas doenças acometem os professores do ensino privado e público, em todos os níveis.

Ao realizar uma busca por trabalhos científicos no Banco de Teses e Dissertações da coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no dia 02 de setembro de 2020, foi possível encontrar com o descritor: “adoecimento dos professores”, 19 dissertações de mestrado e 7 teses de doutorado que tratavam do tema. Algumas delas serão mencionadas a seguir.

Uma delas é a de MEZZARI (2017), que revelou o alto índice de adoecimento físico e psíquico dos professores. A autora constatou que 47% dos professores pesquisados afirmaram ter feito uso de medicamento durante os últimos 12 meses de trabalho.

Ao se tratar do professor universitário, Andrade (2014) constatou que desde os anos de 1990, as mudanças no mundo do trabalho têm produzido mudanças também nas universidades. No contexto dos professores que lecionam na pós-graduação, Ribeiro (2017) utiliza o sugestivo

título: “O trabalho do(c)ente na pós-graduação: entre a resistência e a desistência”. A autora faz notar sob o aporte teórico de Mikhail Bakhtin (1895 –1975)¹, como os professores constituem o significado da docência e quais as estratégias que utilizam frente aos desafios do trabalho como professores universitários.

Resistência e desistência se tornam categorias para análise, na perspectiva de Caldas (2007), para quem embora contraditórias, estas categorias então presentes num mesmo processo. Este processo não trata meramente da permanência ou não no trabalho, pois estão vinculadas a questão da saúde e adoecimento do trabalhador docente. Nesta perspectiva, a desistência, o afastamento do trabalho, se constituem também como um modo de enfrentamento do sofrimento, do adoecimento ou do agravamento da doença. Destacamos a importância da pesquisa de Rebolo e Bueno (2003), que mapeou o caminho ou fases percorridas pelo professor até se desligar da atividade docente.

Do mesmo modo que o se tornar professor é um processo contínuo, pelo qual o indivíduo se constrói como professor, também o deixar de ser professor mostrou-se, com base nas histórias dos ex-professores, como um processo que é tecido ao longo do percurso profissional (LAPO e BUENO, 2003 p. 74)

Para Rebolo e Bueno (2003), a desistência do professor se dá devido ao fato da organização do trabalho e as relações estabelecidas não corresponderem aos valores e expectativas desse profissional. Para Codo e Menezes (2006) essa desistência é consequência da perda de sentido do trabalho. Segundo Codo e Menezes (2006), o contexto se torna pretexto para que surjam as mais diversas formas de acalmar o espírito conturbado dos trabalhadores. Por exemplo, livros de autoajuda e discursos religiosos, que atribuem causas misteriosas e não dão as razões históricas e culturais do sofrimento individual. Possibilitam uma acomodação, mas não propriamente um enfrentamento da causa do adoecimento. Concorda-se com a crítica realizada acima e o estudo aqui apresentado procura dar sua contribuição para preencher essa lacuna,

De que maneira que o problema ao qual procura responder é: quais as possibilidades de preservação ou promoção da saúde, que os professores universitários utilizam como enfrentamento ao adoecimento? Portanto, tem por objetivo investigar as possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor universitário. Para tal, o presente estudo faz uso dos pressupostos teóricos e metodológicos da Psicologia Histórico Cultural. A presente

¹ Mikhail Bakhtin (1895-1975), foi um notável pensador russo, dedicou-se ao estudo da arte e da cultura europeia. Se destacou como um dos grandes pensadores da linguagem humana.

dissertação está ancorada nas razões históricas e culturais relacionadas ao processo de saúde e adoecimento do professor universitário.

O método de pesquisa da Psicologia Histórico-Cultural, considera a necessidade de estudar a gênese e o processo, para superar a mera descrição das aparências e explicar a realidade que se coloca como objeto de estudo, revelando assim o que antes era ignorado. Ou dito nas palavras do próprio Vigotski²: romper com os conhecimentos “fossilizados”. No livro pensamento e linguagem Vigotski diz: “Como afirma Ach, esse desconhecimento do momento funcional representa, no fundo, uma omissão do fato de que o conceito não leva uma vida isolada, não é uma formação fossilizada e imutável, mas sempre se encontra no processo mais ou menos vivo e mais ou menos complexo de pensamento, sempre exerce alguma função de comunicar, assimilar, entender e resolver algum problema” (Vigotski, 2001 p. 154). Veja também:

Esses modos e formas de conduta que se encontram, que surgem de forma estereotipadas em determinadas circunstâncias, vêm a ser formas psicológicas petrificadas, fossilizadas, originadas em tempos remotíssimos, nas etapas mais primitivas do desenvolvimento cultural do homem, que se tem conservado de maneira surpreendente, como vestígios históricos em estado pétreo e ao mesmo tempo vivo na conduta do homem contemporâneo (VYGOTSKI, 2000b, p. 63).

Nesse caminho é fundamental o pensamento de Karl Marx (1818-1883) e o Materialismo Histórico-dialético por ele desenvolvido. Uma vez que aí se encontram as bases filosóficas e epistêmicas que possibilitam a representação do movimento real da sociedade. No esteio das bases marxistas e do Materialismo Dialético, surgiram estudiosos que desenvolveram um modo de compreender o ser humano, sua atividade e a formação da consciência, o que resultou na Psicologia Histórica Cultural.

Iniciada por Liev Semiónovich Vigotski (1896-1934) e seus colaboradores: Alexis Nikoláevich Leontiev (1903-1979) e Alexander Románovich Luria (1902-1977), a Psicologia Histórico-cultural oferece uma compreensão do desenvolvimento humano na sua totalidade, supera assim o dualismo, o inatismo e a visão fragmentada da realidade, se mostra adequada para o objetivo da presente investigação. Estudar as possibilidades de enfrentamento ao

² Psicólogo russo que nasceu em Orsha no dia 17/11/1896, faleceu de tuberculose aos 37 anos, no dia 11/06/1934. Uma das possibilidades da escrita do nome deste autor é: “Vigotski”. Será preferível esta grafia na presente dissertação, quando a fonte bibliografia não exigir de outro modo. Pois se refere a uma tradução do russo para o português e não do inglês ou espanhol como também pode ocorrer.

adoecimento do professor universitário, leva a uma observação crítica da sociedade e das relações estabelecidas pelos sujeitos.

Todas as situações anteriormente anunciadas, presentes já na epígrafe desta introdução, quais sejam: crise da modernidade, avanço das propostas neoliberais, alteração do significado e precarização do trabalho docente; estão dialeticamente relacionadas e envolvem tanto as questões do adoecimento, como as possibilidades do seu enfrentamento. Como já mencionado, esta não é uma realidade que atinge unicamente aos professores universitários, no entanto, foi feita a escolha por esta realidade em particular.

O presente estudo está organizado em quatro capítulos. No primeiro, intitulado: *Atividade humana e o trabalho docente universitário*; aborda as questões históricas mais gerais e os conceitos centrais a serem utilizados como instrumentos de análise sobre as possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor universitário. Quais sejam o conceito de atividade humana, trabalho e trabalho alienado. Discorre-se sobre alguns elementos do desenvolvimento histórico referente ao trabalho do professor universitário, fazendo notar que não se trata de uma realidade natural e imutável, mas historicamente produzida pelos seres humanos.

No segundo capítulo: *Saúde, adoecimento e os modos de enfrentamento*, se procura explicitar mais detalhadamente a relação entre trabalho, saúde e adoecimento. Discute-se a questão do adoecimento na perspectiva da Psicologia Histórico-cultural.

No terceiro capítulo: *enfrentamento ao adoecimento pelo professor universitário: aproximações aos dados empíricos da pesquisa*. são apresentados o local da pesquisa empírica, os procedimentos metodológicos utilizados, o resultado e a discussão dos dados obtidos. Sejam por meio dos atestados e licenças; questionários respondidos por professores dos cursos de ciências humanas ou as entrevistas realizadas com alguns desses professores.

Por fim, são tecidas *algumas considerações finais*, onde se procura fazer uma síntese de todas as informações obtidas e apontar algumas conclusões do autor. Por ser uma dissertação de mestrado, não se tem a pretensão do pleno domínio do método dialético ou da Psicologia Histórico-cultural, antes, trata-se de um exercício nesse sentido.

CAPÍTULO 1

ATIVIDADE HUMANA E O TRABALHO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

A Saúde e o adoecimento na educação são objetos de estudo cada vez mais presentes nas pesquisas acadêmicas. A princípio essas pesquisas se ocuparam de estudar o adoecimento nos estudantes. Depois nos professores do ensino fundamental e médio. Recentemente, se tem notado o aumento dos estudos relacionados com a saúde e o adoecimento do professor universitário. Neste sentido, o artigo de Lambert, Moreira e Castro (2018): Estado da Arte sobre adoecimento do estudante universitário brasileiro, aponta a realização de estudos com essa temática já no ano de 1950. Segundo Sabath, (2020 p.34): “No Brasil, as pesquisas relacionadas à temática do adoecimento estão direcionadas, em geral, para os professores do ensino fundamental e médio, porém, há também pesquisas voltadas para o ensino superior”. Os dois trabalhos mencionados, embora sejam pesquisas distintas e que não partilham do mesmo referencial teórico, corroboram as afirmações do início deste primeiro capítulo.

Percebe-se que o trabalho, muitas vezes citado como fonte de dignidade humana, também pode produzir o efeito inverso, quando na sua forma alienada, desumaniza e faz adoecer.

Neste primeiro momento se procura realizar uma aproximação à realidade do trabalho do professor universitário, explicitando alguns conceitos tais como o de atividade humana e trabalho, fundamentais para as análises a serem desenvolvidas posteriormente. Assim, este capítulo inicial, explicita a importância da atividade e do trabalho na vida dos sujeitos.

1.1 A atividade Humana e o trabalho

Atividade e trabalho, são dois conceitos fundamentais para a Psicologia Histórico Cultural e estão bem presentes nesta dissertação. Serão muito importantes para as análises a serem desenvolvidas nos capítulos que seguem. Inicialmente se apresenta o conceito de atividade.

A atividade foi bem estudada por pesquisadores como Vigotski³, Leontiev, Elkonin e Rubeinstein. Como afirma o próprio Leontiev (1981, p. 62): “A ideia da análise da atividade

³ O nome de Vigotski, a depender da tradução que dele é feita, pode ser grafado de diversos modos. Ao traduzir do cirílico para o Inglês ou para o espanhol por exemplo, “Temos Vygotsky. Vygotski, Vigotsky, Vygotskii, Wigotski. Vigotski, vouigotskij ou até mesmo Vigôtski” (PRESTES, 2010 p.90). Neste trabalho irá se manter a grafia da obra referida.

como método na psicologia científica do homem, foi criado, como dissemos, nas primeiras obras de L. S. Vigotski”. Para Zanelato e Urt (2019, p. 33), Leontiev “fundamentado nos estudos de Vygotski, foi o precursor da Teoria da Atividade...”.

No processo evolutivo da existência, nota-se que na natureza existe o movimento mecânico, mas é com o surgimento da vida que passa a existir a atividade. A atividade passa a existir quando os organismos vivos, por necessidade de obter nutrientes do seu meio ambiente, desenvolvem ações com o objetivo de satisfazer suas necessidades. Com a evolução dos organismos vivos, que se tornaram cada vez mais complexos, nota-se a distinção entre a atividade dos outros animais e a atividade humana. É importante para o presente estudo, falar um pouco mais sobre a atividade humana.

Para Leontiev a atividade humana é a de maior grau de complexidade. A atividade humana não é simplesmente “fazer coisas”, praticar ações. Para Leontiev, nem tudo que é feito pelo sujeito é uma atividade.

A atividade humana⁴ busca dar resposta a uma necessidade, é movida por uma ideia, uma intencionalidade, que se torna motivo gerador de uma série de ações. Estas ações encadeadas intencionalmente, alcançam determinado resultado. Tal resultado torna-se ao mesmo tempo motivo e objeto da atividade. Leontiev se expressa da seguinte maneira:

“A atividade não pode existir sem uma razão...As ações pelas quais a atividade é realizada constituem seus "componentes" fundamentais. Chamamos de ação o processo que está subordinado à representação desse resultado que vem a ser alcançado, ou seja, o processo subordinado a um alvo consciente. Assim como o conceito de motivo se relaciona com o conceito de atividade, assim também o conceito de objetivo se relaciona com o conceito ação” (LEONTIEV, 1981 p. 62 - *tradução nossa*)⁵

Para ilustrar o conceito de atividade, pode-se recorrer ao exemplo dado por Tuleski e Eidt (2017 p. 45); a “...pessoa faminta... deve realizar uma série de ações internas e externas

⁴ A atividade humana se distingue da atividade animal. Segundo Marx e Engles (1993 p. 39-40), os animais agem para satisfazer suas necessidades e o ser humano age para produzir os meios de satisfação das suas necessidades. Os seres humanos são capazes de produzir novas necessidades não necessariamente ligadas ao corpo como a fome ou sede. A terceira distinção é que a atividade humana é coletiva.

⁵Textualmente assim se encontra esta passagem na língua espanhola, da qual foi feita a tradução para o português: “La actividad no puede existir sin un motivo... Las acciones mediante las cuales se realiza la actividad constituyen sus “componentes” fundamentales. Denominamos acción al proceso que se subordina a la representación de aquel resultado que cobra de ser alcanzado, es decir, el proceso subordinado a un objetivo consciente. Del mismo modo que el concepto de motivo se relaciona con el concepto de actividad, así también el concepto de objetivo se relaciona con el concepto de acción” (LEONTIEV, 1981 p. 62).

que não estão diretamente relacionadas com a obtenção do alimento”. Por exemplo: “planejar mentalmente as ações para saciar a fome, ir ao mercado comprar comida, voltar para casa, acender o fogo e cozinhar a comida”. Nota-se que ir ao mercado e colocar uma panela no fogo são ações, que em si não saciam a fome. Juntando uma ação a outra é possível preparar o alimento e satisfazer a necessidade inicial, que é justamente saciar a fome. Saciar a fome é a necessidade desencadeadora. A ideia do alimento preparado é o motivo e o objeto resultante das ações intencionais.

Petrovski (1985), afirma que atividade é uma:

... forma de relação viva através da qual se estabelece um vínculo real entre a pessoa e o mundo que o rodeia. Por meio da atividade o indivíduo atua sobre a natureza, sobre as coisas e sobre as pessoas. Na atividade, o indivíduo desenvolve e realiza suas propriedades internas, intervêm como sujeito em relação às coisas e como personalidade em relação às pessoas. Ao experimentar por seu turno as influências recíprocas, descobre assim as propriedades verdadeiras, objetivas e essenciais das pessoas, das coisas, da natureza e da sociedade (PETROVSKI, 1985, p. 142-143).

Dito de outra maneira, atividade é: “... o meio/modo pelo qual o indivíduo se relaciona com a realidade, tendo em vista produzir e reproduzir as condições necessárias à sua sobrevivência física e psíquica” (ARCE e MARTINS, 2007 p. 47).

Leontiev não só aprimorou o conceito de atividade iniciado por Vigotski, ele também introduziu o conceito de atividade principal⁶. Leontiev ao falar da atividade principal, o faz em referência ao desenvolvimento da psique infantil. Martins (2010 p. 678), afirma que para Leontiev “a atividade principal é aquela cujo desenvolvimento governa as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e traços psicológicos da personalidade da criança em cada estágio do desenvolvimento”. Ou seja, “... o jogo na infância, o estudo durante período escolar até a adolescência e o trabalho a partir da juventude. É por meio dela que o indivíduo se apropria do mundo objetivo e delimita continuamente sua personalidade” (ZANELATO e URT, 2019 p. 37).

Com o tempo se percebeu que este conceito é fundamental para a análise de todas as etapas do desenvolvimento humano. Se em determinado momento é o estudo a atividade principal no desenvolvimento humano em outro momento é o trabalho que ocupa o espaço de atividade principal. O trabalho costuma ser a atividade principal de muitos jovens e adultos.

⁶ Segundo Facci, 2004 p. 79: “Em espanhol esse conceito é traduzido como “actividad rectora”. Em português esse conceito é traduzido por “atividade principal” ou como “atividade dominante”; optamos por utilizar neste texto a primeira expressão”.

Há um outro aspecto deve ser considerado, ao se falar do conceito de atividade na Psicologia Histórico-Cultural. Trata-se dos determinantes que influenciam a atividade.

Têm-se como tese central no estudo do desenvolvimento do psiquismo humano pelo enfoque histórico-cultural que o desenvolvimento humano ocorre por meio da atividade mediada decorrente do processo de socialização. Este processo não é considerado pelo enfoque teórico metodológico em questão como contexto para o desenvolvimento humano, mas como elemento determinante no processo de humanização. Tal concepção nos reporta à tese marxiana de que a vida em sociedade é que determina a consciência e a conduta do homem, e não o seu inverso. Na objetividade da vida em sociedade, como construção histórica e produto de múltiplas determinações, é que o homem encontra as condições e possibilidades reais para desenvolver-se (BERNARDES, 2010 p. 300).

Nas palavras de Vygotski (1996, p. 264), “a situação social do desenvolvimento é o ponto de partida para todas as mudanças dinâmicas que se produzem no desenvolvimento durante o período de cada idade”. Um exemplo disso pode ser notado no caso utilizado anteriormente, o de uma pessoa que tenha necessidade de saciar a fome. Neste caso, pode ocorrer que não exista mercado próximo para comprar os alimentos a serem preparados, ou ainda, que isso se passe numa outra época. A necessidade é a mesma, saciar a fome. Mas as condições materiais dadas, os determinantes dessa realidade, são distintos. Esses determinantes influenciam a atividade que poderá fornecer distintas apropriações de personalidade. Nas palavras de Vigotski:

A situação social do desenvolvimento é o ponto de partida para todas as mudanças dinâmicas que se produzem no desenvolvimento durante o período de cada idade. Ela determina plenamente e por inteiro as formas e a trajetória que permitem... adquirir novas propriedades de personalidade, uma vez que a realidade social é a verdadeira fonte de desenvolvimento, é a possibilidade de que o social se transforme em individual. Portanto, a primeira questão que devemos resolver, ao estudar a dinâmica de alguma idade, é esclarecer a situação social do desenvolvimento (VYGOTSKI, 1996, p. 264).

A situação social, mencionada por Vygotski (1996) se transforma no ponto de partida para as mudanças que ocorrem no indivíduo. Pode-se reforçar essa compreensão com um exemplo oferecido por Zanelato e Urt (2019), quando discorrem a respeito da atividade de estudo:

O lugar ocupado pela criança mais velha de uma família pobre e que precise ajudar a cuidar dos irmãos mais novos para que os pais ou responsáveis trabalhem, por exemplo, proporcionará condições diferentes de apropriação ao ser comparada a uma criança de classe alta, ou mesmo uma criança que não possua irmãos mais novos. As condições concretas mudam e, com isso,

mudam as atividades externas e internas (ZANELATO e URT, 2019 p. 37-38).

O que se quer destacar é esta influência das múltiplas determinações, presentes nas atividades tomadas como exemplo, quais sejam a de preparar o alimento ou o estudo. Os determinantes promovem influências internas e externas no sujeito que executa a atividade.

É importante destacar que se trata de uma relação dialética, se entende que o ser humano não é passivo em relação ao meio em que vive. Ele se apropria deste meio, sofre suas influências, mas na mediada em que se apropria desse meio, também produz uma ação sobre essa realidade. Por vezes essa ação se dá na forma de resistência e enfrentamento. A fim de que o meio lhe seja propício.

Neste momento apresenta-se a categoria trabalho. Como se entende a categoria trabalho nesta dissertação e qual a sua diferença em relação à atividade, conceituada por Leontiev? A palavra trabalho tem sua origem no latim, *tri-pálium* e está associada à punição que os romanos impunham aos seus adversários, o que ocorria com a utilização de uma haste de três pontas de madeira. No dicionário etimológico encontra-se a seguinte explicação sobre a origem da palavra trabalho:

A palavra trabalho vem do latim *tripalium*, termo formado pela junção dos elementos *tri*, que significa “três”, e *palum*, que quer dizer “madeira”. *Tripalium* era o nome de um instrumento de tortura constituído de três estacas de madeira bastante afiadas e que era comum em tempos remotos na região europeia. Desse modo, originalmente, "trabalhar" significava “ser torturado” (DICIONÁRIO, 2019).

Para Ivan Illich (1926 - 2002), que foi um crítico da sociedade industrial, assim se expressa sobre a origem da palavra trabalho:

Tripaliare significava “torturar sobre o tripalium”, mencionado no século VI como uma armação construída por três troncos, suplício que substituiu o da cruz no mundo cristão. No século XII, a palavra trabalho significava uma experiência dolorosa. Foi preciso esperar até o século XVI para se poder utilizar a palavra trabalho em vez de obra ou de labor. À obra (poiesis) do homem artista e livre, ao labor (poneros) do homem pressionado por outro ou pela natureza, acrescentou-se então o trabalho ao ritmo da máquina. Seguidamente, a palavra trabalhador deslocou o seu sentido para agricultor e operário. No fim do século XIX, os três últimos termos mal se distinguiam entre si” (ILICH, 1976 p. 45).

Por isso, já na sua raiz etimológica, o trabalho possui uma conotação de castigo ou sofrimento. Para a Física, enquanto ciência da natureza, trabalho é definido como dispêndio de

energia⁷. Ou dito de outra maneira, trata-se de energia transferida pela aplicação de uma força. Para Duarte (2004, p.48): “hoje em dia utilizamos a palavra “trabalho” para nos referirmos ao emprego, à profissão, ou seja, para nos referirmos a um processo de troca próprio da sociedade capitalista: nós trocamos nossa atividade por um salário”.

Para Karl Marx (1818-1883), crítico da economia política, o trabalho é a categoria por excelência, pela qual compreende a organização da sociedade e a própria constituição do ser humano. Isto porque, segundo Bemvindo; Maciel e Turrini (2014), o trabalho para Marx é: primeiramente a maneira como o ser humano se distingue dos demais animais, uma vez que por meio do trabalho o ser humano é capaz de transformar a natureza em benefício próprio. Marx também escolhe o trabalho como categoria central porque ele é necessário à sobrevivência humana seja qual for seu período histórico. O terceiro e último aspecto a ser destacado, é que Marx percebe o trabalho como determinado historicamente pelo modo de produção da vida material de cada época. Nas palavras do próprio Marx:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [Naturmacht]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 2011 p. 326-327).

Para Marx:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. Isso não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo, seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, o tipo e o modo de sua atividade e ao qual ele tem de subordinar sua vontade (MARX, 2011 p.327)³.

⁷ No dicionário Michaelis on line, o verbete trabalho em física, aparece como: “Grandeza escalar obtida do produto dos vetores força e deslocamento do seu ponto de aplicação, cuja unidade de medida no SI é o joule; é uma forma de transferir energia”. Acessado dia 27/04/2021. Disponível em: [Trabalho | Michaelis On-line \(uol.com.br\)](https://www.michaelis.com.br/)

Diante dos conceitos de atividade e trabalho, Martins e Eidt (2010 p. 676), lançam o seguinte questionamento: “Os conceitos atividade e trabalho podem ser entendidos como sinônimos? Em caso negativo, o que os vincula?”

A resposta para a questão apresentada é a de que atividade e trabalho não são sinônimos, mas possuem uma unidade interna essencial. A atividade é encontrada nos seres inferiores e outros animais, se torna especificamente humana por meio do trabalho e este se dá como atividade principal em determinado período da vida dos seres humanos.

...procuramos demonstrar que atividade e trabalho, como categorias de análise do desenvolvimento humano, não são sinônimos, mas, da mesma forma, não são objetivamente compreendidos senão pela unidade interna essencial que entre si estabelecem. A atividade humana engendra o trabalho que, por sua vez, transforma-a historicamente (MARTINS e EIDT, 2010 p. 681).

Martins e Eidt, (2010 p. 681), assinalam que os elementos fundantes dessa unidade, que nos termos do método proposto por Vigotski, é caracterizado como “unidade simples de análise dos fenômenos atividade e trabalho”, são a dinâmica de objetivação e apropriação. A objetivação se dá pela atividade humana chamada trabalho, capaz de transformar a natureza e objetivar produtos na forma de instrumentos e conhecimentos. Nas palavras textuais da referida autora: “A atividade especificamente humana, o trabalho, produziu objetivações de diferentes tipos, como os objetos em si, a linguagem, as relações entre os homens, bem como as formas mais elevadas de objetivações, como a arte, a filosofia e a ciência”.

Estes produtos objetivados permanecem historicamente, são cumulativos, e transmitidos de geração a geração por meio da apropriação. Diferente dos outros animais, que adquirem biologicamente e de forma hereditária a “encarnação no indivíduo das aquisições do desenvolvimento da espécie”, no ser humano isso acontece por meio da apropriação. Nesse processo é fundamental o papel da linguagem e da relação com outros seres humanos, que numa relação educativa possibilita a aquisição do que foi alcançado historicamente pelo conjunto dos homens.

É importante destacar o potencial humanizador do trabalho como atividade humana. Para Marx, o trabalho revela a essência humana. O trabalho, a produção que permite os meios de subsistência, a adaptação da natureza ao ser humano e a cultura enfim, que pode ser transmitida por gerações. É no trabalho que o ser humano realiza a objetivação da sua subjetividade e assim se distingue dos outros animais.

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. Isso não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo, seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, o tipo e o modo de sua atividade e ao qual ele tem de subordinar sua vontade (MARX, 2011 p. 188)³.

Na leitura da citação acima, se percebe o caráter humanizador do trabalho. Para Martins (2015), Marx coloca o trabalho como categoria central para compreender o ser humano no processo de humanização. Enquanto aspecto humanizante do trabalho, se refere ao trabalho no seu sentido ontológico⁸. No sentido ontológico, o trabalho é percebido como realização. Pois emprega o esforço e o gasto de energia, para a realização de uma intenção cujo resultado propicia mais conforto em relação ao meio e desenvolve a constituição das funções psicológicas superiores.

Ao discorrer a respeito do trabalho ontológico, Duarte (2013) e também Martins (2015) recorrem às ideias de Georgy Márckus apresentadas no livro *Marxismo y antropología* (1974a)⁹, que para fins didáticos elaborou cinco categorias de análise sobre a questão do trabalho presente na obra de Marx. São elas: o trabalho e a natureza do homem, o trabalho e a consciência do homem; o trabalho e a socialidade do homem; o trabalho e a universalidade do homem; o trabalho e a liberdade do homem.

Sobre o trabalho e a natureza do homem: afirma que o ser humano é percebido como parte da natureza. É no desenvolvimento biológico que o ser humano interage com a natureza e a modifica. Ao modificar a natureza com seus braços e mãos, mas também com os instrumentos por ele criados, modifica a si mesmo. No convívio em sociedade, o ser humano passa a adquirir um caráter distintivo frente aos outros animais, pois é capaz de se apropriar dos meios da cultura na forma de instrumentos e signos. As produções realizadas pelo ser humano cria o movimento da história. Ao produzir sua ação no mundo o ser humano usa de uma intencionalidade, gera nesse ato a consciência sobre o mundo material e sobre si mesmo.

⁸ Martins (2010 p. 676) refere que Duarte (1993) entende que as características ontológicas do ser humano seriam aquelas que surgiram historicamente e se incorporaram de modo irreversível e permanente ao gênero humano, transformando-se em um elemento constitutivo do ser social. Nesse sentido, o trabalho é uma categoria ontológica fundamental, pois não pode existir a sociedade humana sem o trabalho, por mais primitivo que ele seja.”

⁹ Não foi possível o acesso ao texto direto do livro *Marxismo y antropologia* (1974a), motivo pelo qual se recorreu às informações dadas por Martins (2015).

O trabalho e a consciência do homem: Trata-se de que pelo trabalho o ser humano desenvolve funções psicológicas que lhe dão a capacidade de planejar suas ações e comunicá-las a seus semelhantes. Trabalho, consciência e linguagem estão inseparáveis. O trabalho e a socialidade do homem: Mais que mero convívio da coletividade humana a socialidade é o reconhecimento de que as ações humanas decorrem da apropriação das experiências acumuladas pelo grupo humano, são elementos pertencentes ao gênero humano.

O trabalho e a universalidade do homem: A atividade vital social e consciente possibilita a universalização da presença do ser humano na história. O trabalho e a liberdade humana: A respeito da liberdade humana, “Quanto mais o homem se apropria das forças essenciais da natureza, mais supera os limites de seu corpo inorgânico, mais enriquece seu corpo inorgânico, mais livre revela-se” (MARTINS, 2005 P. 44). Liberdade seria romper aprisionamentos, práxis¹⁰ transformadoras, domínio sobre si mesmo e a natureza, atividade histórica criadora de realidade social.

Dessa maneira é possível perceber que o trabalho possui um caráter humanizador, porque por meio dele o ser humano modifica a realidade, torna-a propícia. E mais, modifica a si mesmo e extrapola os limites do próprio corpo biológico ao construir a cultura da qual se apropria pela educação. Tal capacidade diferencia o ser humano dos outros animais. O trabalho assim constituído, torna-se humanizador. A atividade humana, denominada trabalho, é fruto de uma intencionalidade, é consciente e quando realizada, se torna satisfação, prazer. Dessa maneira, a relação entre o ser humano e o meio não é isenta de esforço, mas o que dela resulta é a extensão do próprio ser humano, é a sua objetivação.

Ao citar as conclusões de Marx sobre o trabalho, Zientarski (2013 p. 38) afirma que: “A cada forma de sociedade corresponde, portanto, uma determinada forma de produção, com uma organização e divisão particular do trabalho e a instituição de meios de produção adequados a finalidades específicas”. Nas palavras do próprio Marx:

¹⁰ No dicionário do pensamento marxista, verbete natureza humana, de Bottomore (1988 p.440) “Marx refere-se... a uma unidade de naturalismo e humanismo. Naturalismo é a visão de que o homem é parte da natureza. Ele não foi criado por uma entidade espiritual transcendental, mas é o produto de uma longa evolução biológica que, em certo ponto, inicia uma nova forma específica de desenvolvimento, a história humana, caracterizada por uma maneira de agir autônoma, autorreflexiva e criativa: a PRÁXIS. O homem é, portanto, essencialmente um ser da práxis. O humanismo é a concepção de que, como ser da práxis, o homem tanto transforma a natureza como cria a si mesmo: adquire um controle cada vez maior sobre as forças naturais cegas e produz um novo ambiente natural humanizado. Por outro lado, produz grande variedade de capacidades e necessidades, que se tornam então o ponto de partida de novo autodesenvolvimento”.

As relações burguesas de produção constituem a última forma antagônica do processo social de produção, antagônicas não em um sentido individual, mas de um antagonismo nascente das condições sociais de vida dos indivíduos; contudo, as forças produtivas que se encontram em desenvolvimento no seio da sociedade burguesa criam ao mesmo tempo as condições materiais para a solução deste antagonismo. Daí que com esta formação social se encerra a pré-história da sociedade humana (MARX, 1978 p.130).

O trabalho desenvolvido na sociedade moderna traz as marcas da alienação. Segundo Martins (2010 p. 677); “A alienação é um dos elementos característicos da sociedade capitalista e tem origem na divisão social do trabalho e na propriedade privada dos meios de produção da vida material”.

O que constitui a alienação do trabalho? Primeiramente, ser o trabalho externo ao trabalhador, não fazer parte de sua natureza, e por conseguinte, ele não se realizar em seu trabalho, mas negar a si mesmo, ter um sentimento de sofrimento em vez de bem-estar, não desenvolver livremente suas energias mentais e físicas, mas ficar fisicamente exausto e mentalmente deprimido. O trabalhador, portanto, só se sente à vontade em seu tempo de folga, enquanto no trabalho se sente contrafeito. Seu trabalho não é voluntário, porém imposto, é *trabalho forçado*. Ele não é a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio para satisfazer outras necessidades. Seu caráter alienado é claramente atestado pelo fato, de logo que não haja compulsão física ou outra qualquer, ser evitado como uma praga. O trabalho exteriorizado, trabalho em que o homem se aliena a si mesmo, é um trabalho de sacrifício próprio, de mortificação. Por fim, o caráter exteriorizado do trabalho para o trabalhador é demonstrado por não ser o trabalho dele mesmo, mas trabalho para outrem, pôr no trabalho ele não se pertencer a si mesmo, mas sim a outra pessoa (MARX, 2019)¹¹.

No trabalho alienado o trabalhador assalariado não participa de todas as fases do trabalho, não é ele quem detém a intencionalidade do trabalho que realiza. O que este trabalhador produz não lhe pertence. O Trabalhador nesse caso, tão somente emprega sua força de trabalho em troca do salário. O trabalhador é expropriado daquilo que produz. Existe aí um esvaziamento. Existe um estranhamento entre ele e o que por ele é produzido. O processo e o produto são alheios, alienados. Neste sentido o trabalho não é realização, satisfação de uma necessidade, é sim sofrimento. É desumanizador porque reduz o ser humano à categoria de objeto de compra e venda tal qual o produto do seu trabalho (MARTINS, 2015). Assim, “ao ser convertido em mercadoria, mercantis tornam-se as suas relações, e, desprovido de sua essência humana, incapaz torna-se para apreender a essência do outro” (MARTINS, 2015 p. 50).

¹¹ Não foi possível informar o número das páginas utilizadas por se tratar de texto em versão digital, publicado em página da internet: (marxists.org). O mesmo texto é encontrado em MARX (2008 p. 82-83), com algumas diferenças na tradução. Em MARX (2009) é utilizada a palavra alienação. Já em Marx (2008) é utilizada a palavra exteriorização. Se optou por utilizar a primeira tradução por facilitar a compreensão da questão da alienação.

Para Franco (2011), o modelo de trabalho alienado, erigido pelo modo de produção capitalista, fez proliferar os acidentes, mutilações e doenças relacionadas ao trabalho, desde o século XIX. Atualmente são comuns as doenças do movimento repetitivo, como a Lesão por Esforço Repetitivo (LER) ou Doenças Osteomusculares Relacionadas ao trabalho (DORT). Bem como os transtornos mentais.

1.2 O que faz um professor universitário: trabalho alienado?

Karl Marx (1818-1883) afirma que na sociedade capitalista, individualista e competitiva são veladas certas realidades. A realidade imediata não revela de pronto a verdade, pois esta é no mais das vezes envolta por percepções distorcidas pelo discurso ideológico, como quando fazem parecer que o indivíduo é o único responsável por seu sucesso ou fracasso, sem que se considere os determinantes sociais e culturais, construídos historicamente. Identificar essas contradições e fazer a crítica, torna possível uma representação mental mais próxima da verdade enquanto realidade concreta.

Quando se pensa a respeito do trabalho, o que se percebe na sociedade atual é o predomínio do trabalho alienado. O trabalho alienado não é fonte de felicidade, mas de angústia e é suportado como meio de sobrevivência (MARX, 2019). Nas palavras de Resende (2009):

O trágico do caráter desumano da sociedade capitalista consiste no fato de que a vida que se compra com o dinheiro é a vida da existência fictícia e falseada no cotidiano, no trabalho, no tempo livre, nas relações com os demais homens. A verdadeira vida, constituída das necessidades essenciais humanas, a que não se compra, é impossível sob as relações predominantes do capitalismo. As consequências são muito importantes (RESENDE, 2009 p. 84).

A compreensão sobre a atividade humana, trabalho alienado e subjetividade é fundamental, pois evidencia a importância dos aspectos históricos e sociais na constituição não só do psiquismo, como também da saúde ou adoecimento do trabalhador. Por isso torna-se relevante contextualizar as questões das relações de trabalho e de saúde e adoecimento do professor universitário, para que se possa dar uma noção mais concreta dessa realidade e superar as explicações falaciosas que culpabilizam o trabalhador por seu adoecimento ou que não propiciam mudanças no modo de produção, o que efetivamente pode promover a saúde do trabalhador.

Pode-se perguntar num primeiro momento; o trabalho do professor universitário é um trabalho alienado? Se o trabalho do professor universitário é verdadeiro trabalho, ou seja, uma atividade para a qual dirija seu esforço com a própria intencionalidade, e o faz para a satisfação

de sua necessidade; então a atividade desenvolvida é realização e satisfação pessoal. Caso o contrário, trata-se de um trabalho alienado, cindido, realizador da intencionalidade de outro e do qual o professor não colhe o resultado. Pode-se encontrar aí um elemento para o adoecimento do professor universitário. Quais os determinantes que promovem o adoecimento físico ou psíquico do professor? Quais os determinantes que são capazes de promover o seu bem-estar ou a saúde? Para responder a tais perguntas é necessário saber o que faz um professor universitário atualmente.

O professor André Azevedo da Fonseca, em vídeo no youtube (Acessado no dia 30.05.2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-EBAkH36_wE), afirma que muitas pessoas desconhecem o que faz um professor universitário e imagina que seu trabalho envolve “só aulas”. Apresenta de forma didática, o que um professor universitário faz:

Aulas: preparação de aulas, preparação de avaliação e correção de trabalhos. Orientações: de iniciação científica, de trabalho de conclusão de curso, de monografias para cursos de especialização, dissertações para curso de mestrado, teses para curso de doutorado. Tem o próprio projeto de pesquisa: professores com formação científica também tem como tarefa produzir novos conhecimentos. Novas técnicas, novas tecnologias. Isso significa solucionar problemas nos mais diversos campos do conhecimento. E tudo isso envolvendo os alunos nessas pesquisas. Através não só das aulas, mas das orientações, das palestras, das mesas redondas, debates, seminários e formando cientistas capazes de fazer pesquisa. Além de [formar] profissionais, na graduação, com as mais diversas habilitações... publica artigos, que tem que ser avaliados, conferidos para que a comunidade científica possa descobrir através da análise a verificabilidade das suas descobertas. Revista acadêmica não publica qualquer coisa. São resultados de pesquisas científicas.... Projetos de extensão: que é a forma de levar esses conhecimentos para a sociedade. É a ciência aplicada na vida real. É a tecnologia que sai da universidade e vai contribuir efetivamente com a comunidade. Ou é o professor que junto com seus estudantes vai ensinar coisas da sua competência para a comunidade. A ideia é de fato estender a universidade. É diferente de publicar em revistas especializadas. É outro momento.... Atividades administrativas: então tem várias comissões que a gente participa. Para avaliar projetos dentro da própria universidade, lembrando que ciência se faz assim; tudo tem critério, tudo é sistematicamente avaliado. Aí tem chefia de centro, departamento, coordenação de curso. Tem os colegiados, formados para acompanhar as atividades do curso. Tem o núcleo docente estruturante, criado para acompanhar os projetos pedagógicos. Tudo é tarefa de professor. (FONSECA, 2020)

Nota-se que o trabalho do professor universitário é exercido no âmbito do ensino, da pesquisa, da extensão e administração. Cada um desses ambientes deriva diversas ações e responsabilidades. Por vezes essas ações extrapolam o horário de trabalho formalmente estabelecido. Como correção de provas e trabalhos acadêmicos, muitas vezes realizados nos dias e momentos que deveriam ser destinados ao descanso do professor.

Esta questão poderia ser mais explorada por meio de uma incursão histórica, procurando demonstrar as mudanças ocorridas no mundo do trabalho e no trabalho do professor universitário. É útil explorar o contexto e os determinantes das ações realizadas por esse trabalhador, suas mudanças ajudam a compreender o adoecimento do professor universitário. Então, em qual contexto são desenvolvidas as ações do professor? Quais são os determinantes do seu adoecimento?

1.2.1 As mudanças no mundo do trabalho na sociedade capitalista

O professor do qual se fala neste estudo, vive numa sociedade em que prevalece o modo de produção capitalista. Trata-se de um modo de produção que se constitui a partir da propriedade privada, do lucro e acúmulo da riqueza produzida. Esta sociedade tem se tornado cada vez mais individualista e competitiva. Nas palavras de Silva (2019, p. 92), “Quanto mais se avança na história, mais individualizado, isolado e alienado o indivíduo se tornou, a fim de atender às demandas de domínio desta sociedade”. Assim, os indivíduos são valorizados por sua capacidade de produção, suas competências e habilidades. Progressivamente este movimento tem se tornado cada vez mais atroz, cada vez mais agressivo, consumindo o que é humano para reduzir o “ser humano” a mera máquina num sistema de produção. Os direitos trabalhistas a duras penas conquistados são vilipendiados e as proteções sociais minimizadas. O indivíduo que não obtém sucesso econômico é considerado um desajustado social, inapto, incapaz.

Para Moura (2018), o adoecimento docente se dá em função das exigências na realização do seu trabalho. Ela faz notar que a intensa precarização do trabalho exacerba a desumanização e leva ao adoecimento. Se une a Mézáros (1930-2017), e apregoa que as crises estruturais do capital ocorrem por limites intrínsecos, e que para o capitalismo se manter tem que se reestruturar permanentemente textualmente afirma:

Tais transformações, sejam elas, no padrão produtivo ou ideológico de controle do metabolismo social, têm sido determinantes para a adoção, de “atitude cada vez mais agressiva e aventureira” por parte dos agentes e agências que processam o funcionamento das relações capitalistas (MOURA, 2018 p.17).

O limite intrínseco do capitalismo é apontado por Karl Marx na sua obra, O Capital. Para Marx (2011) o Capitalismo não funciona apenas como sistema de produção, com o objetivo de distribuir riqueza. Pelo contrário, o capitalismo de fato concentra a riqueza. Quando

o sistema entra em crise o investimento maior é para a continuidade da acumulação do capital e não para as necessidades sociais do trabalho. Para Mézáros (1930-2017) essa crise é estrutural porque atinge a todos. Mesmo na área da Educação, ela é sentida com corte de verbas e a intensificação e precarização do trabalho dos professores, por exemplo.

Para continuar a manter o sistema capitalista, se processam algumas mudanças no modelo de produção. Segundo Moura (2018) os modelos produtivos chamados de taylorismo, Fordismo e Toyotismo, podem ser entendidos como estratégia política da dominação do capital sobre o trabalho, na realidade, trata-se da dominação do trabalhador. O que se estendeu para além dos trabalhadores fabris, refletiram na sociedade como um todo. Mesmo no trabalho do professor universitário.

O Taylorismo surge nos Estados Unidos, no final do século XIX e início do século XX. Segundo Moura (2018), fortemente marcado pela disciplina e a diminuição de intervalos nas fábricas. Frederick Taylor (1856-1915), impunha assim uma nova relação de trabalho centrado no aumento da produção. Este novo tipo de produção “...tem suas bases na expropriação do conhecimento dos trabalhadores e na elaboração desses conhecimentos desenvolvidos de forma parcelada” (Moura, 2018 p. 50). É o meio de produção que detém o conhecimento de todo o processo.

No Fordismo, criado por Henri Ford (1863 – 1947), percebeu-se que não basta produzir muito, é necessário que as pessoas comprem. Houve a percepção da necessidade de gerar um novo padrão de renda para aumentar o consumo. Capital, sindicato e Estado, se organizavam em negociações como mediadores entre patrões e empregados. O que gerou crescimento econômico nos Estados Unidos e Europa. O Fordismo é marcado por uma contradição:

Por um lado, os trabalhadores viam suas reivindicações serem acolhidas; como aumento nos salários, incorporação de produtividade aos salários; mas, por outro, era deflagrada a perda dos desejos históricos, como a possibilidade de emancipação da humanidade dos mandos do capital (MOURA, 2018 p. 51).

O Toyotismo é um outro modelo de reestruturação das forças produtivas do capitalismo, surge no pós-guerra e foi desenvolvido no Japão.

A lógica de produção adotada era conter a todo custo a queda dos lucros e, para isso, foram organizadas, cada vez mais, novas e elaboradas formas para a exploração do trabalho. O sistema toyotista aumentou a produtividade e os lucros, sem com isso aumentar o número de trabalhadores, ao sobrecarregá-los com as demandas e responsabilizá-los pelo trabalho em equipe, pelo andamento do processo produtivo. Portanto, a acumulação flexível determina a precarização das relações sociais de produção intensificando o trabalho,

além de flexibilizar o tempo de trabalho (parcial ou temporário) e, conseqüentemente, flexibilizando também o salário (MOURA, 2018 p. 51).

Na prática o Toyotismo acaba com a estabilidade do trabalhador, propõe o trabalhador polivalente, capaz de adaptar-se a várias funções, com a nova realidade dos trabalhos temporários, tempos parciais e salários reduzidos. “Terceirização, subcontratação e trabalho por encomenda” (MOURA, 2018 p. 51).

Ao observar o contexto histórico e político, se percebe que o trabalho na era da industrialização não foi sempre o mesmo. Passou por diversas mudanças e estas mudanças afetaram aos trabalhadores. Tais mudanças impuseram cada vez mais, a intensificação da exploração da força de trabalho, em benefício do lucro do dos donos do capital. Esse movimento histórico em benefício do capital e intensificação do trabalho é um dos determinantes do adoecimento do trabalhador. Inclusive do adoecimento físico e psíquico do docente universitário.

Decorrente do contexto mencionado anteriormente, são fatores que contribuem para o adoecimento docente universitário:

Autocobrança; acúmulo de serviço na graduação e pós-graduação; excesso de trabalho e as condições subjetivas como a desvalorização do professor; a exigência desmedida de cumprimento de prazos; a falta de compromisso do Estado e da Universidade com a situação funcional dos professores; salário deficiente; falta de reconhecimento das pessoas; o excesso de trabalho e a responsabilidade. Mas, não é a quantidade, é a responsabilidade associada. A pressão que existe em resultados; a demanda da pós-graduação de produtividade; a questão burocrática (MOURA, 2018 p. 174).

As doenças que acometem os professores são apontadas em diversas produções acadêmicas. Segundo Rebolo, Dias, Queiroz e Silva (2020), ao fazer análise de resumos de teses e dissertações relacionadas a saúde e ao adoecimento dos professores, se constatou que: 29% destes estudos referem transtornos mentais comuns; 26% apontam lesões vocais ou de voz; 18% Síndrome de Burnout; 17% problemas musculares; 4% problemas auditivos e 9% referem outros problemas.

Goldberg e Huxley (1992) assinala que o Transtorno Mental Comum (TMC), é o mais presente nos estudos produzidos sobre saúde e adoecimento do professor. Caracteriza-se por sintomas depressivos, estados de ansiedade, irritabilidade, fadiga, insônia, dificuldade de memória, concentração e queixas somáticas.

Nota-se que as patologias associadas ao trabalho docente, estão relacionadas com as condições de trabalho e o relacionamento interpessoal insatisfatório. Cardoso e Costa (2016)

mencionam que 81,8% dos professores expressam insatisfação pelo excesso de trabalhos e atividades extras relacionadas com ações administrativas e burocráticas.

Para Chauí (2001), a educação tem sido alvo de ataques constantes, o que se dá por meio de recorrentes cortes de verbas. O investimento na área da educação pública tem diminuído e isso tem se refletido nas universidades; estruturas físicas sucateadas e a perda da formação crítica para uma formação preocupada com a mão de obra do mercado de trabalho.

Junior (2014) faz notar que o aumento das universidades privadas no Brasil, sofreu forte influência de agência norte americana e do capital neoliberal, no sentido de intensificar a exploração do trabalho docente e direcionar o ensino para as necessidades da formação profissional das elites do país.

O professor universitário não está isento às contradições historicamente produzidas. O avanço tecnológico foi capaz de aumentar a produção, mas empobreceu o trabalhador. Nunca se produziu tanta riqueza e o trabalhador tão mal remunerado, a riqueza nunca foi tão mal distribuída. O professor como qualquer outro trabalhador, sofre com as crises e reestruturações do capitalismo, que engendra mais intensamente a exploração do trabalhador para continuar com o sistema de acúmulo.

1.2.2 As mudanças no trabalho do professor.

No princípio, período anterior a invenção da escrita, o modo de produção primitivo no qual os seres humanos se alimentavam e se organizavam em comunidades. Não havia classes sociais. Nesse período a transmissão dos conhecimentos adquiridos de uma geração a outra, se dava pela observação, oralmente ou com o auxílio de outros processos comunicacionais. No período conhecido como história antiga¹², datado a partir da invenção da escrita, de 4.000 antes da era cristã até o ano de 476, depois de Cristo, com a queda do império romano. O modo de produção era o escravista e a sociedade estava dividida em três classes: os escravos, que produziam o que se consumia. Os senhores de escravos, que organizavam e usufruíam de forma desigual o que era produzido. E havia os trabalhadores livres, os plebeus. Estes trabalhavam para o próprio consumo e comércio do excedente. Encontrava-se aí instalada, na Grécia e Roma, a propriedade privada e a distinção de classes sociais. O que possibilitou o tempo ocioso necessário para a instrução escolar, o ensino formal por parte dos abastados. A estes era dado o

¹² “O que chamamos antiga é ainda um recorte útil para o presente, desde que reconheçamos sua arbitrariedade” (GUARINELLO, 2003 p. 57).

ensinamento da oratória, retórica, filosofia, artes e literatura em função do exercício político. Já no Egito antigo, havia o ensinamento dado aos futuros escribas, de modo a não os perder. Neste período o professor gozava de grande prestígio e oferecia os seus serviços a quem pudesse lhe pagar.

Na idade média, período compreendido entre o século V a XV, findado com a tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453 depois de cristo. Teve como modo de produção o feudalismo. No feudalismo, com a decadência do escravismo, foram os camponeses que sustentaram a vida. Não podiam ter a terra em que cultivavam, e parte da produção e dias de trabalho pertenciam aos senhores proprietários e aristocratas, que em troca os protegiam. Nesse período surgiram as primeiras universidades sob a proteção da Igreja. Os professores eram predominantemente religiosos.

A idade moderna é caracterizada no final do século XV até a revolução francesa em 14 de julho de 1789. O modo de produção passa a ser o capitalismo, impulsionado pelo enriquecimento dos comerciantes e o conseqüente domínio deles sobre o poder político. No modo de produção capitalista o trabalho torna-se mercadoria, a força de trabalho é paga por meio do salário. Os empresários lucram com o trabalho do proletariado porque controlam os meios de produção. Os professores passam a ser considerados mão de obra como outros trabalhadores assalariados.

Ao verificar as grandes mudanças históricas é possível perceber que o professor vai também mudando de classe social. Deixa de ser a figura de respeito que se dedica a formação das elites e passa a ser um trabalhador como outro, nas relações de mercado. Em relação à própria universidade, há uma crise instaurada na qual frente ao chamado capitalismo neoliberal, no qual sofre um processo de reorientação, para atender às necessidades e mesmo à lógica do mercado, no sentido de se assumir como um serviço comercial.

No contexto atual, o professor universitário é um profissional que desenvolve funções diversas e num ou noutro momento, pode realmente desenvolver uma atividade de verdadeiro trabalho. Ao planejar uma aula, ao ver seus estudantes progredirem, ao desenvolver um projeto de pesquisa ou participar de um grupo de estudos. Como aponta estudos como o de Lapo e Bueno (2003), o sofrimento psíquico do professor não advém da realização de sua atividade como tal. Os estudos têm demonstrado que os determinantes do seu adoecimento provêm do próprio modo de produção capitalista que ataca as instituições universitárias, precariza a infraestrutura, intensifica o trabalho e coloca o professor a serviço do capital e não a serviço da emancipação humana (Duarte 2020). Eis a contradição produzida pelo próprio modo de produção capitalista: o trabalho que deveria ser humanizador transforma muitos trabalhadores

em peça da engrenagem de produção do lucro de alguns. Quando o professor é engolido pela lógica produtivista e mercantil, tende a desenvolver o trabalho alienado o que aliado a precarização e a intensificação do trabalho, tende ao adoecimento desse trabalhador.

Em relação as mudanças no trabalho do professor, se pode destacar a pandemia de Covid-19 como um fator que produziu mudanças na atividade do professor, mas que também evidenciou a precarização e intensificação do trabalho do professor.

1.2.3 As mudanças no trabalho do professor decorrentes da pandemia de covid-19

É importante destacar que em virtude da pandemia de covid-19, no Brasil, desde março de 2020, ficaram exacerbadas a precariedade e a intensificação do trabalho do professor. Teixeira et al. (2021), fazem notar que a pandemia de coronavírus, denominada de covid-19, sigla inglesa para: *coronavirus disease 2019*, se refere a uma doença altamente contagiosa cuja infecção se dá por um vírus da família da SARS-COV-2. O primeiro registro da Covid-19 se deu na cidade chinesa de Wuhan. O que torna essa doença particularmente notável é sua altíssima capacidade de transmissão e as complicações que ela pode provocar no organismo humano. Essa doença, com sintomas parecidos com os da gripe, é capaz de evoluir para o óbito, nas situações mais graves, em poucas semanas. Isso faz com que seja necessário a internação em leitos de terapia intensiva.

Segundo Teixeira et al. (2021), o enfrentamento contra a pandemia de covid-19 tem sido realizado por meio de medidas de distanciamento social, com o isolamento social domiciliar e evitando aglomerações. Com isso, grande parte do país encontra-se num momento de redução do convívio social. O que significa aulas suspensas e universidades paradas. Para não suspender de tudo as atividades, escolas e universidades tem adotado o trabalho remoto, por meio de aulas e atendimentos on-line.

Souza e outros (2021), falam a respeito do trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. Os autores mencionados, destacam que organismos internacionais, como a Organização Internacional do Trabalho, fazem notar que a pandemia de Covid-19, afeta mais 3,3 bilhões de trabalhadores em todo o mundo. Trata-se de uma crise global, a mais devastadora desde a Segunda Guerra Mundial. Cujas consequências se expressa sobremaneira nas relações de trabalho. De acordo com os autores mencionados, o cenário de pandemia, exacerbou ainda mais tanto a desigualdade social, como a exploração da mais valia, perpetrada pelo capitalismo vigente no qual a extração do lucro se dá pelo trabalho cada vez mais precarizado e a exploração do trabalhador.

Embora Souza e outros (2021), discorram a respeito das escolas particulares, o fenômeno também é percebido nas escolas e universidades públicas. Os professores, de forma inesperada, tiveram que lidar com aparatos tecnológicos e plataformas digitais. E isso ocorreu, conforme mencionam os autores:

...sem terem sido formados ou recebido condições materiais e prescrições mínimas para isso. Essa exigência obrigou essas e esses profissionais abruptamente a se adaptarem ao novo formato de ensino e ao ambiente virtual de trabalho, tendo que improvisar o próprio espaço doméstico e dividir, simultaneamente, a sua atenção entre as atividades profissionais e familiares (SOUZA et al., 2021 p. 3).

Trata-se de condições de trabalho extenuantes, com jornadas que vão além do tempo formal de trabalho. Para Souza et al, (2021), o trabalho do professor no contexto da pandemia e isolamento social tem levado ao mal-estar docente e ao desafio das organizações sindicais a construírem ações coletivas de resistência e de luta contra a nocividade do trabalho.

A forma mais comum de enfrentar o adoecimento é por meio da medicação. Whitaker (2017), faz notar que a medicação, está mais a serviço das relações de mercado do que da saúde dos pacientes. E que muitas formas de adoecimento, principalmente os de ordem psicológicas, podem ser tratadas com ações alternativas ao uso de medicamentos.

1.2.4 Nocividade do trabalho e o uso da medicalização

A nocividade do trabalho pode ser visualizada não só pelo número de atestados e licenças do trabalhador, como também pelo uso de medicamentos. Quanto à medicalização, é importante notar o que diz Whitaker (2017), no livro “Anatomia de uma epidemia: pílulas mágicas, drogas psiquiátricas e o aumento assombroso da doença mental”. Na resenha publicada por Pande e Amarante (2017), se percebe que o referido livro fala sobre a relação entre as drogas psiquiátricas, o processo de construção científica e a intervenção da indústria farmacêutica. O argumento central do livro de Whitaker (2017), é resumido da seguinte maneira:

...o autor mostra, com base em pesquisas publicadas em revistas científicas de ponta, que o aumento significativo do uso dos psicofármacos nas últimas décadas está associado ao mito da teoria do desequilíbrio químico cerebral, com forte influência da indústria farmacêutica. Indica, também, os efeitos deletérios e iatrogênicos desse uso, em médio e longo prazos (PANDE e AMARANTE, 2017 p. 1233).

O que significa dizer que os psicofármacos em muitas vezes alteram a química cerebral de modo irreversível, de tal modo que o remédio utilizado acaba por ser a razão dos sintomas dos pacientes. Para respaldar o que foi dito anteriormente, Whitaker (2017) realiza a comparação de dados dos anos de 1950, período anterior à revolução dos psicofármacos e os anos seguintes, 1955, 1987, 2007. A comparação mostrou que pacientes hospitalizados nos anos de 1955 em diante apresentaram pior prognóstico, justamente no chamado período da revolução dos psicofármacos. Houve diminuição das internações, mas aumentou a cronificação das doenças. Neste sentido Whitaker (2017) menciona o trabalho do pesquisador David Healy, que publicou pesquisa na qual aponta que algumas pessoas cometeram suicídio após tomarem medicação com inibidores de recaptção de serotonina. Whitaker (2017) ilustra seu argumento com casos reais ao entrevistar 30 pacientes psiquiátricos, os quais mencionaram prejuízos relacionados a tais medicamentos (PONDE e AMARANTE, 2017).

No Brasil os trabalhos desenvolvidos por pesquisadores como a Professora Dra. Gisele Toassa, tem estudado a relação saúde, trabalho e medicalização. Em aula inaugural do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal do Paraná, a referida professora discorreu, no ano de 2021, sobre “o sofrimento psíquico e a desistência do ensinar”¹³. Um dos conceitos abordados foi o de medicalização social, utilizado já desde os anos de 1960. Traduzido para o português, medicalização social significar dar remédios. Está presente aí a forte influência da indústria farmacêutica, prática que vem sendo criticada desde os anos de 1970, devido ao fato dessas indústrias praticamente produzirem doenças para vender medicamentos, conforme apresenta Whitaker (2017), segundo Ponde e Amarante (2017). A crítica é a de que centrado num modelo biomédico, se ignora as causas históricas e sociais relacionadas ao adoecimento, se detendo nos sintomas por meio do diagnóstico e tratamento medicamentoso, sem que se pense alternativas de cura.

A presente dissertação, procura explorar justamente estas possibilidades de enfrentamento ao adoecimento que não via medicação. Por isso delinea o enfrentamento ao adoecimento em dois modos primordiais de resistência ao adoecimento: a resistência e a resistência ativa.

1.3.2 A resistência como modo de enfrentamento ao adoecimento

¹³ Aula inaugural do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Acessado dia 12/05/2021. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=DdaTsLb6Lss

Do que foi dito até o momento, se percebe que a solução das causas do adoecimento não está na medicação, por vezes necessária, mas na mudança das relações sociais e do modo de produção da vida em sociedade. Portanto o enfrentamento ao adoecimento enseja uma resistência ativa que se dê na perspectiva de tornar presente uma outra organização da sociedade, distinta do modo produção capitalista, sobretudo quando na sua versão neoliberal.

É importante esclarecer como é entendida a resistência ativa dos professores, frente às múltiplas determinações do seu adoecimento. Entende-se a resistência ativa da maneira como é compreendida por Duarte (2020 p. 36), quando afirma: “Desde a década de 1990, o professor Dermeval Saviani tem defendido que os educadores adotem, no enfrentamento das políticas neoliberais, a estratégia da resistência ativa que seria, ao mesmo tempo, coletiva e propositiva”. O autor segue explicando que:

O caráter coletivo dessa resistência não significa, porém, a desconsideração das individualidades, mas sim o reconhecimento de que, sendo o adoecimento do professor um problema com causas sociais mais amplas, seu enfrentamento não pode ser feito por meio de abordagens subjetivistas que coloquem sobre os ombros do indivíduo a responsabilidade exclusiva pela superação desse adoecimento (DUARTE, 2020 p. 36).

Portanto, é possível distinguir a resistência, a resistência ativa e o enfrentamento. A resistência segundo o dicionário Michaelis na sua versão eletrônica, é um substantivo feminino que significa:

Ato ou efeito de resistir, capacidade que uma força tem de se opor a outra. Capacidade de suportar a fome e a fadiga. Defesa contra uma investida. Recusa do que é considerado contrário ao interesse próprio. Não aceitação da opressão. Qualidade de quem é persistente. ...Qualidade do que é firme, resistente ou durável, solidez. ...Na física, se diz da oposição a um corpo em movimento (MICHAELIS.OUL, 2021).

A resistência comporta um caráter individual, passivo, está relacionada ao significado de permanecer, embora não desconsidere aspectos coletivos. A Resistência ou resistência ativa, são modos de enfrentamento. O enfrentamento segundo o dicionário Michaelis.uol (2021), comporta o significado de ato ou efeito de enfrentar, disputa, choque entre grupos antagônicos.

Nesse sentido o enfrentamento ao adoecimento pode se dar como resistência, na medida em que predomina as ações individuais de permanência da saúde ou quando evita agravos. A resistência ativa se constitui com um modo de enfrentamento que comporta ações coletivas que se dirigem às causas do adoecimento e promovem o bem-estar.

Ao concluir este capítulo, pode-se afirmar que nele foi assinalado a possibilidade da atividade humana como trabalho humanizador ou alienado. Esta relação do homem com a realidade que o cerca, modifica o ambiente no qual ele vive e ele mesmo é modificado em razão do seu agir. O esforço por ele realizado pode ser prazeroso quando se constitui realização da sua intencionalidade. Também pode se dar como sofrimento, se o faz de forma alienada. O que se persistente, pode gerar a perda de sentido no trabalho e o adoecimento. Essa relação, saúde e adoecimento será mais bem esclarecida no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

SAÚDE, ADOECIMENTO E OS MODOS DE ENFRENTAMENTO.

O binômio saúde e doença faz parte da existência humana e está diretamente ligado à qualidade de vida. Trata-se de um tema bastante pesquisado na área da saúde, mas que vem ganhando notoriedade também na área da educação. Pesquisa exploratória, realizada pelo autor da presente dissertação, no banco de teses e dissertações da (CAPES/CNPq), no dia 13 de julho de 2020 mostrou 271.996 trabalhos disponíveis com os descritores: saúde doença. Com acréscimo de aspas no descritor: “saúde do professor”, foram listados 72 trabalhos. Igualmente, ao usar o descritor: “doença do professor”, foram listados 3 trabalhos. Com o descritor “adoecimento do professor”, foram listados 15 trabalhos de pesquisa. Isso denota que saúde, doença ou adoecimento do professor são realidades que tem chamado a atenção de alguns pesquisadores brasileiros, ao passo que fica evidente o quanto ainda é baixo o volume de pesquisas nesse sentido se considerada a produção total resultante do descritor: saúde doença. O gráfico a seguir resume esses achados e demonstra mais claramente a discrepância entre o número de trabalhos encontrados sobre saúde e adoecimento de modo geral e aqueles que se relacionam à saúde e adoecimento dos professores, dentre eles, o professor universitário.

Gráfico n. 1 Pesquisa exploratória sobre saúde e adoecimento dos professores no Banco de Teses e Dissertações da CAPES/CNPq. Em 13 de Julho de 2020.



Fonte: Banco de Teses e Dissertações da CAPES/CNPq.

A pesquisa exploratória mencionada e ilustrada pelo gráfico acima, demonstra a importância da realização de mais estudos sobre a saúde e o adoecimento do professor, pois é um assunto ainda pouco estudado.

Como já fora afirmado anteriormente, faz parte do processo de investigação delineado por Vigotski e seus companheiros da Psicologia Histórico-cultural, caracterizar o movimento histórico da realidade que se tem por objeto de estudo. É importante para a investigação das possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor universitário, compreender o movimento histórico do conceito de saúde e doença ao longo do tempo. No capítulo que segue se pretende explorar a compreensão desses conceitos.

2.1 A Sociedade e o adoecimento na história: um panorama histórico sobre Saúde e Doença¹⁴.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a saúde é compreendida como um estado de completo bem-estar físico, mental e social. Não apenas ausência de doença. Sobre o conceito de doença, Para Pinheiro, Chaves e Jorge (2004), ele é fundamental no campo da epidemiologia, saúde pública e ciências sociais. Uma vez que, a partir dele é que se compreende os processos que determinam as doenças, como são desenvolvidas políticas públicas e a organização do sistema previdenciário.

Backes et all (2009) afirmam que a vida se manifesta através da saúde e da doença, de maneira única, enquanto experiência subjetiva e cuja expressão em palavras, não é possível manifestar integralmente. Ainda assim, é através das palavras, que a pessoa doente expressa suas queixas aos profissionais de saúde e a outros, que se utilizam também da palavra para significar tais queixas. O que faz notar a importância de compreender os processos da linguagem para entender os processos de saúde e adoecimento, sabendo que se trata de uma realidade em movimento.

Paulo Bezerra, traduziu para o português o livro de Vigotski, intitulado: a construção do pensamento e da linguagem. No prólogo faz a seguinte afirmação:

Ao procurar superar a concepção idealista de consciência e o enfoque biológico mecanicista do comportamento, ele lança a teoria histórico-cultural segundo a qual o signo, enquanto meio externo, à semelhança de um instrumento de trabalho, medeia a relação do homem com o objeto e com outro

¹⁴ Na reflexão a seguir se optou por utilizar dois trabalhos: o de Pinheiro, Jorge e Chaves (2004) e o de Backes et al (2009), por tratarem o assunto de forma abrangente e sob diversos aspectos.

homem. Por intermédio dos signos, que Vigotski vê como uma espécie de “órgãos sociais”, o indivíduo assimila o seu comportamento, inicialmente o exterior e depois o interior, assimilando as funções psíquicas superiores. Neste caso, signo e sentido têm a mesma força significativa, são componentes inalienáveis da relação do homem com o mundo via discurso. A ênfase no signo como elemento fundamental de construção da relação do homem com o mundo é muito recorrente em toda a teorização vigotskiana. (BEZERRA In VIGOTSKI, 2001 p. XII).

Os signos enquanto palavras, os conceitos que elas expressam, fazem parte do movimento histórico, se modificando ao longo do tempo. Por isso é tão importante compreender as origens dessas realidades, que não foram sempre como se mostram no atual momento. Assim, para se apreender o conceito de saúde e adoecimento se faz necessário conhecer um pouco da história dos sentidos e significados, atribuídos a essas palavras.

Para Pinheiro, Jorge e Chaves (2004), o conceito de doença possui estreita relação com o estilo de pensamento dominante; sendo metafísico nas concepções das sociedades primitivas, filosófica na antiguidade e naturais a partir de Hipócrates.

Para os povos primitivos, no início da humanidade, o corpo enfermo era o resultado de algo que dele se apoderava. Se introduzia no corpo algo misterioso por ação dos magos ou deuses. A doença era considerada como “perda da alma”, “invasão do corpo por demônio”, ato de “bruxaria”, “castigos” e “fatalidade” (PINHEIRO, JORGE e CHAVES, 2004) O significado social atribuído à doença é o de ação de forças que estavam além do mundo material.

No período da antiguidade a doença e a saúde eram compreendidas pela filosofia religiosa. Esta forma de pensar é que apontava a causa da saúde e do adoecimento. Tomavam as realidades naturais e sobrenaturais para explicar essa relação. (BACKES et al 2009).

Nesse período, a doença e a saúde eram compreendidas também por meio dos mitos. O de Apolo por exemplo. Acreditava-se que o deus Apolo ensinou medicina a Quiron, filho de Saturno e este ensinou a Esculápio, filho do próprio Apolo com a ninfa Coronis. Esculápio era adorado pelos humanos em templos próximos de águas minerais. Esses templos eram administrados por sacerdotes. As pessoas que ali eram curadas realizavam ofertas aos deuses reproduzindo em mármore ou cera as partes do corpo que foram curadas. Entre os discípulos de Esculápio estão Higéia e Panacéia, patronas da higiene e da farmácia. Hipócrates utilizou-se dessas placas votivas e criou um livro de aforismos sobre saúde e adoecimento que ainda hoje é consultado. (BACKES et al, 2009).

A partir de Hipócrates, surge uma concepção de saúde e doença mais naturalista. Na sua época;

...a natureza era contemplada como uma combinação de quatro elementos: terra, água, ar e fogo, aos quais ele associa os humores do corpo humano: o sangue, o “phlegma”, a bile amarela e bile negra. A doença seria uma “patologia humoral” tendo em vista o papel preponderante dos humores, ou líquidos, no organismo (PINHEIRO, JORGE e CHAVES, 2014 p. 95).

Hipócrates é considerado o pai da medicina, mas também é possível citar outro nome da medicina da Antiguidade Clássica. Backes et al (2009) apontam a inestimável contribuição de Galeno. Este médico grego, documentou suas observações e estabeleceu o conhecimento médico da sua época. Para Galeno saúde era “o equilíbrio entre as partes primárias do corpo”.

Na antiguidade clássica, Galeno (129-199)¹⁵ estabeleceu a teoria das latitudes de saúde, que se divide em saúde, estado neutro e má-saúde. Estas dimensões podem ocorrer isoladamente ou em combinação de uma com a outra. Assim, nove combinações são possíveis. Este esquema foi utilizado por mais de mil anos na medicina ocidental (BACKES et al 2009 p. 112).

A medicina hindu e chinesa também aparece nos registros históricos da antiguidade. Para esses povos “...a doença é resultante do desequilíbrio do organismo humano (causas naturalizadas). Estas causas eram relacionadas ao ambiente físico, aos astros, ao clima, aos insetos e aos animais” (BACKES et al 2009 p. 112). Importante notar que: é na antiguidade que se inicia a ideia de contágio como fator causador de doença, pois para alcançar a harmonia perfeita do corpo se recomendava a observação das condições do clima, como as estações do ano e o tipo do vento e da água (BACKES et all 2009).

No período da dominação Romana, poucos avanços são notados além da cirurgia cesariana². No campo da arquitetura “verifica-se que a construção de aquedutos e o cuidado com as águas resultam em um alto padrão de higiene...” (PINHEIRO, JORGE e CHAVES, 2014 p. 95) o que certamente tinha impacto sobre a saúde e adoecimento das pessoas.

Na idade média o caráter religioso volta a ser preponderante na compreensão da saúde e da doença. No final da idade média há um retorno a ideia de contágio devido as epidemias. Cujas as causas eram atribuídas a conjugação dos astros ou ao envenenamento das águas por leprosos, bruxos ou judeus (BACKES et all 2009).

¹⁵ “Cláudio Galeno (129-199) foi um médico grego, considerado o pai da Anatomia.... Sua monumental enciclopédia de Medicina "Exercícios Anatômicos" foi durante mais de quinze séculos, considerada infalível... Nasceu em Pérgamo, na Mísia, Ásia Menor, península que fica entre o Mar Negro e o Mediterrâneo, separada da Grécia pelo Mar Egeu, no ano 129 da Era Cristã. Essa península é hoje ocupada pelos turcos (FRAZÃO, D. **e-biografia**. Acessado dia 03 de setembro de 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/claudio_galeno/).

Na transição para a era moderna, período do renascimento, nos séculos XIV e XV algumas pessoas têm acesso as obras de medicina e novos estudos são desenvolvidos. Como os de Paracelso que atribuía a doença ao desequilíbrio da composição química dos líquidos no corpo, principalmente dos sucos digestivos. Harvey (1578-1657) mostra o coração como bomba muscular. Morgani e Hunter no século XVII e XVIII contribuem para a convicção de que as doenças decorrem de alterações nos órgãos. (PINHEIRO, JORGE e CHAVES, 2014).

Surge a teoria miasmática, resultado das buscas por compreender as origens das matérias responsáveis pelo contágio (BACKES et all 2009). A teoria miasmática foi desenvolvida por Thomas Sydenham e Giovanni Maria Lancisi no século XVII. Basicamente afirmava que as doenças ocorriam por meio do ar que exalava odores fétidos contaminados por matéria orgânica em putrefação, mesmo no subsolo e no lençol freático. Pinheiro, Jorge e Chaves (2014), destacam que no final do século XVIII, quando são estabelecidas as fábricas, a doença é compreendida como resultado das condições de vida e de trabalho da população.

Foi no século XIX, que Bichat percebeu o quanto era importante o exame de lesões e a percepção das alterações dos tecidos. Nesse período ocorrem os estudos sobre a patologia experimental e a patologia celular, a teratologia, o uso de ventosas e também a classificação das doenças que alicerçaram a medicina moderna. Faltava ainda estabelecer as causas das doenças. Com o isolamento do Bacilo da tuberculose e a bactéria do cólera, Robert Koch (1843-1910) possibilita a compreensão das doenças como decorrente da invasão do corpo humano por organismos estranhos, provocando infecções. Soube-se então que os microrganismos eram capazes de provocar lesões em órgãos e tecidos humanos. (PINHEIRO, JORGE e CHAVES, 2014 p. 95).

Surge então a bacteriologia e a ideia de que, cada doença tem um agente causador, pode, portanto, ser combatida por meio de vacinas e produtos químicos (BACKES et all 2009). Neste mesmo século XIX, se fortalece a biologia sem a influência externa da filosofia. A medicina passa de ciência empírica a ciência experimental. A atuação da medicina se dirige ao corpo na busca de um estado biológico normal, com base na alta tecnologia e custos elevados (BACKES et all 2009). A doença é entendida como desvios da normalidade. A mera presença de bacilos não indicava a doença, o desafio era estabelecer o índice da normalidade.

Segundo Pinheiro, Jorge e Chaves (2014) até a segunda metade do século XIX predominou a concepção miasmática de ares pestilentos como origem das doenças. Ainda na metade do século XX a doença era vista como resultado de uma única causa, depois desse período passa a ser concebida como fenômeno multicausal. Como afirma Backes et al (2009) O ser humano passa a ser considerado um ser bio-psico-social.

Também merece destaque notar que do fim do século XVIII ao início do século XX, a medicina social foi capaz de criar as condições de salubridade adequadas à nova sociedade, e de abrir espaço para que a prática médica individual, viesse gradativamente, ocupar o lugar central nas práticas de saúde (BACKES et al 2009 p. 113).

Segundo Pinheiro, Jorge e Chaves (2014), atualmente o conceito de doença é abordado de diversas maneiras, desde uma perspectiva isolada em uma única área do conhecimento até as que se pretendem plurais. Para Backes et al (2009), na contemporaneidade os estudos apresentam mais de um conceito de saúde e doença, que orientam as práticas em saúde. A seguir, são apresentadas algumas ideias contemporâneas a respeito de saúde e adoecimento.

2.2 O pensamento contemporâneo sobre saúde e doença

Backes et al (2009), fazem notar que a epidemiologia trata do estudo das causas das doenças e que para se chegar a elas é necessário conhecer as condições concretas e a história relacionada a existência do ser humano. Os autores apontam a necessidade de avanços no conceito de epidemiologia, pois ainda está ligado a questões de um adoecer predominantemente biológico com um discurso fisiopatológico, sem considerar a dimensão subjetiva, psicopatológica e psicossomática frequentemente negada por não ter a precisão dos exames clínicos laboratoriais.

Na perspectiva filosófica, Pinheiro, Jorge e Chaves (2014) apontam o estudo de Hegenberg (1925-2012), que menciona a compreensão de doença como um estado interno que reduz as habilidades ou a capacidade funcional da pessoa.

No olhar da antropologia é destacada a percepção de Cecil G. Helman (1944-2009), para quem doença é um conceito que varia de um indivíduo para outro, por exemplo: para a mãe de classe operária, mesmo que os filhos apresentem sintomas de anormalidade, não os consideravam doentes, desde que continuassem a brincar e andar normalmente. Trata-se de uma definição funcional da saúde e adoecimento, muito presentes entre os empobrecidos. O que denota tanto a necessidade de continuar trabalhando como as baixas expectativas quanto ao acesso aos serviços de saúde (PINHEIRO, JORGE e CHAVES, 2014).

O olhar antropológico sobre saúde e adoecimento pode colaborar para relativizar as percepções da epidemiologia clássica, na medida em que produz estudos sobre saúde e condições de vida ou estudos sobre a percepção dos usuários dos serviços de saúde (PINHEIRO, JORGE e CHAVES, 2014).

Tendo como referência os estudos de Samaja (2000), Backes et al (2009) afirmam que os modelos de saúde, doença e cuidado são resultados de herança cultural construída no desenvolvimento da história social. Não se reduz à experiência individual, estão envolvidas pela experiência coletiva, dos valores e costumes, por essa razão quando um indivíduo adoecer, toda a família é envolvida.

Do ponto de vista epistemológico, Juan Samaja (1941-2007), afirma que: “a linguagem é um código potentíssimo que torna possível a formação de coletivos de indivíduos com capacidade para transmitir a aprendizagem de uma geração a outra no interior de uma comunidade”. (PINHEIRO, JORGE e CHAVES, 2014 p. 97). Essa capacidade de transmissão de conhecimento é um dos traços mais evidentes da passagem das configurações biológicas às configurações culturais. Essas configurações não se encontram fixas na soma, mas no imaginário e produções simbólicas dos grupos humanos.

Numa vertente política, Pinheiro, Jorge e Chaves (2014), apontam a opinião de Giovanni Berlinguer (1924-2015), que afirma existirem diversos conceitos que se complementam ou se antagonizam. Percebe a doença como processo vital e contínuo, movimento de ação-reação, que se desenvolve não somente no interior do organismo, mas entre esse e o ambiente natural e social. A saúde seria um bem-estar muito além de uma saúde instrumental necessária para desenvolver a capacidade produtiva dos indivíduos. (PINHEIRO, JORGE e CHAVES, 2014 p. 96)

Backes et all (2009) fazem notar a importância das terapias não alopáticas, ainda pouco incorporadas aos serviços de saúde e muitas vezes vista de modo preconceituoso. São mencionadas as rezas e chás, mas também a acupuntura, o reiki, a cromoterapia, o toque terapêutico e outros. Para esses autores, é importante destacar o conceito de valor dado pelo indivíduo à saúde e às influências do próprio estado de adoecimento, mesmo as doenças crônicas, as quais podem desencadear mudanças de hábitos, propiciando uma melhor qualidade de vida mesmo no ser humano adoecido. O conhecimento produzido pela ciência possibilita identificar saúde e doença, mas não pode ser rígido ao ponto de não permitir as variações possíveis com respeito as práticas de cuidado e autocuidado de cada indivíduo e cultura.

Os estudos de Laurell (1983) apud Backes et al (2009), afirmam que a doença não se reduz em seu aspecto biológico, pois possui um caráter histórico e social. Quanto à natureza social é possível verificar o modo característico de como ela ocorre em determinados grupos humanos, inclusive a morte. Existem diferenças nos perfis patológicos no decorrer da história, pois há transformações na sociedade. Também as classes sociais de uma mesma sociedade, demonstram condições diversas de saúde e adoecimento de acordo com o momento histórico.

As autoras, Backes et al (2009), apresentam o pensamento de Silva (2006) ao afirmar:

Aspectos econômicos, políticos, socioculturais, socioepidemiológicos e históricos influenciam o processo de viver e a saúde humana e os modos de vida, de trabalho e de produção são fundamentais para se compreender os processos de saúde, adoecimento e morte da população (BACKES et al 2009 p. 114).

Ao analisar a doença como um conceito político, Pinheiro; Jorge e Chaves (2014 p. 96), afirmam que Giovanni Berlinguer¹⁶ “...demonstra que a doença é algo muito maior do que sinais e sintomas corpóreos, ou mesmo de uma relação homem ambiente”. É que: “...na doença existe uma contradição interna, onde, apesar de seu suposto caráter negativo, pode-se tirar muitas coisas positivas sem se utilizar de demagogia ou acomodação” (PINHEIRO, JORGE e CHAVES, 2014 p. 96). Como rompimento do equilíbrio individual e coletivo, trata-se de um sinal o que pode levar a mudanças benéficas. Também é positiva porque faz avançar nas descobertas de tecnologias, promove uma evolução cultural.

Baseadas nos estudos de Garnelo, Backes et al (2009 p. 115) afirmam que: “Estudos voltados para uma epidemiologia sensível aos aspectos antropológicos, consideram o processo saúde-doença como um resultado de forças biológicas, econômicas, sociais e políticas”.

Nesse sentido cresce a compreensão de que mais do que combater a doença se faz necessário promover a saúde. Backes et al (2009) afirmam que o discurso sanitário com enfoque na saúde ainda é recente.

A ideia de saúde como qualidade de vida condicionada por vários fatores, tais como: paz, abrigo, alimentação, renda, educação, recursos econômicos, ecossistema estável, recursos sustentáveis, equidade e justiça social, surgiu com a Conferência Internacional sobre a Promoção da Saúde, em Ottawa, em 1986 (BACKES et al, 2009 p. 112).

Merece especial atenção a Carta de Ottawa, para um conceito positivo de saúde.

A Carta de Ottawa considera a saúde como um conceito positivo, para o qual se fazem necessários recursos pessoais, sociais e capacidade física. Assim, para se ter saúde, a responsabilidade vai além do setor saúde, pois exige estilo de vida saudável para atingir o bem estar. Sob este prisma, as comunidades e os indivíduos precisam aprender a cuidar da sua saúde, para então melhorá-la. Tal fato deve demandar dos indivíduos e dos grupos a capacidade de identificar os seus problemas, satisfazer as suas necessidades, modificar ou

¹⁶ Médico sanitário e militante político, professor de saúde coletiva com importantes contribuições que influenciaram as práticas de saúde no Brasil e América Latina. Nasceu em Sassari na Itália em 9 de julho de 1924. Faleceu no dia 6 de abril, em Roma, Itália (FLEURY, 2015).

adaptar-se ao meio e, conseqüentemente, atingir o bem-estar (BACKE et all, 2009 p. 112).

Backes et all (2009), defendem uma mudança na concepção de mundo, para que o foco dos cuidados se direcione à promoção da saúde. De tal maneira que potencialize a capacidade das pessoas individual e coletivamente conduzirem a vida frente a múltiplos condicionantes de saúde. Assim, a promoção de saúde está relacionada com escolhas e processos que não são expressos em conceitos precisos e mensuráveis. Abrindo espaço para termos como empowerment e vulnerabilidade. O que permite abordagens transdisciplinares fazendo dialogar com diversas áreas do conhecimento que consideram a diferença, individualidade e subjetividade das pessoas, o que dá evidência para realidades singulares de indivíduos e grupos. Um exemplo disso é dado por Zanatta e Costa (2016), no qual o adoecimento de ribeirinhos em Porto da Manga, situado a 76 km da cidade de Corumbá-MS é compreendido como uma construção social, pois resulta de falta de saneamento básico e políticas públicas por parte do Estado.

...uma das causas do adoecimento físico dos moradores da comunidade ribeirinha de Porto da Manga está relacionada, principalmente ao fato de os ribeirinhos não possuírem água tratada. Como o local não possui saneamento básico e sistema de tratamento da água para consumo humano, os moradores acabam sendo obrigados a tratarem individualmente a água que vão consumir. Mesmo com todo o cuidado que tomam com relação à medida dos produtos químicos utilizados nesse tratamento, eles reclamam que, algumas vezes, erram a medida e a água acaba ficando amarga o que gera, segundo os entrevistados, dores no estômago e diarreia. A forma como os moradores descrevem o tratamento que recebem quando procuram os serviços de saúde mostra que eles não confiam no poder da ciência instituída pelo modelo biomédico. Também é possível perceber a falta de perspectiva de futuro, uma vez que dependem da coleta de isca para sobreviver e, por isso, adoecer é, na concepção dos ribeirinhos, inevitável (ZANATTA e COSTA, 2016. P. 124).

Nesse sentido, não devem ser ignoradas questões socioculturais e político administrativas, que interferem na saúde e adoecimento dos indivíduos e comunidades.

Ao concluir este tópico, uma maneira esquemática de representar uma síntese do que foi dito até o momento é a seguinte:

Figura 1. Esquematização da evolução do conceito da saúde e doença em degraus. Leitura a partir do primeiro degrau.



Fonte: BACKES et al. 2009. Com ilustração esquemática do autor da presente dissertação.

A figura acima apresenta os marcos representativos de cada período histórico em relação aos conceitos de saúde e adoecimento. É proposital a maneira como são dispostas as informações na figura 1. Apesar do que possa parecer, a história não é linear. Aquelas práticas existentes na era primitiva por exemplo, ainda podem ser encontradas no mundo contemporâneo, mesmo que não sejam hegemônicas. A atividade de benzedeiras³ é um exemplo disso. Por isso estas práticas se encontram na base da escada e dão a noção de estarem ligadas às informações dos degraus seguintes. Pode-se mencionar, o costume de deixar nos templos, imagens, objetos ou molduras da região do corpo que foi curada, originário do período da antiguidade e que ainda se faz presente na atualidade. Prova disto são as conhecidas salas dos milagres¹⁷, existentes em alguns santuários cristãos católicos.

A seguir, busca-se explorar um pouco mais a questão da saúde e adoecimento na perspectiva da Psicologia Histórico-cultural.

2.3 Saúde e adoecimento nos pressupostos da Psicologia Histórico-cultural

Embora não se encontre uma formulação clara e explícita por parte de Vigotski e seus companheiros, é possível abstrair uma compreensão do que seja saúde, sofrimento e adoecimento a partir dos pressupostos da Psicologia Histórico Cultural.

A leitura do trabalho de Mezzari (2017), aponta para uma compreensão de saúde e doença que supere o modelo clínico biologicista, patologizante e centrado na resolução de sintomas. O que coaduna, com as propostas contemporâneas do conceito de saúde e doença de origem multicausal.

¹⁷ Um exemplo de sala dos milagres pode ser visto no vídeo a seguir Sala dos milagres - Basílica do Divino Pai Eterno. Trindade Goiás. Acessado dia 03 de setembro de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z1Iwtz_e79Y

O modo de produção capitalista, estudado e explicado por Marx, possui relação direta com as questões de saúde e adoecimento.

A desigualdade econômica, inerente à sociedade capitalista, impede que todos tenham acesso aos bens adquiridos pela sociedade e, dentro deste panorama, se encontra a educação e os profissionais que nela atuam, como os professores que se encontram em condições precárias de formação e de discussões que lhes possibilitem o exercício cotidiano da prática pedagógica, fazendo com que muitos deles adoeçam (MEZZARI, 2017 p. 82).

No trabalho de Mezzari (2017), aparece a constatação de que o capitalismo proporcionou o desenvolvimento das forças produtivas, os avanços tecnológicos, mas também a extrema exploração e miséria de muitos, na medida em que enriquece a outros poucos. Para compreender a saúde e adoecimento do trabalhador, a autora recorre aos estudos de Zeigarniki (1901-1988).

Bluma Wolfonna Zeigarniki (1920 – 1988), foi uma Cientista russa, que desenvolveu significativas pesquisas na então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Uma de suas obras, traduzida para o espanhol, recebeu o nome de: *Introducion a la Patopsicologia*¹, na qual assinala que suas pesquisas foram desenvolvidas tendo como base os trabalhos de L. S. vigotski, A. N. Leontiev, S.L. Rubinstein, A. R. Luria e outros, como um desdobramento da obra de Karl Marx (MEZZARI, 2017).

Mezzari (2017) traz para a compreensão do processo de saúde e doença do professor, o pensamento de Marx em relação ao trabalho alienado. Para Marx (2001), o trabalho alienado, não gera a realização do trabalhador. Expropriado do seu produto, resta o esvaziamento. Esta relação entre o trabalho humano como atividade principal e a saúde ou adoecimento, calcada nos pressupostos da Psicologia Histórico-cultural é mais bem explicada por Marino Filho (2020).

É importante destacar que Vigotski(2001), não nega a dimensão física e biológica, mas que este teórico demonstra como se forma as funções psicológicas superiores que constituem o psiquismo humano. Para este autor, o psiquismo é compreendido enquanto sistema de relações socioculturais voltadas para a atividade vital dos sujeitos. Para Vigotski (2001) nas palavras de Marino Filho (2020 p. 75), “o sofrimento psicológico relacionado a essa atividade é compreendido como desintegração do sistema de orientação e formação de sentido dos sujeitos”. Isto porque nos animais essa atividade vital é orientada por meio de sinalizações que ativam as relações sensíveis com o meio e possibilitam a orientação, execução e o controle da atividade desenvolvida. No ser humano, além da condição biológica ocorre a transformação

desses sinais em signos, o que confere significados importantes para a manutenção da vida na relação com outros seres humanos. Segundo Marino filho (2020):

Quando o indivíduo, por meio desse sistema, consegue se orientar de forma coerente no meio e com os objetos que satisfazem as suas necessidades, pode-se dizer que um movimento orientado por sentidos com valor afetivo, emocional e cognitivo positivos para sua existência é encontrado. No entanto, quando, por alguma razão, o indivíduo não tem os meios, não compreende as suas necessidades, não tem como satisfazê-las de forma coerente, inicia-se um processo de tentativas frustradas de orientação da sua atividade e o controle da sua situação e/ou do contexto no qual existe. O contínuo esforço sem sucesso para a solução das dificuldades para a execução da atividade leva ao sofrimento e, por consequência, pode levar ao adoecimento. Esse processo existe em todos os seres humanos, independentemente da idade ou atividade/ocupação. O sofrimento e o adoecimento podem ser encontrados em crianças, jovens, adultos ou idosos. O sofrimento e o adoecimento psicológico resultam das condições de produção da vida em sociedade e não podem, por isso, ser atribuídos, exclusivamente, a condições biológicas a priori (MARINO FILHO, 2020 p. 76-77).

Dessa maneira, Marino Filho (2020), fornece uma compreensão que é básica, capaz de apreender a generalidade e a particularidade do sofrimento nos indivíduos singulares. Assim, o que se diz aqui a respeito dos professores e seu sofrimento e adoecimento, pode ser dito em relação a diferentes atividades laborais, pois participam da mesma organização do modo de produção da vida em sociedade, no caso, o modo de produção capitalista.

Marino Filho (2020 p. 77), destaca que nem todos adoecem embora todos partilhem de algum tipo de sofrimento. Nas suas palavras: “...condições adversas da atividade podem encontrar indivíduos que se adaptam e que suportam o sofrimento sem adoecer”.

O pensamento de Marino Filho (2020), não destoia do que é dito por Zeigarnik (1979), que compreendia as alterações do psiquismo como alterações da atividade. Para ela e outros autores da Psicologia Histórico Cultural, as funções psíquicas não são inatas. São desenvolvidas em função das atividades realizadas ao longo da vida, por essa razão as alterações psíquicas nessa base teórica são percebidas como alterações na atividade. O que permite a análise qualitativa das diversas formas de desintegração do psiquismo, a descoberta dos mecanismos da atividade alterada e os meios para reabilitá-la.

Conforme afirma Zeigarniki(1979), as leis do funcionamento do estado psíquico saudável são as mesmas do estado psíquico patológico. Então se deve partir do estado normal para se compreender as alterações ocorridas no estado patológico. Tal afirmação segue o mesmo princípio marxista de que “a anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco”. Segundo

Mezzari (2017, p. 88): “Essa concepção indica que para a compreensão das formas de desenvolvimento inferiores, é necessário que essas sejam estudadas a partir das superiores”.

Embora Zeigarnik se dirija às questões patopsicológicas ela aponta o referencial teórico da Psicologia Histórico-cultural, que se funda nos princípios de totalidade, busca as origens histórico sociais dos fenômenos e valoriza o processo não se detendo unicamente nos resultados. Trata-se de um método de compreensão da realidade que utiliza o movimento dialético. Estes pressupostos apontam para a explicação multicausal do adoecimento, superando a postura biologicista. Não culpabiliza os indivíduos, mas questiona as relações sociais estabelecidas, que está ligada ao modo de produção da sociedade. Pode-se concluir que para a Psicologia Histórico-cultural, saúde e adoecimento estão relacionados com a atividade humana que possui um aspecto de natureza objetiva e outro subjetiva nas relações sociais que estabelece.

Ao acompanhar a evolução histórica do conceito de saúde e doença, se percebe diversos sentidos e significados ao longo da história e que esta história não é linear, mas de alguma maneira capaz de apresentar algo novo ao passo que convive com realidades anteriores. Trata-se de um movimento que também comporta retrocessos. Vale destacar que no momento histórico atual, convivem diversas percepções sobre o adoecimento e a saúde humana. Contudo, há um esforço de superação das noções funcionalistas que não questionam o modelo de organização social. Existe um movimento para que os serviços de saúde superem o foco na doença ou na prevenção do adoecimento. E sim, que os serviços de saúde sejam mais voltados a promoverem o desenvolvimento saudável do ser humano. Nesse sentido, parece haver, na Psicologia Histórico-cultural, uma enorme contribuição a ser oferecida.

Diante do exposto até o momento, se percebe que o trabalho alienado gera o esvaziamento, estranhamento entre o ser humano e o produto por ele produzido. Ele mesmo, enquanto trabalhador é reduzido a coisa, mercadoria, pois é constrangido a vender sua força de trabalho. O produto do seu esforço que não é fruto da sua intencionalidade, pertence a outro. O trabalho alienado, intensificado e precarizado gera o adoecimento. A Psicologia Histórico-cultural aponta sobretudo para a compreensão do ser humano saudável, sua constituição psíquica e seu desenvolvimento. A partir daí, busca compreender os sujeitos adoecidos, pois em ambos os casos, são regidos pelas mesmas leis. Foi possível perceber a importância da atividade para a constituição da personalidade humana e da atividade enquanto trabalho para o sentido de realização dos indivíduos.

2.4 Enfrentamento ao adoecimento do professor universitário: um recorte do estado do conhecimento.

Ao se voltar para o trabalho do professor universitário, se nota o adoecimento desse trabalhador. Para Cardoso e Costa (2016), ao estudarem fatores de satisfação e insatisfação profissional de docente do curso de nutrição, conclui que um dos motivos do adoecimento do professor é a insatisfação com a profissão. Essa insatisfação é apontada em 81,8% dos professores pesquisados, expressiva maioria deles, como resultante do trabalho excessivo e atividades extras como serviços administrativos e burocracias. Os professores relataram ainda a dificuldade de relacionamento com os colegas e gestores. A falta de interesse dos estudantes e consequente desrespeito e a desvalorização da atividade do professor. Condições precárias de trabalho, como a falta de infraestrutura e número excessivo de estudantes nas salas de aula.

Para Fernandes (2016), fatores estressores, se mantidos por períodos prolongados podem ocasionar o adoecimento. Se percebido no momento inicial podem ser tomadas ações que possibilitem a eliminação ou redução de tais agentes estressores. Estas ações são geralmente nomeadas como mecanismos de defesa, estratégias de defesa, resiliência, estratégias de enfrentamento. Aqui serão nomeadas genericamente como modos de enfrentamento ao adoecimento.

Quanto às patologias que acometem os professores, diversos autores, como Codo (2006), Cardoso e Costa (2016) e Moura (2018), assinalam Transtornos Mentais Comuns, Síndrome de Burnout, lesões vocais ou da voz, problemas auditivos e musculares entre outros. Chama a atenção as denominadas doenças ou transtornos psíquicos. Não só por se mostrarem muito prevalentes, mas também porque esses dados geralmente são subnotificados. O que significa um número ainda maior de doenças psíquicas do que o mensurado.

Frente a esta realidade a presente dissertação versa sobre as possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor universitário.

Com o objetivo identificar as possibilidades de enfrentamento ao adoecimento dos professores, elencados nos resumos de teses e dissertações, foi realizado o estado da questão com a pesquisa de trabalhos disponibilizados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no Catálogo de Teses e Dissertações (CTD). A pesquisa foi realizada no período de agosto a setembro de 2019.

Utilizou-se os descritores: “adoecimento dos professores” e “saúde dos professores”. Foram lidos os todos resumos disponíveis, por vezes foi necessário explorar o conteúdo dos trabalhos por não encontrar as informações no resumo e daí retiradas menções ao enfrentamento

do adoecimento dos professores. Em algumas ocasiões foi necessário, realizar a busca pelos resumos e trabalhos completos disponibilizados na web em páginas das universidades onde foram depositados. Os achados relacionados ao enfrentamento do adoecimento dos professores foram listados e classificados em categorias, mencionadas mais adiante.

Para o descritor: “saúde dos professores” foram encontrados 13 teses e 71 dissertações. Destes 84 trabalhos, continham resumos disponíveis: 11 teses e 52 dissertações, totalizando 63 trabalhos acadêmicos disponíveis para consulta.

Para o descritor: “adoecimento dos professores” foram encontrados 8 teses e 18 dissertações, somando 26 trabalhos acadêmicos. Continham resumos disponíveis: 5 teses e 11 dissertações. Sendo dois trabalhos presentes quando utilizados nos dois descritores aqui mencionados. Estes trabalhos foram contados uma única vez. Assim, 79 menos 2, resultaram, 77 trabalhos com resumos disponíveis para a pesquisa. Estas informações são mais bem visibilizadas nos quadros abaixo.

Quadro 1. Número de trabalhos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações

DESCRITOR	TESE	DISSERTAÇÕES	TOTAL
“Saúde dos professores”	13	71	84
“Adoecimento dos professores”	08	18	26
NÚMERO TOTAL DE TRABALHOS	21	89	110

Fonte: Organizado pelo autor

Quadro 2. Número de resumos disponíveis dos trabalhos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações.

DESCRITOR	TESE	DISSERTAÇÃO	TOTAL
“Saúde dos professores”	11	52	63
“Adoecimento dos professores”	05	11	16
NÚMERO TOTAL DE RESUMOS	16	63	79-2=77

Fonte: Organizado pelo autor

Abaixo se destaca o referencial teórico utilizado por esses 77 autores, segundo consta no resumo dos trabalhos encontrados.

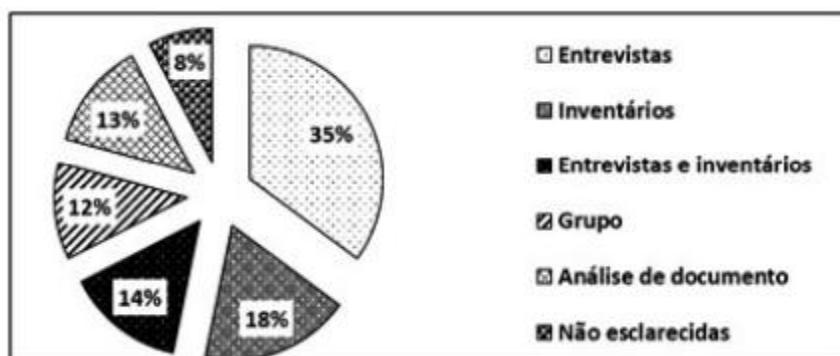
Figura 2: Referencial teórico adotado pelos autores.

Referencial adotado / autores mais citados	Quant.	Correlacionou na análise/resultado
Não mencionado	41	-
Psicodinâmica do trabalho (Dejour)	7	6
Análise Ergonômica do Trabalho (Guérin) e Ergonomia da Atividade	5	3
Marx	5	3
Múltiplos autores ou autores referência dos inventários/categorias	4	1
Teoria das Representações Sociais (Moscovici)	2	2
Teoria Histórico-Cultural (Vigotski)	2	1
Mal-estar docente (autores variados como referência)	2	-
Foucault	2	2
Teoria do Agir Comunicativo e Hermenêutica (Gadamer e Habermas)	1	1
Teoria Crítica	1	1
Bioética	1	1
Espiral do Conhecimento	1	1
Sociologia do Cotidiano (Maffesoli)	1	-
Filosofia da Imanência (Deleuze e Guattari)	1	-
Sennett e Esteve	1	-

Fonte: Rebolo, Queiroz, Dias e Freire (2020 p. 219).

Os trabalhos mencionados, conforme o gráfico abaixo, utilizaram os seguintes instrumentos para a coleta dos dados:

Figura 3: Instrumentos de coleta de dados utilizados nos trabalhos analisados.



Fonte: Rebolo, Queiroz, Dias e Freire (2020 p. 220)

Conforme aponta a figura acima, os instrumentos utilizados foram as entrevistas, presentes no maior número dos trabalhos analisados, presente em 35% deles; Inventários, 18%; Entrevistas e inventários, 14%; Grupo, 12%; Análise de documentos, 13% e não foram esclarecidos quais instrumentos, em 8% dos trabalhos analisados. O que faz notar as entrevistas como um recuso

privilegiado de acesso a dados sobre as questões de adoecimento e enfrentamento ao adoecimento do professor.

Abaixo estão elencados os tipos de inventários, questionários e escalas utilizadas nas pesquisas desenvolvidas e analisadas nesse recorte do estado do conhecimento.

Figura 4: Inventários, Questionários e Escalas utilizadas nas pesquisas

Inventários, questionário e escalas	Quant.
SRQ – 20 - Self-Reporting Questionnaire	4
QVV - Protocolo de Qualidade de Vida e Voz	3
Testes de emissão otoacústicas – EOAT / EOAPD/ EOAPD pós jornada	3
Maslach Burnout Inventory.	2
EACT - Escala de Avaliação de Contexto de Trabalho	2
ECHT - Escala de Custo Humano do Trabalho	1
EPST - Escala de Prazer-Sofrimento no Trabalho	1
EDRT - Escala de Danos Relacionados ao Trabalho	1
COPSOQ - Copenhagen Psychosocial Questionnaire	1
QSDO - Questionário Sociodemográfico e Ocupacional	1
JSS - Job Stress Scale	1
ITRA - Inventário de Trabalho e Riscos de Adoecimento	1
SPS -6 - Stanford Presenteeism Scale	1
IPAQ - Questionário Internacional de Atividade Física	1
JCQ - Job content questionnaire	1
EVENT - Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho	1
ERI - Effort- Reward Imbalance Questionnaire	1

Fonte: Rebolo, Queiroz, Dias e Freire (2020 p. 221).

Em relação aos inventários, questionários e escalas, se percebe que são diversificados e que o SRQ-20 (Self-Reporting Questionnaire). Trata-se de um teste que se propõe a avaliar o sofrimento mental.

Os métodos e instrumentos de análise encontrados a partir da leitura dos resumos dos 77 trabalhos encontrados são descritos na figura a seguir.

Figura 5: Métodos de Análise e Softwares utilizados nas pesquisas

Não mencionado claramente – 20		(44)
Descrição e interpretação das categorias e/ou subcategorias – 24		58%
Análise de Discurso e Análise de Conteúdo (18) 23%	5 - Categorias temáticas; Frequência de Bardin 2 - Análise discurso (Maingueneau e Bakhtin) 1 - Ficha de identificação para sistematização de conteúdo 1 - Análise temática – Minayo (2010) 1 - Análise arquegenealógica do discurso (Foucaultiana) 1 - Análise textual discursiva – Moraes e Galiazzi 1 - Confrontação / clínica do trabalho	
	4 - Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) 1 - Software Sphinx Scanner 1 - Software MAXQDA 12.0	
Análise estatística (4) 5%	2 - Tratamento de dados 1 - Teste estatístico não-paramétrico de Mann Withney 1 - Medições dos níveis de pressão sonora; critério “passa/falha”	
Outros (11) 14%	4 - Análise Ergonômica do Trabalho (escola franco-belga; Guérin) 3 - Materialismo Histórico-Dialético 2 - Categorias da Psicodinâmica do Trabalho 1 - Hermenêutica Dialética 1 - Percepção do Impedimento do Ofício Maltratado - Clot (1995) 1 - Modelo SECI – Espiral do Conhecimento	
Outras formas de correlação de dados, usadas simultaneamente a inventários: - A correlação de Spearman, analisada através da avaliação qualitativa de Callegari-Jacques (2003). - Diagrama Corporal, proposto por Corlett & Manenica (1980). - Avaliação do risco de doenças cardiovasculares, com base no Escore de Risco de Framingham. - Avaliação bioquímica, o perfil lipídico, a glicemia de jejum e o hemograma completo.		

Fonte: Rebolo, Queiroz, Dias e Freire (2020 p. 221).

Percebe-se uma predominância dos trabalhos que utilizam como método, a análise do discurso e análise do conteúdo. Diante dos trabalhos mencionados, foi realizado o procedimento de busca nos resumos e quando necessário, na introdução e corpo do trabalho, daquelas ações ou sugestões de ações consideradas como possibilidades de enfrentamento ao adoecimento dos professores. Nesse sentido, foi possível organizar os achados em quatro categorias. São elas, as possibilidades de enfrentamento: individuais, coletivas, relativas a políticas públicas e por último: alteração das formas de organização da sociedade capitalista.

2.4.1 Possibilidades de enfrentamento individuais

Na categoria: “possibilidades de enfrentamento individuais”, foram encontradas as ações que realizadas ou que podem se realizar por iniciativa do próprio professor. São ações em que se destaca o nível da individualidade. Conforme aponta o quadro abaixo.

Quadro n. 3 Possibilidades de enfrentamento individual

Autores	Possibilidades de enfrentamento individual
Dantas (2012); Coledam (2015); Silva (2018)	Presenteísmo
Dantas (2012); Guerreiro (2014); Coledam (2015); Avellar (2017); Antonini (2018).	Absenteísmo
Evangelista (2017); Nascimento (2018)	Bioética
Avellar (2017); Silva (2018)	Equilíbrio entre o trabalho e a vida pessoal.
Antonini (2018)	Grupos de ajuda mútua
Freitas (2016); Silva (2016)	O satisfatório relacionamento interpessoal com os colegas, estudantes e gestores
Vedovato (2007); Antonini (2018); Leite (2018)	Atividade física.
Medeiros (2006); Junior (2014); Campos (2018); Jardim (2006); Vianello (2006); Lima (2000); Bassi (2010); Pinheiro (2014); Campos (2018); Karmann (2013); Vedovato (2007); Silva (2011); Camargo (2007); Fernandes (2016); Moura (2017)	Ferramentas pedagógicas que diminuam o uso contínuo da voz em sala de aula. Também é sugerido beber água regularmente e buscar acompanhamento e orientação fonoaudiológica e psicológica
Andrade (2014)	A identificação dos problemas de saúde
Grande (2009)	A percepção dos sentimentos
Gonçalves (2010)	Estar motivado e encontrar satisfação no trabalho
Reis (2017); Nogueira (2013); Sartori (2017)	Ter sentido positivo e esperança na mudança
Soares (2016)	Qualidades pessoais como: Análise de Contexto, Autoconfiança, Autocontrole, Conquistar e Manter Pessoas, Empatia, Leitura Corporal, Autocontrole; Otimismo com a Vida e Sentido da Vida.
Antonini (2018)	Atividades de lazer
Medeiros (2006); Antunes (2014); Ferreira (2017)	Readaptação funcional
Moura (2017)	Resistência física e psicológica do organismo
Bondan(2011)	Estratégias de coping
Coledam (2015)	Boa alimentação e acompanhamento psicológico

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da CAPES/CNPq agosto a setembro de 2019.

Pode-se compreender como modo de enfrentamento ao adoecimento, no nível individual, uma série ações. Dentre elas, como afirma Dantas (2012), Coledam (2015) e Silva (2018); o presenteísmo. Trata-se de quando o trabalhador docente procura conciliar a realidade estressante do trabalho laboral e a manutenção da própria saúde: seu corpo está no ambiente de trabalho, mas sua mente não.

Outra possibilidade de enfrentamento, que nem sempre é notada como tal é o absenteísmo. Mencionado por autores como Dantas (2012); Guerreiro (2014); Coledam (2015); Avellar (2017); e, Antonini (2018). Segundo estes autores, o absenteísmo pode ser uma forma do trabalhador diminuir a carga de estresse sofrida no ambiente de trabalho e assim resistir ao adoecimento.

Para Evangelista (2017) e Nascimento (2018), a bioética aparece como uma forma de proporcionar uma reflexão capaz de promover mudanças de comportamento e estimular o respeito para consigo mesmo e com os outros. Neste sentido, os professores são provocados a um permanente exercício ético-estético-político e assim produzir alterações na maneira de estar no mundo. O que resultaria numa melhora da qualidade de vida.

Moura (2018) afirma que a intensificação do trabalho docente devido a exigências institucionais tem comprometido a vida pessoal e social dos professores. Avellar (2017) e Silva (2018), apontam o equilíbrio entre o trabalho desenvolvido pelo docente e a vida pessoal, como fator que favorece o não adoecimento e, portanto, é uma das formas de enfrentamento.

Antonini (2018) observa que a formação de grupos de ajuda mútua é um dos elementos apontados por professores como forma de enfrentamento ao adoecimento. Para Freitas (2016) e Silva (2016), manter o satisfatório relacionamento interpessoal com os colegas, estudantes e gestores, colabora para o enfrentamento do adoecimento. Outro elemento apontado por Vedovato (2007), Antonini (2018) e Leite (2018) é a prática de atividade física. O que está relacionada a diminuição dos sintomas de exaustão emocional e baixa realização no trabalho, em razão da produção de substâncias benéficas no organismo. É importante se sensibilizar nesse aspecto e se permitir práticas de promoção da saúde.

As doenças referentes ao uso da voz, são frequentemente relacionadas à atividade profissional docente. Medeiros (2006), Junior (2014), Campos (2018), Jersim (2006), Vianello (2006), Lima (2000), Bassi (2010), Pinheiro (2014), Campos (2018), Karmann (2013), Vedovato (2007), Silva (2011), Camargo (2007), Fernandes (2016) e Moura (2017) são pesquisadores que mencionam a questão do uso vocal dos professores. Eles apontam diversos problemas decorrentes do mau uso da voz por estes profissionais e assinalam ações de enfrentamento a essa realidade. Quais sejam: utilizar algumas ferramentas pedagógicas que diminuam o uso contínuo da voz em sala de aula, a exemplo de vídeos sobre o assunto a ser trabalhado, seminários produzidos e apresentados pelos alunos, ou outras atividades que estimulem a participação da classe e menos fala do professor. Também é sugerido beber água regularmente e buscar acompanhamento e orientação fonoaudiológica e psicológica, pois geralmente estão presentes questões emocionais.

Andrade (2014) afirma que a identificação dos problemas de saúde também se constitui um modo de enfrentamento, na medida em que ao identificá-los também é possível investigar as causas a eles relacionados e, portanto, modificá-las.

Grande (2009), aponta que também a percepção dos sentimentos pode levar a identificar os fatores causadores de mal-estar que afetam os professores. Assim, observar os próprios sentimentos e como cada pessoa lida com eles pode contribuir para gerar possibilidades de enfrentamento adequado à realidade vivenciada.

Gonçalves (2010) ressalta a questão de estar motivado e encontrar satisfação no trabalho, como forma de enfrentamento ao adoecimento. Ter sentido positivo e esperança na mudança é explicitado por Reis (2017), Nogueira (2013), Sartori (2017). Para Soares (2016) são fatores individuais favoráveis ao enfrentamento do adoecimento, qualidades pessoais como: Análise de Contexto, Autoconfiança, Autocontrole, Conquistar e Manter Pessoas, Empatia, Leitura Corporal, Autocontrole; Otimismo com a Vida e Sentido da Vida.

Antonini (2018), ao realizar círculos de cultura com professores do Instituto Federal de Florianópolis - SC; a partir do arcabouço teórico metodológico do educador e pensador brasileiro, Paulo Freire; descreve a participação em atividades de lazer para reduzir o estresse. O que constitui válvulas de escape que possibilitam a redução de danos. Tornam-se as atividades de lazer uma das possibilidades de enfrentamento ao adoecimento.

Diversos autores mencionam a questão da readaptação funcional do professor, quais sejam: Medeiros (2006) e Antunes (2014), mas é Ferreira (2017) que afirma claramente se tratar de um recurso para o enfrentamento do agravo do adoecimento. É a tentativa de afastar o professor da situação que lhe causa o adoecimento.

Moura (2017), assinala a resistência física e psicológica do organismo. Bondan(2011) se refere a estratégias de coping. Segundo Pereira e Branco (2016) coping é uma palavra inglesa utilizada no Brasil para designar estratégias cognitivas e comportamentais de enfrentamento ao estresse e adoecimento.

Coledam (2015), fala sobre a importância do estado nutricional e como uma boa alimentação pode ser fator de redução das dores musculoesqueléticas e reduz a necessidade de medicamentos, absenteísmo e presenteísmo. Também aponta a importância do acompanhamento psicológico como fator de redução da incidência dos agravos à saúde mental. Sugere que se previna o sobrepeso, os transtornos mentais comuns, o estresse no trabalho, o Burnout, a dor musculoesquelética e aumentar a atividade física.

As possibilidades de enfrentamento relacionadas acima podem ser caracterizadas como defensivos e preventivos e dependem em grande medida das iniciativas do próprio indivíduo.

Podem ser caracterizados como ações de resistência. A seguir serão mencionadas aquelas possibilidades de enfrentamento coletivos.

2.4.2 Possibilidades de enfrentamento coletivos

As possibilidades de enfrentamento coletivos, são aquelas que se caracterizam por ações envolvendo a iniciativa de duas pessoas ou mais. O quadro abaixo descreve alguns achados.

Quadro n. 4 Possibilidades de enfrentamento coletivos

Autores	Possibilidades de enfrentamento Coletivos
Avellar (2017)	“Laboratório de Mudança”
Gouvea (2015)	A discussão da dimensão ético-política do processo saúde e doença no âmbito sindical.
Ferreira (2017); Guerreiro (2014); Antonini (2018)	Participar de um grupo no qual se sinta acolhido e apoiado
Jasiulionis (2009)	O apoio da direção da escola
Ueno (2006)	Ação coletiva
Barretto (2008)	Cursos de capacitação sobre saúde
Amelio (2016)	Oficinas de arte terapia
Freitas (2006)	Cooperação e coleguismo entre os pares
Perez (2012)	Espaço para discutir as questões do trabalho;
Reis (2017)	O ideal político de uma educação transformadora
Santos (2016); Abreu (2017)	Pensar e discutir com os professores, de maneira ampla, sobre as condições de trabalho.

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da CAPES/CNPq agosto a setembro de 2019.

Avellar (2017), ao realizar o “Laboratório de Mudança¹” na escola, concluiu que eles podem construir possibilidades de melhorias na organização e ambiente de trabalho e que repercutem positivamente saúde dos trabalhadores docentes.

Para Gouvea (2015) A dimensão ético-política do processo saúde e doença deve ser considerado e discutido. Sobretudo no âmbito sindical, pois a reflexão coletiva é capaz de construir reivindicações contra o entendimento da saúde como uma mercadoria.

Segundo Ferreira (2010), Guerreiro (2014) e Antonini (2018), o bom relacionamento com os estudantes, com os superiores e entre os colegas; manter bons vínculos no trabalho, participar de um grupo no qual se sinta acolhido e apoiado, se constitui um modo de enfrentamento coletivo contra o adoecimento. Um ambiente no qual se reduz a competição e as intrigas e no qual se possibilite a conversa descontraída, inclusive sobre assuntos banais, certamente é um redutor do estresse laboral e proporciona ao grupo menor possibilidade de adoecimento. Jasiulionis (2009), destaca que o apoio da direção da escola aos professores atua

como fator de aumento da realização profissional e contra a incidência da síndrome de burnout, por exemplo.

Ueno (2006), destaca que a importância da ação coletiva das pessoas que ocupam o espaço escolar ou de ensino. A autora destaca que no próprio espaço de trabalho os professores podem identificar e realizar as mudanças necessárias, como forma de enfrentamento do adoecimento.

Barretto (2008) alude à importância da capacitação dos professores para atuarem como promotores de saúde na escola. Significa: os professores serem co-atores dos serviços de saúde e propiciar a transmissão de informações sobre saúde aos seus estudantes. O trabalho revela como os professores entendem o tema saúde e neste sentido, sugere curso de aperfeiçoamento sobre o tema. O que pode ser benéfico não só para a comunidade de estudantes e familiares, mas também aos próprios professores. Assim, os cursos de capacitação sobre saúde podem se constituir um dos modos coletivos de enfrentamento ao adoecimento.

Oficinas de arte terapia, utilizadas na pesquisa desenvolvida por Amelio (2016), se mostraram um eficiente modo de enfrentamento ao adoecimento, pois proporcionam uma atividade relaxante e descontraída. Os professores se sentem acolhidos, reconhecidos e ouvidos.

Embora sejam modos de enfrentamento ao adoecimento, chamadas de defensivas, pois seu objetivo é centrado na manutenção das condições de trabalho, Freitas (2006) aponta alguns: elementos flexíveis da organização do trabalho, a satisfação por trabalharem numa área nova, a liberdade para expressar as características individuais, a cooperação e coleguismo entre os pares, e a relação satisfatória com os alunos. Perez (2012) identifica:

... a conquista de um espaço para discutir as questões do trabalho; a obrigatoriedade da distribuição na jornada de trabalho compatível com o tempo de preparação de aulas e atividades acadêmicas; menor carga horária direcionada ao trabalho em sala de aula, para permitir o desenvolvimento de atividades ligadas a extensão e, especialmente, à pesquisa e à qualificação (PEREZ, 2012, NO RESUMO).

Reis (2017), assinala que a luta por reconhecimento ao trabalho dos professores demanda estratégias de enfrentamento que estão assentadas sobre o ideal político de uma educação transformadora.

Santos (2016) e Abreu (2017) indicam como modo de enfrentamento do adoecimento, pensar e discutir com os professores, de maneira ampla, sobre as condições de trabalho. Pois o processo de trabalho é um dos mais substanciais fatores de produção de saúde ou doença.

Percebe-se ao visitar as obras mencionadas, que ações coletivas podem ser eficazes como modo de enfrentamento ao adoecimento do professor. Por vezes a mobilização na própria escola pode resolver questões estressantes e indutoras do adoecimento. A Seguir, serão explicitadas as ações que podem ser desenvolvidas como políticas públicas. São estratégias geralmente desenvolvidas pelos gestores públicos e que visam responder a determinadas necessidades.

2.4.2.1 Possibilidades de enfrentamento relativo às políticas públicas e institucionais

Enquanto ações que podem ser desenvolvidas pela gestão ou em relação às políticas públicas, os resumos dos trabalhos pesquisados apontam ou sugerem as ações descritas a seguir.

Quadro n. 5 Modos de enfrentamento relativo à gestão ou às políticas públicas

Autores	Modos de enfrentamento relativo às políticas públicas
Gonçalves (2010)	Planejamento do trabalho docente que considere as expectativas e as necessidades dos professores
Coledam (2015)	Programas de prevenção ao sobrepeso
Bassi (2010); Jardim (2006)	Programas de prevenção à disfonia dos professores.
Lima (2000)	Estruturar uma política de carreira docente
Pugas (2018)	Serviço de vigilância em saúde do professor
Ferreira (2017)	Políticas públicas que propiciem acompanhamento psicológico e emocional aos professores readaptados
Avellar (2017); Santos (2016)	Programas de lazer e convivência familiar
Moura (2017)	Políticas públicas que considerem as questões ergonômicas
Antonini (2018)	Alinhamento com a política nacional de promoção da saúde
Amelio (2016); Antunes (2014); Mota (2010)	Ampliar o escopo das políticas já desenvolvidas, para além das questões salariais e desempenho do servidor
Pereira (2011)	Redução da carga horária semanal
Hason (2015)	Políticas públicas que considerem as especificidades da atividade docente

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da CAPES/CNPq agosto a setembro de 2019.

Gonçalves (2010), sugere que as ações voltadas ao planejamento do trabalho docente considerem as expectativas e as necessidades dos professores. Que sejam voltadas para a promoção da melhoria nas condições e relações de trabalho. Coledam (2015), sugere programas de prevenção ao sobrepeso. Jardim (2006); e, Bassi (2010), recomendam medidas de prevenção à disfonia dos professores.

Lima (2000), também aponta sugestões tais como: estruturar uma política de carreira docente. Fornecer critérios e formas transparentes, democráticas, de avaliação quanto ao trabalho do professor. Autonomia para o desenvolvimento das atividades. Maior participação

no projeto pedagógico das escolas. Valorização profissional, estímulo ao aprimoramento profissional e à produção intelectual docente.

Pugas (2018), aponta a necessidade do fortalecimento do serviço de vigilância em saúde e para o efetivo enfrentamento dos agravos a saúde do professor. Relata achados em base de dados oficiais, de que trabalhadores com menos de 5 anos na atividade docente, notificam: Acidente Grave, Acidente com Material Biológico, Ler/Dort, Intoxicação Exógena e Transtorno Mental. Com maior incidência nos profissionais do sexo feminino e maior frequência para a incapacidade por transtorno mental e acidentes graves. O que pode orientar o desenvolvimento de políticas públicas direcionadas a prevenir tais questões.

Ferreira (2017), defende que sejam desenvolvidas políticas públicas que propiciem acompanhamento psicológico e emocional aos professores readaptados. Argumenta que isto se faz necessário porque o professor em readaptação sente-se tolhido na sua identidade profissional e excluído do meio profissional para o qual se preparou. Segundo Antunes (2014), os docentes readaptados são marcados por estigma, discriminação, sentimentos de auto culpabilização e desvalorização social.

Avellar (2017), relaciona o absenteísmo com a necessidade de lazer de alguns profissionais. Santos (2016), relata que a falta de lazer colabora para o adoecimento docente. Nesse sentido, desenvolver políticas públicas que facilitem ou propiciem espaços de lazer e convivência familiar para o trabalhador, pode ser um importante modo de enfrentamento ao adoecimento.

Moura (2017), aponta a necessidade de políticas públicas que considerem as questões ergonômicas nas escolas regulares como fator de enfrentamento ao adoecimento dos professores.

Antonini (2018), defende um alinhamento com a política nacional de promoção da saúde, como forma de beneficiar também os professores.

Amelio (2016), apontam a necessidade de ampliação das políticas públicas voltadas a melhoria das condições de vida do professor e sugere ampliar o escopo das políticas já desenvolvidas para que além das questões salariais e desempenho do servidor, incluam a saúde e qualidade no trabalho. Antunes (2014), afirma a importância de políticas públicas voltadas para a valorização dos professores e a saúde desses profissionais. Mota (2010), defende a implementação de políticas públicas voltadas ao professor, que sejam de curto, médio e longo prazo. De forma a proporcionar a valorização do profissional docente em todas as suas dimensões.

Pereira (2011), revela problemas na escola, como o salário defasado, o elevado número de carga horária semanal, excessivo número de alunos por sala e a infraestrutura escolar inadequada, por exemplo. Situações que podem ser objeto do desenvolvimento de políticas públicas.

Hason (2015), analisa a aposentadoria especial dos professores em um dos capítulos de sua pesquisa sobre o adoecimento psíquico dos professores. A aposentadoria especial dos professores é um exemplo de política pública que considera as especificidades da atividade docente, o que se constitui um modo de enfrentamento do adoecimento.

Políticas públicas é um termo que aparece 17 vezes nos trabalhos pesquisados, se contarmos os títulos e resumos disponíveis. Três trabalhos usam o termo no título da pesquisa realizada.

Na sociedade atual, frequentemente os indivíduos, determinados grupos sociais ou governantes, são culpabilizados pelas mazelas sociais, inclusive o adoecimento do professor. É comum que haja sugestões e reivindicações por melhorias, mas geralmente são paliativos que em geral, não tocam no cerne da questão. Falta cruzar a fronteira e pensar questões referentes ao modo da organização da sociedade. Cada vez mais é evidente que o modo de produção capitalista é em última instância, o grande gerador do adoecimento do professor universitário e outros trabalhadores. Por isso, o modo de enfrentamento do adoecimento por excelência, é ter a consciência dessa realidade e buscar alternativas. Dito de outra forma: não basta mudar os jogadores é necessário modificar as regras do jogo, para que as relações se tornem mais justas.

2.4.3 A reorganização da sociedade capitalista

Durante a pesquisa, alguns autores mencionam que além do enfrentamento individual e coletivo, ou ações que podem ser realizadas por gestores, importa ir além, buscando modificar o próprio meio de produção da sociedade. Abaixo estão alguns desses autores e suas ideias.

Soldatelli (2017) salienta que diversas ações procuram enfrentar as causas do adoecimento, não apenas no plano individual e sindical. O autor destaca que a causa do adoecimento presente na sociedade é a crise do modo de produção capitalista e sua consequente reestruturação. Por isso tem ocorrido diversas mudanças no mundo do trabalho; seja pela mecanização das atividades produtivas, pelo taylorismo-fordismo, ou padrões sustentados no toyotismo aplicado sobre o esteio de políticas neoliberais. Essas mudanças têm provocado diferentes formas de sofrimento e adoecimento do trabalhador, inclusive dos professores.

Léda (2009), afirma que sob a ordem do capitalismo flexível e suas formas de dominação, o adoecimento do trabalhador tem se intensificado. E que a modificação deste contexto é possível por meio da superação do capitalismo neoliberal e a retomada da esfera pública, como central e estratégica. Para que o trabalho docente seja exercido com dignidade, sentido e reconhecimento.

Para Borges (2011) os limites postos pelos múltiplos determinantes históricos, políticos, econômicos, sociais e culturais, podem ser superados por meio da constituição de uma identidade política que desvende os processos de produção capitalista e que conceitue o trabalho como fundante da própria humanização dos indivíduos.

Costa (2018), aponta a necessidade de se considerar as ciências humanas e sociais para que o tema saúde e doença seja compreendido para além de uma visão biologicista. Camargo (2012) alerta para que as discussões sobre a saúde e adoecimento do professor não fique apenas no âmbito da patologização.

Neste sentido, os posicionamentos apresentados levam a pensar de forma crítica e a buscar um modelo de enfrentamento que considere as reais causas do adoecimento, que estão para além da concepção biologicista.

Outra observação é a de que a separação entre possibilidades de enfrentamentos individuais ou coletivos ocorre como função didática. Pois a realidade da saúde e do adoecimento, comporta um movimento dialético permanente, no qual todas as instâncias se influenciam constantemente; seja no âmbito individual, coletivo ou organizacional.

Neste momento, se pode concluir que o enfrentamento ao adoecimento dos professores, comporta sobretudo, uma consciência sobre a atividade humana, a sua formação psíquica e do conturbado momento do modo de produção capitalista, em sucessivas crises. Isso influencia a saúde ou adoecimento dos trabalhadores e desse grupo de trabalhadores em especial, os professores universitários.

Os resumos também mostraram a pertinência da utilização de instrumentos de coleta de dados como as entrevistas, dados documentais e utilização de questionários e inventários, quando se trata de pesquisar questões relativas à saúde e ao adoecimento do professor. No capítulo seguinte são explicitados os aspectos metodológicos da aproximação aos dados empíricos sobre os quais se desenvolveu a presente pesquisa.

CAPÍTULO 3

ENFRENTAMENTO AO ADOECIMENTO PELO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO: APROXIMAÇÕES AOS DADOS EMPÍRICOS DA PESQUISA

Neste capítulo são apresentados os aspectos metodológicos e os resultados da realização da presente pesquisa. A seguir são descritos os aspectos metodológicos.

3.1 METODOLOGIA

3.1.1 Pressupostos teóricos metodológicos

O presente estudo se constitui a partir de uma parceria acadêmica com o projeto de pesquisa, intitulado: “As contribuições da Psicologia Histórico-cultural para a compreensão do adoecimento do professor no ensino superior”. Desenvolvido pelos professores Dr. Armando Marino Filho (UFMS), Profa. Dra. Sônia da Cunha Urt (UFMS) e Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci da UEM – Universidade Estadual de Maringá e professora visitante da UFMS. O qual prevê também a colaboração de estudantes da UFMS. O referido projeto de pesquisa, foi submetido ao Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá e recebeu aprovação com o Parecer de número 3.617.838, de 03 de outubro de 2019. Inclusive, quanto aos procedimentos metodológicos, dos quais a presente dissertação fez uso para a coleta de dados.

O estudo se desenvolveu a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Psicologia Histórico-cultural. Estes pressupostos já foram explicitados na parte inicial deste trabalho.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e se coloca como um exercício de utilização do método da Psicologia Histórico-cultural e do Materialismo Histórico-dialético. O que significa dizer que embora em determinados momentos opere com dados matemáticos não se caracteriza como pesquisa quantitativa.

A análise dos questionários via web e das entrevistas interpessoais a distância, se fundamentam no próprio método do Materialismo Histórico-dialético e da Psicologia Histórico-cultural. Nesse processo é importante o conceito de totalidade. Como afirma Paes (2020), para Vigotski é fundamental na sua construção teórica, o princípio da totalidade. A categoria de totalidade foi utilizada pelo filósofo Baruch Espinoza (1632-1677), o qual dizia na proposição

n. 18; “Deus é causa imanente, e não transitiva, de todas as coisas”. O que demonstra da seguinte maneira:

Tudo o que existe, existe em Deus, e por meio de Deus deve ser concebido. Portanto, Deus é causa das coisas que nele existem, que era o primeiro ponto. Ademais, além de Deus, não pode existir nenhuma substância, isto é, nenhuma coisa, além de Deus, existe em si mesma, que era o segundo ponto. Logo, Deus é causa imanente, e não transitiva, de todas as coisas (ZPINOZA, 2009 p. 29).

Segundo Paes (2020):

Essa reflexão interessou a Vigotski (2001) pela negação dos dualismos das filosofias liberais e pelo materialismo que concebe o mundo como algo dado materialmente fora do pensamento e que, para ser compreendido pelo pensamento, precisa penetrar na sua essência (PAES, 2020 p. 98).

Essa categoria de totalidade é encontrada na reflexão dos filósofos que constituíram o método dialético. Heráclito, Aristóteles, Hegel são alguns desses pensadores. Mas diferente de Hegel, o pensamento de totalidade utilizado por Vigotski, não é idealista. Segundo Paes (2020):

Vigotski parte do pressuposto de que a humanidade, tendo em vista o seu caráter histórico, é uma totalidade em permanente relação com os indivíduos singulares em infinitas particularidades. O singular somente existe na ação transformadora do gênero e o gênero não existe sem as infinitas singularidades, uma relação de oposição que, como unidade dialética, cria a ambos. A singularidade existe no universal como multiplicidade, enquanto o universal está na origem de todas as formas singulares (PAES, 2020 p. 99).

Com Vigotski, a psicologia seguiu um método de pesquisa que proporciona a explicação do objeto de estudo como resultado do movimento dialético da realidade em questão. Enquanto método de análise, o autor aponta duas possibilidades no campo da Psicologia. “O primeiro método de análise psicológica poderia ser denominado decomposição das totalidades psicológicas complexas em *elementos...*” (VIGOTSKI, 2001 P. 5). Segundo Vigotski, a desvantagem desse método é que por meio dele: “nunca conseguiria explicar as propriedades do todo partindo das propriedades desses elementos” (VIGOTSKI, 2001 P. 5). Tal qual não se explica porque a água apaga o fogo a partir dos elementos Hidrogênio e Oxigênio, já que um é combustível e o outro mantém a combustão.

Ao discutir o método de análise como problema de investigação, Vigotski (2001 p. 8), assevera: “Achamos que um momento decisivo ...foi a substituição dessa análise por outro tipo

de análise. Esta pode ser qualificada como análise que decompõe *em unidades* a totalidade complexa”. Segundo este autor:

Subentendemos por unidade um produto da análise que, diferente dos elementos, possui todas as propriedades que são inerentes ao todo e, concomitantemente, são partes vivas e indecomponíveis dessa unidade. A chave para explicar certas propriedades da água não é a sua fórmula química, mas o estudo das moléculas e do movimento molecular. De igual maneira, a célula viva, que conserva todas as propriedades fundamentais da vida, próprias do organismo vivo, é a verdadeira unidade da análise biológica. A psicologia que deseje estudar as unidades complexas precisa entender isso. Deve substituir o método de decomposição em elementos pelo método de análise que desmembra em unidades (VIGOTSKI, 2001 p. 8)

De tal maneira se justifica o uso dos questionários via web e das entrevistas semiestruturadas, em razão de que elas são instrumentos válidos para a obtenção de dados sobre as unidades de análise capaz de explicar o movimento dialética do objeto de estudo em questão, no caso desta dissertação, o objeto é o enfrentamento ao adoecimento dos professores universitários. Que pode ser decomposto na seguinte unidade: relação de adoecimento e enfrentamento. As singularidades expressas nos instrumentos de coleta dos dados, estão relacionadas com a genericidade da experiência humana. Sendo capaz de revelar mesmo na parte, as propriedades do todo dessa realidade.

3.1.2 Procedimentos metodológicos

A pesquisa aqui desenvolvida, adotou os mesmos instrumentos de coleta de dados que o projeto maior ao qual está vinculada, quais sejam: dados sobre atestados e licenças, questionário via web e entrevistas.

Uma das formas de aproximação aos dados empíricos foi a realização de pesquisa em base de dados sobre *atestados e licenças* dos professores universitários. Foi realizado contato com a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - (PROGEP), a fim de obter autorização para consultar documentos que informassem sobre o número de afastamento do trabalho dos docentes por problemas de saúde, nos últimos cinco anos. A Divisão de Atenção Integral ao Servidor (DIAS)¹⁸, não permitiu a consulta dos

¹⁸ A Divisão de Atenção Integral ao Servidor (DIAS), é a unidade ligada à Pró Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP) responsável pela implementação das políticas e diretrizes de prevenção e promoção à saúde ocupacional, medicina do trabalho, e assistência psicossocial dos servidores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). A quem agradecemos, por disponibilizarem os dados obtidos. Estas informações foram utilizadas em duas outras pesquisas, como já mencionado inicialmente: a

documentos no local, mas resguardado o sigilo referente aos nomes dos professores envolvidos, disponibilizou três tabelas com informações referentes aos atestados e licenças dos professores. Uma tabela se refere aos anos de 2005 a 2009; outra tabela referente aos anos de 2010 a 2014 e a terceira menciona os anos de 2015 a 2019. Portanto, 3 blocos de 5 anos cada, totalizando 15 anos de licenças e atestados. Nelas é possível encontrar: data de início e término dos atestados ou licenças, número de dias de afastamento, código do Catálogo¹⁹.

Outra maneira de coletar os dados foi por meio dos *questionários via web*²⁰. Numa conta de e-mail do Google, no aplicativo “Google Docs” foi criado um formulário com as questões atinentes à pesquisa. Esse formulário foi enviado na forma de questionário via e-mail aos professores universitários dos cursos de Ciências Humanas da UFMS, seguindo a tabela de áreas de conhecimento do CNPq.

Os endereços de e-mails foram obtidos, após comunicação às coordenações dos cursos envolvidos, por meio de informações públicas disponíveis no site da UFMS. Também foi possível localizar alguns e-mails no currículo lattes ou em artigos publicados pelos professores. No e-mail enviado, individualmente, a cada professor, havia a apresentação da pesquisa e seus objetivos, finalizando com o convite para participação. O acesso às questões se deu por meio de um link que direcionava o professor ao formulário de questões.

O formulário utilizado foi adaptado a partir de Silva (2007), e segue estrutura utilizada por Facci (2017). Inicia com o aceite do TCLE, de resposta obrigatória, no qual informa que no caso de algum desconforto, o voluntário poderia se eximir de responder as perguntas apresentadas. Foi oferecido ainda, o contato dos responsáveis pela pesquisa, para dirimir qualquer dúvida. Continua com 32 questões, sobre: dados pessoais e profissionais, trabalho docente, trabalho docente e saúde. Finalmente informações sobre disponibilidade para as modalidades de entrevistas, se individual, em grupo ou a recusa desse segundo momento. O referido questionário, na forma tal como foi utilizado, se encontra no final desta dissertação como: Anexo 1.

Os questionários foram respondidos por professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Campo Grande - MS. Pela dificuldade em abranger a todos e

pesquisa coordenada pela Professora Doutora Marilda Gonçalves Dias Facci e a dissertação de mestrado de Alcione Ribeiro Dias.

¹⁹ Enquanto equipe de pesquisa, é oportuno manifestar o agradecimento pelo acesso aos dados disponibilizados, o que manifesta um incentivo à pesquisa acadêmica. Gratidão a todas as pessoas envolvidas por meio das quais tais informações foram disponibilizadas.

²⁰ Este formulário foi utilizado e as informações compartilhadas pelo grupo de pesquisadores envolvidos nas pesquisas já mencionadas, da qual a presente dissertação é um dos seus desdobramentos.

considerando o interesse por cursos com alguma relação com a Educação, foi delimitado o envio destes questionários aos cursos de ciência humanas, conforme tabela do CNPq. Os cursos listados pelo CNPq são: Filosofia, Sociologia, Antropologia, Arqueologia, História, Geografia, Psicologia, Pedagogia, Ciência Política e Teologia. São, portanto, 10 cursos²¹. Na UFMS, campus de Campo Grande – MS, funcionam 7 dos 10 cursos listados pelo CNPq. São exceção os cursos de Teologia, Arqueologia e Ciência política. Alguns dos cursos existentes estão localizados da Faculdade de Ciência Humanas (FACH) e outros na Faculdade de Educação (FAED).

Definido o público, o questionário foi enviado por e-mail a 113 professores. Destes, 4 e-mails retornaram, um deles se tratava de professor já falecido. Os questionários foram enviados em 3 momentos, como forma de lembrar a quem não respondeu anteriormente, a possibilidade de colaborar. O quadro abaixo ajuda a visualizar esse processo.

Quadro n. 6: Envio dos questionários via web.

Data de envio	Período de respostas	Número de respostas
11 e 12 de maio de 2020	11 a 15 de maio de 2020	09
22 de maio de 2020	22 a 26 de maio de 2020	07
08 de junho de 2020	11 a 15 de junho de 2020	03
	Total de questionários respondidos	19

Fonte: Questionários enviados via formulários google.

O primeiro envio se deu nos dias 11 e 12 de maio de 2020; Entre os dias 11 a 15 de maio, 9 questionários foram respondidos. Novo envio de questionário se deu no dia 22 de maio de 2020. Entre os dias 22 e 26 de maio, mais 7 questionários foram respondidos. O terceiro e último envio de questionário se deu no dia 8 de junho de 2020. Obteve-se entre os dias 11 e 15 de 2020, apenas 03 respostas. De 109 questionários efetivamente enviados, houve 19 respostas. O que significa a resposta de 17,43% do total de questionários enviados. O questionário completo consta como apêndice no final desta dissertação.

Os questionários respondidos ajudaram a selecionar os sujeitos para a entrevista interpessoal. Foram selecionados aqueles questionários cujas respostas apontavam para o não adoecimento do professor. Quais sejam; os professores que durante o período de pelo menos 12 meses não apresentaram adoecimento e se colocaram disponíveis para colaborar. Dos 19 formulários que foram respondidos, 13 estavam disponíveis para a entrevista individual. Sendo

²¹ A referida tabela que lista os cursos das ciências humanas pelo CNPq. Acessado dia 15 de agosto de 2020. Disponível em: <http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>

que 4 responderam a questão 18 do formulário, afirmando que não possuem problemas de saúde. Outros 8, ao responder a questão 26, afirmaram não ter afastamento do trabalho por razões de saúde nos últimos 12 meses. E 02, mesmo manifestando algum adoecimento, se mostraram dispostos a colaborar com a entrevista individual.

Quadro 7: Número possível de pessoas para a entrevista individual.

Critério de não adoecimento	
Não possuem problemas de saúde	4
Não teve afastamento do trabalho por razões de saúde nos últimos 12 meses	8
Mesmo com algum adoecimento se mostraram disponíveis a colaborar	2
Número de entrevistas possíveis em função do questionário via web	14

Fonte: Repostas ao formulário de questões via web.

Ao considerar os questionários respondidos, foram selecionadas 14 pessoas para a possível realização da *entrevista individual*. Optou-se por realizar o convite a 9 deles, um dos entrevistados não enviou o questionário via web, no prazo determinado, mas se disponibilizou para a entrevista quando solicitado. Somam-se, portanto, 10 entrevistas. É importante notar a influência da pandemia de covid-19, o que dificultou a realização dos encontros presenciais para entrevistas, mas também nas falas dos entrevistados. As 10 entrevistas realizadas, foram transcritas se tornaram material para a análise e discussão.

Cada uma das entrevistas foi previamente agendada e realizada com a duração média de 40 minutos. Devido a impossibilidade do encontro presencial, elas ocorreram a distância, com a utilização da plataforma “google meet”. Para assegurar a coleta dos dados, as entrevistas foram gravadas com o uso do aplicativo OBS Studio. A conta do “google meet”, no formato utilizado, não permitia a gravação. A entrevista também foi gravada pelo aparelho celular, no formato mp3, de forma a prevenir qualquer dificuldade técnica com o aplicativo de gravação da tela do computador.

Aos voluntários entrevistados, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no qual estava explícito o objetivo e o caráter voluntário da participação na pesquisa desenvolvida. O voluntário deu sua anuência através de um formulário enviado previamente por e-mail e também durante a realização da entrevista. O entrevistado foi esclarecido de que a entrevista poderia oferecer algum desconforto e que a qualquer momento era possível interromper a colaboração. A identidade dos voluntários está resguardada em caráter de anonimato, para evitar constrangimentos. Nesta dissertação, quando mencionados, os entrevistados são identificados por codinomes. Para este fim foi escolhido o nome de pássaros, em homenagem ao bioma do pantanal e a um dos entrevistados, devido a prática de observação das aves silvestres, forma de reduzir o estresse e evitar o adoecimento.

As entrevistas foram realizadas seguindo um roteiro pré-estabelecido, com características semiestruturadas, cujo objetivo foi coletar dados sobre as possibilidades dos sujeitos a respeito do enfrentamento ao adoecimento docente universitário. Foram utilizados dois tópicos: O primeiro, sobre o enfrentamento pessoal ao adoecimento, com exemplos de estratégias individuais e coletivas experienciadas. O segundo, sobre o conhecimento de programas e projetos desenvolvidos pela instituição universitária com o objetivo de promover a saúde ou evitar o adoecimento dos professores. O roteiro completo, está anexado como apêndice no final desta dissertação.

Abaixo são descritos e analisados os dados obtidos com cada um dos instrumentos utilizados, quais sejam: os atestados e licenças, o questionário via web, e por fim, as entrevistas com alguns professores universitários.

3. 2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como anunciado anteriormente²², a presente dissertação fez uso dos questionários via web e dados sobre licenças e atestados, compartilhados por outras pesquisas que foram desenvolvidas paralelamente. Os resultados aqui apresentados e discutidos, são aqueles atinentes ao tema desenvolvido, deixando para outros a exploração e discussão dos demais dados obtidos pelos instrumentos mencionados.

Segue a apresentação dos resultados referentes à pesquisa em base de dados sobre licenças e atestados, o questionário via Web e às entrevistas com os professores universitários da área de Ciências Humanas da Universidade federal de Mato Grosso do Sul.

3.2.1 Resultados e discussão

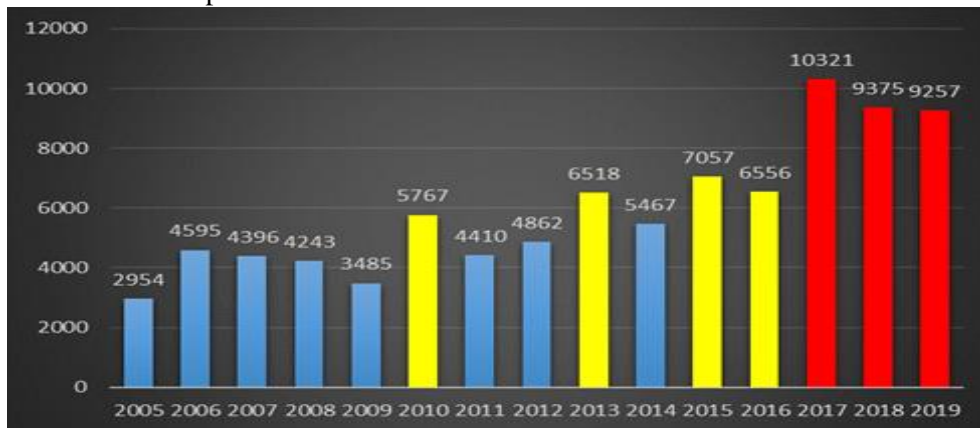
A seguir é realizada a descrição dos dados obtidos por meio dos instrumentos anunciados, mais adiante serão pontuados alguns elementos de discussão.

3.2.1.1 Dos atestados e das licenças (anos de 2005 a 2019)

²² Os dados obtidos como resultado desta pesquisa são compartilhados por outras duas, conforme mencionado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, apresentado aos docentes ou no requerimento à PROGEPE da UFMS. As pesquisas mencionadas, são: *As contribuições da Psicologia Histórico-cultural para a compreensão do adoecimento do professor no Ensino Superior*, coordenada pela professora Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci e; *Adoecimento do professor do ensino superior na perspectiva da Psicologia Histórico-cultural* - dissertação de mestrado em Educação pela UFMS, de autoria de Alcione Ribeiro Dias.

Como já mencionado, a PROGEP por meio da Divisão de Atenção Integral ao Servidor - DIAS, disponibilizou no ano de 2020, três planilhas com informações sobre os atestados e licenças dos professores da UFMS. As planilhas compreendem o período de 01/01/2005 a 31/12/2015. Os dados relacionados aos atestados e licenças são: data de início, data de término, número de dias, código CID, cargo, idade, titulação, situação hoje (ativo ou excluído), sexo e carga horária. Os dados apontam que nestes 15 anos foram registrados um total de 3.512 afastamentos de docentes do ensino superior, por motivo de saúde, perfazendo a quantidade de 89.263 dias de afastamento. Estes dados são mais bem visualizados no gráfico abaixo.

Gráfico 2: Afastamento por motivos de saúde dos docentes da UFMS – 2005 a 2015.



Fonte: Elaborado por Dias, A. (2021), a partir de dados fornecido pela PROGEP-DIAS/UFMS (2020).

Os dados apresentados no gráfico 2, mostram uma tendência de crescimento no número de afastamentos e licenças dos professores por motivos de saúde. Com um salto significativo nos anos de 2017 a 2019. A seguir é apresentado a quantidade de afastamentos por sexo.

Gráfico 3: Quantidade de afastamentos por sexo



Fonte: Elaborado por Dias, A. (2021), a partir de dados fornecido pela PROGEP-DIAS/UFMS (2020).

Nota-se que com exceção dos anos de 2005 e 2008, o número de mulheres afastadas é significativamente maior que o de homens. Ao acompanhar o gráfico sobre o número de afastamentos ano a ano, se percebe o maior distanciamento entre homens e mulheres, nos anos de 2017 a 2019, com um volume maior de atestados e licenças para as mulheres. Outro dado interessante é notar a quantidade de dias afastados, o que pode ser verificado no quadro abaixo.

Quadro 8: Quantidade de dias de afastamento por sexo

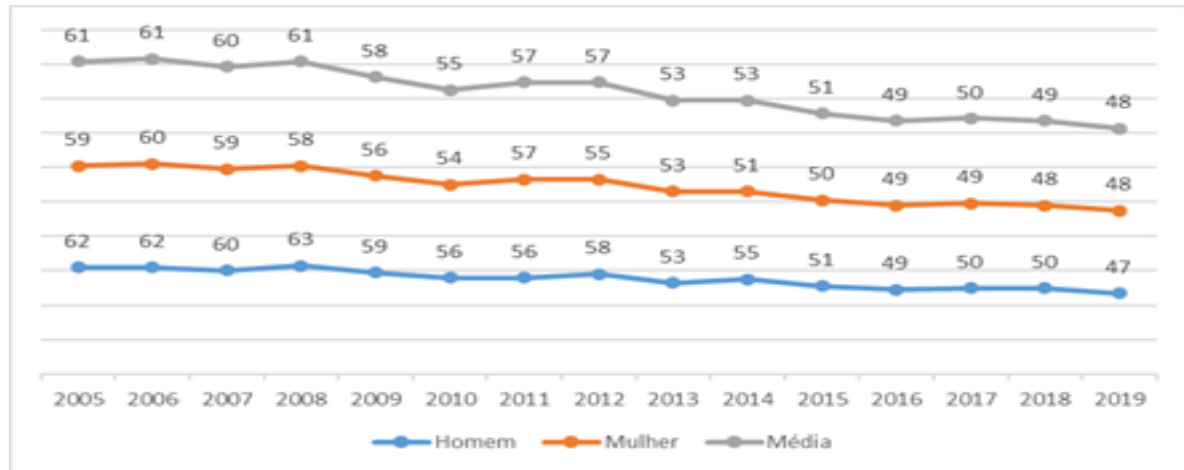
Ano	Homem	Mulher	Total
2005	1874	1080	2954
2006	1978	2617	4595
2007	1442	2954	4396
2008	2481	1762	4243
2009	1437	2048	3485
2010	2190	3577	5767
2011	1775	2635	4410
2012	2337	2525	4862
2013	2870	3648	6518
2014	2764	2703	5467
2015	3736	3321	7057
2016	2988	3568	6556
2017	3236	7085	10321
2018	3425	5950	9375
2019	3222	6035	9257
Totais	37755	51508	89263

Fonte: Elaborado por Dias, A. (2021), a partir de dados fornecido pela PROGEP-DIAS/UFMS (2020).

Em relação a quantidade de dias, nota-se que as mulheres ficam afastadas por mais tempo que os homens. Com exceção dos anos de 2005, 2008, 2014 e 2015 onde os homens ficaram afastados por mais tempo que as mulheres. Percebe-se aumentar a cada ano o número de dias de afastamento das mulheres. Em comparação com o ano de 2005, no qual se registra para as mulheres 1.080 dias de afastamento, o menor número, o ano de 2017 apresenta 7.085 dias em que elas ficaram afastadas por motivo de saúde. Isso significa um aumento de mais de 500%.

Qual é a média de idade dos professores que solicitam afastamento por motivos de saúde na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no período de 2005 a 2019?

Gráfico 4: Média de idade por sexo



Fonte: Elaborado por Dias, A. (2021), a partir de dados fornecido pela PROGEP-DIAS/UFMS (2020).

Em relação à idade, se percebe pouca diferença entre os homens e mulheres. Nota-se uma diminuição da idade média dos professores. Se considerada a média das idades de homens e mulheres, o gráfico demonstra a redução de 61 para 48 anos. Mas quais são as doenças presentes nestas solicitações de afastamentos e dispensas?

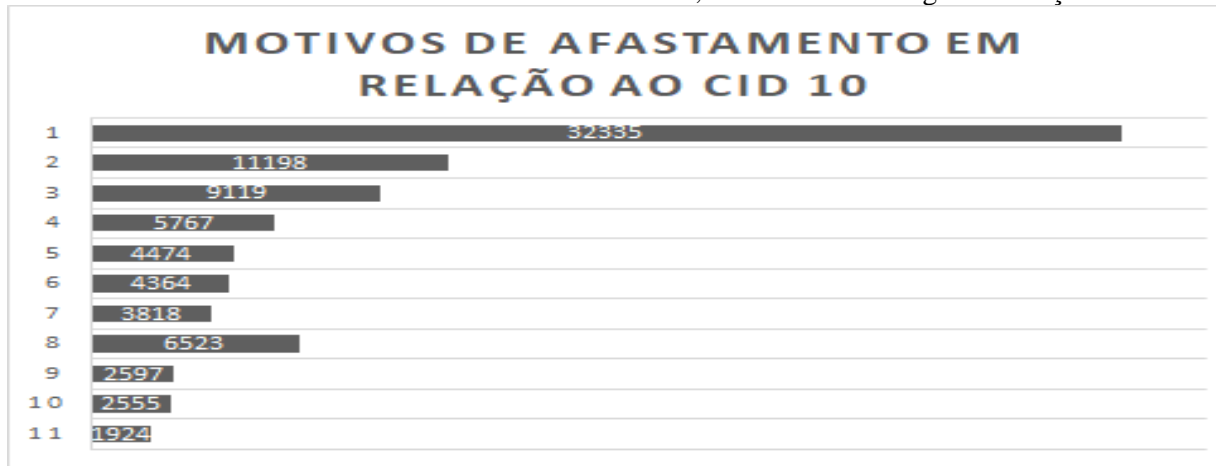
Quadro :9 Dias de afastamento de docentes da UFMS por CID

QUADRO DE DOENÇAS - CID 10		
	CID não identificado	4.474
Grupo I	Infeciosas e Parasitárias (A00-B99)	3.523
Grupo II	Neoplasias [tumores] (C00 – D48)	11.198
Grupo III	Sangue e órgãos e imunitárias (D50 – D89)	836
Grupo IV	Endócrinas, nutricionais e metabólicas (E00 – E90)	718
Grupo V	Mentais e comportamentais (F00 – F99)	32.335
Grupo VI	Sistema nervoso (G00 – G99)	1.064
Grupo VII	Olho e anexos (H00 – H59)	1.924
Grupo VIII	Ouvido e apófise mastóide (H60 – H95)	171
Grupo IX	Aparelho circulatório (I00 – I99)	4.364
Grupo X	Aparelho respiratório (J00 – J99)	1.090
Grupo XI	Aparelho digestivo (K00 – K93)	2.597
Grupo XII	Pele e tecido subcutâneo (L00 – L99)	881
Grupo XIII	Osteomuscular e tecido conjuntivo (M00 – M99)	9.119
Grupo XIV	Aparelho geniturinário (N00 – N99)	2.555
Grupo XV - XVI	Gravidez, parto e puerpério (O00 – O99) (P00-P99)	1.736
Grupo XVII - XVIII	Sintomas, sinais anormais de exames (Q00-Q99) (R00-R99)	1.014
Grupo XIX	Lesões, envenenamento e causas externas (S00 – T98)	5.767
Grupo XX	Causas externas/morbidade e mortalidade (V01 – Y98)	79
Grupo XXI	Fatores que influenciam estado de saúde (Z00 – Z99)	3.818
Grupo XXII	Códigos para propósitos especiais (U04 – U99)	0
Total de dias de afastamento		89.263

Fonte: Elaborado por Dias, A. (2021), a partir de dados fornecido pela PROGEP-DIAS/UFMS (2020).

Se os dados forem organizados para destacar a maior e a menor incidência dos motivos que levam ao afastamento neste período de 2005 a 2019, o gráfico fica da seguinte maneira:

Gráfico 5: Motivos de afastamento em ordem decrescente, relativos ao catálogo de doenças-CID 10



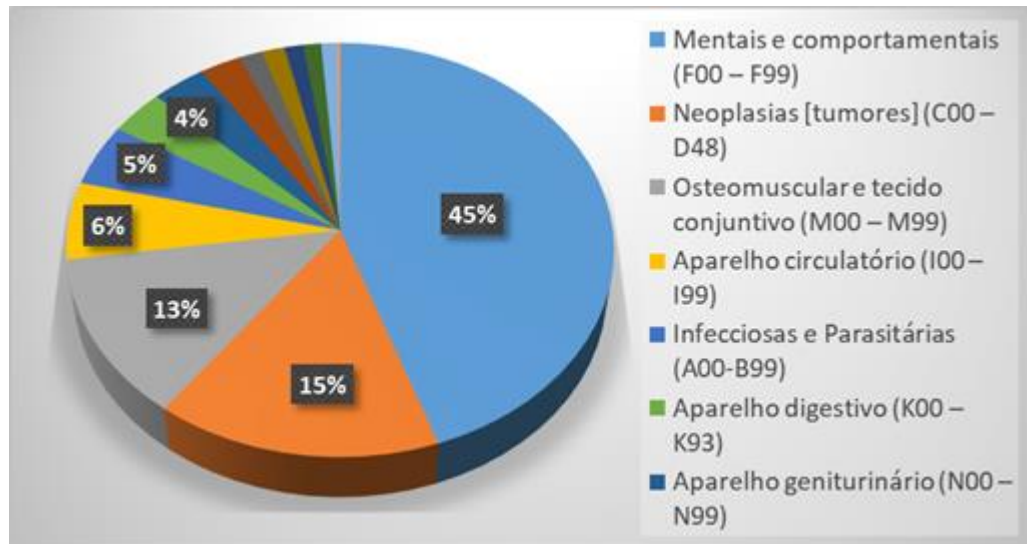
Linha no gráfico	Tipo de doença por CID
1	Mentais comportamentais (F00-F99)
2	Neoplasias (tumores) (C00 -D48)
3	Osteomuscular e tecido conjuntivo (M00 - M99)
4	Lesões, envenenamento e causas externas (50...)
5	CID não identificado
6	Aparelho circulatório (I00 - I99)
7	Fatores que influenciam o estado de saúde (Z00...)
8	Infeciosas e parasitárias (A00-B99)
9	Aparelho digestivo (K00 - K93)
10	Aparelho genitourinário (N00 - N99)
11	Olho e anexos (H00 - H59)
	Gravidez, parto e puerpério (O00 - O99)
	Aparelho respiratório (J00 - J99)
	Sistema nervoso (G00 - G99)
	Sintomas, sinais anormais de exames (R00 - R99)
	Pele e tecido subcutâneo (L00 - L99)
	Sangue e órgão imunitários (D50 - D89)
	Endócrinas, nutricionais e metabólicas (E00...)
	Ouvido e apófise mastóide (H60 - H95)
	Causas externas/morbidade e mortalidade (V0...)

Fonte: adaptação do gráfico elaborado por Dias,A. (2021) a partir de dados fornecido pela PROGEP-DIAS/UFMS (2020).

O gráfico acima demonstra o quanto é expressivo o volume de dias de afastamento em referência às doenças mentais e comportamentais, nos atestados e licenças dos professores no

período de 2005 a 2019. O gráfico abaixo traz os mesmos dados agora em termos percentuais e denota mais claramente esta relação entre patologias e número de dias em afastamento.

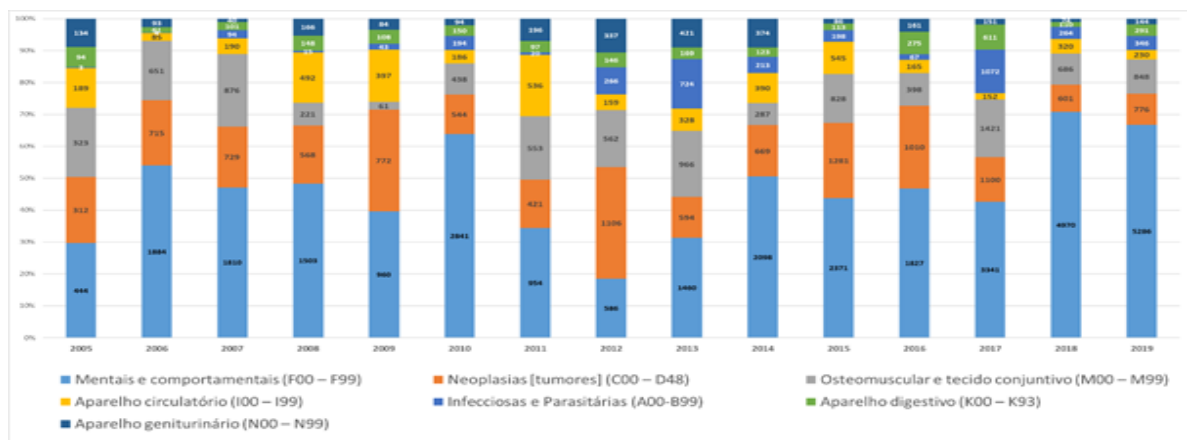
Gráfico 6: Percentual relativo dos motivos de afastamento dos docentes



Fonte: Elaborado por Dias, A. (2021) a partir de dados fornecido pela PROGEP-DIAS/UFMS (2020).

É revelador que o maior volume de dias em afastamento ocorra em razão de doenças mentais e comportamentais. Pois elas estão geralmente associadas a fatores de estresse, insatisfação e perda de sentido no trabalho, conforme aponta a literatura apresentada na parte inicial desta dissertação. Comparando ano a ano, no período de 2005 a 2019, as informações disponíveis geraram o gráfico abaixo.

Gráfico 7: Distribuição dos CID 10 – 2005 a 2019



Fonte: elaborado por Dias, A. (2021) a partir de dados da PROGEP-DIAS/UFMS e Relatórios de Gestão - UFMS (2020).

As doenças mentais e comportamentais estão significativamente presentes ao longo dos anos, mas é nos anos de 2018 e 2019, que elas aparecem como responsáveis por mais dias de afastamentos que outras doenças. O quadro abaixo deixa mais explícito o número atestados e licenças, bem como o número de dias em que os professores estiveram afastados, referente a homens e mulheres, ano a ano no período de 2005 a 2019.

Quadro 10: Quadro de afastamentos CID 10/F – Transtornos Mentais e Comportamentais

UFMS	HOMENS		MULHERES		
Ano	AFAST	DIAS	AFAST	DIAS	Total
2005	14	368	4	76	444
2006	19	918	31	966	1.884
2007	17	774	24	1.036	1.810
2008	20	846	13	657	1.503
2009	21	690	14	270	960
2010	33	1.236	35	1.605	2.841
2011	14	371	19	583	954
2012	12	476	7	110	586
2013	17	630	23	830	1.460
2014	25	991	21	1.107	2.098
2015	22	1.061	30	1.310	2.371
2016	18	729	27	1.098	1.827
2017	23	1.069	62	2.272	3.341
2018	35	1.796	72	3.174	4.970
2019	43	1.890	90	3.396	5.286
Totais	333	13.845	472	18.490	32.335

Fonte: Elaborado por Alcione Ribeiro Dias a partir de dados fornecido pela PROGEP-DIAS/UFMS (2020).

3.2.1.1.1 Discussão

Os dados apresentados pelo gráfico 2 revelam um aumento no número de afastamentos nos anos de 2017 a 2019. Pode ser feita a discussão sobre as razões para esse aumento tão expressivo. Um aspecto inicial a ser notado é que o aumento no número de afastamentos se mantém como tendência constante em todo o período. Esse aumento se torna mais expressivo nos anos de 2017 a 2019. O que parece estabelecer uma relação com os acontecimentos históricos de mudanças no governo federal como a troca de presidentes brasileiros, e redirecionamento de prioridades, com uma política de cunho neoliberal, mais agressiva.

Nota-se que os afastamentos apontados no gráfico 3 e no quadro 8, se dão em maior número para as mulheres do que para os homens. O que mercê uma investigação mais detalhada dos motivos para tal e apontam a necessidade de cuidados específicos para este grupo.

Ao observar o quadro n. 10, pode-se afirmar que os afastamentos e licenças de professores universitários, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, nos anos de 2005 a 2019, tem ocorrido com forte prevalência das doenças mentais e comportamentais ao longo de todo o período, mas de modo acentuado, nos anos de 2018 e 2019. Esta realidade, manifesta pelos dados obtidos, pode ser compreendida pelo referencial teórico apresentado nesta dissertação.

Segundo Antunes (2002), A crise de 1929, o pós-guerra de 1945 e o surgimento do chamado “bloco socialista”, constituído pela União soviética e o Leste Europeu, fizeram surgir no ocidente o chamado estado de bem-estar social: o “welfare state”. Uma forma de organização política e econômica onde o governo é responsável por garantir saúde, educação, renda e seguridade social para a população. Estas ideias estão presentes na constituição federal de 1988, quando no título VII, art. 196, dispõe como dever do estado, garantir a seguridade social. Que abrange a saúde, previdência e a assistência social. Com o fim do bloco socialista, que pressionava os países ocidentais pelo dito perigo do socialismo, ano a ano se vê diminuir os direitos e conquistas dos trabalhadores.

Mézáros é citado por Antunes (2002), ao afirmar que a partir dos anos de 1970 se vivencia uma nova crise estrutural do capital, a qual afetou o conjunto das economias capitalistas. O que resultou em um processo de reestruturação do capital com fortes implicações para o mundo do trabalho.

No Brasil, a abertura da economia brasileira ao neoliberalismo, iniciada nos anos de 1990, implementou várias medidas de precarização e intensificação do trabalho. Adotou-se no Brasil a ideia da necessidade de uma Reforma do Estado. O que significava:

...a pretexto da crise estrutural da economia capitalista, as principais diretrizes dos organismos internacionais recomendavam, insistentemente, que a Reforma do Estado fosse orientada para atender o mercado, o que exigiria o abandono de instrumentos de controle político e a restrição na alocação de recursos públicos, principalmente na esfacelada e deficiente área social (JUNIOR, 2014 p. 49).

A partir do ano de 2016 e em especial nos anos de 2018 e 2019, essas medidas se tornam mais agressivas, com corte de verbas, congelamento de salários e a depreciação da imagem do

professor e do serviço público. Essas mudanças historicamente produzidas, afetam o mundo do trabalho e repercutem na saúde e adoecimento dos professores.

O fato de serem as doenças mentais e comportamentais as responsáveis pelo maior número de dias de afastamento dos professores, pode ser explicado em razão das relações de trabalho exigirem cada vez mais, demandas que estão divergentes dos sentidos e significados que os professores têm em relação a sua atividade (CODO E MENEZES, 2006; LEONTIEV, 1981; ZEIGARNIK, 1979). O sofrimento psíquico prolongado, gera os afastamentos, como forma de preservação da própria saúde (FACCI; URT et al, 2017).

Mas, o fato de serem as doenças mentais e comportamentais as mais prevalentes e não outras, também se dá devido ao modo de produção capitalista, que acentua as individualidades. Neste sentido, o Dr. Marco Aurélio da Ros²³, em entrevista no programa conexão saúde²⁴, afirmou: “O neoliberalismo trata de fazer com que as pessoas se sintam incapazes, que elas não se juntem. Você repare o que aconteceu com os sindicatos nestes últimos vinte anos. Praticamente se apagaram”. Em outro momento, afirma:

Eu me formei em medicina em 1975, a mais de 37 anos... eu fazia levantamentos na universidade, dos atendimentos que a gente fazia, quais eram a doenças mais frequentes e quais eram as menos frequentes... em 37 anos teve mudanças enormes, mas enormes. Nós vivíamos num tempo de ditadura militar... o povo começa a se organizar, na tentativa de tentar acabar com a ditadura... Existia muita esperança. Acho que isso é uma questão muito importante. Depois, terminamos com a ditadura militar, entramos por vários governos que conduziram o Brasil para o mercado internacional, para a coisa da globalização e do neoliberalismo. Em função do neoliberalismo, se individualizaram as pessoas, não existe mais solidariedade, não existe mais tentativa de ser grupo, de pensar no futuro. E isso determina um monte de doenças. Nas doenças emocionais, é fantástico isso. Nós tínhamos uma doença emocional muito recorrente na década de 1950 a 1970, que era as crises conversivas. E hoje, meus alunos não conhecem uma crise conversiva. E falo de depressão. Depressão era o trigésimo sétimo diagnóstico, hoje em dia é o terceiro. A crise conversiva não está entre os cinquenta mais frequentes. Então, o que aconteceu? para a crise conversiva se precisava da solidariedade das pessoas, para tu mexer com a crise conversiva. Com a depressão, você pode ser deprimido sozinho. Então, eu acho que a questão de ser individualizado, que o neoliberalismo nos colocou, traz um tipo de doença, traz um tipo de proposta, que leva a uma porção de doenças, que passa pela: hipertensão, que passa pela diabetes, que passa pelo infarto do miocárdio. Certamente nós temos hoje, mais longevidade. As pessoas vão ter que ter algumas doenças. Mas essas doenças, são decorrentes do jeito que se organiza essa sociedade (ROS, 2021 – Transcrito pelo pesquisador).

²³ Médico. Pós-doutor em Educação Médica na Università di Bologna. Professor do Programa de Mestrado em Saúde e Gestão do Trabalho da UNIVALI. É coordenador do Grupo de Pesquisa ARGOS - Saúde, educação e Sociedade, registrado no CNPq.

²⁴ Programa conexão saúde. Acessado dia 05 de Junho de 2021. Disponível em: [Conexão Saúde - Conceção Saúde/Doença \(1 de 3\) - YouTube](#)

Estas parecem ser explicações plausíveis, para justificar que entre os professores da UFMS, sejam as doenças mentais e comportamentais, as que apresentam maior quantidade de dias de afastamento. Significa dizer que as doenças são decorrentes do modo como a sociedade se organiza. No caso da sociedade capitalista, na qual se incentiva o individualismo, o sofrimento psíquico se faz mais presente, em razão das relações de trabalho cada vez mais alienantes, precarizadas, intensificadas e do individualismo cada vez mais exacerbado, mesmo no modo de adoecer.

Os dados apresentados sobre os atestados e licenças, se referem a todos os professores da UFMS, Campus de Campo Grande – MS. O que permite apresentar de forma institucional a presença da situação do adoecimento. A seguir, são apresentadas e discutidas as informações que se aproximam da realidade particular de alguns desses docentes, por meio de um formulário de questões.

3.2.1.2. Dos questionários via web

Dos 113 questionários enviados, 19 deles foram respondidos e compõe esta apresentação. Houve resposta dos cursos de Pedagogia, Psicologia, Filosofia, Jornalismo, licenciatura em Educação no Campo, Antropologia, História e um dos professores não mencionou o curso de licenciatura em questão. O ano de conclusão da graduação desses professores varia entre 1979 e 2005. A pós-graduação foi concluída entre os anos de 1981 e 2018.

Para preservar o caráter de anonimato dos professores que responderam ao questionário, algumas informações são omitidas. Também não serão analisadas todas as 32 questões propostas no formulário, procurando se deter naquelas mais relevantes para a presente dissertação. As respostas estão divididas em dois blocos. O primeiro é sobre o trabalho docente. O segundo, sobre o trabalho docente e a saúde.

No primeiro bloco, trabalho docente, uma das questões foi: Qual a função do professor para você? As respostas a esta questão revelaram que a maioria dos professores, ou seja, sete deles, afirmaram que a função do professor é ensinar ou difundir conhecimentos científicos. Outras respostas foram: desenvolver o aluno ou colaborar na formação pessoal dele, formar para a pesquisa, capacitar profissionais, contribuir para o aprendizado do aluno, criar pensamento crítico no aluno, servir à comunidade ou extensão.

A questão seguinte foi: Do seu ponto de vista, qual é a finalidade do seu trabalho como docente? Para esta pergunta as respostas foram: criar pensamento crítico no aluno, que apareceu em maior número, seis vezes. Outras respostas foram: Contribuir para a formação cultural, pessoal e acadêmica; formar ou capacitar profissionais; mediar, difundir conhecimentos científicos, ensinar; servir à comunidade ou extensão. Contribuir para o aprendizado do aluno; formar para a pesquisa.

Essas duas questões aparentemente similares, revelam a relação de sentido e significado da atividade principal de trabalho como professor universitário.

Em relação às atividades realizadas, os professores foram solicitados a elencar até três das que mais o agradam. Os questionários mostraram que as atividades que mais agradam ao professor são: ministrar aulas, realizar pesquisa e o convívio e diálogo com os alunos, o que apareceu vinte e quatro vezes nas respostas. Outras também mencionadas foram: acompanhar o desenvolvimento dos alunos; atividades de extensão; orientar e incentivar produção acadêmica. A autonomia, estudar e escrever. Preparar as aulas; aparecem de forma reduzida, uma única vez, participar de eventos e o trabalho administrativo. Estes dados revelam a congruência entre sentido e significado do trabalho do professor na medida em que denotam a satisfação com a realização destes aspectos do trabalho próprios da atividade docente.

Em relação às atividades que desagradam, as respostas ao questionário apontaram na sua maioria para o excesso de burocracia, reuniões e atividades administrativas, mencionadas vinte vezes. Outras respostas foram: indisciplina ou indiferença discente; o convívio com os colegas de trabalho; sobrecarga de atividades; ineficácia do sistema interno de informações; corrigir trabalhos, avaliações, dissertações e teses; ambiente escolarizado ou infantilizado na sala de aula; cotidiano da sala de aula (fazer chamadas, aplicar provas, dar aulas expositivas); se submeter a um sistema de controle da universidade.

Em relação às condições de trabalho que mais desagradam aos professores, foram apontadas as seguintes: a precariedade e falta de materiais e infraestrutura, teve o maior número de respostas, mencionadas dezesseis vezes. Outras questões mencionadas foram: Relações no ambiente de trabalho; competição entre os pares; excesso de jornada de trabalho, sobrecarga de trabalho; excesso de burocracia; decisões administrativas unilaterais; evasão discente; excesso de alunos por turma; falta de reuniões entre os docentes; falta de suporte técnico ou administrativo; o horário de trabalho; poucos docentes especializados por curso; o salário e o transporte para o local de trabalho.

No bloco de questões sobre trabalho docente e saúde. Se destacam as questões que explicitam os problemas de saúde dos professores e a que eles atribuem as causas desse

adoecimento. Neste bloco os professores também falam sobre como realizam o enfrentamento do adoecimento, ao que se procura dar maior evidência.

Em relação aos problemas de saúde, os questionários apontaram que dez dos professores possuem algum problema de saúde e nove deles, não. Dos que mencionam problemas de saúde cinco responderam que isso não possui relação direta com a atividade profissional e cinco deles responderam o contrário.

Em relação às possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor universitário, as respostas ao questionário apontaram: Melhor salário; diminuir a burocracia; diminuir a carga de trabalho do professor; Tais elementos são elencados e mais bem explicitados no quadro abaixo:

Quadro 11: Formas de enfrentamento ao adoecimento

RESPOSTA	QUANTIDADE
Melhor salário	02
Diminuir a burocracia	01
Diminuir carga de trabalho do professor	01
Maior valorização dos professores pelas autoridades políticas	02
Relações interpessoais saudáveis	01
Diálogo a respeito do adoecimento pelos gestores	02
Diminuir a pressão em torno da produção científica	01
Investimento básico em infraestrutura	01
Maior apoio de funcionários técnicos-administrativos	01
Melhorar a infraestrutura	01
Não há medidas específicas, mas em ações estruturais que ultrapassam os muros da universidade	01
Ouvir o professor sobre suas certezas e incertezas	01
Não responderam	01

Fonte: Adaptação do quadro organizado por Facci, M. (2021).

Estes dados serão mais bem considerados na discussão a seguir.

3.2.1.2.1 Discussão

O questionário via web faz uma aproximação à realidade dos professores universitários dos cursos de ciências humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Assim é possível perceber que os professores em questão, na sua maioria, conseguem manter uma relação de sentido e significado com as atividades que realizam. O que possibilita uma identificação com o trabalho e a satisfação no trabalho, quando se trata daquelas ações próprias da atividade do professor.

A insatisfação aparece quando as ações são dirigidas a atividades burocráticas ou administrativas; com relação a precariedade e a falta de infraestrutura para a execução do trabalho. Uma aparente contradição já mencionada nos estudos de Rebolo (2012), por exemplo.

Ao se referirem às possibilidades de enfrentamento ao adoecimento, os professores apontam uma série de ações específicas, tais como melhor salário ou diminuição da carga horária de trabalho do professor, como também apontam a necessidade de ações estruturais que ultrapassam os muros da universidade.

As possibilidades de enfrentamento ao adoecimento, apontadas no quadro 11, são formas não medicamentosas de promover a saúde e o bem-estar dos professores. Podem se tornar ações efetivas capazes de reduzir o número de afastamento dos professores em razão dos problemas de saúde.

Ao considerar as respostas obtidas por meio dos questionários via web, se percebe que elas revelam que os professores, na sua maioria, não solicitaram afastamento nos últimos 12 meses. O que possibilitou, dentro desse público, selecionar os colaboradores para as entrevistas individuais, já que este era um dos critérios para tal.

Embora a maioria dos professores não tenham solicitado atestado por motivo de saúde/doença, pouco mais da metade dos docentes, relataram situações de adoecimento. Dos 19 professores, nove não relataram presença de doenças e dois, afirmaram ter solicitado afastamento em decorrência de problemas de saúde. Assim se distingue três grupos de professores: os que não apresentam adoecimento e não solicitaram afastamento; os que apresentam adoecimento e não pediram afastamento e os que apresentam adoecimento e solicitaram afastamento, que no caso foram dois professores. Para as entrevistas, foram selecionados os professores que declararam o não adoecimento e que, portanto, não solicitaram atestado nos últimos 12 meses anteriores às respostas do questionário via web. É delas que se trata o tópico a seguir.

3.2.1.3 Das entrevistas

As questões de aprofundamento sobre o enfrentamento ao adoecimento foram realizadas durante as entrevistas. As entrevistas²⁵ foram realizadas seguindo um roteiro previamente estabelecido, com características semiestruturadas. O objetivo foi coletar os dados dos sujeitos

²⁵ A transcrição das entrevistas são disponibilizadas como apêndice nesta dissertação. Se pretende aprofundar o estudo das entrevistas aqui mencionadas a partir de artigos em publicações futuras.

a respeito das possibilidades de enfrentamento ao adoecimento docente universitário. As entrevistas foram realizadas a distância via aplicativo Google Meet.

Na data e hora agendada previamente com cada sujeito, foi realizada a entrevista. Meia hora antes foi enviado no e-mail e watts app do entrevistado um link de acesso ao “google meet”. O entrevistador realizou a chamada de vídeo a partir do próprio domicílio. Os entrevistados também se encontravam na própria residência. O que explica porque na entrevista número 10 tenha havido uma rápida interferência de um dos filhos mais novos da pessoa entrevistada. Em três das entrevistas realizadas, houve problemas técnicos, como a oscilação da conexão de internet. O que foi rapidamente solucionado e não comprometeu o diálogo. As entrevistas foram gravadas e transcritas. No momento das transcrições algumas palavras estavam inaudíveis ou incompreensíveis, mas não comprometeram a compreensão do conteúdo da fala.

Foram realizadas 10 entrevistas que transcritas constituem o material que é objeto desta análise e discussão. Há uma diferença em relação ao estudo de Dias, A. R. (2021), que fez uso de 9 destas entrevistas. A diferença se deve ao fato de que uma das pessoas entrevistadas, respondeu ao questionário via web após a fase de coleta. Este estudo optou por incluí-la, na fase das entrevistas individuais, por entender que ela atende aos critérios adotados. Dessa forma foi possível totalizar as 10 entrevistas pensadas inicialmente. Para preservar o anonimato dos entrevistados, os professores são identificados por nomes de pássaros. Essa forma de identificação dos entrevistados faz alusão às belezas naturais do estado de Mato Grosso do Sul e a uma das pessoas entrevistadas, que aponta a observação de aves silvestres como uma das atividades que ajudam a diminuir o estresse e a prevenir o adoecimento. Segue abaixo um quadro que explicita informações sobre a data, horário e local das entrevistas.

Quadro 12: Data, duração e local das entrevistas

ENTREVISTADO	Data	Início h:m	Términ h:m	Duração	Local
Bem te vi	05/08/2020	08:30	09:19	55min e 05s	Domicílio
Sabiá	05/08/2020	10:02	10:52	50min e 04s	Domicílio
Aracuaã	06/08/2020	08:32	09:15	30min e 13s	Domicílio
Canário	07/08/2020	14:19	14:48	29min e 24s	Domicílio
Coruja	11/08/2020	11:27	12:31	1h e 23 min e 52s	Domicílio
Tucano	06/10/2020	20:26	21:16	50min e 34s	Domicílio
Arara Azul	10/10/2020	11:12	11:56	43min e 54s	Domicílio
Garça Branca	17/12/2020	13:59	14:48	49minutos	Domicílio
Andorinha	15/01/2021	09:16	10:23	1h e 07 min	Domicílio

Arara Vermelha	28/01/2021	14:07	14:54	46min e 51s	Domicílio
----------------	------------	-------	-------	-------------	-----------

Fonte: Entrevistas realizadas pelo autor.

Durante cada uma das entrevistas o termo de consentimento livre e esclarecido foi apresentado, mesmo com o consentimento prévio já obtido, devido ao envio do formulário de pesquisa via web. O TCLE foi lido e respondido durante a gravação da entrevista.

Os tópicos que serviram de “moti” para as entrevistas foram os seguintes:

- *Enfrentamento pessoal ao adoecimento (estratégias individuais e coletivas)* - Temos percebido as relações de trabalho cada vez mais intensificadas e precarizadas. Inclusive no ambiente educacional de nível superior. Diante dessa realidade, talvez pudéssemos conversar sobre como ela é percebida e o que é necessário fazer para não adoecer. Como lidar com estas questões e pessoalmente o que te faz manter a saúde ou não agravar adoecimentos. Exemplifique.
- *Programas e projeto da instituição* - poderíamos falar também se há alguma atividade ou programa desenvolvido no seu ambiente de trabalho, na universidade, que objetive promover a saúde ou evitar o adoecimento. Se você percebe alguma preocupação ou cuidados com o bem-estar docente. Se você participa de algum deles ou tem alguma sugestão sobre algo que possa ser desenvolvido a respeito.

A fala completa dos entrevistados, consta como anexo no final deste trabalho. Com o objetivo de manter o sigilo sobre a identidade dos entrevistados, foi realizada a edição das entrevistas, mas preservado o conteúdo original das falas. Cada entrevista durou em média 40 minutos e foram posteriormente transcritas.

A seguir, são apresentados alguns dados obtidos a partir das entrevistas. Estes dados serão analisados e discutidos neste capítulo.

3.2.1.3.1 Caracterização dos sujeitos entrevistados

Tabela 1: Caracterização dos sujeitos das entrevistas

Quantidade de sujeitos entrevistados		10
Quantidade de sujeitos que responderam ao questionário via web		9
Quantidade de sujeitos que não responderam ao questionário via web em tempo (busca ativa)		1
Formação básica dos sujeitos entrevistados	Psicologia	4
	Pedagogia	4
	Licenciatura em Ciências da Educação	1

	História	1
Última Pós-graduação	Doutorado em Psicologia	1
	Doutorado em Psicologia Clínica	1
	Doutorado em Psicologia Social	1
	Doutorado em Educação	5
	Doutorado em História Social	1
Tempo de docência universitária	4-9 anos	2
	10 -19 anos	5
	20 – 29 anos	1
	30 anos ou mais	2
Tempo de trabalho docente na UFMS	Não Informado	2
	0-3 anos	3
	4-9 anos	0
	10 -19 anos	2
	20 – 29 anos	2
	30 anos ou mais	1
Sexo	Masc.	1
	Fem.	9
Idade	30 a 49 anos	3
	50 a 59 anos	4
	60 a 69 anos	3
Tipo de vínculo	Dedicação Exclusiva Aposentado	1
	Concursado Dedicação exclusiva	7
	Visitante temporário Dedicação Exclusiva	1
	Provisório dedicação Exclusiva	1

Fonte: Entrevistas realizadas com professores de Ciências Humanas da UFMS

Quadro 13: Atuação na graduação e Pós-graduação.

ENTREVISTADO	Atua na graduação?	Atua em Programas de Pós-graduação?
Bem te vi	Sim	Não
Sabiá	Sim	Não
Aracuã	Sim	Não
Canário	Sim	Não
Tucano	sim	Sim
Arara Azul	Sim (até 2019)	Não
Garça Branca	Sim	Sim
Andorinha	Sim	Sim
Arara Vermelha	Sim	Não
Coruja	Sim	Sim
TOTAL	6	4

Fonte: Organizado pelo autor a partir das entrevistas realizadas

A tabela 1 e o quadro 13 denotam algumas características do perfil dos entrevistados. São professores dos cursos de Ciência Humanas da UFMS, na sua maioria mulheres com idade

de 50 a 59 anos, concursadas com dedicação exclusiva. Todos os professores possuem o curso de doutorado, na maioria em Educação.

Foi realizada a leitura de cada entrevista com o objetivo de identificar as subcategorias, categorias e eixos, para então proceder a análise. Durante a leitura, cada subcategoria foi identificada e enumerada. Foram encontradas 37 subcategorias. O que possibilitou gerar a tabela abaixo.

Quadro 14: Leitura das entrevistas e subcategorias identificadas

CÓDIGOS (usado para marcar o texto)	Assuntos ou temas para possível categoria
1	Assume atividades na linha de frente
2	Atestados e licenças
3	Prazer no trabalho
4	Sobre programas e projetos institucionais voltados à saúde do professor
5	Falta de acesso aos dados
6	Receio de se manifestar
7	Doenças anteriores ao período de um ano
8	Estratégia pessoal de enfrentamento ou resistência
9	Relações de poder desequilibradas
10	Universidade usa estratégias de individualização dos trabalhos
11	Burocracia
12	O Sindicato
13	Pressão sobre os professores
14	Carga de trabalho
15	Invasão do trabalho na vida pessoal
16	Precarização
17	Cargos administrativos
18	Doenças
19	Adaptações
20	Motivos do adoecimento
21	Pandemia
22	Intensificação do trabalho
23	Causas do adoecimento
24	Crise - relação professor - instituição
25	Relações interpessoais
26	Sugestões
27	Ideia de empreendedorismo
28	Tecnologia
29	Vulgarização da atividade psíquica
30	Ideia de coletivo
31	Disputa acadêmica/produtivismo
32	Aposentada

33	Experiência em outros espaços de ensino
34	Desvalorização do professor
35	Não atinge só o professor
36	Empreendedorismo
37	Professor novo

Fonte: Organizado pelo autor a partir das entrevistas realizadas

As categorias foram organizadas a partir das subcategorias que no quadro acima estão aproximadas por cores. Estas subcategorias estão associadas a um número, que é a forma como foram assinalados os trechos das entrevistas transcritas. Dadas as aproximações, foram formadas 10 categorias, inseridas em dois grandes eixos. São os eixos 1, “adoecimento”; e o eixo 2, “enfrentamento”. Estes dois eixos contêm suas respectivas categorias e as subcategorias são identificadas numericamente. Que pelo fato de serem 37, foram agrupadas por cores e podem ser consultadas acima, no quadro n.14. Estes dados estão mais bem esclarecidos abaixo no quadro 15.

Quadro 15: Organização das subcategorias

EIXO-1	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
ADOECIMENTO	DIFICULDADE DE SE POSICIONAR	6, 9
	DOENÇAS, ATESTADOS E LICENÇAS	2, 7, 18
	INTENSIFICAÇÃO E PRECARIZAÇÃO	11, 14, 15, 16, 17, 35, 37
	INDIVIDUALIZAÇÃO	10, 27, 36
	EXPERIÊNCIAS	32, 33, 36
	PANDEMIA	21, 28
CAUSAS DO ADOECIMENTO	13, 23, 24, 25, 31	
EIXO - 2	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
ENFRENTAMENTO	ENFRENTAMENTO	1, 5 8, 19, 30
	PROGRAMAS E PROJETOS	4, 29
	PRAZER NO TRABALHO	3

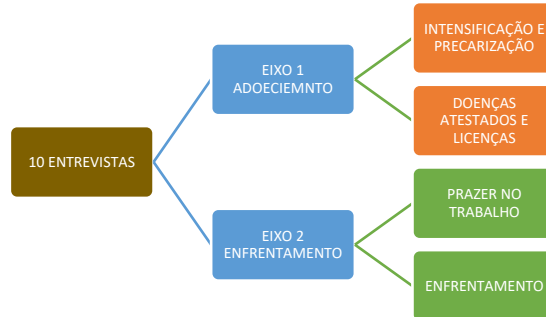
Fonte: Organizado pelo autor a partir das entrevistas realizadas

Organizadas as subcategorias, por aproximação, elas foram agrupadas em categorias e por fim, em eixos. A cor azul no quadro acima se refere à categoria adoecimento, a cor verde se refere à categoria enfrentamento. Como ainda são numerosas as categorias do eixo 1, foi possível alterá-las para que se tornassem mais abrangentes. Assim, no eixo 1, adoecimento, contém: Intensificação e precarização (onde se incluiu a individualização, experiências; causas do adoecimento e Pandemia); e, Doenças, atestados e licenças (onde se incluiu a dificuldade de se posicionar);

No eixo 2, enfrentamento, estão presentes as categorias: enfrentamento (onde se inclui programas e projetos) e prazer no trabalho.

Uma figura mais clara para representar os eixos e categorias é a seguinte.

Figura 6: Entrevistas, eixos e categorias.



Fonte: **Fonte:** Organizado pelo autor a partir das entrevistas realizadas

As 37 subcategorias identificadas nas entrevistas, formaram 4 categorias. Estas foram concentradas em 2 eixos principais: Adoecimento; e, enfrentamento. Ao ler os “códigos” no quadro 15, se identifica quais são as subcategorias no referido eixo temático. Já no quadro abaixo é possível perceber quem as menciona. Por exemplo, Bem te vi, o entrevistado 1, falou sobre assumir atividades na linha de frente, atestados e licenças, programas e projetos institucionais voltados à saúde do professor. Dessa maneira segue falando de outros assuntos, conforme consta nas tabelas utilizadas²⁶.

Quadro 16: Entrevistado e assunto identificado

	Bem te vi (1)	Canário (2)	Sabiá (3)	Aracuã (4)	Coruja (5)	Arara Azul (6)	Tucano (7)	Garça Branca (8)	Andorinha (9)	Arara Vermelha (10)
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										
12										
13										
14										

²⁶ As tabelas podem oferecer alguma complicação inicial, mas permitem ter uma visão do todo das entrevistas.

15										
16										
17										
18										
19										
20										
21										
22										
23										
24										
25										
26										
27										
28										
29										
30										
31										
32										
33										
34										
35										
36										
37										

Fonte: Organizado pelo autor a partir das entrevistas realizadas

Realizados esses procedimentos, segue a análise e discussão das categorias mencionadas.

Neste momento é importante considerar que o objetivo deste estudo é investigar as possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor universitário. O que será feito estabelecendo as relações entre os dados obtidos, a fundamentação teórica e as reflexões do autor.

3.2.1.3.1 Eixo –1. Adoecimento

O eixo adoecimento, conforme demonstrado, comporta duas categorias, quais sejam: Intensificação e precarização; Doenças, atestados e licenças. Elas serão apresentadas e quando oportuno, conterão trechos da fala dos entrevistados.

3.2.1.3.1.1 Categoria: Intensificação e precarização.

Os professores entrevistados fazem notar a intensificação e a precarização do trabalho na sua atividade docente ao relatarem as situações de estresse negativo que se persistentes, geram o adoecimento.

Os entrevistados se referem às determinações do adoecimento docente, quando relatam diversas situações, como as dificuldades nas relações com a instituição, com os colegas professores ou com os alunos. Uma delas ocorre já quando o professor passa pela banca de exame, para ingresso como docente na universidade. A entrevistada Bem te vi, afirma: “Quando nós vamos para uma banca de concurso... o nível de pressão naquelas bancas... tem umas pessoas extremamente competentes no trabalho, que tem publicação, tem conhecimento, mas chega numa banca a pessoa não consegue desenvolver aquele tema”. Essa situação de pressão e exigências, persiste mesmo depois da posse no concurso.

Os entrevistados relatam sobre as questões burocráticas. Para Sabiá após o ingresso como professor na universidade pública, o sujeito está destinado não só a ministrar aulas, ele também executa trabalhos burocráticos para os quais geralmente não foi preparado. Um erro, um descuido, coloca o professor em situação de ser severamente punido, inclusive por meio de processos admirativos. Os professores entrevistados afirmam que a relação com os alunos, atualmente estão bastante judicializadas. Há o risco do professor ser processado por um erro cometido por falta de orientação a respeito de procedimentos administrativos.

Mediante o relato dos professores, se nota que existe um excesso de trabalhos burocráticos. Eles afirmam que isso diminui a potência do docente, quanto ao ensino e a pesquisa. Ou seja, o tempo que o professor investe nas atividades burocráticas, que poderia ser realizado por um técnico mais bem preparado para esta função, seria mais bem empregado nas atividades de ensino e pesquisa, que é a especialidade do professor. Essa atividade burocrática inclui, alimentar diversas plataformas de informações. Por exemplo, o SEI - Sistema Eletrônico de Informação, que é utilizado para uma série de procedimentos, como requerimentos ou publicação de editais.

A entrevistada Canário, relata que neste período de pandemia, muita coisa é realizada pelo SEI. Trata-se de uma plataforma que se propõe a ajudar o professor, mas que segundo os entrevistados acaba complicando. Seja pela dificuldade de manusear o sistema, por falta de conhecimento do usuário, seja pelo fato de exigir um trâmite para o qual é necessária a atenção do professor, já com acúmulo de atividades a serem desenvolvidas.

A entrevistada Sabiá, chega a se perguntar: “Qual é o lugar do professor? Qual é o lugar da instituição? Isso está completamente decomposto, está tudo misturado. Há uma “terceirização” que não está lá naqueles serviços terceirizados. Na verdade, é uma ideia, uma

política, uma perspectiva”. Aqui a terceirização significa a sobrecarga de trabalho do professor, que além das suas atividades rotineiras, tem que se debruçar sobre outras, por exemplo a de buscar uma sala de aula quando a que foi reservada se encontra interditada.

No caso do professor universitário que assume um cargo de coordenação, se relata o estresse justamente em função da sobrecarga de trabalho. Sabiá afirma que quando entrou para assumir a coordenação do curso, não tinha secretária e acumulava funções. Ela tinha que redigir as atas, encaminhar aos professores e ainda cumprir 14 horas de aulas semanais. Os entrevistados manifestam a consciência de que o trabalho exercido dessa maneira, gera desgaste físico e mental, é estressante e quando persistente, gera o adoecimento.

Quando o professor adocece, o clima de pressão e exigência persiste. Para Arara Azul, o fato de ter ficado doente, a fez se sentir cobrada, “...as perícias eram muito desconfortáveis, ...me senti cobrada por eu estar doente, por eu não voltar ao trabalho”.

Os professores relatam nas entrevistas a dificuldade de delimitar o tempo de trabalho, seja pelo excesso de atividades, seja pelas demandas via aplicativos sociais nos telefones celulares, que não respeitam o espaço temporal do trabalho docente. A este respeito afirma Tucano: “A tecnologia aproxima de tal maneira da vida privada, que você já não separa o público do privado... eu pessoalmente me sinto angustiada com essa situação”.

A individualização é outro aspecto notado pelos entrevistados. Ela é compreendida pelos professores como um reflexo do modo de produção capitalista, que incentiva a competitividade. Os professores relatam que já não se encontram com tanta frequência e tem dificuldade de estabelecer vínculos de amizade entre eles. Os professores mais antigos relatam as diferenças do antes e o agora. De quando no passado havia mais espaços de encontros e discussões e ao final das reuniões, permanecia o respeito e o canal aberto ao diálogo. Sabiá por exemplo, relata que cada vez menos encontra espaços para os professores se reunirem.

Assim, individualizados, os professores não dão voz às suas demandas, às suas necessidades. Perdem inclusive, a possibilidade de colaborarem no desenvolvimento de projetos científicos comuns, pois nem sempre conhecem o que o colega está produzindo em determinado campo do conhecimento, as vezes com os mesmos interesses e muitas possibilidades de trocas.

Ao discorrer sobre a individualização, os professores entrevistados, destacam uma outra dimensão, a do empreendedorismo. Essa ideia tem penetrado na universidade e segundo Andorinha, é um tema transversal e presente na pós-graduação. Está é também uma forma de individualização, na medida em que retira o dever do estado de promover o emprego e a renda dos seus cidadãos e a desloca para o indivíduo.

Andorinha, relata que não é contra o empreendedorismo, mas que no Brasil existe um “empreendedorismo de falta”. O cidadão que não encontra o emprego, com salário e direitos, é obrigado a trabalhar por conta para sobreviver. Também aqui, a entrevistada desvela essa mazela e faz pensar naquela, relatada anteriormente, que falava sobre a terceirização. O que ocorre, na verdade, é a terceirização das responsabilidades do estado para os indivíduos. Dessa forma, se coloca o indivíduo como culpado pelo seu fracasso e se esconde a complexa teia de relações políticas e econômicas, que produzem o desemprego e as desigualdades sociais. Em relação ao professor universitário, a individualização desfavorece a organização coletiva para a superação de suas dificuldades nas relações de trabalho.

Quando os professores falam a respeito de suas experiências de trabalho anteriores à universidade pública, relatam que no passado ou em outras instituições, sejam públicas ou privadas, de nível básico ou superior, o trabalho não era tão intenso ou precarizado.

Tucano por exemplo, relata que já trabalhou com séries iniciais em que a carga de trabalho e o nível de estresse era bem diferente do que vivencia atualmente. Nas séries iniciais sua atividade de trabalho era direcionada à relação professor e aluno, com algumas reuniões de formação pedagógica e conselho escolar com a presença de pais. Atualmente, são muitas as funções e atividades a serem desenvolvidas.

Outra experiência que se nota nos relatos, é a dos professores que se aposentaram, seja em função das mudanças no direito previdenciário, seja por questões de saúde ou o cansaço. Arara Azul, por exemplo, afirma: “Decorrente do adoecimento, minha capacidade de trabalho não era boa. Por isso me aposentei. Me aposentei, mesmo podendo contribuir ainda... aposentei, mesmo perdendo um bom salário”.

Em relação a intensificação e precarização do trabalho, os entrevistados destacam o impacto da pandemia de covid-19 nas atividades por eles desenvolvidas. A pandemia é um evento mundial, com significativo impacto sanitário, econômico, social e no trabalho. O que afetou notadamente os professores universitários.

Nas entrevistas realizadas, os professores da UFMS, afirmam que inicialmente pensavam que a pandemia fosse um evento de passagem rápida. Enfim, se percebeu que se trata de um evento complexo e duradouro. No Brasil, as primeiras infecções por covid-19 ocorreram em março de 2020, o contágio e as mortes, perduram até o momento, junho de 2021, quando se percebe, apesar da vacinação, o colapso do sistema de saúde na maioria das cidades.

A pandemia, na percepção de Sabiá, evidenciou a fragilidade das relações democráticas na UFMS, pois apesar do posicionamento dos professores e do sindicato, a referida

universidade foi uma das poucas no país, que continuou suas atividades de maneira remota, quando outras as interromperam, para melhor avaliar a situação. O impacto dessa decisão reverberou nos professores e estudantes, pois revelou diversas facetas de uma realidade até então encoberta, ou pelo menos, não tão evidente na percepção dos docentes entrevistados.

Em função da pandemia os professores foram obrigados a se reinventarem, como afirma Garça Branca. Tiveram que aprender a lidar com a tecnologia, para a realização das aulas a distância. Sem muito preparo ou planejamento, que possibilitasse contornar as dificuldades que se apresentavam.

Os entrevistados fazem notar que os estudantes também foram penalizados, pois muitos não tinham os aparelhos tecnológicos ou acesso à internet de qualidade para suportar as aulas remotas. Os professores relatam nas entrevistas, a dificuldade de planejar, mas também a dificuldade de manterem seus alunos participando das aulas ministradas, devido a oscilação do sinal ou a impossibilidade de acesso à internet. O que segundo Garça Branca, ocasionou a desistência de muitos estudantes e o sacrifício de outros que precariamente, concluíram o semestre. Os professores relatam que isso causou o sentimento de que poderiam mais, se as circunstâncias fossem outras.

A pandemia, neste sentido, exacerbou as desigualdades já existentes e rompeu o imaginário de que todos tem acesso à internet. Quando na verdade esse acesso se mostrou precário ou inexistente.

Os entrevistados relataram os impactos da pandemia, na própria saúde, física e mental. Tucano por exemplo, relatou que durante as aulas presenciais tinha a possibilidade de se locomover, sentar-se, caminhar. O que não ocorre da mesma maneira durante o período da pandemia, pois as aulas se dão a distância com o uso do computador, na frente do qual permanece por cerca de seis a dez horas. No caso de Canário, ela relata que durante esse período teve que estabelecer um horário mais rígido, pois do contrário, continuaria a responder demandas do trabalho a distância, mesmo nos horários de folga.

Os entrevistados apontaram também aspectos positivos do ensino remoto na pandemia. Pois, apesar do modo conturbado, oportunizou aos professores, acesso a eventos e a divulgação dos seus trabalhos científicos, por meio das “lives” e congressos virtuais. Possibilitou encontros que de outra forma, se dariam com muito mais dificuldade. No caso de Aracuã, as lives ou o uso do “google meet” possibilitou dar seguimento à prática da observação dos passarinhos: “Daí a gente faz as lives, encontrando todo mundo. Live nada, é pelo “google meet” mesmo, porque daí a gente encontra todo mundo para ver como é que está o quintal, quais os

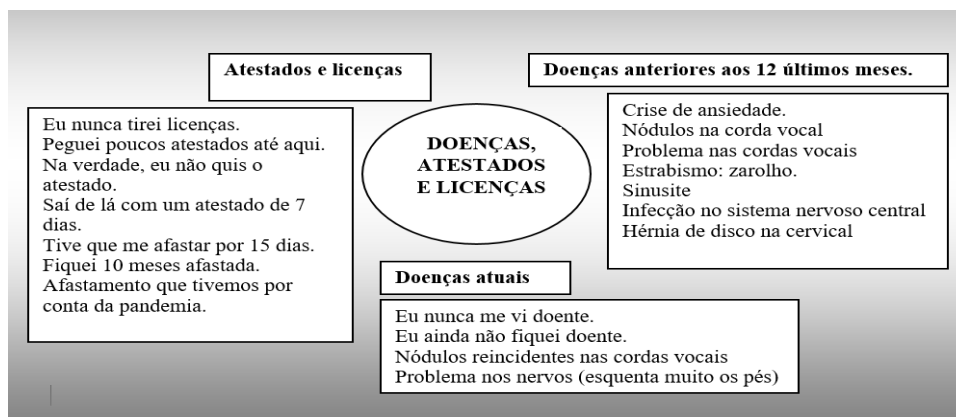
passarinhos”. Essa foi, segundo o relato da entrevistada, a forma encontrada para diminuir o estresse e manter a saúde.

A seguir se apresenta a segunda categoria do eixo 1, adoecimento. Trata-se da categoria: Doenças, atestados e licenças.

3.2.1.3.1.2 Categoria: Doenças, atestados e licenças.

Tucano faz notar, que no início do período da pandemia, existiu sim, iniciativa da universidade, por meio de ligações, para saber como estava a condição física e emocional dos professores. Que depois isso ocorreu por meio de questionários no site da universidade. Mas que não resultaram em atividades direcionadas ao professor, de maneira mais pessoal e focada. Garça Branca, durante a entrevista, fez notar que: “as políticas de formação, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs de 2015, ...2019, em nenhum momento a de 2019 aponta as condições de saúde do trabalhador, do professor. Então, não há essa preocupação nas políticas”. A figura abaixo tenta resumir os achados nas entrevistas realizadas.

Figura 7: Categoria, doenças, atestados e licenças.



Fonte: Organizado pelo autor a partir das entrevistas realizadas.

Os entrevistados foram selecionados tendo como critério principal o fato de não terem adoecido no período dos últimos 12 meses ou não terem solicitado atestado em função disso. Nota-se na figura acima, que anterior a esse período de 12 meses os entrevistados relataram diversas doenças, quais sejam: crise de ansiedade, nódulo nas cordas vocais, outros problemas com a voz, estrabismo, sinusite, infecção no sistema nervoso e hernia de disco na coluna cervical. Em relação ao período atual de trabalho, se distingue dois grupos, os que não relatam doenças e os que se dizem adoecidos.

Na realidade particular dos professores entrevistados, se percebe que o recurso dos atestados e licenças, são utilizados em situações mais extremas. Que as doenças, mesmo que

não adquiridas no trabalho, o trabalho intensificado e precário, traz agravamentos à saúde. A pessoa entrevistada, com o codinome Sabiá, afirma que: “Não tive nenhuma redução da carga horária, pelo contrário, ficava trabalhando 16, 18 horas”.

Os professores entrevistados também relatam sobre a dificuldade para expressarem as suas dificuldades e se posicionarem. Pois, não encontram um espaço físico ou institucional adequados. Se posicionar, emitir opiniões a respeito das dificuldades do professor na sua rotina de trabalho, aparece nas entrevistas como uma vivência de opressão, devido ao medo de se manifestar e sofrer alguma forma de consequência. O contrário também aparece nas entrevistas. Ou seja, se posicionar, segundo alguns entrevistados, pode gerar consequências indesejadas e incompreensões, mas é um recurso que provoca o alívio de angústias e a possibilidades de mudança da realidade, em favor do bem-estar dos professores. O que pode inclusive repercutir na redução de doenças, atestados e licenças.

3.2.1.3.2 Eixo – 2. Enfrentamento

O Eixo 2, enfrentamento; é formado por duas categorias, são elas: Prazer no trabalho; e, Enfrentamento. Nesta última se encontra a questão dos programas e projetos desenvolvidos em relação ao bem-estar do trabalhador docente. Se nas categorias anteriores se percebe as diversas determinações do adoecimento presentes nas falas dos entrevistados, nestas se procura evidenciar as possibilidades de enfrentamento ao adoecimento.

3.2.1.3.2.1 Categoria: Prazer no trabalho

Prazer no trabalho, é uma categoria na qual os entrevistados explicitaram a satisfação e o prazer com a atividade de professor universitário. Segundo Bem te vi, “...sobre certos aspectos nos dá prazer. Porque eu escolhi ser professora, isso é algo que me faz muito bem. ...meu elemento é a sala de aula”. E na fala de Canário: “com relação à satisfação, eu gosto muito do meu trabalho eu acho que é isso o que me mantém, é o quanto eu gosto da docência, o quanto eu gosto da relação com os alunos, da orientação.”. Para Arara Azul, é uma satisfação perceber o progresso dos estudantes e saber que tem a contribuição dela nesse processo.

3.2.1.3.2.2 Categoria: Enfrentamento

Os entrevistados discorreram a respeito dos programas e projetos institucionais direcionados ao enfrentamento do adoecimento docente ou à promoção da saúde e bem-estar do professor universitário. Todos os entrevistados relataram que não se sentem efetivamente cuidados pela universidade e desconhecem programas e projetos especificamente direcionados a sua saúde ou seu bem-estar.

Tucano relata que há um espaço na universidade onde os professores recebem vacina e há um cuidado com as questões físicas, mas que desconhece alguma forma de cuidado institucional com as questões psíquicas, direcionada ao professor. Bem te vi, relatou que os projetos desenvolvidos, geralmente são de iniciativa dos professores e voltados para a comunidade externa, característica própria dos projetos de extensão. Foi mencionada a atividade desenvolvida na Faculdade de Educação – FAED, pelo curso de Educação Física, que possibilita o uso da academia de musculação.

Relatou-se que no Instituto Integrado de Saúde - INISA, são oferecidas atividades como hidroterapia em piscina aquecida. Segundo Bem te vi, “esses programas, não são voltados especificamente para a saúde do professor. Nós não temos programas nesse nível em nenhuma das unidades, que eu tenha conhecimento”. Segundo Canário, no ano de 2019, eram desenvolvidas atividades de pilates e dança, o que acredita ter sido um projeto de extensão, pouco divulgado, e não direcionado aos professores.

Sabiá, relatou que existe na PROGEP um setor que é direcionada à saúde do servidor ou professor, que pode haver algumas informações no site, mas que não percebe ações efetivas nesse sentido. Arara Azul, relata que quando passou por situação de adoecimento, não sentiu apoio institucional, mas individualmente, de alguns colegas. Coruja, faz notar que existe um serviço de apoio psicológico para os estudantes da UFMS, que mereceria ser ampliado e mais bem estruturado para atender também aos servidores e professores, mas que não tem perspectiva de que isso ocorra. Pois acredita que esta não é uma prioridade da universidade.

Das dez entrevistas realizadas, é possível encontrar algumas ações de enfrentamento ao adoecimento dos professores em nove delas. Abaixo uma série que tabelas apresentam as possibilidades de enfrentamento, identificadas na fala dos entrevistados.

Tabela 2: Possibilidades de enfrentamento ao adoecimento docente.

POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO
Se posicionar, manifestar-se nos espaços possíveis
Ter acesso a informações para implementar ações de saúde
Estar em movimento, trabalhando
Eu cozinheiro, alimentação saudável

Ter conhecimento da instituição
Tentar diminuir a carga de trabalho
Uso contínuo de microfone
Sessões de fonoaudiologia
Afastar-se de colegas e comissões
Cultivar os laços de amizade
Praticar atividade física
Frequentar sessões de análise ou psicoterapia
Fazer reivindicações
Realizar caminhadas
Medicina ortomolecular
Comprar equipamentos
Cuidar de plantas
Participar de grupo de observação de aves silvestres
Resolver as questões e não deixar para depois
Evitar conflitos interpessoais
Durante o tempo livre, se desligar do trabalho
Não guardar ressentimentos
Manter uma organização pessoal quanto aos prazos
Tomar decisões e resolver
Entender o outro
Entender que certas coisas fazem parte
Ser apaixonado pelo que faz
Dividir sonhos com alunos e se associar a eles
Priorizar a qualidade de vida, do ensino e da pesquisa
Priorizar a qualidade do trabalho em detrimento da quantidade
Pensar a saúde como problema coletivo com soluções coletivas
Manter uma zona de conforto
Se chegou mensagem de wats depois de certo horário eu não respondo mais
Diálogo e respeito

Fonte: Organizado pelo autor a partir das entrevistas realizadas.

Conforme apresentado no capítulo 2, quando realizado o recorte do estado do conhecimento a respeito das possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor, se procurou organizar as informações acima da seguinte maneira: as possibilidades de enfrentamento ao adoecimento podem se dar de modo individual, coletivo ou visando a alteração do modo de produção da sociedade. Se as ações desenvolvidas são para a permanência da saúde ou para evitar os agravos, se caracterizam como resistência. A resistência comporta ações mais individualizadas, mas também coletivas. Se as ações desenvolvidas são de caráter coletivo e não buscam apenas manter, mas promover a saúde, são consideradas como resistência ativa. São ações de cunho mais propositivo, capaz de produzir alterações no modo de produção da sociedade. A figura abaixo ilustra essa relação.

Figura 8: Possibilidades de enfrentamento

Fonte: Organizado pelo autor a partir das entrevistas realizadas.

As possibilidades de enfrentamento, elencadas na tabela 2 foram organizadas nos quadros seguintes, identificando as ações de resistência, individual e coletiva, presentes no quadro 17.

Quadro 17: Ações de resistência individual e coletivas

Ações de resistência individual	Ações de resistência coletiva
Estar em movimento, trabalhando	Ter acesso a informações para implementar ações de saúde
Eu cozinheiro, alimentação saudável	Cultivar os laços de amizade
Ter conhecimento da instituição	Participar de grupo de observação de aves silvestres
Tentar diminuir a carga de trabalho	Dividir sonhos com alunos e se associar a eles
Uso contínuo de microfone	
Sessões de fonoaudiologia	
Afastar-se de colegas e comissões	
Praticar atividade física	
Frequentar sessões de análise ou psicoterapia	
Realizar caminhadas	
Medicina ortomolecular	
Comprar equipamentos	
Cuidar de plantas	
Resolver as questões e não deixar para depois	
Evitar conflitos interpessoais	
Durante o tempo livre, se desligar do trabalho	
Não guardar ressentimentos	
Manter uma organização pessoal quanto aos prazos	

Tomar decisões e resolver	
Entender o outro	
Entender que certas coisas fazem parte	
Ser apaixonado pelo que faz	
Priorizar a qualidade de vida, do ensino e da pesquisa	
Priorizar a qualidade do trabalho em detrimento da quantidade	
Manter uma zona de conforto	
Se chegou mensagem de wats depois de certo horário eu não respondo mais	

Fonte: Organizado pelo autor a partir das entrevistas realizadas.

Algumas ações são destacadas com o fundo cinza, pois coincidem com aquelas apresentadas no capítulo 2, referentes ao mesmo tema. A partir das ações descritas na tabela 2, foram elencadas algumas ações de resistência ativa. Elas estão mencionadas no quadro 18.

Quadro 18: Ações de resistência ativa

Ações de resistência ativa
Fazer reivindicações
Se posicionar, manifestar-se nos espaços possíveis
Pensar a saúde como problema coletivo com soluções coletivas
Se pautar pelo diálogo e o respeito

Fonte: Organizado pelo autor a partir das entrevistas realizadas.

As entrevistas que manifestaram a consciência da necessidade de alterações ou superação do modo de produção capitalista, foram assinaladas no quadro abaixo.

Quadro 19: Alterações ou superação do capitalismo

Menciona a consciência da necessidade de alterações/superação do modo de produção capitalista?	Sim	Não
Bem tevi		X
Canário		X
Sabiá	X	
Aracauã		X
Coruja	X	
Arara azul	X	
Tucano	X	
Garça Branca		X
Andorinha	X	
Arara vermelha		X
TOTAIS	5	5

Fonte: Organizado pelo autor a partir das entrevistas realizadas.

Realizada a descrição, segue a discussão de alguns aspectos dos dados obtidos.

3.2.1.3.3 Discussão

Os dados apresentados pelas entrevistas são objeto de discussão nesse momento, procurando uma relação com o referencial teórico adotado e entrelaçado às reflexões do próprio autor.

Um olhar para os dados que caracterizam o perfil dos entrevistados, suscita a seguinte questão: se todos os professores entrevistados possuem titulação de doutorado e se a maioria, ou seja, 5 deles têm dez anos ou mais de docência. Se a média de idade desses professores é de 50 a 59 anos, ou seja, possuem condições de atuar na pós-graduação, por que a maioria deles está atuando somente na graduação?

A resposta pode ser encontrada na fala dos próprios entrevistados, quando apontam fatores que desestimulam a lecionarem na pós-graduação. Por exemplo, que as atividades de grupo de estudos e orientação de estudantes, não são contadas como carga horária e por isso não são remuneradas. Outro fator que desestimula, é que segundo os entrevistados, o exercício de atividades de coordenação ou orientação de estágios, dificulta, que estes professores tenham a produção acadêmica necessária para atuarem como professores da pós-graduação. Existem professores que possuem a produção necessária, mas consideram a pós-graduação um ambiente competitivo, hostil e desgastante, como aponta Arara Vermelha.

As entrevistas tiveram o seu conteúdo organizado em dois eixos, são eles: adoecimento; e, enfrentamento. Cada eixo com duas categorias. No eixo adoecimento a categoria Intensificação e precarização, aponta algumas questões que podem ser discutidas.

Nota-se uma pressão recorrente sobre o professor, desde o processo de ingresso na carreira docente, bem como durante o exercício da profissão. As exigências são diversas e vão além das questões de ensino, pesquisa e extensão. Trata-se de atividades burocráticas, relações competitivas e jornadas de trabalho estendidas e não remuneradas. O que gera um desgaste físico e mental, além do esperado. A longo prazo, ocorre a dificuldade de identificar o significado da prática docente com o significado pessoal dessa atividade e isso gera um sofrimento que não é voltado à fruição, ou à realização, e sim, insatisfação e adoecimento.

Ao se observar a relação saúde e doença a partir das entrevistas realizadas, é possível relacionar a fala dos entrevistados com os conceitos apresentados no início desta dissertação. Percebe-se que algumas doenças são socialmente produzidas ao longo da história em decorrência das relações de produção estabelecidas na sociedade. E se assim ocorre, é possível uma organização da sociedade que evite o adoecimento e promova o bem-estar das pessoas. O que pode se dar por meio da implementação de ações realistas que possibilitem o enfrentamento das determinações que ocasionam o adoecimento, modificando assim a realidade, em favor da saúde e bem-estar do trabalhador.

Enquanto isso não ocorre, o sofrimento persistente tende a se tornar doença. Como assinalado na epígrafe inicial dessa dissertação, o adoecimento, muitas vezes, pode se tornar uma forma de resistência ao processo de sucumbir às péssimas condições de trabalho, pode ser uma forma de não compactuar com uma sociedade que desvaloriza o trabalhador e o conhecimento (FACCI e URT, 2017). Uma forma de resistência.

Neste sentido, as entrevistas revelam que por trás da história singular de cada professor adoecido, se faz presente, questões universais, que afetam a todos os trabalhadores. Os entrevistados demonstram essa consciência quando falam que as situações que ocasionam o sofrimento e o adoecimento não são privilégio dos professores. Andorinha, expressa isso quando afirma: “...a gente é parte deste sistema capitalista maior, que tem uma estrutura, de fornecer mais produtos com menor custo”. Segundo Mèzaros (2008) e Antunes (2002), o modo de produção da vida em sociedade, tem passado por sucessivos períodos de crise no mundo capitalista. O caminho geralmente adotado para a superação dessas crises, se ancoram na intensificação e precarização do trabalho, para assim manter a relação de expropriação e lucro, na forma de capitalismo neoliberal.

Nesse sentido a agenda neoliberal, presente no Brasil já desde os anos de 1990, tem sido adotado por sucessivos governos e quanto mais amplamente difundidas maior o aumento de dias de afastamento do trabalho. Esta relação pode ser estabelecida ao se analisar os afastamentos e licenças dos professores da UFMS, nos anos de 2005 a 2019, por exemplo. É perceptível o aumento de dias de afastamento e licenças dos professores universitários, sobretudo das mulheres, mesmo quando os sujeitos adoecidos possuem menor idade cronológica. O que explica o aumento exponencial de afastamentos e licenças de professores, apontados no gráfico 2 e 3, nos anos de 2017 a 2019, que é quando o discurso neoliberal ocorre de forma mais agressiva. Período de maior intensificação e precarização do trabalho docente universitário, com a desvalorização das ciências humanas e do trabalho do professor.

Para Marx (2001), o trabalho alienado, não gera a realização do trabalhador. Os professores entrevistados, fazem notar que são profundamente identificados e se sentem realizados, com a relação de ensino e pesquisa. O desconforto aparece quando se veem frente a atividades administrativas ou burocráticas, ou relações interpessoais conflituosas. Pode-se dizer, que para estes professores, as atividades administrativas e burocráticas, são alienantes. Tal reação, as licenças e afastamentos, são congruentes com o que afirma Marino Filho (2020 p. 82), “nessa condição de sofrimento negativo... os sujeitos buscam alternativas para a criação de meios transformadores da situação”. No caso em questão, diante da possibilidade de sofrimento negativo, os professores evitam essa realidade.

O eixo 2, das entrevistas realizadas, trata de duas categorias relacionadas ao enfrentamento. Se refere ao prazer encontrado nas atividades desenvolvidas pelo professor universitário e das ações de enfrentamento ao adoecimento por eles sugeridas.

Já presente nas respostas do questionário via web, também é explicitado nas entrevistas realizadas, que é na relação de ensino e pesquisa, que os professores encontram o verdadeiro trabalho. Quando o significado e o sentido do trabalho são correspondentes e geram prazer e satisfação. Dessa maneira os professores se sentem estimulados a permanecerem na atividade docente e minoram a ocorrência de adoecimento. Pensar a relação de trabalho considerando essa relação de sentido e significado no trabalho para os professores, pode ser uma forma de enfrentamento ao adoecimento.

Segundo, Marino Filho (2020 p. 82), frente ao sofrimento, “o indivíduo produz um esforço para sustentar as contradições que ameaçam a integridade do seu sistema psicológico e/ou biológico”. Segundo o mesmo autor, “nessa condição de sofrimento negativo... os sujeitos buscam alternativas para a criação de meios transformadores da situação”.

Ao visitar a literatura e observar os dados coletados, principalmente por meio das entrevistas realizadas, foi possível organizar a resistência ao adoecimento conforme os quadros acima. No quadro 17 são explicitadas ações de resistência individual e coletivas.

É possível notar o maior número de ações individuais em detrimento daquelas coletivas. O que indica a perda de espaços coletivos ou o desestímulo à participação nesse tipo de ação. O que pode ser explicado como um reflexo da sociedade capitalista que estimula a individualidade, conforme aponta Silva (2019).

A resistência ativa, comporta ações de cunho coletivo e propositivo. Este tipo de ação, encontrada nas entrevistas realizadas, é mencionada no quadro 18. A resistência ativa é o modo de enfrentamento ao adoecimento por excelência, pois comporta relações de sociabilidade

humana capazes de fornecer aos indivíduos, maior consciência da realidade que o cerca e ações mais fortalecidas e efetivas de intervenção nessa realidade.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação sobre as possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor universitário iniciou, no primeiro capítulo, mencionando questões universais, como fundamentação teórica. Falou a respeito do trabalho enquanto atividade humana, categoria central do materialismo Histórico-dialético e enquanto atividade principal, na Psicologia Histórico-cultural. Salientou a importância do constructo teórico de Vigotski e seus companheiros, que valoriza a gênese, o processo e a explicação, para compreender a constituição do ser humano na relação com a cultura socialmente produzida. Tais reflexões, permitiram compreender a realidade do trabalho enquanto possibilidade de humanização, pois por meio dele se constitui, de modo privilegiado, a diferenciação do homem frente aos outros animais. Também denotou que o trabalho na sociedade capitalista pode se dar de forma alienada, intensa e precarizada, gerando assim o adoecimento em função dessa realidade.

No capítulo 2, foram explicitadas questões universais, buscou-se perceber como historicamente foi elaborada a compreensão do binômio saúde e doença. Cujas mudanças se deram de uma compreensão mitológica à científica, da compreensão biologicista à concepção bio-psico-social. Nesse processo foi destacado o papel de Vigotski, juntamente com os seus companheiros, que mediante a Psicologia Histórico-cultural, possibilitam uma compreensão do adoecimento psíquico que supera o inatismo e o dualismo, explicitando as relações dialéticas dessa realidade. Por isso, é possível explicar que o adoecimento psíquico se dá por um conflito entre o sentido e o significado da atividade humana. Estes conceitos foram úteis para compreender em particular, questões relativas à saúde e ao adoecimento do professor universitário.

Ao explorar a realidade dos professores universitários, foi realizado um recorte do estado do conhecimento, que evidenciou aspectos relacionados à saúde e ao enfrentamento do adoecimento desse grupo de trabalhadores. Nas pesquisas das quais se tomou conhecimento, foi possível identificar algumas possibilidades de enfrentamento individuais e coletivas. Um olhar mais atento, permitiu perceber que o enfrentamento ao adoecimento se dá como resistência, na perspectiva de manter a saúde. E de resistência ativa, que enseja ações mais coletivas e promotoras do bem-estar. De tal modo que se tem na categoria enfrentamento ações individuais ou coletivas de resistência ou resistência ativa. Se destaca, que o enfrentamento maior, se dá nas ações coletivas na busca por alterar o modo de produção capitalista, que em função de sucessivas crises engendra formas de intensificação e precarização do trabalho para

manter a relação de expropriação e acúmulo da riqueza produzida. O que afeta não só o professor universitário.

O capítulo 3, explorou a singularidade da vida do professor universitário na relação adoecimento e enfrentamento. De forma gradativa, primeiro com um olhar mais institucional, sobre os dados de atestados e licenças da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, no período de 2005 a 2015. Que chamou a atenção para o crescimento constante, com destaque para os anos de 2018 e 2019, da quantidade de dias de afastamento em função do sofrimento psíquico. Depois, com respostas a um questionário sobre a relação de trabalho, adoecimento e enfrentamento, dos professores de ciências humanas na mesma universidade. O que forneceu informações para os critérios de seleção para as entrevistas individuais. Se privilegiou a participação dos professores que não solicitaram atestados até os 12 meses anteriores às respostas ao questionário enviado via web.

Sobre as entrevistas, a semelhança dos outros instrumentos utilizados, foi possível tecer análises e discussões, explicitando a relação, singular e universal na realidade particular da atividade de trabalho como professor universitário. Percebeu-se então, a presença das possibilidades de enfrentamento ao adoecimento, manifesta como resistência ou resistência ativa, que comportam ações individuais, coletivas e de alterações frente ao modo de produção capitalista.

É importante salientar que as informações coletadas a respeito das possibilidades de enfrentamento ao adoecimento nesta dissertação, não têm a intenção de serem reduzidas a mero manual de receitas para enfrentar o adoecimento docente. Elas são a expressão da singularidade dos sujeitos envolvidos na atividade de trabalho docente, afetada por questões universais que resultam na realidade particular dos professores universitários de determinada instituição. Nesse sentido, cada situação em particular exigirá suas próprias respostas. Embora possam existir aspectos semelhantes a todas elas, pois compartilham de aspectos universais da realidade em questão. Esta dissertação embora aponte algumas sugestões concretas, procurou explicitar a explicação de como ocorre o movimento das relações que determinam saúde e adoecimento e que por se tratar de realidade histórica e socialmente constituídas, é possível desenvolver ações que modifiquem a realidade, notadamente a realidade do adoecimento do professor universitário, por meio das possibilidades de enfrentamento.

Diante do estudo realizado, pode-se afirmar que é conveniente tanto para a instituição, quanto para os professores, representados pela organização sindical e outras entidades, a realização de ações mais direcionadas à saúde e bem-estar dos professores universitários, por

meio de iniciativas que reduzam a precarização e intensificação do trabalho. Mas também aquelas, que promovam a saúde e o bem-estar físico e psíquico.

Os dados obtidos evidenciaram a prevalência das mulheres em relação aos homens, quando se trata do número de dias de afastamento. Essa questão certamente merece um estudo a parte. Uma hipótese a ser considerada é a de que as mulheres são mais suscetíveis ao adoecimento porque em geral a carga de trabalho atribuído a elas é maior que a dos homens, devido às preocupações domésticas, o que resulta em dupla jornada e portanto, maior desgaste. Ou ainda, que a cultura do homem, reticente de buscar os serviços de saúde, terminam por subnotificar as demandas por atestados e licenças.

Os professores entrevistados, fizeram notar o aspecto do invisualíssimo, próprio da sociedade capitalista, o que contribui para desarticular os trabalhadores, dificultando as ações de resistência ativa ao enfrentamento do adoecimento. Nesse aspecto, parecem oportunas, as iniciativas de eventos sociais que possibilitem ambiente de interação e descontração entre os professores. O que pode ocorrer de diversas maneiras, virtual ou presencialmente.

Uma sugestão possível de ser manifestada, mediante o estudo aqui desenvolvido, é a articulação entre a administração da instituição universitária, sindicatos ou associações de professores, para organizar espaços em que grupos de docentes, mediados por profissionais da Psicologia, possam discutir suas dificuldades e vislumbrar ações efetivas de enfrentamento, a modo de resistência ativa ao adoecimento, na sua realidade particular.

Por fim, se salienta que as possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor universitário se constituem a partir da compreensão dos determinantes do adoecimento, que são históricos e socialmente produzidos. Em última análise, o enfrentamento ao adoecimento comporta a necessidade de alteração da lógica capitalista, centrada no produtivíssimo, na expropriação e no lucro; para uma lógica que tenha como centro a emancipação e a realização das possibilidades do desenvolvimento humanizante. É possível superar o adoecimento, sobretudo o adoecimento psíquico.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. Trabalho e Precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, Pablo e FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs). **A Cidadania Negada: Políticas de Exclusão na Educação e no Trabalho**. São Paulo: Cortez, 2002.

ARCE, A e MARTINS, L, M. **A Educação Infantil e o Ensino Fundamental de Nove Anos**. In Quem tem medo de ensinar na educação infantil? em defesa do ato de ensinar. Alessandra Arce; Lígia Márcia Martins (Orgs.). Campinas, SP: Alínea, 2007.

BACKES, M. T. E. ROSA, L. M. da. FERNANDES, G. C. M. BECKER, S. G. MEIRELLES, B. H. S. SANTOS, S. M. de A. dos. Conceitos de saúde e doença ao longo da História sob o olhar epidemiológico e antropológico. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 2009 jan/mar; 17(1):111-7. Acessado dia 03 de setembro de 2020. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/0104-3552/2009/v17n1/a020.pdf>

BAPTISTA, Celeste Corral Tacaci Neves. **Resiliência docente frente à introdução das metodologias ativas em um curso de medicina**. 2018. 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2018. Acessado dia 17 de Julho de 2020. Disponível em: <http://bdtd.unoeste.br:8080/jspui/handle/jspui/1144>

BATTOMORE, T. Dicionário do pensamento marxista. Zahar editora. 1988.

BASSI, I.B; ASSUNÇÃO, A. A; GAMA, A. C. C.; GONÇALVES, L. G. Características clínicas, sócio demográficas e ocupacionais de professoras com disfonia. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 173-180. 2011.

BEMVINDO, Vitor; MACIEL, C. L. A; TURRINI, Jullia. **A relação Trabalho e Educação em Marx, Engels e Gramsci: elementos para uma análise comparativa**. Cadernos CEMARX , v. 7, p. 2009-225, 2014. Acessado dia 22 de Maio de 2021. Disponível em: [Vista do A relação trabalho e educação em Marx, Engels e Gramsci \(unicamp.br\)](#)

CARDOSO C. G. L. do V.; COSTA, N. M. da S. C. Fatores de satisfação e insatisfação profissional de docentes de nutrição. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 8, p. 2357-2364. 2016.

CARLOTTO M. S. Síndrome de Burnout em Professores: Prevalência e Fatores Associados. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 27, n. 4, p. 403-410. 2011.

CARLOTTO M. S.; CÂMARA S. G. Preditores da Síndrome de Burnout em professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional – ABRAPEE**, v. 11, n. 1, p. 101-110. 2007.

CARNEIRO, P. O. **Trabalho docente no ensino superior de professores: estado do conhecimento em teses e dissertações da UFMG**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade de Uberaba, Uberaba, MG, 2014.

CEBALLOS, A.G.C.; SANTOS, G.B. Fatores associados à dor musculoesquelética em professores: aspectos sociodemográficos, saúde geral e bem-estar no trabalho. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 18, n. 3, p. 702-715. 2015.

CHAGAS, P. V. Transtornos mentais são terceira maior causa de afastamento do trabalho. 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-04/transtornos-mentais-sao-terceira-maior-causa-de-afastamento-do-trabalho>. Acesso em: 04 mai. 2019.

CODO, W.; MENEZES, I. V. **O que é burnout?** In: CODO, W. (Org.). Educação: carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes/Brasília: CNTE: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2006.

DALCIN, L.; CARLOTTO, M. S. Síndrome de Burnout em professores no Brasil: considerações para uma agenda de pesquisa. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 745-771. 2017.

DALLEPIANE, S.; BIGOLIN, S. E. A presença de dor no cotidiano de professores da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. *Revista Contexto & Saúde*, Ijuí, v. 3, n. 7, p. 231-239, jul./dez. 2004.

DOMINGUES, CAMILA. **As significações de professores readaptados sobre as condições de trabalho docente e suas implicações no processo de adoecimento'** 26/10/2018 141 f. Mestrado Profissional em Educação: formação de formadores Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca da PUC-SP (Campus Monte Alegre)

DUARTE, N. **A individualidade para si. Edição comemorativa.** 3a. Edição revista. Autores associados. Campinas – SP. 2013.

DUARTE, N. **A resistência ativa dos professores à doutrinação obscurantista neoliberal.** In. FACCI, M. G. D. e URT, S. C.(org.) Quando os professores adoecem: demandas para a psicologia e a educação. Editora UFMS. Campo Grande – MS, 2020.

FACCI, M. G. D e URT, S. C. (org.) Precarização do trabalho, adoecimento e sofrimento do professor. EDUFPI. Teresina. 2017.

FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, ; Elkonin e Vigotski. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 64-81, abril 2004. Acessado dia 17/04/2021. Disponível em: Cad62_07CAP04.pmd (scielo.br)

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, ano XXIII, n. 79, p. 257-272. 2002.

FLEURY, S. Giovanni Berlinguer: socialista, sanitaria, humanista!. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. 2015, v. 20, n. 11 [Acessado 18 Julho 2021] , pp. 3553-3559. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.15052015>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.15052015>.

MARINO FILHO, A. Atividade, significação e sentido: bases do sofrimento psicológico e a especificidade do adoecimento do professor. In. FACCI, M. G. D. e URT, S. C. (org.).

Quando os professores adoecem: demandas para a psicologia e a educação. Editora UFMS. Campo Grande – MS, 2020.

FRANCO, T. **Alienação do trabalho: despertencimento social e desenraizamento em relação à natureza.** Caderno CRH Salvador. Vol. 24 n. spe 01 p. 171-191. 2011. Acessado dia 27 de Julho de 2019. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24nspe1/a12v24nspe1.pdf>

FRAZÃO, D. **e-biografia.** Acessado dia 03 de setembro de 2020. Disponível em:
https://www.ebiografia.com/claudio_galeno/.

FREITAS, M. T. de A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.116, p.21-39, jul. 2002.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, **BrasilCad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 12, p. 2679-2691. 2006.

GOLDBERG, D.; HUXLEY, P. Common mental disorders: a bio-social model. London: Routledge, 1992.

GONÇALVES, L. C. F; SANTOS, V. da S. **EX-voto materialização da fé. VI – ENECULT, Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura.** 25-27 de maio de 2010. Facom – UFBA. Salvador – Bahia. Acessado dia 23 julho 2019.
<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24711.pdf>

GUARINELLO, Norberto Luiz. **Uma morfologia da história: as formas da História Antiga.** Politeia: História e Sociedade, 2003. vol. 3, n. 1, p. 41-61. Acessado dia 10/05/2021. Disponível em: (PDF) Uma Morfologia da História: as Formas da História Antiga | Norberto Luiz Guarinello - Academia.edu

ILICH, I. A convivencialidade. Publicações Europa-América. Lisboa. 1976.
IVES, L. A.; ROBAZZI, M. L. C. C.; MARZIALE, M. H. P.; FELIPPE, A. C. N.; ROMANO, C. C. Alterações da saúde e a voz do professor, uma questão de saúde do trabalhador. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 17, n. 4, p. 566-572. 2009.

LAMBERT, A. S; MOREIRA, L. K. R e CASTRO, R. C. A. M. Estado da Arte sobre adoecimento do estudante universitário brasileiro. In. REBES. **Revista Brasileira de Educação e Saúde Pombal, PB**, Grupo Verde de Agroecologia e Abelhas. Acessado dia 17/04/2021. Disponível em:
[28194697_Estado_da_Arte_sobre_adoecimento_do_estudante_universitario_brasileiro/link/5bbe00d9a6fdccf2978f1783/download](https://www.rebes.org.br/revista/28194697_Estado_da_Arte_sobre_adoecimento_do_estudante_universitario_brasileiro/link/5bbe00d9a6fdccf2978f1783/download)

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Horizonte, 1978. Página: 261-284. Acessado dia 22 de Agosto de 2020. Disponível em:
<http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/61/LEONTIEV%20O%20homem%20e%20a%20cultura.pdf>

LEONTIEV, A. **Actividad Conciencia y Personalidad**. Editorial Pueblo y Educación. Primera edición en español. Tomada de la edición original en ruso Editorial Politizdat, Moscú, 1975 Impreso - La Habana, 1981

LIBÓRIO, R. M. C., & UNGAR, M. (2010). Resiliência oculta: A construção social do conceito e suas implicações para práticas profissionais junto a adolescentes em situação de risco. **Psicologia Reflexão e Crítica**, 23(3), 476-484. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722010000300008>

MARTINS, L. M. **A Formação social da personalidade do professor, um enfoque vigotskiano**. 2a. Edição. Coleção formação de professores. Autores associados. Campinas-SP. 2015.

LAPO, Flavinês Rebolo; BUENO, Belmira Oliveira. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cad. Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 65-88, Mar. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742003000100004&lng=en&nrm=iso>. acessado em 19 May 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742003000100004>.

MARIN, Raquel Cornélio; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Desfazendo o “Mau-olhado”: Magia, Saúde e Desenvolvimento no Ofício das Benzedadeiras. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 446-460, jun. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000200446&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 jul. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703002352016>

MARTINS, L. M. Psicologia sócio histórica: o fazer científico. In: ABRANTES, A. A.; SILVA, N. R.; MARTINS, L. M. (Orgs.). Método histórico-social na psicologia social, Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MARTINS, R. H. G.; TAVARES, E. L. M.; NETO, A. C. L.; FIORAVANTI, M. P. Surdez ocupacional em professores: um diagnóstico provável. *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, v. 73, n. 2, p. 239-244, março/abril. 2007.

MARTINS, L. M. e EIDT, N. M. **Trabalho e atividade: categoria de análise na Psicologia Histórico-Cultural do desenvolvimento**. In. *Revista Psicologia em Estudo*. V. 15, n. 4 p. 675-683. Maringá - PR. 2010.

MARX, Carl. **O Capital, crítica da economia política. livro 1**. O processo de produção do capital. Tradução: Rubens Enderle. Boi tempo editorial. 2011. Disponível em: O capital: crítica da economia política - Livro I: o processo de produção do capital (usp.br). Acessado dia 22 de maio de 2021.

MARX, K. **Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos**. (coleção os pensadores). 2 ed. Abril Cultural. São Paulo. 1978.

MARX, K. **Manuscritos econômicos Filosóficos**. Tradução, apresentação e notas de Jesus Ranieri. Boi Tempo. São Paulo. 2008.

MARX, K. **Manuscritos econômicos filosóficos**. Disponível em: Manuscritos Econômico-Filosóficos (marxists.org). Acessado em 10 de dezembro de 2019.

MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo. Martins Fontes. 2001.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã (Feuerbach)**. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.

MEZZARI, D. P. de S. **O Uso do Medicamento pelos Docentes e as Relações de Trabalho: uma compreensão a partir da Psicologia Histórico-Cultural**. Mestrado em Psicologia. UEM – Universidade Estadual de Maringá, 2017. Disponível em: http://www.ppi.uem.br/arquivos-2019/UEM_PPI_Diana.pdf. Acesso em: 01 de outubro de 2019.

MÈSZAROS, I; **A educação para além do capital**. Editora Boi Tempo. 2ª. Edição. São Paulo. 2008.

MICHAELIS.UOL. Dicionário online. Verbetes resistência. Disponível em: Resistência | Michaelis On-line (uol.com.br). Acessado dia 28/05/2021.

MICHAELIS.UOL. Dicionário online. Verbetes trabalho. Disponível em: Trabalho | Michaelis On-line (uol.com.br). Acessado dia 27/04/2021.

MICHAELIS.UOL. Dicionário online. Verbetes enfrentamento. Disponível em: Enfrentamento | Michaelis On-line (uol.com.br) Acessado dia 28/05/2021.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2007.

MOURA, A. A. **Desdobramentos da crise estrutural do capital no trabalho docente: a intensificação e o adoecimento**. Universidade de Brasília. Tese de Doutorado. Brasília - DF. 2018.

NÓBREGA-TERRIEN, S. M.; TERRIEN, J. Trabalhos científicos e o estado da questão: reflexões teórico-metodológicas. **Estudos em Avaliação Educacional**. São Paulo, v. 15, n. 30, p. 5-16. 2004.

PAES, P. C. D. **Vigotski, fundamentos e práticas de ensino. Crítica às Pedagogias Dominantes**. Appris editora. Curitiba – PR. 2020.

PARENTE, R. C. M. et al. A história do nascimento (parte 1): cesariana. **Rev. FEMINA**. Setembro 2010. vol 38. nº 9. access on 20 July 2019. <http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2010/v38n9/a481-486.pdf>

PETROVSKI, A. **Psicologia general: manual didático para los institutos de pedagogia**. Ed. Progresso. Moscou. 1985.

PEREIRA, M. V. M. Fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa em educação: o ensino superior em música como objeto. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 221-233. 2013.

PEREIRA, T. B.; BRANCO, V. L. R. As estratégias de coping na promoção à saúde mental de pacientes oncológicos: uma revisão bibliográfica. **Revista Psicologia & Saúde**, Campo Grande, v. 8, n. 1, p. 24-31. 2016.

PESSOA, Alex Sandro Gomes et al . Hidden Resilience in the Life of Adolescents with Involvement in Drug Trafficking. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 34, e34426, 2018 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722018000100525&lng=en&nrm=iso>. access on 18 July 2020. Epub Apr 25, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e34426>.

PINHEIRO, Josefa Nunes; CHAVES, Mônica Campos; JORGE, Maria Salete Bessa. A concepção de doença nas perspectivas histórica, filosófica, antropológica, epistemológica e política **Rev. RENE**. Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 93-100, jul./dez.2004.

PRESSFIELD, ESTEVEN. **A guerra da arte, supere seus bloqueios e vença suas batalhas interiores de criatividade**. Ediouro. Rio de Janeiro. 2005.

REBOLO, F. **Caminhos para o bem-estar docente: as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos professores frente às adversidades do trabalho docente na contemporaneidade**. Quaestio (UNISO), v. 14, p. 115-131. 2012.

REBOLO, F.; DIAS, A. R.; QUEIROZ, V. B.; FREIRE, S. S. A.; Saúde e adoecimento de professores no Brasil: uma análise a partir das produções acadêmicas. In. **Quando os professores adoecem: demandas para a Psicologia e a Educação**. Marilda Gonçalves Dias Facci e Sônia da Cunha Urt (Org.). Editora da UFMS. Campo Grande – MS. 2020.

REIS, E. J. F. B.; ARAÚJO, T. M.; CARVALHO, F. M.; BARBALHO, L.; SILVA, M. O. Docência e exaustão emocional. **Educação e Sociedade**, v. 27, n. 94, p. 229-253. 2006.

ROS, M. A. DA. **Concepção de saúde e doença**. Programa Conexão Saúde. Acessado dia 05 de junho de 2021. Disponível em: Conexão Saúde - Concepção Saúde/Doença (1 de 3) - YouTube

ROZEMBERG, Laila et al. Resiliência, gênero e família na adolescência. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 673-684, Mar. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000300673&lng=en&nrm=iso>. access on 17 de Julho de 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.21902013>.

RIBEIRO, F. DAS M. **O Trabalho docente na pós-graduação. Entre a resistência e a desistência**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São João del Rei. São João Del Rei – MG. 2017. Acessado em 19/05/2021. Disponível em: Plataforma Sucupira (capes.gov.br).

SABATH, A. L. N. **Estado da arte sobre trabalho docente nos anos iniciais da educação básica: adoecimento e barbarização**. Dissertação de mestrado. PUC. Goiânia - GO, 2020. Sala dos milagres - **Basílica do Divino Pai Eterno**. Trindade Goiás. Acessado dia 03 de setembro de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z1Iwtz_e79Y

SPINOZA, B. **Ética**. Editora Autêntica. Belo Horizonte – MG. 2009.

SAVIANI, D. e DUARTE, N. (Org.) **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Educação-Filosofia. Educação Pública. Pedagogia Histórico-Crítica. Autores Associados. Campinas. 2015.

SANTOS, Siegrid Kurzawa Zwiener dos; DA ROS, Marco Aurélio. Resignificando Promoção de Saúde em Grupos para Profissionais da Saúde. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. 189-196, June 2016. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022016000200189&lng=en&nrm=iso>. access on 16 July 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v40n2e02272014>.

SCHUSTER, M.; SCHROEDER T. M. R. **Estresse, dor e lesões musculoesqueléticas em professores de Cascavel-PR**. Educere at Educare – Revista de Educação, v. 12, n. 242. 2017.

SILVA, T. T. da. **Identidades Terminais. As transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política**. Editora Vozes. Petrópolis - RJ. 1996.

SOUZA, Katia Reis de et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 19, e00309141, Jan. 2021. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462021000100401&lng=en&nrm=iso>. acessado dia 22 Maio 2021. Epub Oct 19, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00309>.

SOUZA, A. N.; LEITE, M. P. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. **Educação e Sociedade, Campinas**, v. 32, n. 117, p. 1105-1121. 2011.

SOUZA, C. L. de; CARVALHO, F. M.; ARAÚJO, T. M. de; REIS, E. J. F. B. dos; LIMA, V. M. C.; PORTO, L. A. Fatores associados a patologias de pregas vocais em professores. **Revista Saúde Pública**, v. 45, n. 5, p. 914-21. 2011.

TEIXEIRA, L. de A. C. et al. Saúde mental dos estudantes de Medicina do Brasil durante a pandemia da coronavirus disease 2019. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 1, p. 21-29, Mar. 2021. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852021000100021&lng=en&nrm=iso>. access on 11 May 2021. Epub Mar 31, 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000315>.

TULESKI, S. C. e EIDT, N. M. **A periodização do desenvolvimento psíquico. Atividade dominante e a formação das funções psíquicas superiores**. In: Periodização Histórico-Cultural do desenvolvimento psíquico. Do nascimento à velhice. Martins, L. M; Abrantes, A, A; e Facci, M. G. D. (org.). Autores Associados. Campinas – SP. 2017.

URT, S. da C. **A produção científica e a constituição de grupos de pesquisa na universidade: apenas um sonho?** In: URT, S.C.; MORETTINI, M.T. (Orgs.). A Psicologia e os Desafios da Prática Educativa. Campo Grande: Ed. UFMS, 2005.

VYGOTSKI, Liev Semiónovich. **Obras escogidas. Tomo IV.** Trad. Lydia Kuper. Madrid: Visor Dist. S. A., 1996.

VYGOTSKI. **Metodo de investigación.** In: El problema del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Obras escogidas III. Madrid: Visor, 2000b. p.47-96.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** Tradução de Paulo Bezerra. Martins Fontes. São Paulo. 2001.

WHO. World Health Organization. **The World Health Report 2001: mental health new understanding, new hope.** Geneva: WHO, 2001.

ZANATTA, Jacir Alfonso; COSTA, Márcio Luís. Gemido dos excluídos: a construção social do adoecimento. **Revista Psicologia e Saúde**, [S.l.], dez. 2016. ISSN 2177-093X. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaude/v8n2/v8n2a09.pdf>. Acesso em: 03 setembro de 2020. doi:[http://dx.doi.org/10.20435/2177-093X-2016-v8-n2\(09\)](http://dx.doi.org/10.20435/2177-093X-2016-v8-n2(09)).

ZANELATO, E.; URT, S. DA C. A periodização da atividade humana para Vygotsky, Leontiev e Elkonin:. **Colloquium Humanarum. ISSN: 1809-8207**, v. 16, n. 2, p. 32-44, 2 jul. 2019.

ZEIGARNIKI, Bluma Wolfonna. **Introducion a la Patopsicologia.** Editorial Científico-técnica, La Habana. Habana. 1979.

ZIENTARSKI, C. **Para onde vai a voz que ainda ecoa em nós? A dialética alienação/transformação no trabalho dos professores.** 26/04/2013 213 f. Doutorado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria Biblioteca Depositária: Biblioteca Central UFSM.

REFERÊNCIAS DO ESTADO DO CONHECIMENTO

ABREU, M. A. G. M. **Concepções e práticas ligadas à saúde e à doença entre professoras/es universitárias/os de um Curso Superior em Saúde.** Dissertação de Mestrado em Estudos Interdisciplinares. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

AMELIO, M. R. **A arte terapia como estratégia de promoção de saúde e valorização dos professores da rede municipal de Vitória, ES.** Dissertação de Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local. Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, ES, 2016.

ANDRADE, L. V. V. de. **Saúde ocupacional e trabalho do docente na universidade: Impactos na saúde do Professor.** Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2014.

ANTONINI, F. O. **Promoção da saúde do trabalhador docente dos Institutos Federais de Educação.** Tese de Doutorado em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2018. Biblioteca depositária: UFSC

ANTONINI, F. O. **Promoção da saúde do trabalhador docente dos Institutos Federais de Educação.** Tese de Doutorado em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2018.

ANTUNES, S. M. P. S. N. **Readaptação docente: trajetória profissional e identidade. Dissertação de Mestrado em Educação.** Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, 2014.

AVELLAR, E. T. **O método “Laboratório de Mudança” como intervenção formativa em uma escola do ensino fundamental: uma nova perspectiva em saúde do trabalhador.** Tese de Doutorado em Saúde Pública. Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BARRETTO, R. F. **Saúde na escola: análise dos conhecimentos e práticas sobre saúde escolar dos professores da Rede Municipal de Fortaleza.** Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva. Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2008.

BASSI, I. B. **Professores municipais disfônicos: Aspectos clínicos, ocupacionais e de qualidade de vida.** Dissertação de Mestrado em Saúde Pública. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2010.

BONDAN, A. P. **Saúde docente: relação entre gênero e estresse profissional'** 01/12/2011 93 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Biblioteca Depositária: PUCRS

CAMARGO, M. O. **A percepção de professoras sobre a intensidade da própria voz.** Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, 2007.

CAMPOS, T. da A. **O Caleidoscópio do processo de saúde e doença na percepção de professores do ensino médio dos colégios públicos do município de Cascavel, PR.**

Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, PR, 2018.

COLEDAM, D. H. C. **Preditores da utilização de serviços de saúde, medicamentos, absenteísmo e presenteísmo em professores da rede pública municipal de Londrina-PR: Modelo de mediação.** Tese de Doutorado em Educação Física. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2015.

DANTAS, M. E. O. **A intensificação do trabalho docente: os impactos da Lei nº 9815/2010 sobre o Presenteísmo/Absenteísmo dos Professores da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.** Dissertação de Mestrado em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2012.

EIS, G. G. dos. **Sofrimento e prazer no trabalho: um estudo sobre os processos de saúde-doença de professores da educação municipal.** Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2017.

EVANGELISTA, S. T. **Trabalho docente na UFF: Relações, saúde e produção de subjetividades.** Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2017.

FERNANDES, F. R. V. **Estresse Docente: a espiral do conhecimento como base para estratégias de enfrentamento em escolas públicas ofertantes de educação profissional na cidade de Foz do Iguaçu (PR).** Dissertação de Mestrado em Administração. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2016.

FERREIRA, G. N. **Professores readaptados em um município do litoral norte de SP: mudanças e conflitos em sua identidade profissional.** Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais. Universidade de Taubaté, Taubaté, SP, 2017.

FREITAS, L. G. **Saúde e Processo de Adoecimento no Trabalho dos Professores em Ambiente Virtual.** Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

GONÇALVES, A. S. R. **Prazer e sofrimento no trabalho de docentes da saúde em Universidade Pública da Região Amazônica.** Tese de Doutorado em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2010.

GONÇALVES, A. S. R. **Prazer e sofrimento no trabalho de docentes da saúde em Universidade Pública da Região Amazônica.** Tese de Doutorado em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2010.

GOUVEA, L. A. V. N. de. **Saúde como Direito Social na pauta Sindical de Professores da Rede Básica de Ensino.** Tese de Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana. Universidade do Estado do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2015.

GRANDE, C. **O trabalho e o afeto: prazer e sofrimento no trabalho dos professores da escola pública de Brasília.** Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.

GUERREIRO, N. P. **Condições de trabalho, cargas de trabalho e absenteísmo em professores da rede pública do Paraná.** Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2014.

HASSON, R. **As doenças psíquicas do trabalho geradas no ambiente de trabalho do professor de ensino fundamental.** Dissertação de Mestrado em Direito. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2015.

JARDIM, R. **Voz, trabalho docente e qualidade de vida.** Dissertação de Mestrado em Saúde Pública. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2006.

JASIULIONIS, H. **Fatores associados à geração da Síndrome de Burnout em uma amostra de professores de escolas da rede pública estadual de ensino em Sumaré.'** 01/02/2009 80 f. Mestrado em Saúde Coletiva. Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.

JUNIOR, R. S. de F. **A precarização do trabalho e o adoecimento docente em instituições de ensino superior privadas/mercantis.** Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2014.

KARMANN, D. de F. E. **Distúrbios de voz e violência na escola: relato de professoras.** Dissertação de Mestrado em Ciências da Reabilitação. Faculdade de Medicina. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2013.

LEITE, N. C. **O Mal-estar do professor de língua inglesa: o desvio de função como aposta subjetiva.** Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2018.

LIMA, V. A. **Condições de Trabalho e Saúde dos professores sindicalizados da Rede Privada de Campinas.** Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

MEDEIROS, A. M. Disfonia e condições de trabalho dos professores da rede municipal de ensino de Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado em Saúde Pública. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2006.

MOTA, R. M. **Trabalho docente e saúde: estudo de caso realizado no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.** Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2010.

MOURA, A. I. F. **Agravos osteomusculares, qualidade de vida em voz e estresse em professores de escolas de referência: um estudo analítico na cidade de Petrolina, PE.** Dissertação de Mestrado em Ciências da Saúde e Biológicas. Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE, 2017.

MOURA, A. I. F. **Agravos osteomusculares, qualidade de vida em voz e estresse em professores de escolas de referência: um estudo analítico na cidade de Petrolina, PE.** Dissertação de Mestrado em Ciências da Saúde e Biológicas. Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE, 2017

NASCIMENTO, V. F. do. **Conflitos que afetam a saúde dos professores universitários: Contribuições da Bioética para a consciência crítica destes profissionais.** Tese de Doutorado em Bioética. Centro Universitário São Camilo, São Paulo, SP, 2018.

NOGUEIRA, D. da S. **Circulação de sentidos em discursos sobre o trabalho e a saúde de professores de escolas públicas: interrogações a partir do ponto de vista da atividade.** Dissertação de Mestrado em Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2013.

PANDE, M. N. R e AMARANTE, P. D. de C. WHITAKER, R. Anatomia de uma epidemia: pílulas mágicas, drogas psiquiátricas e o aumento assombroso da doença mental. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2017.. **Saúde em Debate [online]**. 2017, v. 41, n. 115 [Acessado 19 Julho 2021] , pp. 1233-1235. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-1104201711520>>. ISSN 2358-2898. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201711520>.

PEREIRA, F. F. S. **Indicadores de mal-estar docente em escolas públicas municipais de Salvador.** Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2011.

PEREZ, K. V. **Se eu tirar o trabalho, sobra um cantinho que a gente foi deixando ali: Clínica da Psicodinâmica do Trabalho na atividade de docentes no ensino superior privado.** Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2012.

PINHEIRO, J. M. **A interferência das doenças laborais na prática educativa sob a ótica dos professores do Ensino Médio.** Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Regional Integrada ao Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, RS, 2014.

PUGAS, E. M. da S. **Perfil de adoecimento e incapacidade para o trabalho entre profissionais de ensino: análise dos registros oficiais no Brasil.** Dissertação de Mestrado em Saúde, Ambiente e Trabalho. Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2018.

REIS, G. G. dos. **Sofrimento e prazer no trabalho: um estudo sobre os processos de saúde doença de professores da educação municipal.** Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2017.

SANTOS, D. A. S. E. **Estresse ocupacional e transtornos mentais comuns entre professores universitários.** Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, 2016.

SARTORI, D. G. **Construção de sentidos da sobrecarga no trabalho de professores do magistério superior: o tema da saúde via atividade linguageira.** Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, PR, 2017.

SILVA, J. P. da. **Quando o trabalho invade a vida: um estudo sobre a relação trabalho, vida pessoal cotidiana e saúde de professores do ensino regular e integral de São Paulo.** Tese de Doutorado em Saúde Pública. Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, São Paulo, SP, 2018.

SILVA, L. G. da. **Condições de trabalho e saúde de professores pré-escolares da cidade de Pelotas**. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2011.

SOARES, R. J. de O. **Resiliência e Danos à Saúde do Docente de Enfermagem: contribuições para a saúde do trabalhador**. Tese de Doutorado em Enfermagem. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2016.

UENO, C. S. **Um estudo sobre a saúde do professor a partir da perspectiva da sociologia sensível de Michel Maffesoli**. Dissertação de Mestrado em Educação Escolar. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, 2006.

VEDOVATO, T. G. **Fatores associados à capacidade para o trabalho dos professores de escolas estaduais de dois municípios do estado de São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Enfermagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2007.

VIANELLO, L. **O uso da voz em sala de aula: O caso dos professores readaptados por disfonia**. Dissertação de Mestrado em Saúde Pública. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2006.

APÊNDICE

APÊNDICE 1²⁷

Carta de solicitação para acesso aos dados da UFMS

À

PROGEP – Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e do Trabalho - UFMS

a/c Sra. Carmem Borges Ortega

Assunto: solicitação de autorização para pesquisa documental

Saudações,

O Programa de Pós-Graduação em Educação - UFMS, através de seu coordenador, vem respeitosamente solicitar autorização para que os orientandos: Alcione Ribeiro Dias e Vanderlei Braulino Queiroz, possam realizar pesquisa documental junto à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e do Trabalho – PROGEP, desta Universidade.

A autorização será para a consulta de documentos que informem sobre o número de afastamento do trabalho de docentes por problemas de saúde, nos últimos cinco anos. Nesse levantamento pretendemos obter os dados: quantidade de professores e tipo de vínculo com a UFMS, área de atuação do professor, idade, tempo de afastamento, número de vezes que o professor solicitou afastamento do trabalho, motivo do afastamento e afastamentos que ocasionaram aposentadoria.

Esclarecemos que os dados serão utilizados como parte das pesquisas abaixo relacionadas²¹, as quais abordam questões relativas à saúde e adoecimento dos professores do ensino superior – visando a forma de enfrentamento e tratamento da questão. Segue abaixo título, objetivo e pesquisadores responsáveis:

- *“Os modos de enfrentamento do adoecimento no professor universitário”* - dissertação de mestrado em Educação pela UFMS, de autoria do estudante Vanderlei Braulino Queiroz. O objetivo da pesquisa é investigar os modos de enfrentamento do adoecimento em professores universitários.
- *“Saúde e adoecimento do professor do ensino superior na perspectiva da Psicologia Histórico-cultural”* - dissertação de mestrado em Educação pela UFMS, de autoria da estudante Alcione Ribeiro Dias. O objetivo da pesquisa é discutir sobre a saúde e o adoecimento do professor do ensino superior.

Gratos pela atenção, aguardamos o posicionamento desta Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas.


Campo Grande – MS, dezembro 2019.

Prof. Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório
Programa de Pós-graduação em Educação da UFMS

²⁷ Material compartilhado com Marilda Gonçalves Dias Facci, Sônia da Cunha Urt e Armando Marino Filho na pesquisa: *“As contribuições da Psicologia Histórico-cultural para a compreensão do adoecimento do professor no Ensino Superior”*. As duas pesquisas mencionadas no documento tiveram alteração no título. O presente estudo era inicialmente chamado de: *“Os modos de enfrentamento do adoecimento no professor universitário”*, passou a chamar-se: *Possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor universitário*. A pesquisa de Alcione Ribeiro Dias, inicialmente era intitulada *“saúde e adoecimento...”* retirou o nome saúde e conservou o restante. Ficou: *Adoecimento docente no ensino superior na perspectiva da Psicologia Histórico-cultural*. As três pesquisas compartilham diversos instrumentos e adotam o mesmo princípio metodológico respeitando a especificidade de cada trabalho desenvolvido.

APÊNDICE 2

Questionário da pesquisa



Seção 1 de 2

SOLICITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA "AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA A COMPREENSÃO DO ADOECIMENTO DO PROFESSOR NO ENSINO SUPERIOR"

Prezado(a) Professor(a),

Convidamos você a participar da pesquisa intitulada "As contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a compreensão do adoecimento do professor no ensino superior", coordenada pela Profa. Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci, do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Em colaboração com pesquisadores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Maiores detalhes são descritos a seguir.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Professor(a),

A pesquisa: "As contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a compreensão do adoecimento do professor no ensino superior", é coordenada pela Profa. Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci, do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e conta com a colaboração de pesquisadores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

O objetivo da pesquisa é discutir o sentido dado à prática docente e ao adoecimento do professor no ensino superior. Para talo presente formulário, com questões atinentes ao tema, está sendo enviado aos professores dos cursos de Ciências Humanas (CNPq) das seguintes universidades: UFMS(Campo Grande, Três Lagoas e Corumbá) e UEMS (Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - Campus de Campo Grande).

Sua participação é muito importante, e se dará na forma de respostas a perguntas feitas por meio de questionários. Informamos que sua participação é totalmente voluntária, logo você pode se recusar a participar ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isso lhe acarrete qualquer ônus ou prejuízo. Comunicamos também que, caso haja desconforto ou constrangimento com alguma questão apresentada, você poderá optar em não respondê-la.

Esclarecemos que os dados serão compartilhados como parte das pesquisas abaixo relacionadas, as quais abordam questões relativas à saúde e adoecimento dos professores do ensino superior – visando a forma de enfrentamento e tratamento da questão. Segue abaixo título, objetivo e nome dos pesquisadores responsáveis:

- "Os modos de enfrentamento do adoecimento no professor universitário" - dissertação de mestrado em Educação pela UFMS, de autoria do estudante Vanderlei Braulino Queiroz. O objetivo da pesquisa é investigar os modos de enfrentamento do adoecimento em professores universitários. Sob orientação da Profa. Dra. Sônia da Cunha Urt.
- "Saúde e adoecimento do professor do ensino superior na perspectiva da Psicologia Histórico-cultural" - dissertação de mestrado em Educação pela UFMS, de autoria da estudante Alcione Ribeiro Dias. O objetivo da pesquisa é discutir sobre a saúde e o adoecimento do professor do ensino superior. Sob orientação da Profa. Dra. Sônia da Cunha Urt.

Estas duas pesquisas compõem uma parceria acadêmica com a Pesquisa referida inicialmente.

Esclarecemos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins destas pesquisas, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar sua identidade. Confirmamos que as informações serão apagadas assim que a pesquisa for concluída.

O benefício esperado é a defesa de melhores condições de trabalho do professor e o auxílio da compreensão e proposição de ações que contribuam para que o sentido da prática docente esteja vinculado ao significado da universidade, relacionado à apropriação dos conhecimentos pelos alunos.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, contate ou procure o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM por meio de:

MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI. Endereço: Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM, Bloco 118 – Departamento de Psicologia. CEP 87020-900. Maringá-PR. Tel.: (44) 3011-3871. E-mail: mgdfacci@uem.br

Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UEM (COPEP). Universidade Estadual de Maringá. Av. Colombo, 5790, PPG, sala 4. CEP 87020-900. Maringá-PR. Tel.: (44) 3011-4444. E-mail: copep@uem.br

Caso concorde em participar desta pesquisa, assinale abaixo. *

Declaro que fui devidamente esclarecido(a) e CONCORDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

Solicitamos que preencha abaixo com seu e-mail. *

Texto de resposta longa

DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS

Descrição (opcional)

1. Sexo

- Feminino
- Masculino

2. Instituição onde leciona *

- Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS - Campo grande - MS.
- Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS - Corumbá - MS
- Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS - Três Lagoas - MS
- Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS - Campo Grande - MS

3. Curso em que ministra aula(s)

- FILOSOFIA
- SOCIOLOGIA
- ANTROPOLOGIA
- ARQUEOLOGIA
- HISTÓRIA
- GEOGRAFIA
- PSICOLOGIA
- PEDAGOGIA
- TEOLOGIA
- Outros...

4. Idade

Texto de resposta curta

5. Formação em nível de graduação (Nome do curso)

Texto de resposta curta

6. Ano de conclusão de graduação

Texto de resposta curta

7. Qual é a sua formação em nível de pós-graduação "strictu sensu"? Exemplo: Mestrado em Educação.

Texto de resposta longa

8. Ano de conclusão da pós-graduação mencionada na questão anterior.

Texto de resposta curta

9. Tempo de docência no ensino superior

Texto de resposta curta

10. É docente na pós-graduação?

- Sim. Em cursos lato sensu
- Sim. Em cursos stricto sensu
- Sim. Em cursos lato sensu e stricto sensu.
- Não.

11. Qual seu vínculo trabalhista?

Concursado

Temporário

TRABALHO DOCENTE

Descrição (opcional)

12. Qual a função do professor para você?

Texto de resposta longa

13. Do seu ponto de vista, qual é a finalidade do seu trabalho como docente?

Texto de resposta longa

14. Em relação às atividades realizadas cite até três que mais o(a) agradam.

Texto de resposta longa

15. Em relação às condições de trabalho, cite até três que mais o(a) agradam.

Texto de resposta longa

16. Em relação às atividades realizadas cite até três que mais o(a) desagradam.

Texto de resposta longa

17. Em relação às condições de trabalho cite até três que mais o(a) desagradam.

Texto de resposta longa

TRABALHO DOCENTE E SAÚDE

Descrição (opcional)

18. Você tem algum problema de saúde? Se sim, qual ou quais?

Texto de resposta curta

19. Seu problema de saúde é anterior ou posterior ao início da(s) sua(s) atividade(s) profissional(is) como docente?

- Anterior
- Posterior
- Não tenho problema de saúde

20. Você tem alguma hipótese sobre o(s) motivo(s) do seu adoecimento? Qual(is)?

Texto de resposta longa

21. Há situações específicas em que sua doença se manifesta? Quais?

Texto de resposta curta

22. Você toma ou tomou algum medicamento nos últimos 12 meses? *

- SIM
- NÃO

22.a Quais medicamentos você utilizou ou utiliza?

Texto de resposta longa

23. Que efeito(s) positivo(s) você considera que o medicamento lhe proporciona?

Texto de resposta longa

24. Que efeito(s) negativo(s) você considera que o medicamento proporciona à você?

Texto de resposta longa

25. Você considera que a atividade docente influencia no seu problema de saúde? Em caso positivo, do seu ponto de vista, de que forma isso ocorre?

Texto de resposta longa

26. Você solicitou afastamento de seu trabalho por razões de saúde nos últimos 12 meses? por quanto tempo? *

Texto de resposta curta

26.a Quantas vezes você pegou atestado de afastamento do seu trabalho durante os últimos 12 meses?

Texto de resposta curta

27. Como você se sente em relação ao seu trabalho?

- Muito satisfeito
- Satisfeito
- Pouco satisfeito
- Insatisfeito
- Não sinto nada
- Outro:

28. Justifique o item assinalado.

Texto de resposta longa

29. Se pudesse mudaria de profissão? Por quê?

Texto de resposta longa

30. Que medidas/ações de enfrentamento poderiam ser realizadas para auxiliar no não adoecimento do professor(a)?

Texto de resposta longa

FINALIZANDO A PESQUISA

Queremos agradecer imensamente sua participação até aqui. Sua colaboração é fundamental para a realização dessa pesquisa. Solicitamos por fim, que nos permita, caso necessário, entrar em contato contigo para o segundo momento deste trabalho. Que será a realização de entrevistas, por meio de aplicativos das mídias sociais ou presencialmente.

31. Caso necessário, você concorda em participar da segunda fase desta pesquisa? *

- SIM, entrevista individual
- SIM, grupos ou oficinas
- SIM, individual ou grupal
- NÃO. Não desejo colaborar nesta segunda fase.

32. Se você disse SIM, escreva abaixo o número do seu telefone.

Texto de resposta longa

Título da imagem



Obrigado

APÊNDICE 3

Roteiro de entrevistas

❑ ROTEIRO DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

OBJETIVO: Coletar informações sobre possibilidades dos sujeitos de enfrentamento ao adoecimento docente universitário.

RECURSO: Entrevista individual pelo google meet ou outro meio semelhante. Gravar a entrevista.

PROCEDIMENTO: Realizar convite via watts app ou ligações telefônicas para marcar a entrevista. No início da entrevista, apresentar o Termo de consentimento Livre e Esclarecido.

MODELO DE CONVITE VIA WATTS APP

Bom dia/Boa tarde! Este contato é referente à pesquisa: *“As contribuições da Psicologia Histórico-cultural para a compreensão do adoecimento do professor no Ensino Superior”* e da pesquisa: *“Docentes resistentes: possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor universitário”*. Meu nome é Vanderlei B. Queiroz, mestrando em Educação da UFMS sob a orientação da Professora Sônia da Cunha Urt. Ao responder o formulário enviado anteriormente, foi assinalado que na segunda fase das pesquisas mencionadas haveria possibilidade contar com a sua colaboração mais uma vez, por meio de entrevista interpessoal. Em que dia e hora podemos realizá-la? Será a distância com o auxílio de aplicativos de teleconferência. Conto com a sua colaboração. Aguardo sua resposta. Desde já, agradeço.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Bom dia/Boa tarde!

Meu nome é Vanderlei Braulino Queiroz, sou estudante do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada: *“Docentes resistentes: possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor universitário”*. Com o objetivo de investigar o enfrentamento ao adoecimento em professores universitários. Realizo esta pesquisa sob a orientação da professora Doutora Sônia da Cunha Urt.

Esta pesquisa está sendo realizada em parceria com uma pesquisa maior intitulada: *“As contribuições da Psicologia Histórico-cultural para a compreensão do adoecimento do professor no Ensino Superior”* e adota os mesmos procedimentos, aprovados em comitê de ética em pesquisa da Universidade Estadual de Maringá - UEM, desenvolvida pela Professora Doutora Marilda Gonçalves Dias Facci.

No caso de já ter respondido ao formulário com as questões enviadas referentes a esta pesquisa, aproveitamos para agradecer sua colaboração e o fato de ter se disponibilizado a colaborar neste segundo momento. De qualquer forma, desde já agradecemos a sua colaboração.

Solicitamos sua permissão para gravar esta nossa conversa, em áudio e vídeo, pois será transcrita, para a coleta dos dados. Asseguramos a preservação da sua identidade e que a qualquer momento poderá interromper essa conversa no caso de sentir algum desconforto que impeça sua realização. O roteiro desta conversa foi previamente organizado e foi pensado para evitar tais desconfortos.

O (A) Senhor(a), se sente esclarecido(a) e aceita livremente realizar esta entrevista?

() Sim

TÓPICOS PARA A REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Bem, prossigamos...

Nossa intenção não é a de fazer perguntas diretiva. Esperamos uma conversa livre e o mais possível, pessoal, que verse sobre alguns tópicos que nos parecem úteis aos objetivos propostos por esta pesquisa. Em algum momento poderemos fazer alguma intervenção no sentido de aclarar ou buscar explicitar alguma questão.

Para iniciar esta conversa apresento alguns tópicos sobre os quais poderá falar livremente.

- ENFRENTAMENTO PESSOAL AO ADOECIMENTO (ESTRATÉGIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS) - Temos percebido as relações de trabalho cada vez mais intensificadas e precarizadas. Inclusive no ambiente educacional de nível superior. Diante dessa realidade, talvez pudéssemos conversar sobre como ela é percebida e o que é necessário fazer para não adoecer. Como lidar com estas questões e pessoalmente o que te faz manter a saúde ou não agravar adoecimentos. Exemplifique.
- PROGRAMAS E PROJETOS DA INSTITUIÇÃO - poderíamos falar também se há alguma atividade ou programa desenvolvido no seu ambiente de trabalho, na universidade, que objetive promover a saúde ou evitar o adoecimento. Se você percebe alguma preocupação ou cuidados com o bem estar docente. Se você participa de algum deles ou tem alguma sugestão sobre algo que possa ser desenvolvido a respeito.

Agradeço mais uma vez, ter cedido parte do seu tempo e participado desta pesquisa. Obrigado!

APÊNDICE 4

Entrevistas

As entrevistas que seguem, foram todas elas, realizadas por Queiroz (2020 e 2021). Na fase transcrição, houve a colaboração de Dias (2020 e 2021). Das 10 entrevistas realizadas, 9 delas estão presentes na dissertação de Dias (2021) e foi igualmente incorporada como apêndice aqui, conforme foi organizada pela autora, exceto pelo nome dos sujeitos, aqui se menciona algumas aves. A entrevista de Tucano não foi utilizada na dissertação de Dias.

Todas as entrevistas, passaram por um processo de edição, com o objetivo de preservar o anonimato dos entrevistados e diminuir a ocorrência dos vícios de linguagem, próprios de uma fala mais informal. Mas, sem deixar de ser fiel ao conteúdo delas.

As falas do entrevistador também foram retiradas, para dar mais fluência ao texto e foco nos entrevistados. Seguem as transcrições das entrevistas como falas corridas dos entrevistados.

ARARA VERMELHA

Tenho 38 anos de idade, 15 anos de docência e estou efetiva desde 2019 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Não tenho problemas de saúde.

O ambiente acadêmico é muito competitivo, sempre exige muito, tem uma pressão por publicação, por produção e por excelência. E de certa forma, não temos uma profissão que seja bem valorizada ou reconhecida, de um modo geral, não só institucionalmente falando.

Da instituição ou com os colegas de trabalho, me mantenho um pouco afastada. Evitei entrar em pós-graduação, é uma briga, um desgaste – aqui e em outras universidades. É uma pressão, uma disputa – por orientandos, orientação, cadeiras, disciplinas. Na universidade particular a gente não tem funções administrativas. Na universidade pública, a gente assume. O professor, assume todas as funções. É o professor que vai gerir o curso, que vai participar do colegiado, que vai fazer resoluções, que vai fazer cumprir normas, leis e instruções normativas – é um trabalho um pouco desgastante.

A gente tem um preparo para ser professor, nossa carreira nos prepara para a docência, para pesquisa, extensão e ensino. A parte administrativa é desgastante, porque a gente não sabe de administração, não foi preparado para questões muitas vezes burocráticas, por exemplo a interpretação de uma cláusula, de uma norma.

O coordenador do curso, é o tempo inteiro resolvendo problemas. São alunos e professores, que vão demandando uma série de questões que são exclusivamente administrativas. Se você optar por uma carreira – coordenador de curso, chefe de departamento, acaba sendo tão administrativo que você não se sente mais nem professor. É um negócio que não tem volta, você não consegue produzir, fazer pesquisa, publicar artigo; é o tempo inteiro resolvendo problemas administrativos e você vai perdendo essa parte acadêmica.

Um plano de ensino que fiz para uma área, foi devolvido por uma comissão que o avaliou, dizendo que deveria ter o objetivo geral, objetivos específicos e que todas as referências bibliográficas, que estão na bibliografia básica, tem que ter na biblioteca, disponíveis. E ainda, que tem que ter as datas das provas previstas. O coordenador do meu curso falou para formarmos uma comissão de avaliação de planos de ensino e ao olharmos os nossos planos 288 vimos que são muito diferentes entre si. E muitos não tem aquilo que o professor daquela comissão me pediu. Perguntei: será que tem uma norma, uma resolução? Pesquisei nas publicações oficiais e não achei nada, só a resolução 550 de 2018 que é o regulamento geral da graduação – onde consta a questão do dia da prova, baseada no calendário acadêmico. Não achei sobre objetivo geral e específicos e a questão de bibliografia básica ter que estar na biblioteca. Falei com a pró-reitoria de Graduação que confirmou: ‘tudo que tem está na 550’. Falei com o professor da comissão que pediu as alterações, até agora sem resposta. É difícil, é um tempo que você perde. Se é uma normativa da universidade, quero saber onde ela está, porque também vou ter que exigir isso dos professores. A gente fica muito preso a estas questões administrativas e não tem tanto respaldo assim. Acho um pouco desgastante, um pouco chato. A gente não tem um preparo para esta parte administrativa.

O plano de atividades, que todo ano, todo semestre, a gente tem que preencher tudo o que vai fazer naquele semestre – é o sistema do planejamento docente, tem um prazo para responder. Foi uma novidade quando entrei aqui. O prazo era numa sexta-feira da semana seguinte e eu não sabia como fazer. Encontrei uma professora, que estava na mesma situação, e marquei com ela na terça, porque na sexta-feira era quando se encerrava o prazo. Na segunda-feira, recebi um e-mail, dizendo aos professores, abaixo listados, que ainda não responderam atentasse porque teria uma medida administrativa para quem não respondesse – uma ameaça de punição, assustei na hora ao ler meu nome listado. Eles mandaram um e-mail super ameaçador, com o meu nome exposto – não gostei! Tinha ainda cinco dias de prazo para fazer isso, sendo que sou super responsável com essas coisas. Me senti mal, porque achei que tinha perdido o prazo para estar recebendo um e-mail desse. Estranhei e me assustei. Essas coisas

assim, pressão, o jeito de funcionar da instituição, um controle aversivo, ameaçar antes do prazo que é para você não perder o prazo. Eu acho isso um pouco... e depois você se acostuma.

A gente enquanto professor, precisa de uma formação melhor, mais humanizada, mais humana mesmo. Os professores massacram os alunos da pós-graduação. Os cursos de formação de professores, precisa investir numa formação pessoal, humana, de respeito. É uma coisa estranha de falar, mas falta uma dimensão ética, mais do que conteúdo, mais do que acumular conhecimento ou publicar artigos. A gente precisava investir numa formação ética, assim, de se importar com o outro. Seja esse outro um aluno, seja um colega de trabalho, seja esse outro alguém de uma hierarquia. Uma formação que se preocupe com essa formação humana e com as habilidades sociais mesmo - com a forma de falar, com a forma de você defender um ponto de vista, com a forma de você se colocar, ou de você ouvir ou escutar. Me parece que uma coisa bem utópica, mas que falta. A gente tem uma formação acadêmica, voltada para acumular conhecimento e saber, entender e colocar em prática aquele conhecimento. Falta uma formação em termos de habilidades como pessoa e não só como professor.

O meu trabalho é uma das partes mais reconfortantes da minha vida. Faço uma coisa que amo fazer. Escolhi a carreira acadêmica, mesmo sabendo que existia adoecimento dentro do próprio curso.

O professor não tem sido muito valorizado institucionalmente. Mas, gosto demais do contato com os alunos, é outra dimensão. Se você pensar na relação de professor com os alunos e de professor com a instituição. Os alunos a cada semestre se renovam, são outros alunos com outros olhares, com aquela vontade que eles têm, cada vez mais engajados, eles têm vontade de fazer diferença na sociedade, na onde eles vivem. Isso, para mim, é uma coisa que não consigo explicar, mas é muito, muito bom.

Não vejo as horas de aula passarem, não sinto. É uma fonte de saúde, quando eu estou dando aula, quando estou em contato com meus alunos, me sinto recarregando energia. Já teve vezes, de sair de sala de aula e pensar: ‘nossa, ainda ganho para fazer isso’, sou remunerada, isso é o meu trabalho. É tão prazeroso, estar com eles que não sinto em nenhum momento que é um esforço. Gosto, tenho dado muita aula na graduação e fico mais nessa área que me sinto mais confortável.

Muitas pessoas com quem já trabalhei, de outras profissões, sentem o trabalho como um peso, um esforço. No meu caso, eu realmente escolhi uma profissão com várias coisas que tenho orgulho de participar – é uma profissão que transforma sim as pessoas e uma pessoa que você consegue transformar, tocar, participar da vida profissional ou da formação, já acho tão recompensador.

Não vou pegar uma briga, tenho filhos pequenos, e não quero me envolver em coisa que vai esquentar a minha cabeça, que vou dormir preocupada e depois ficar recebendo e-mails agressivos, que a gente sabe que outras pessoas acabam recebendo. Então me mantenho um pouco afastada das relações e tento manter as relações no meu meio de trabalho mais profissionais. Em 15 anos, não tive muitas amizades dentro da academia, da instituição. Tento manter relações respeitadas, ouço, respeito a trajetória de cada um. Tenho medo de me envolver muito nas rodas sociais ou em situações mais complexas e isso acabar deteriorando esse amor que eu sinto por aquilo que eu faço, pode acabar contaminando um pouco. Então dou uma preservada.

Me sinto muito realizada profissionalmente, no meu trabalho, adoro o que faço. Não sou acomodada enquanto professora, em sala de aula. Busco sempre atualizar as minhas referências, as minhas metodologias de ensino – essa metodologia de aula expositiva é ruim, com tudo que a gente tem hoje em termos de avanço de tecnologias, fazer os alunos ficarem quatro horas ouvindo alguém falar. Então assim, tenho repensado as metodologias e tento implementar mudanças nas metodologias. Sinto muita motivação de fazer isso, geralmente elas funcionam, as tentativas são sempre bem-vistas e bem-vindas pelos alunos. Esse problema do adoecimento, acho que é muito de pessoas terem uma dificuldade de realmente relevarem, das pessoas se sentirem ofendidas e terem dificuldade de resolver isso. O papel do professor não é nem lecionar, ele media a construção de um conhecimento e o aluno sempre traz para nós visões e contribuições que vão além do que a gente planeja. A gente faz a mediação da construção do conhecimento, a construção de novas práticas e a construção de novas teorias. Por isso acho tão motivador, os alunos sempre me surpreendem, não são seres passivos que estão ali absorvendo o conhecimento, eles participam dessa construção. Eles vão pensar nas melhores estratégias para a atuação em algum contexto de trabalho, vão trazer as estratégias e desenvolver. Preciso trabalhar nos alunos, essa autonomia, o conhecimento básico que respalda e o aluno precisa aprender pelo raciocínio, pela empatia. Saber chegar num contexto e conseguir pensar numa prática que vai atender melhor as demandas - não receitas prontas. Isso é o papel do professor, é o que mais me motiva.

Embora não me sinta confortável, gosto de fazer parte do colegiado porque me sinto tranquila em relação às discussões, tenho facilidade de trafegar entre grupos que muitas vezes tem uma divergência – sinto que contribuo para pacificar debates e tratar questões.

Lembro que lendo o TCC da aluna, sobre a questão da escola sem partido, eu fiquei pensando que é inaceitável que num ambiente acadêmico, um professor humilhe o aluno. Isso é inaceitável. E essas coisas só foram reproduzidas porque aquele professor, provavelmente,

teve uma formação em que ele foi humilhado, foi isso que ele aprendeu com modelos. Acho que falta muito uma formação para o professor, não só da parte de conhecimento, dessa parte de dizer: ‘nossa, é PhD naquilo, tem muito conhecimento e não consegue conversar com o aluno que pensa diferente dele’. A gente é exemplo, a gente é modelo de muita coisa, é modelo de comportamento quando a gente está na sala de aula. Na medida em que consigo respeitar a diferença, em que consigo sentir junto com o outro aquilo que ele está passando, estou dando um modelo para os meus alunos.

Em ambiente um pouco hostil, entre as coisas que fazem com que eu não adoça, é a relação com os alunos onde não sinto hostilidade. Talvez eles sintam também a minha entrega, esse amor que tenho, essa paixão pelas disciplinas, pelo conhecimento, por essa troca – aprendo com eles todo dia, é uma troca muito genuína e acho que eles sentem isso. Nunca tive problemas com alunos, em 15 anos de docência, um desgaste em sala de aula ou me senti de alguma maneira ofendida ou atacada – sempre construí relações em sala de aula muito verdadeiras, muito respeitadas, mesmo em salas em que professores relatavam problemas. Essa relação professor- aluno, realmente é onde eu encontro o lado mais saudável e mais recompensador de toda a minha profissão.

Eu tenho me mantido longe, um pouco afastada de coisas que acho que não vão me fazer bem – reuniões desgastantes, por exemplo, onde sempre procuro manter uma posição de ouvir os dois lados e não comprar uma briga. Todo mundo tem razão – a gente sabe que os dois lados sempre querem ter razão. Não estou dizendo que isso é o melhor ou que me orgulhe disso, às vezes fico com vergonha, mas me protejo. Prefiro não me envolver emocionalmente e nem comprar as brigas. Isso é uma coisa que tem funcionado para mim, no sentido de manter essa relação com o trabalho que eu amo, preservada. No começo isso não foi consciente, não foi algo que programei fazer. Quando comecei ver que cada discussão ganhava dimensão muito exacerbada, que pessoas tudo levavam para o pessoal, evitei.

Alguém pode me dar uma direta ou indireta, não levo para o pessoal. Essa pessoa deve estar com um problema na vida dela, e não levo para casa e não fico alimentando teorias conspiratórias. Às vezes uma mexida de um horário de disciplina já é motivo para a pessoa achar que estão querendo sacanear. As vezes a pessoa está num mal momento. Tento não me incomodar tanto.

Sempre prefiro optar por aulas. Gosto de dar aulas, gosto de estar em sala de aula e gosto da graduação – jovens, com a cabeça muito fresca de ideias e de motivação. Sei que é ficar na zona de conforto, mas tenho feito isso e tem funcionado. Fico nessa minha zona de conforto

que é onde gosto de estar e com o que gosto de trabalhar e fazer – na relação com os alunos, em especial na graduação.

Enfrentamento – Ambiente

Temos muita limitação para fazermos o papel administrativo que é exigido. Neste sentido, falta a universidade oferecer um respaldo melhor – uma formação para termos mais facilidade na execução. Se erra na hora de fazer uma resolução, com dúvidas do que não pode, e quem disse que não pode? A Universidade tem muitas resoluções e ninguém consegue saber, todas as resoluções que têm.

Falta uma formação de professor mais preocupada com essa dimensão humana, não só a dimensão do conhecimento técnico e teórico. Ninguém, se preocupa com isso, não faz parte de currículo de mestrado e doutorado, alguma coisa do tipo: vamos aprender a nos relacionar, vamos aprender a respeitar os outros, vamos aprender a ser assertivos sem ser agressivos ou passivos. Falta uma formação para outra dimensão além desse papel ali do professor.

Quando tem alguma coisa, algum programa da Universidade, também não há um engajamento por parte dos professores. Não sei como resolver isso. Vejo pessoas adoecidas, muito adoecidas. Mas, não sinto que elas estejam dispostas a aderir a algum programa da universidade. Não sei. O problema está nessas relações humanas, como elas se dão.

ARACUÃ

Tenho 57 anos de idade, 6 anos de docência e estou desde 2013 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Tenho sinusite e disfunção da tireoide, que são anteriores a minha atividade docente.

Quando entra um professor novo na escola, você sabe, e na universidade é a mesma coisa – você pega o que sobra. Embora tenha passado especificamente para um edital, que diz que você tem uma área de atuação, você atua no que sobrar.

Quanto as condições de trabalho, são muitas as exigências e muita burocracia. A Universidade não faz nada para aliviar o trabalho do professor, ela só complica. Por exemplo, o meet, quando você aprendeu a mexer no sistema, está ‘acostumadinho’ com o sistema, eles mudam e você tem que aprender tudo de novo.

A Universidade é obrigada a fornecer recursos – projetor, mas não tem para todo mundo e você tem que entrar em fila. Você tem que se estressar, você tem que preencher formulário no sistema para você pegar um aparelho que você teria por direito, então eu comprei. Pronto! Porque daí eu não me estresso com isso.

Pode chegar o momento em que vou ser obrigada a fazer, porque infelizmente na nossa instituição, uns dos critérios de avaliação é este – você assumir cargos de chefia. Vejo o que os coordenadores passam, vejo o que os diretores passam.

Hoje, tenho um campo definido, tenho uma área de atuação definida. Quando entrei não tinha e isso me incomodou muito. Um mais experiente na questão, disse: é só uma questão de tempo para definir; depois que isso se definiu, ficou mais tranquilo para mim. Parei de me preocupar tanto e normalizou o serviço.

Tem professores que são mais acessíveis aos alunos e sou uma destas. Os alunos sempre vêm falar comigo para resolver problemas. Inicialmente problemas da Universidade, em que pediam minha mediação. Vão se acostumando comigo, pelo fato de ser professora deles em outros anos ao longo do curso e começaram a me procurar para problemas pessoais. Os alunos começaram a me procurar com problemas de saúde, ajudei muitos a resolver problemas de depressão, fazer encaminhamento, como lidar com filho doente em casa. Eles me procuram muito. No início, comecei a me envolver demais com os problemas deles. Daí eu comecei a perder o sono, a emagrecer e a me alimentar mal. Tinha um hábito de antes do almoço, me sentar na mesa para almoçar e pegar o celular para ver se tinha alguma coisa, e se tinha um aluno me pedindo ajuda, aquilo me tirava o apetite. Comecei a me envolver demais nos problemas dos alunos e isso começou a me afetar.

Era muito estressante uma questão, você vai lá fazer o projeto de ensino, você tem de fazer relatório no meio do semestre, no final do semestre, é muito para você preencher no sistema. É burocracia demais e essa burocracia não consigo lidar com ela, eu odeio ir para o computador preencher formulário. Não faço mais e não estou prejudicando os alunos porque eu faço dentro da sala de aula, executo o meu projeto dentro da sala de aula, só não registro ele como um projeto de ensino ou de extensão. E eu faço. Faço sem essa obrigação de formulário e um monte de coisa, não me estressa, e é agradável, gostoso, os alunos gostam e corre tudo tranquilo. Quando eu sinto que algo está me estressando, que está me atrapalhando, que vai me atrapalhar na saúde, eu paro. Eu não faço. Eu procuro não deixar nada atrapalhar o meu trabalho dentro da sala de aula.

Coordenação, eu não vou trazer isso para mim, sabendo que sou muito perfeccionista, que as coisas para mim têm que estar tudo certinho, eu gosto de fazer as coisas certas e quando eu dependo dos outros para as minhas coisas funcionarem, aí o bicho pega. Então, se sei que vou entrar nisso, vou me estressar, não entro. Se chegar o momento que eu precisar fazer isso por causa da pontuação e dessa classificação, vou fazer, mas só se precisar muito.

O pó de giz incomoda, tenho sinusite que é um problema anterior à Universidade, então evito usar giz. Sempre cuidei bem da minha saúde, com alimentação e caminhada. Tem uns oito, sete anos que faço acompanhamento com um médico ortomolecular, para prevenir doença e manter meu corpo equilibrado – vitaminas, cálcio e ferro. De seis em seis meses faço uma bateria de exames para ver como é que está tudo isso.

Fazer o exercício de separar as coisas, os problemas dos alunos dos meus. Porque estava me afetando – sono, emagrecimento, perda de apetite. Sigo as orientações que recebi: procurar não me envolver; diferenciar o problema dele, do aluno e o da minha vida. Outra coisa, temos limites, você não pode resolver os problemas das pessoas, você pode ajudar e encaminhar os alunos, a Universidade tem um excelente programa de assistência. Os professores não têm não.

O que eu estou fazendo para não me estressar, para eu não adoecer, para eu não começar a entrar em depressão, para não atrapalhar a minha vida, parei de fazer projeto de ensino e não pego mais monitoria. Continuo fazendo o meu trabalho do mesmo jeito. O que eu fazia antes como projeto de ensino eu dou como aula. A coordenadora me chamou e informou que estava sendo cobrada porque eu não estava mais fazendo projeto de ensino, projeto de extensão, diminuiu e coisa e tal. Falei para ela: fala para quem está te cobrando, que quando diminuir a burocracia eu volto a fazer. Se não diminuir eu não vou voltar, porque me estressa e eu fico mal e preocupada com a coisa, eu já não durmo e não dormir é uma porcaria porque atrapalha sua vida. Funcionário público não pode ser demitido, me recusar a fazer projeto de ensino, projeto

de extensão, ninguém pode me demitir. Mesmo porque eu tenho as minhas justificativas e não estou prejudicando os alunos. O que tenho feito é essa questão: está me estressando, eu não faço, pronto!

Outra coisa que me estressava demais – eu chegava na Universidade e queria usar o projetor e não tinha, tinha que entrar em fila. Eu comprei o projetor. Porque eu não vou ficar me estressando e entrando em fila. Tem muitos professores que dizem: eu não compro, porque a universidade é obrigada a me oferecer. Eu tenho condições de comprar, pronto! Porque daí eu não me estresso com isso. Mas, nem todos os professores têm essas condições.

Eu nasci para ficar dentro da sala de aula. Eu não pego cargo nenhum, eu não me candidato a coordenação de curso, nada disso. A única coisa que faço é participar do colegiado, porque quero estar na organização do curso, saber o que acontece no curso e tal. Mas, eu ir lá e assumir: coordenação, direção, não faço, não fiz até hoje e não pretendo fazer.

Fora essas estratégias, eu gosto de plantas e no meu quintal tenho plantas, vasos, flores, minha hortinha e minhas frutíferas. Adoro passarinhos, tem comedouro para todo lado do meu quintal. Participo de um grupo de observação de aves, que saía no final de semana; com a pandemia o jeito foi observar o pássaro do quintal e da janela. A gente encontra todo mundo e você esquece de problemas, de Universidade – relaxa muito, é muito interessante. Levei isso para dentro da Universidade e agora tem alunos que estão passarinhando também.

Outra coisa, porque dificilmente adoço, é que resolvo minhas coisas na hora. Eu não levo nada para casa, não levo desaforo para casa, não trago problemas para casa. Então se eu tenho um problema na Universidade, com qualquer pessoa, se tiver que estourar já estouro na hora, já resolvo, já brigo, faço as pazes e pronto. Na briga a gente conversa, se acerta, na briga já resolve ali – não guardo nada. Isso, trago de criança, o médico falou para minha mãe: ‘os problemas da senhora aumentam porque a senhora guarda muitas coisas, não fala e a saúde da senhora piora porque fica guardando as coisas, remoendo, remoendo’. Daquele dia falei: não vou ficar doente por causa de ninguém – resolvo minhas coisas na hora, me ajuda bastante.

Nessa pandemia, temos que fazer um monte de coisas, a aula que preparava em duas horas, agora levo quatro horas para preparar, quando não mais. Resolvi do mesmo jeito - não sou professora da EAD, não sei lidar com todas as ferramentas EAD, vou fazer com o que eu sei e não vou me estressar. Esquentar a cabeça, fazer coisas mirabolantes, bonitas, para os alunos falarem ‘olha o que ela fez’! Não faço isso e falo, para quem tiver que falar, que não vou fazer e pronto, tem funcionado comigo. Quando sinto que estou entrando numa coisa que já está me prejudicando, paro.

É lógico que os enfrentamentos existem. Tem umas professoras que são mais calorosas no debate, outras são menos. Aí tenho essa coisa, de quando vejo que a coisa está tomando um certo rumo de briga, já me calo. Não entro mais na discussão. Porque com a idade, 60 daqui a três anos, você aprende que nem toda discussão vale a pena. Quando a discussão vale, vou nela até o fim, quando não vale eu deixo correr. Tive colegas que tiveram problemas mais sérios que afetaram a saúde física mesmo, gastrite nervosa e problemas nervosos. Quando a discussão em grupo toma rumo que eu acho que não está certo, deixo. Se é uma coisa que quero resolver, depois vou na pessoa que eu quero resolver, em particular, e converso com ela só, e procuro resolver. Venho trabalhando isso a muito tempo para não estourar e tem resolvido comigo.

Projeto para os alunos, tive conhecimento, precisei e fui atrás; agora de professores não sei de nenhum. Se a Universidade tem, não tenho conhecimento. Tem professores com dificuldades nessa questão de saúde, com problemas fisiológicos e psicológicos, mas eu nunca vi nenhum programa não. O conhecimento que eu tenho é o de que estressam bastante a gente, a questão da intensificação do trabalho, isso você vê claramente – a precarização. Não conheço nenhum programa da Universidade que ajude ao professor.

Está tendo muitas críticas ao Turine, mais críticas do que elogio. Mas uma coisa boa ele fez, que foi melhorar a questão dos equipamentos nos blocos e isso ajudou a gente. Mas ainda falta bloco para algumas áreas.

Dentro da universidade tem grupos. Não vou dizer que são direita e esquerda porque não são extremistas nenhum dos dois. Mas tem os grupinhos. A gente brinca que tem o grupinho do reitor e o grupinho contra o reitor. Aí tem os professores que querem uma universidade mais democrática e tem aqueles que estão de acordo com o nosso atual reitor, uma coisa mais autoritária. Existem os embates, claro que existe, entre esses grupos, em todos os setores. Mas, nunca foi questão de levar a nenhum estresse, nenhuma briga mais séria, nada. A gente tem se resolvido, é um grupo que está junto. Tem brigas, tem discussão, tem discordância, mas sempre resolve. Claro que sempre um lado fica mais insatisfeito do que o outro, mas sempre a gente resolve. Particularmente, não tenho problemas mais sérios de relacionamento com ninguém, temos alguns pegos bem feios de vez em quando, mas resolve. E é tudo por questão ideológica mesmo. São embates de questão ideológica mesmo, mas que a gente sempre resolve e não influencia ou prejudica o andamento do nosso trabalho não. Pelo menos até agora, espero que continue assim.

GARÇA BRANCA

Tenho 58 anos de idade, 10 anos de docência e estou efetiva desde 2009 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Tenho problema de coluna (artrose) anterior à atividade docente.

Tenho uma vasta experiência na educação básica até chegar no ensino superior. As relações são sempre muito perversas, no ambiente de trabalho. Há sempre competitividade – trabalhei em escolas particulares, existe uma competitividade “de quem fica, de quem vai”, isso adoce muito o professor. Existe a questão também da permanência em determinado local de trabalho. Quando se trata do ensino superior, as relações são mais perversas, porque existe uma competitividade teórica, que parte do princípio de que a teoria que eu trato é melhor que a sua e que eu consigo mais sucesso do que você. Existe a necessidade, de alguns professores, de estando na graduação buscar a pós-graduação.

Nas próprias relações de trabalho, tem essa questão da competição: eu dou a melhor aula, a minha teoria é a melhor, eu produzi 20 artigos e você produziu 5. Para ficar na pós-graduação, tem que produzir ‘tanto’. O professor para se manter na pós-graduação tem que produzir na revista Qualis A, Qualis B, tem que produzir livros, tem que ter grupo de pesquisa, são muitas coisas que vão abarcando o nosso trabalho.

Quando estamos na universidade pública passamos por setores dentro da própria unidade de trabalho que são necessários – então, não basta só ministrar aula. Quando você trabalha numa universidade particular, você se esgota na sala de aula – muitas aulas, para você conseguir um salário, não de excelência, mas um salário que te permita, pelo menos, sobreviver. Quando você está na universidade pública, você não tem essa necessidade, do acúmulo de aulas para a sobrevivência. Você cumpre uma carga horária, que é específica da resolução e das portarias de cada universidade, e da forma como você é contratado – se você é dedicação exclusiva ou não, então você tem lá um número de aulas. Em contrapartida, você precisa participar de outras questões. Chega no final de cada ano, tem um Sistema de Avaliação Docente (SIADOC) - na universidade, que você tem que preencher para comprovar tudo o que você fez. E nesse sistema, ele tem várias questões, então ele trabalha com um tripé – extensão, pesquisa e ensino. Esse tripé, faz com você tenha um excesso nas suas funções – então, não basta só a sala de aula, que já é extremamente estressante. O professor, para além do que ele se

propõe no ensino, participa de comissões que, às vezes, não são correspondentes àquilo que você está acostumado – pode ser trabalho braçal mesmo. Você tem que lidar com o trabalho que não é só o ensino. O professor se prepara para esse ensino. Mas, existem outras questões que vão além disso. Coisas que você faz porque você tem que atender a esse tripé e lançar no SIADOC, dizer: quantas comissões você participou? Quantos projetos você coordena, quantos 298 você participa? Quais são as outras atividades que você faz, além da sala de aula? Então, é um trabalho hercúleo, é um trabalho que sobrecarrega.

Há uma precarização do trabalho docente, estamos muito mais sobrecarregados no trabalho. Se antes nós tínhamos um técnico que contribuía com questões dentro da universidade, hoje o professor faz muitas coisas que eram dos técnicos – a redução deles sobrecarrega então os professores.

O aluno, hoje, tem menos paciência, acusa os professores, entra na ouvidoria, reclama – qualquer mínimo assim, ele nos acusa às vezes de coisas graves, acusa de racismo, acusa de preconceito. O professor hoje ele vive uma condição de trabalhador para além daquilo que nós tínhamos antes como problemática, que era o salário, as condições de trabalho. Hoje, a gente ainda abarca mais questões, e eu penso que todas estas questões agrupadas elas vão deixando o professor mais vulnerável, mais doente, mais pessimista. Alguns ficam doentes e se afastam. As salas são ruins. Quando veio o COVID pensei: como que a Universidade vai fazer?

Tem sala sem janela. Seria impossível abrir uma janela para entrar o ar, se tivesse que voltar. Tem precariedade em todos os sentidos, de material e de organização. E tem uma questão muito burocrática na universidade pública, tudo o que você faz é muito burocrático, isso também desgasta.

Entendo que o adoecimento, que as condições e as relações, elas são bastante prejudiciais para muitos professores. E a grande maioria dos professores fica bastante doentes e abalados, com o que acontece dentro da universidade, no ensino superior.

A política pública, hoje, olha o professor como técnico, tanto que a gente tem aí a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as políticas de alfabetização, todas essas políticas tecnicistas. O olhar para o professor da competência técnica, não pessoa humana, com necessidades para além de questões técnicas. As políticas públicas hoje que estão sendo lançadas pelo governo elas estão muito arraigadas na família, como se a família agora fosse o centro de contribuição para a escola – porque a escola não dá mais conta, o professor não tem mais condições, então vamos buscar na família essa contribuição. São projetos de literacia familiar, políticas que colocam os pais em evidência para a alfabetização, para usar programinhas com aplicativos com as crianças, e isso passa pela desvalorização da instituição

escolar, formal, e pela desvalorização do professor. Essa desvalorização traz prejuízo para o professor.

Na pandemia é bem difícil, comprovou realmente as desigualdades, essas dificuldades que as pessoas têm, em relação ao acesso, ao próprio equipamento – computadores que não atendiam, que não davam conta; celulares também, enfim, penso que a pandemia mostrou, em todos os segmentos do básico ao ensino superior, que nós vivemos numa sociedade bem desigual.

Você tem que atender a três itens de um tripé – extensão, pesquisa e ensino. Claro que, às vezes, você atende mais um do que o outro – no meu caso, atendo muito mais a pesquisa do que a extensão, porque extensão realmente não é algo que eu priorizo ou que eu gosto. Mas, como eu preciso preencher esse sistema todo ano, eu me encaixo em alguns projetos de extensão, não que eu elabore, mas de colegas, para que consiga me estabilizar dentro do tripé.

Particpei de uma comissão, que foi trabalho braçal – ir ao lattes dos egressos da pós-graduação, para saber quanto eles haviam produzido para que a gente pudesse entrar numa plataforma que chama Sucupira, para que a gente pudesse somar essas produções dos egressos, o que vai ampliar ou vai abaixar a nossa nota, do programa. Foi um trabalho de meses – fazendo esse levantamento, entrando em contato com os egressos. Tudo isso é muito estresse para o professor.

Essas comissões que participo, essa necessidade de participar da extensão, da pesquisa, do ensino são itens que faz com que você tenha que fazer, porque você tem que responder ao sistema e se você não fizer este sistema diz que você não sobe de titulação e aí você fica em “débito” e a sua titulação não melhora. Então, são vários caminhos que fazem com que o professor tenha um excesso de trabalho dentro da universidade.

Nós não ganhamos nada com um grupo de pesquisa, nem um minuto de hora, ele não conta na nossa carga horária, ele é extra. Você tem um grupo porque você quer, porque você quer trabalhar com os alunos, porque você quer estudar com os alunos, porque você quer fazer pesquisa. Isso é muito desgastante para o professor.

Isso, que a gente tem hoje, essa precarização – que não é só da universidade pública, mas que é geral do trabalhador, acarreta, em nós trabalhadores às vezes o desânimo, a vontade de desistir. Eu não poderia dizer um número, a minha unidade é pequena, mas ela tem um número grande de afastamentos, principalmente por depressão – o professor com depressão se afasta, porque precisa se tratar, precisa se cuidar. E isso, não é por conta da pandemia, nem estou falando de pandemia, que ainda ficou mais complexo. Anterior a isso, nós já tínhamos

muitos professores adoentados, muitos professores com depressão. As condições de trabalho adoecem o professor. Agora, por que uns adoecem e outros não?

Somos professores e não gestores, então quando você está gestor, você tem que aprender a conviver, aprender a compreender os processos. Parece que o professor do ensino superior não dá trabalho para o coordenador e faz tudo – não, não faz. Ele não cumpre as datas, ele deixa o sistema fechar para ele passar a nota, ele discute com o aluno, ele falta e não avisa.

Acho que sou bem resolvida com a minha profissão. Entendo que existe sim uma complexidade, mas que tenho que trabalhar isso, porque se eu não trabalhar... o professor que não consegue se distanciar das problemáticas ele não consegue permanecer sem adoecimento, porque as relações são tensas, o ambiente é complexo, as condições materiais mesmo de trabalho são difíceis.

Às vezes, claro, fico chateada com algumas coisas, mas isso não me faz desistir, não faz pensar que está na hora de parar, que eu não quero mais; eu consigo entender que isso faz parte do processo, da vida, das relações que a gente estabelece – uma delas no trabalho. A experiência ajuda bastante, porque não são 3 ou 4 anos, são quase 40. Vai trazendo um amadurecimento e vai mostrando que o trabalho é só uma parte da nossa vida. Ele é importante, ele nos possibilita inúmeras situações na vida, mas ele é uma parte, existem outras. Eu nunca me vi doente por conta do trabalho, abatida e chateada, mas acho que é por essas questões mesmo.

Falta o coletivo, falta essa contribuição com o outro, falta essa ajuda mútua. É ao contrário, se a pessoa vê que você está com problemas, ela quer aumentar o seu problema, não tem essa, esse coletivo assim que já vi em outras situações. Então vamos ajudar, vamos contribuir, vamos fazer. A maioria das pessoas não tem isso.

A universidade fica muito no âmbito da burocracia, no âmbito das discussões políticas, teóricas e esquece um pouco que todo mundo é gente, e que precisa de mais acolhida. Tem um projeto na Universidade de acolhimento aos professores concursados, mas é uma formação de base teórico metodológica, questionei – todos são professores, não precisa ensinar o professor a fazer, nem quis mais participar. O curso era para ensinar ao professor metodologias diferentes, possibilidades de pensar a organização do ensino, só que todos eles são professores de ensino superior, são doutores, às vezes pós doutores.

Na pandemia incomoda você ter aluno que não participou plenamente da aula, porque às vezes ele entrava e a internet caía, oscilava, e ele estava apresentando um trabalho. Foi toda uma reestruturação por exemplo para lidar com as práticas efetivadas nas escolas – com o aluno indo para as escolas e discutindo a prática docente. Ficar procurando estratégias para que não prejudicasse o aluno, a formação dele, mas pensasse em possibilidades. Foi dispendioso, pensar

mais, ser criativa, pensar possibilidades e o aluno compreender isso, como uma estratégia. O mais difícil foi lidar com o acesso – a globalização é uma furada! Um celular para dividir com 301 4 pessoas na casa. Aluno que ia fazer aula no quintal, para ter o sinal. Isso trouxe à tona as desigualdades sociais, muito alarmantes. Foi difícil porque as pessoas ficavam mais tensas, mesmo estando nas suas casas – o aluno estava apresentando trabalho e a criança estava pedindo para ir ao colo da mãe, o cachorro estava latindo, alguém estava na cozinha batendo no liquidificador, a porta batia, o aluno se levanta para fechar a janela porque ventou.

A pandemia, trouxe um fator que nós não tínhamos tanta consciência antes. Pensar que todas as pessoas têm acesso à internet. Ficou muito claro que as pessoas não têm acesso. Muitos alunos desistiram por falta desse acesso e muitos, precariamente, deram conta de fechar o semestre. Isso incomodou bastante. Essa desigualdade traz as dificuldades e muitos alunos deixaram o curso no meio do caminho, do semestre, porque não conseguiam mais, não tinham mais condições. É um semestre que o aluno perde e eu também finalizei com a sensação de que eu poderia mais, promover mais na formação dos meus alunos, mas não foi possível diante dessa situação. Aquela sensação de que a didática que eu trabalhei, a prática que eu trabalhei, ficaram muito a desejar ainda.

O quadro, o retrato da universidade, não só da universidade, da educação em geral, é um retrato do adoecimento. Eu me sinto muito confortável em dizer que o trabalho não me adoeceu, mas eu não me sinto confortável nisso no sentido de que muitas pessoas que eu conheço ficam muito abaladas com muitas coisas, inclusive agora com a pandemia. Muitos professores, muitos alunos, muitas dificuldades, muitas questões da própria política pública.

Nunca adoeci por conta do trabalho. Nunca tirei licença ou fiquei com depressão, e nunca fiz terapia. Esse ano eu busquei terapia, não por conta do trabalho, mas por conta de uma situação familiar eu precisei buscar uma ajuda. Porque eu gosto do que eu faço, gosto muito do meu trabalho e me organizo muito bem para fazer. Sei que hoje tenho aula, tenho que colocar as notas no sistema, me organizo para isso.

Me organizo para não atrasar, para não dar problemas para os gestores, porque eu já fui gestor – então, eu entendo que isso é uma questão que causa problema, que causa insatisfação, incômodo para quem é gestor. Tento ser muito organizada com as datas, com inserção de nota, com entrega de material – porque eu sempre me coloco no lugar do outro. Nas minhas aulas, sempre me coloco no lugar do aluno – eu não gostaria que fosse assim, então eu também não vou fazer assim.

Olho para os que já foram meus professores e que hoje são meus colegas de trabalho, e falo: esse é bom para seguir, esse não. Tenho um discernimento com a minha profissão muito

grande, separar aquilo que aconteceu – que brigou, que discutiu, que não foi bom, o que eu deveria, entendendo que na hora, é claro, fico chateada. Isso me ajudou bastante, na minha casa também. Tive uma situação com uma aluna, por conta de uma nota. Ela gritou, ela se indignou, falou muitos desaforos para mim – tudo isso à distância, porque esse ano as coisas estão funcionando assim. Na hora eu fiquei um pouco chateada, pensei um pouco, respondi para ela com tranquilidade, com possibilidades de fazer de outra forma, de pensar uma estratégia com ela. Fiquei chateada, fiquei. Hoje já passou. Amanhã, se eu tiver aula com ela, já passou. Consigo trabalhar bastante essas questões.

A palavra-chave é organização, é fazer no tempo certo, responder as questões no tempo certo e não sobrecarregar a minha cabeça com esses problemas todos, quando eu vou para a minha casa – tenho a minha família, gosto da minha casa, gosto de cuidar da casa, gosto de fazer as coisas, então é separar exatamente isso. Contribuir o máximo que posso com os colegas. Sou bastante parceira, contribuo, gosto de ajudar, se precisa de mim dou uma força, se está no meu alcance.

Sou bastante resolvida, desprendida, quando tomo uma decisão, tomo e resolvo. Isso me ajuda bastante na minha trajetória, em todos os meus papéis – como professora, como gestora. Tem me ajudado bastante.

A organização, a experiência, o entendimento do outro também – quem é o outro, que me faz mal, que é muito competitivo, que quer ser melhor, que quer fazer mais. Enfim, essas coisas que existem. Cada um faz a sua parte, cada um faz do seu jeito. É assim que eu tenho pensado.

Aprendi, ao longo da minha experiência, que na universidade – tem aquelas reuniões, colegiado, conselho, que falam mal das pessoas, que atiram pedras nisso ou naquilo. Me abstenho, fico mais calada, mais quieta, porque eu sempre me coloco no lugar do outro – isso também me ajuda bastante, isso é amadurecimento, nem sempre foi assim, mas eu amadureci muito.

Acho difícil a gente pensar que é possível mudar, talvez a palavra seja enfrentamento. É o professor fazer esse enfrentamento no dia a dia. Em relação a gestores, até existe um discurso, mas não vejo a universidade, de fato, parar para pensar no professor, em quem trabalha 303 na universidade. Muito pelo contrário, existe uma exigência cada vez maior do nosso comprometimento enquanto trabalhador dentro da universidade, cada vez ampliando mais o nosso trabalho. Não vejo nenhuma possibilidade de melhoria nesse ambiente, muito pelo contrário, ainda mais hoje com toda essa política nacional, com toda essa situação neoliberal que existe nesse governo, é mais difícil ainda ter uma melhoria.

Vem o final de ano, não existe uma confraternização do grupo, não existe, começa a fazer e vai perdendo a força, as pessoas não querem – ali é só trabalho. São poucas as pessoas que conseguem tecer uma amizade e sair fora da Universidade. As pessoas vão, resolvem, trabalham, o encontro com o outro é um encontro de trabalho. Não posso falar da Universidade inteira, do meu lugar, a unidade onde eu estou, poucos conseguem fazer uma amizade, frequentar a casa, sabe, tenho três que se tornaram minhas amigas. As pessoas não têm mais esta articulação, é muito trabalho e tchau, vou para a minha casa, vou resolver minha vida.

Até para o enfrentamento é difícil, porque o enfrentamento não se faz sozinho. Entendo que o enfrentamento é coletivo, mas a palavra coletivo dentro da Universidade não tem, não faz sentido. Os próprios grupos de WhatsApp. O grupo de um curso, o grupo de outro curso, as pessoas vão se injuriando, vão brigando por questões pequenas e aí o grupo fica desgastante – você tem vontade de sair, porque começa a brigar por base teórica, por coisas do governo, por conta da vacina, coisas que não valem à pena; tem outras muito maiores, mas a discussão é entorno das problemáticas. O enfrentamento precisa ser mais no coletivo, juntos, gestão, o professor, e isso é muito difícil na universidade.

Acho que o pessoal de fisioterapia, têm uns projetos bacana, que contribuem para as pessoas, de saúde, de ginástica e de exercício. Tem também o pessoal da dança, tem projetos. Mas, também não chega no outro. Nunca nos comunicam enquanto professores, que tem estes projetos, não vem para nós, você descobre por que uma outra pessoa falou. Às vezes, você escuta o gestor falar que saiu na página da Universidade, no site. Nem sempre a gente vai ao site, a vida é tão corrida, é tanta coisa. Não se divulga, não dá visibilidade para todos.

Na Universidade tem muito essa coisa da discussão no âmbito mais político. Às vezes as pessoas chamam os professores de ‘comunistas’, porque a discussão fica muito no âmbito do sindicato, da questão mais política mesmo. As pessoas ficam muito voltadas para essas discussões e, às vezes, esquecem de questões que amenizam mais, um projeto de dança, um projeto de saúde. As coisas são tão pouco divulgadas, que o ano passado teve a vacinação da gripe, quando ficamos sabendo já estava quase terminando a vacinação. Falta isso dos recursos humanos da universidade, que é a PROGEP, falta mais divulgação. Falta se importar mais com as pessoas, mais humanização, no sentido do outro, no sentido de pensar na pessoa e não só no trabalhador, no funcionário, no servidor – que é assim que nós somos tratados: servidor.

Pensar um pouco mais nas pessoas. A PROGEP, trabalha com os recursos humanos, às vezes você vai lá para fazer o periódico do ano, ou para buscar uma documentação, você não é acolhido. Não tem acolhimento, não tem aquela coisa assim mais próxima. Acho que faz falta

isso. Cabe uma acolhida mais ampla da Universidade, das questões do mundo acadêmico, mas não de forma técnica.

E as políticas de formação de 2015, e agora as novas que saíram em 2019, em nenhum momento apontam as condições de saúde do trabalhador, do professor. Não há essa preocupação nas políticas. Tudo isso vai trazendo esse quadro perverso para dentro das instituições, sejam elas da educação básica ou da universidade. As pessoas adoecem sim, e não é só na profissão de professor.

CORUJA

Tenho 64 anos de idade, 42 anos de docência e estou desde 1984 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Não tenho problemas de saúde.

O problema não é da instituição. O problema são as pessoas que operam a instituição. Existe um equívoco dizer que a universidade é isso ou que a universidade é aquilo outro. Não é bem assim. Tem o chefe imediato, o reitor, o pró-reitor, um monte de gente que a priori operam essa instituição. Assim como nós, a instituição também é vítima. A posição que os dirigentes tomam passa a ser a Universidade! O coordenador do programa comenta alguma coisa que as pessoas não gostam, eles não vão falar do coordenador do programa, eles vão falar: o programa da Universidade Federal. É muito mais as pessoas que operam os lugares em que elas estão, esse é um aspecto. Embora a universidade seja material, o que circula como discurso da universidade é altamente subjetivo. São representações que as pessoas têm da universidade. Não estou querendo defender a universidade e nem estou querendo acusar a universidade. O fato de não gostar da cara do fulano, a universidade não presta. A gente vive muito por conta das relações culturais e sociais, dos enunciados que vão circulando, do imaginário das pessoas; o que as vezes não é.

Na secretaria de Educação tudo é muito difícil. A gente culpa o secretário de educação, acusa, mas muitas vezes é o próprio corpo técnico da secretaria que não quer de jeito nenhum, porque tem um bando de gente com outros interesses.

As pessoas aqui na universidade, grande parte não defende uma questão ideológica, que não é partidária, vão continuando de acordo com os seus interesses. Uma reitora me disse: ‘Olha cara presta bem atenção no que eu vou te falar hoje. Aqui se compra qualquer um, porque todo mundo aqui é comercializável – um notebook, uma passagem...’ isso me marcou tanto!

A gente vê um empobrecimento do acadêmico e isso gera uma sobrecarga para você dentro da sala de aula. Vamos dizer assim, um aluno não está acostumado a viver com os seus limites. O professor também não está acostumado com os seus limites. Então vira uma guerra de Tróia, você nunca sabe o que é que vai sair de dentro do cavalo.

As assistências ao aluno são precárias. A pró-reitoria de assistência estudantil está atendendo só 160 alunos, por causa da pandemia. A questão psíquica, ela não é vista do ponto de vista institucional. Ela é reduzida a uma conduta, um comportamento. Que é falso e hipócrita. A instituição não tem um compromisso com um aspecto que eu considero fundamental, que é a questão humanista do sujeito. Não é só a universidade, isso é em todos os lugares. As pessoas

passaram a ser objeto dos outros, elas deixaram de ser o sujeito. Nós temos o direito de hoje, de em algum dia, não estar bem.

Tenho aluno das disciplinas teóricas, que não tem internet. Para pegar o sinal de internet eles tem que ir à padaria para poder assistir aula. A filha de uma pessoa que trabalha para mim, aluna de uma escola pública, o celular não tem WhatsApp, muito menos internet, ela não pode acompanhar as aulas. Emprestei meu notebook. O povo não tem sensibilidade nenhuma, acham que algum iluminado pensou aquilo e atropela o outro. É o total desconhecimento da realidade. A pandemia ela veio reforçar a discriminação social. Só que agora ela é oficializada, ela pode. E qual é o resultado de tudo isso? Um bando de aluno trancando matrícula, o pessoal desistindo. É uma certa insensibilidade institucional em relação aos alunos.

Então, não é só o apoio psicológico, é um conjunto de questões, que envolve o salário, que envolve condições de trabalho, que envolve infraestrutura, que envolve tudo e que vai levando a tudo isso.

Na verdade, a Universidade são as pessoas que estão dentro da universidade, ponto. Acho que a situação mais grave, são as pessoas que não têm um vínculo de pertencimento institucional. Elas não acham que a universidade é delas, não é que elas sejam donas, mas que tenham um compromisso com a universidade. Você é da universidade. Então, em outras palavras, você também é a universidade. A falta de preservação das coisas, dos banheiros, de carro mal estacionado, tudo. Isso acontece com professores, com técnicos, isso acontece muito com os alunos. Vira um canibalismo.

As pessoas eram muito colaborativas, quando a gente começou a ter esse enfrentamento da luta democrática contra a ditadura, essa coisa toda, a gente se respeitava. Independente das ideias, a gente até discordava, mas existiam coisas maiores em que a gente tinha interesse, que nos unia, a luta coletiva, o interesse coletivo. As pessoas não têm essa visão, se não concorda com ela, então já é inimigo e passa a ser uma ameaça para ela. Eu acho isso uma loucura, isso é um sintoma. Tem um livro: A patologia do saber, que lida com toda essa coisa, do oculto da universidade e o quanto é patológico. Que as pessoas não percebem, já que estão vivendo a patologia. O fato de uma pessoa lidar com a universidade com o ‘fígado’, já é uma coisa patológica, abrir mão do raciocínio, do juízo de valor, de um monte de coisa. Tem um russo, a tese de doutorado que ele fez na França, que se chama: A parte oculta da universidade, que mostra a disputa interna entre os professores. A disputa acadêmica – tenho mais produção que fulano, e a produção vira moeda de troca.

Com esse modelo de departamento, modelo de coordenação, modelo da estrutura toda, a universidade prioriza as atividades meio em detrimento das atividades fins. Esse é o pecado

da universidade brasileira. Hoje, nós estamos aqui discutindo a saúde do professor, do servidor, brasileiro, do aluno. A universidade não vai estar preocupada com isso. Ela vai estar preocupada com o quanto vai ter de dinheiro, como vai aplicar o recurso, como é que ela vai fazer para se mostrar. Se a pessoa está lascada, está louco, está doente, está com câncer, isso não interessa.

Trabalho na universidade há 37 anos, vim de uma outra conjuntura institucional, quando entrei vi esse entrelaçamento da política da universidade pelo setor dos dirigentes, com uma relação muito próxima com o Estado. Vi que as coisas se davam num outro nível que não o profissional – independentemente de você ser competente ou não competente. Uma coisa bem foucaultiana, relação de poder.

Tive experiência na secretária de Educação, não era funcionário público, e todo mundo dizia: “aquele cara da universidade”. Pessoas ficavam iradas, porque eu não precisava ficar numa relação de manter um cargo, tinha ido muito mais por um desafio meu.

Quando eu cheguei na universidade, eu já estava em Campo Grande, três ou quatro anos. Tinha desenvolvido um trabalho numa instituição privada, que começou a dar muito certo, e iniciei um curso de especialização, onde tinham alguns professores que eram da universidade. Eles, com aquela relação de poder que estabeleceu naquele momento, faziam uma leitura, algumas comparações, ‘não é bem assim que a universidade atua, a universidade é diferente’.

Tive o privilégio de entrar na universidade num momento muito legal, teve uma eleição para reitor, ainda era lista sêxtupla. Era abertura política, final, meados dos anos oitenta. As pessoas estavam muito interessadas em aprender a fazer democracia. Como sempre, quem tirou o primeiro lugar não foi nomeado, quem tirou o segundo lugar pediu exoneração da universidade e assumiu o professor Jair Madureira, que tinha duas responsabilidades – uma questão de gestão e uma questão de que ele não tinha cumprido um acordo, inclusive registrado em cartório, de que quem não fosse o primeiro, não assumia a reitoria, a situação dele era muito delicada. Ele me chamou para trabalhar com ele. Me dava com ele, o conhecia há muitos anos, mas não gostei da atitude dele, aquilo ali já me deixou com um monte de coisa para enfrentar. Me convidou para ser o coordenador de uma área da graduação, e eu fui. A gente se adaptou, mas a gente foi taxado de esquerda dentro da universidade. Na época fiquei muito puto! Não se considera o seu trabalho, que claro tem uma questão política, mas não é uma questão meramente ideológica. Fui rotulado na universidade, ele é de esquerda, ele briga, ele implica com todo mundo. Minhas brigas sempre foram institucionais, elas nunca foram pessoais. Nunca trouxe tudo que eu enfrentei dentro da universidade como uma questão pessoal. De uma forma geral, as pessoas acreditam e transformam em verdade uma coisa que não é verdade, que nem tem valor.

Me meto numas brigas na universidade, mas não minhas. Me meto por causa que estão brigando dois. É interessante, as pessoas atacam, mas parece que elas perdem a consciência do que elas estão fazendo e vira uma barbárie. Já tive situações que tive que mandar uma pessoa calar a boca – falei, não sabe o que está falando, não está raciocinando. É uma asneira isso.

O trabalho é desgastante, é claro, não vou discutir sobre isso. Fui dar uma aula no semestre passado, uma turma no curso de graduação, fiquei muito puto! Onze anos que dou aula nesta área e nunca tinha visto esse absurdo, eu parei de dar aula nesta área. Fui dar a aula e quando terminei de trabalhar com o tema, um aluno de 18 anos de idade, me disse: eu não concordo com isso. Eu disse: O que é isto? Quem é você na hora do dia, que nem saiu das fraldas, querendo dizer que não concorda com alguém que escreveu quarenta anos? Isso é muita arrogância dentro da academia. Isso repercutiu: que agredi e que não sei o que. No mestrado desta área a minha relação hoje está assim: vou lá dou a aula e caio fora. Não quero saber de nada, nem que me encham o saco lá.

O serviço de psicologia, nem vou dizer que é precário, é inexistente esse tipo de apoio. Não tem estrutura para atender a todos os programas. Por outro lado, essa meninada que está saindo é muito nova. A pessoa que vai ser atendida, fica desconfiando se na verdade quem vai atender tem capacidade. Os próprios estagiários, não se vestem corretamente. Alguns vão de 308 shorts, outros vão de camiseta, tênis. Tudo gera uma insegurança. Porque existe uma ideia de saúde para as pessoas. Dei uma optativa na psicologia, e o meu trabalho era dar aula no ‘nosso lar’, no centro de atendimento de drogados, no presídio, para ver como é que era o atendimento psicológico. E eu avisava aos alunos: você não me vem de shorts, você não me vem de blusa decotada; põe seu jaleco, como se estivesse no laboratório. Nas aulas eu ficava mais tempo apartando as meninas, do paciente que estava internado, do que dando aula. Houve uma certa vulgarização das atividades psíquicas, me desculpe falar desse jeito.

Muito por força do perfil profissional que a gente tem, muito por força da ideia que as pessoas têm da psicologia, alguns anos atrás, quando se falava do serviço de psicologia, era para louco. Hoje não, hoje é moda. No bar a pessoa puxa os remédios que ela toma, controlados, ela fala da terapia que ela faz. Criaram a imagem do setor de atendimento muito complicada, do psicólogo e da psiquiatra, essa ‘leva nova’, e se as pessoas antes tinham dúvidas, elas têm mais dúvidas ainda. A próxima pandemia, depois do coronavírus, é a loucura. Vamos conviver com ela. Nós somos fruto do meio, não tem discussão.

Quando a pandemia iniciou, uma coisa que eu decidi é que eu não ia dar aula. Aí virou o escarcéu, a reitoria ligou para mim, pedindo termo de compromisso. Falei: não vou assinar. Quando chegou em julho, tanto na pós-graduação como na graduação, foi dito que os alunos

seriam reprovados porque não teriam notas. Aí, eu tive que rever e voltar atrás, claro. E isso me sobrecarregou. Mas eu acho que para o momento em que a gente está vivendo hoje, não é a questão do que é normal e do que não é normal. A nossa responsabilidade, para o professor, para o médico, para o psicólogo, seja quem for, aumentou. Te envolve com outras questões que não é só com o teu trabalho. E fico muito preocupado. Me sinto trabalhando muito mais. Hoje a preocupação não é a atividade exclusivamente, envolve questões pessoais dos alunos. Não vou atropelar uma aluna, que já está numa precarização, sei lá, por falta de maturidade ou de uma série de questões que foram sendo construídas na vida dela e dizer: não, você tem que fazer isso que eu quero!

Agora com esta pandemia fiquei muito preocupado, tenho uma turma de estágio, um grupo pequeno e elas estão comigo a um ano e meio. Vi que tinham duas alunas, que elas não abriam a câmera. Eu disse, ela deve ter algum motivo para não abrir a câmera. Quando foi a última reunião nossa, eu falei: não saio daqui sem ver a cara de vocês. Pode abrir a câmera, quando elas abriram, eu levei um susto – uma engordou até dizer chega, o rosto era uma bola e ela era bem magrinha. A outra, com os olhos roxos e falei: vamos conversar, o que está acontecendo? A que engordou, toma remédio controlado, o serviço de apoio não está marcando hora e acabou o remédio. Ela não pode ir pegar, não consegue marcar a consulta, fazia dois 309 meses e meio que ela estava tomando o remédio. Ela disse: ‘professor fico um urubu dentro de casa’. A outra, diz que não aguentava mais, porque os pais saem para trabalhar e ela tem que cuidar dos irmãos, fazer a tarefa dos irmãos, cuidar das tarefas dela, cozinhar, lavar e passar. Ela virou a grande empregada, de alto nível, dentro de casa.

Sobrecarregou. O aluno, no caso da pós-graduação, acha que ele pode passar o WhatsApp a hora que ele quiser, porque isso também socializou. Acha que pode mandar o trabalho dele, independente do horário. Às vezes está faltando um dia para ele apresentar um artigo, postar um artigo, ele te manda para corrigir. Quer dizer, é uma coisa meia louca. Eu vou aguentando isso e tem hora que eu perco as estribeiras, e digo: ‘não sou zero oitocentos, vamos com calma, telefone vinte e quatro horas’. Fiz o cronograma de qualificação para elas, e esqueceram a data que tinham que entregar para mim e para o programa – elas entraram em pânico. Eu disse, mas calma, o que você quer que eu faça? Não tem o que fazer. Você tem que fazer um documento pedindo prorrogação. Mandam artigos, sem dados, corrompidos e lá vou eu, as onze horas da noite tentar resolver. Há uma sobrecarga sim, muito grande.

Há uma desconsideração institucional pelo tipo de trabalho que a gente está fazendo. O plano de ensino que a gente fez para o mestrado, doutorado e a graduação, que foi aprovado lá em fevereiro não estava previsto a pandemia. Eu tinha escrito no meu plano de ensino,

seminário, discussão de texto, resenha, e tudo isso foi se dissolvendo. Agora, quando chegou no final do semestre, eu queria adequar o plano, a coisa mudou. Eles não me deixaram mudar – gostam de lidar com a mentira. O prazo da universidade é data de fechar o sistema? Qual é a importância do Sistema de Gestão da Pós-graduação (SIGPÓS)? Qual é a importância do Sistema Administrativo de Controle Acadêmico (SISCAD)? Diante da condição que a gente está vivendo hoje? A universidade, para dizer que se adequou à pandemia, faz de qualquer jeito. Não vou fazer de qualquer jeito. É muito complicado toda essa dinâmica, envolve a reitoria, os pró-reitores decidiram que era assim, sem ouvir professores e alunos.

A minha casa hoje (pandemia) virou prisão. Não é bem o prazer que eu tinha antes. Mas em todo caso, vamos lá, a gente tem maturidade para superar essas coisas. As pessoas não se encontram mais. Então, do ponto de vista da universidade, ainda sou de um tempo em que, na universidade, nós professores tínhamos time de basquete, time de vôlei, time de futebol de campo. A gente terminava na sexta feita a tarde de jogar e a gente ia tomar uma cerveja onde é o Atacadão – antigamente uma galeteria. Era cheio de pé de manga, a gente atravessava a avenida e ia para lá. Tem pessoas, até hoje dentro da universidade, que são daquele tempo e eu discordava deles, discordo até hoje. Mas isso não quer dizer que vou desrespeitar alguém que pensa diferente de mim. E não quero que me convença, entendeu. Tenho que entender, que aquela pessoa não é um projeto meu, ela é o projeto dela. Por ela ser um projeto dela, provavelmente não vou ter grandes afinidades com ela, mas isso não implica dizer que tenho que desrespeitá-la. Está faltando hoje: diálogo e respeito ao outro. Eu não quero entrar no mérito, se fulano é isso, se fulano é aquilo outro. Entender que o outro tem direito sim de pensar diferente de você.

Tenho uma estratégia – trabalho, quantas horas tiver que trabalhar na universidade. Que nem agora, via meet, trabalhando e dando aula, orientando e devolvendo, respondendo a entrevista, dando entrevista para algumas faculdades ou para jornais. Tem que aprender e se habituar a estes tempos, tendo clareza que isso não é uma questão pessoal, é uma questão geral. Todo mundo está sofrendo com a pandemia.

Saio da universidade, esqueço a universidade. Vou para minha casa, posso tomar o meu vinho se for sexta feira, posso me reunir com meus amigos e não quero saber de universidade. Se é dia de semana, assistir um filme. Dessas formas é que lido com essas coisas.

Um princípio fundamental que tenho, é de que as críticas dependem de quem faz. Não é qualquer um que vai fazer a crítica e que vai fazer você acreditar que seja uma verdade. Uma coisa é um amigo, que considero como amigo, falar uma coisa para mim, outra coisa é uma

pessoa que resolve fazer um confronto, que não respeito porque não tenho experiência nenhuma com ele, então isso não pode ter significado.

Por isso sobrevivo bem, quer falar mal – fala, quer xingar – xinga, mas não estou nem preocupado, se é problema que não é meu. Por isso tenho uma saúde. Pessoas falam aquele bando de asneira, dependendo de quem é, não faço confronto, porque não adianta, porque a pessoa “está possuída”, então não estou a fim de gastar com essas coisas.

Defendo uma coisa, que considero fundamental, que a gente perdeu de vista, que são as tentativas de estabelecer diálogos. E quando eu falo de estabelecer diálogos, não é submeter à ideia do outro. É saber ouvir o outro. Porque as pessoas não conversam mais. Aliás, esse é o grande crime do capital, que é transformar as pessoas em individualistas. Hoje você tem medo de se relacionar com alguém, você tem medo de que alguém vá te sacanear. Você vive assim, em alta tensão. A gente perdeu a ideia de coletivo, a gente perdeu a ideia de poder trocar ideia, a gente perdeu qualquer relação o que é uma coisa fundamental no campo social, até de se reunir.

A minha vida não é a questão acadêmica, a minha vida não se reduz à academia. Particularmente falo que tenho simpatias por teorias, mas uma teoria não é a minha vida não. Eu uso a teoria para brincar e não venha fazer uma forma de controle a uma teoria da minha escolha. Só existe uma verdade? Essa rivalidade se encontra muito dentro da universidade, principalmente na área de humanas. E, as mulheres, elas discutem muito entre elas.

Enfrentamento – Ambiente

Nesta última campanha de reitor, teve um momento que cobrei de todos os candidatos, inclusive do Turine, como que eles iam fazer uma expansão do atendimento psicológico, tanto dos técnicos, como dos professores, como dos alunos. Vieram respostas, que você já sabe que não vão dar em nada. Dei algumas aulas, na residência em psiquiatria, junto com o Gilberti. Naquela época, tive um contato muito grande com o ambulatório do hospital e fiquei muito assustado de ver as questões de servidores procurando – alcoolismo, droga, problemas de todas as ordens. O servidor que está doente e vai embora, e a instituição não quer nem saber. Ela quer saber é do bonitinho, arrumado, perfumado e que circula na universidade.

CANÁRIO

Tenho 37 anos de idade, 7 anos de docência e estou efetiva desde 2016 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Tive hérnia de disco cervical, posterior à atividade docente.

É uma questão nacional – as universidades de uma forma geral, passam por um momento bastante complicado, de não ter tanto investimento, de ser ameaçada o tempo todo. A Universidade, a maneira como ela é gerida, a visão de gestão, não faz frente às decisões nacionais. Tem as duas partes, uma conjuntura nacional – a maneira como o governo se relaciona com as universidades e a própria UFMS, que acabam impactando no trabalho. Fazemos mais coisas e a exigência são maiores.

A carga de trabalho na UFMS é bem elevada. Temos um quadro de professores que não é muito grande, e os professores se dividem entre a graduação e a pós-graduação. Mesmo 312 estando só na graduação, são muitas horas aula que tomam tempo e dificultam a realização de outras atividades.

Soma-se ao fato de serem poucos professores no curso, os encargos administrativos que vamos assumindo. A precarização, porque o professor vai acumulando outras coisas que não são só dar aula – muita coisa burocrática para fazer. Usamos um Sistema Eletrônico de Informações (SEI), que se propõe a nos ajudar, mas o professor ‘apanha’ quando precisa usar. E agora neste momento da pandemia, muita coisa está sendo via SEI.

Com o WhatsApp, trabalhamos praticamente o dia todo. Porque é o tempo todo chegando demanda. Percebo essa invasão, se ficar respondendo, tem coisa para fazer o tempo todo, noites.

Na Universidade temos um mínimo, se você não está no mestrado e não tem um projeto de pesquisa, de 12 a 14 horas por semana de aula na graduação. Se pego uma disciplina por semestre e estágios, acabo comprometendo a semana de uma forma que inviabiliza os projetos de pesquisa, e vai ficando mais difícil de entrar num mestrado – fica difícil atingir os requisitos. É bastante complicado, porque você precisa preencher uma ata, fazer um edital, é tudo por nossa conta. Não tem um quadro de técnicos, que possam fazer isso. Precariza bastante, toma um tempo do professor com atividades que outras pessoas pudessem realizar e desgasta. Desgasta bastante, principalmente quando a gente não tem muita habilidade e você começa a se sentir incompetente. Já aconteceu várias vezes comigo, usando o Sistema Eletrônico de Informações

(SEI), e não conseguia fazer uma coisa simples, que era publicar um edital. Não conseguia e ficava me sentindo incompetente. Essas coisas contribuem muito para que a gente tenha esse cansaço; você chega no fim do dia esgotado do trabalho.

Tive, e vejo que o trabalho também colaborou, uma hérnia de disco. Sou relativamente jovem (37 anos) para ter esse tipo de comprometimento na coluna, na cervical, que é muito em função desse trabalho em computador – corrigindo provas e outras atividades. A maneira como o trabalho é realizado, a quantidade, o tempo que você gasta para fazer estas atividades, tudo isso contribuiu para essa hérnia. No início, é muita novidade porque você está conhecendo a Universidade, você está se inteirando do sistema e das disciplinas. É uma carga de trabalho grande, uma mudança grande na rotina. São muitas coisas tudo junto.

Sinto muito essa invasão. O trabalho do professor é um trabalho que não para. A gente sempre tem coisas para fazer. Não é aquela coisa: terminei, bati o ponto e vou descansar. Não, a gente faz uma pausa. A gente decide os momentos em que a gente vai parar, mas sempre tem alguma coisa para corrigir, algumas coisas para ler e as coisas administrativas.

Nesse momento, assumi muita coisa. Faço parte do colegiado do curso, faço parte da comissão de estágio, faço parte do núcleo docente estruturante. Tenho muitas reuniões durante a semana. As vezes na mesma semana tenho reunião de tudo, porque tem coisas a serem decididas. Às vezes, discutindo no grupo com os colegas, a discussão vai até tarde ou acontece no final de semana. É preciso ficar mais atento, tento colocar algumas estratégias, porque se não, eu não consigo, não vou muito longe.

No começo do estágio probatório tive um pouco mais de dificuldade e até me coloquei uma pressão no sentido de precisar aceitar todas as coisas que me pedem, porque estou no estágio probatório. Fui conhecendo um pouco a instituição, as pessoas, e isso mudou um pouco. Não me sinto obrigada a aceitar as coisas em função do probatório, mas tenho as minhas questões, e acabo abraçando muito trabalho. Então não é só a demanda que a Universidade impõe, mas a própria demanda que eu, às vezes, me coloco – de ir aceitando alunos de estágio, a turma de estágio é de cinco alunos, mas vem um pedindo “professora, eu queria fazer estágio nessa área, abre uma vaga” e vou abrindo vaga, e a turma já está muito grande.

Gosto muito do meu trabalho, acho que é isso o que me mantém – o quanto eu gosto da docência, o quanto eu gosto da relação com os alunos, da orientação, e de estar na universidade pública. Apesar de todos esses problemas, estar numa universidade pública é uma coisa que eu almejava. Apesar de todas essas dificuldades, essas questões que levanto, isso não me faz insatisfeita no meu ambiente de trabalho. As condições precisam ser melhoradas e a gente

precisa ir pautando isso, precisa ir fazendo essas discussões, sempre que possível levantar isso, reivindicar, mas me sinto satisfeita porque gosto do trabalho.

Com relação à hérnia, que é um problema mais sério, fiz um tratamento, fisioterapia, medicação e comecei a fazer ‘pilates’ – inclusive nessa pandemia, porque se paro sinto muitas dores, fica muito difícil trabalhar. Mantenho três vezes por semana, faço para poder ter condições de ter saúde. Tive que fazer uma série de adaptações no meu computador, com suporte para ficar olhando na altura.

De vez em quando, uma caminhada. Tenho uma cachorrinha que muda o ambiente da casa, contribui muito para a saúde nesse sentido. Tenho que levar ela para passear, quase todos os dias, a noite! O que é bom para ela e para mim, é um momento em que ando um pouquinho, faço um tipo de exercício físico e desligo um pouco das coisas do trabalho.

Quando a gente estava numa outra condição, podia sair, geralmente final de semana encontrava amigos. Fazer alguma outra coisa, para me divertir, para me distrair. Agora, com a pandemia, tenho que trabalhar no final de semana. Tem que ter um horário para parar de trabalhar – coloquei para mim que depois das sete, só se tiver uma coisa muito urgente. Paro e já nem respondo mais mensagem de trabalho depois desse horário, só no dia seguinte. Cozinho, tenho feito minha própria comida, que não é uma coisa que eu fazia, mas que acho que é importante, porque você come mais saudável. São coisas que tenho feito de autocuidado, para conseguir realizar o meu trabalho.

Estou conseguindo me adaptar a essa coisa do virtual. Acho que é mais cansativo, porque é sentado o dia todo. O que é diferente de quando você está na sala de aula e você vai alternando. Na sala de aula fico muito mais de pé, diálogo com os alunos, ando e dou um intervalo. Dando aula virtual fico mais cansada, falo para a tela, há uma série de condições que vão cansando. Acho que é uma questão de se adaptar, não tem muito o que se fazer nesse momento.

No probatório não precisei de licença, na verdade eu não quis. Cheguei a consultar alguns médicos, um deles chegou a falar que eu precisava tirar uma licença e fazer o tratamento e não gostei desta possibilidade, não queria ficar afastada e era uma condição que não me agradava. Encontrei um outro médico que não achava que isso seria necessário e consegui ir levando as atividades, fazendo fisioterapia, tentando diminuir um pouquinho a carga. Nunca precisei realmente de uma licença.

Não conheço programa de apoio na UFMS. Sei que tem algumas atividades, não são programas específicos, atividades físicas que tinham no ano passado – ‘pilates’, dança, mas

acho que são projetos de extensão, projetos voltados para cuidar da saúde dos servidores não conheço.

Não me sinto cuidada, pelo contrário, acho que a Universidade toma decisões que tem impacto grande na vida do professor. Essa coisa da carga horária mínima, uma discussão agora que tem sobre o professor e o trabalho de conclusão de curso – que esse trabalho não seria contado. O professor orienta, tem que orientar os alunos, mas ele não teria carga horária para isso. É muito complicado. Porque o trabalho de conclusão de curso exige bastante do professor, 315 e para o aluno fazer a pesquisa então. Essas atitudes acabam impactando no quanto a gente trabalha, cada vez mais. E tem a burocratização das coisas, que implica em mais trabalho. É trabalho pequeno, mas que vai somando. Tem que fazer um processo, via SEI, para pedir alguma coisa. Quem sabe pudesse fazer isso mais simples. A minha sensação é de que não tem esse cuidado não.

Tem uma conjuntura nacional, mas eu sinto que a universidade aqui, não faz frente a essas coisas. Às vezes chega umas coisas, e imagino que a gestão teria que brigar para que isso não acontecesse, fazer frente ao MEC, ou de onde quer que essa decisão esteja vindo, para tentar reverter isso, negociar nesse sentido. E isso, não sinto que esteja acontecendo.

ANDORINHA

Tenho 43 anos de idade, 10 anos de docência, trabalhei como temporária e estou desde 2018 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Tenho problemas gástricos, posterior à atividade docente. Eventualmente ansiedade e dificuldade para dormir.

A precarização do trabalho docente no ensino superior tem muita relação com o adoecimento. A gente tem uma Universidade hoje muito diferente da que eu me formei, para alguns pontos positivamente, ela é melhor porque ela é mais inclusiva – então isso é um ponto melhor. Mas, ao mesmo tempo ela é pior no sentido de que ela não permite nem ao professor, nem ao aluno, esse tempo da convivência e da formação de um intelectual. Então, nesse sentido a precarização do trabalho do docente vem nas estruturas da Universidade e na própria falta de tempo para realizar o seu trabalho, além, claro, de questões salariais, de questões de trabalhos burocráticos.

Tira a parte intelectual do professor e coloca uma coisa muito mais braçal no trabalho do professor. Pode parecer muito elitizada essa fala – um trabalho intelectual e um trabalho braçal, de uma divisão histórica que a gente tem, de quem pensa e de quem faz. O professor faz pesquisa, o professor faz a aula - não é só para pensar. Ele pensa em aula, e dificilmente pensa preenchendo planilha do sistema. Na UFMS, são mais de 12 sistemas, com 12 senhas diferentes, com 12 entradas para administrar. Na pós tem um sistema, na graduação tem outro sistema, as faltas são lançadas em um, o projeto é lançado em outro. Ou seja, existe uma sobrecarga, só de administração disso. Cerca de dois dias de trabalho do professor universitário é gasto no preenchimento destas coisas. É importante para os alunos terem a sua nota lá, a questão é que o professor está incorporando isso e não fazendo o trabalho mais importante, que é o de 316 formação. Será que não teria um outro profissional, especialista nesses sistemas, para fazer essa operacionalização?

Dentro dessa precarização do trabalho, houve um enxugamento dos funcionários, que também estão sobrecarregados. Foram sendo passadas as funções que antes eram de secretaria, para o docente, e essa conta é paga por alguém. O professor, antigamente, chegava na secretaria e falava: eu preciso mandar esse projeto; eu preciso encaminhar, como que eu consigo uma bolsa de tal lugar, e já vinha tudo pronto – a secretaria trabalhava em favor desse professor. A sobrecarga do trabalho docente é o que acontece, o professor não deixa de atender o seu aluno, não deixa de fazer as coisas que ele tem que fazer, e faz ainda a manutenção de todos esses

sistemas e manutenção de todas as burocracias. O professor trabalha muito mais que as 40h para as quais ele é contratado, semanalmente. Acaba que estudamos menos e isso é um custo.

Existem prazos, cada vez mais rígidos, tanto da universidade, quanto das instituições que regulamentam a pós-graduação, como a CAPES. Então posso falar para um aluno: não vou ler a sua dissertação, porque estou de férias. Só que daí, prejudico o programa onde estou, porque a avaliação do meu programa, se ele atrasa para defender, é prejudicada. Efetivamente, me prejudico também, porque se o programa onde estou dando aula, onde estou produzindo não é bem avaliado, o meu currículo não é bem avaliado.

Uma carreira tão produtivista, tão ‘auleira’, o que acontece é que muitos colegas, que respeito e admiro por suas capacidades, já não têm mais força quando chegam a idade avançada. Não têm mais saúde, porque a vida vai cobrando e chegamos a idades mais avançadas com mais problemas, o corpo adocece. Temos um grupo, na universidade, mais velho – porque para chegar a dar aula na universidade, exige-se uma série de estudos, e se chega mais maduro – 44 anos é novinho na universidade. O amadurecimento na carreira, chega com 60 ou 70 anos. Ou seja, esse acúmulo de trabalho, esse acúmulo de idade e esse perfil exploratório do trabalho docente, sem um investimento nesse tempo de amadurecimento, realmente é muito difícil. Comparando o que se tinha como perfil da docência no ensino superior, e o que se tem hoje de condição, é visível que os professores universitários estão sofrendo uma precarização. Uma precarização que os professores do ensino fundamental e médio já sofreram. Precarizou o ensino fundamental e médio, e estamos no movimento de precarização intensa do ensino superior. As pessoas confundem a universalização dessas categorias de ensino, com essa precarização, dizendo que é impossível colocar mais gente dentro das escolas e dentro das universidades e dar as mesmas condições. Uma desculpa, para fazer a escolha entre a universalização do ensino e a condição de trabalho – uma falsa dicotomia. Teríamos que lutar por condições de ter muita gente, porque a escola e a educação é direito de todos, então todos deveriam estar na universidade e na escola, e os professores deveriam ter condições de trabalho. Vivemos esta escolha falsa, de um país que realmente não valoriza a educação. Isso não é uma coisa de um governo ou dois, mas a gente vê a intensificação desse plano, desse projeto de não investimento na educação, ao longo das últimas quatro décadas, acontecendo no país, de forma bastante intensa.

Há um problema que não é só da universidade, parece que é um problema da gestão de maneira geral de escola, desde o ensino infantil – quando a pessoa passa para a gestão, ela parece que esquece de onde ela veio. Parece que esquece das relações e parece que tem que implementar a política do sistema – a política da cobrança, a política do conhecimento da papelada. De professor para gestor, em qualquer instância do ensino, até para a coordenação

pedagógica, parece que você vira a chavinha e deixa de ser professor. Isso é um grande mal. A ideia da universidade e das demais instituições de ensino, era que a gente fosse gerido por iguais, por semelhantes, por pares e, portanto, que soubessem as medidas. Mas, quem está lá na ponta esquece que foi um dia professor.

O empreendedorismo vem entrando como discurso e uma prática, dentro da universidade – ele está sendo transversal a todas as dimensões – ensino, pesquisa e extensão. Então, hoje em dia a gente não consegue estar na universidade, sem levar em conta o empreendedorismo. É o empreendedorismo da falta de opção. Não tem emprego para as pessoas, dentro do nosso capitalismo periférico, e não tem uma política de geração de emprego. Terceiriza-se a responsabilidade da criação do emprego e daí cria essas ideias de que é possível empreender do nada e fortalece um pensamento, que não é completamente verdadeiro, de que qualquer um ‘pode se fazer’, o self made man – e basta a sua vontade, basta a sua aptidão, que você vai ser bem-sucedido. Não é bem assim. Essa ideia do empreendedorismo como a solução dos problemas, panaceia de todos os males, é uma ideia de terceirização de responsabilidade.

Se está ruim para nós da universidade, para a rede básica está quase insuportável. Agora, na pandemia, alguns da rede privada estão sendo obrigados a voltar para a sala de aula – ou você volta ou você é demitido. A escola vai dar condição? Não, você vai lá com a sua máscara, com a sua cara, com a sua coragem – é isso ou ficar desempregado. O professor, mesmo consciente disso, vai. Vai ficar com COVID, vai pegar, vai ter que ser afastado e vai assinar termo de responsabilidade. Olha a loucura, que a gente está vivendo, e esses professores porque precisam dos seus trabalhos estão assinando, então eles são ingênuos? Eles estão fazendo o que eles podem no momento. Só que, a estratégia de resistência é individual, não, é coletiva. E, a gente tem um momento muito pouco articulado coletivamente. Então, os nossos sindicatos estão desorganizados, as nossas lutas coletivas estão desfeitas. Esse é um momento em que a gente vai adoecer mais. Vai adoecer de COVID, vai somatizar, enfim, porque é o momento em que estamos mais frágeis. Vamos pagar individualmente um preço que é social e se a gente não se estruturar coletivamente, a gente vai continuar pagando esse preço por um longo período.

A fala é assim: você não é capaz? Você não conseguiu gerar um emprego ou renda para você mesmo? Você é o incompetente, você não dá conta. Você não aprendeu na universidade, então a universidade é incompetente, a universidade não conseguiu te ensinar isso. Efetivamente, a escola não conseguiu, e daí a gente vai colocando culpa, e culpabilizando indivíduos e instituições que estão mais fragilizadas, dentro desse sistema. Isso é um problema, porque na verdade o que a gente sabe é que o desemprego estrutural, ele é uma realidade dessa etapa do capitalismo que a gente está vivendo. Então, nessa etapa neoliberal do capitalismo,

não vai ter emprego para todo mundo. Justamente porque isso vai estar ligado à precarização. Cada um de nós, professores universitários, e profissionais de todas as áreas, estamos sobrelotados de trabalho porque estamos ocupando duas ou três funções, de trabalhadores, no nosso trabalho.

Sou de uma geração que se formou com professores universitários que eram referência, com quem a gente lia nos livros. Pude ver nesses professores um tempo de dedicação às suas carreiras, eles tinham secretárias dentro da universidade para fazer o trabalho burocrático, eles tinham muitos alunos nos seus grupos de pesquisa, que dividiam o trabalho da pesquisa com eles. Fui formada assim, aprendi a fazer pesquisa nesse sistema. A gente só aprende fazer pesquisa fazendo pesquisa. A gente só aprende a ler, lendo junto, discutindo junto, e essa formação é uma formação que exige tempo do professor e do aluno.

Tem coisas que desviam a finalidade do trabalho do docente no ensino superior. Muitas vezes a gente perde mais tempo preenchendo papel, preenchendo planilhas, colocando nota no sistema, do que efetivamente no atendimento do aluno e isso é uma perda da potência do professor. Hoje o professor universitário é mais proletário, nesse sentido do fazer, do preenchimento das coisas, do ‘auleiro’ – o professor tem que estar em sala de aula, mas cada vez mais a carga de trabalho é preenchida por aulas e não por pesquisas, e não por atendimento ao aluno, e não por extensão. E isso, tem a ver com o adoecimento, porque tira o interesse central do professor. A motivação central do professor universitário é fazer pesquisa, é fazer o aluno compreender e ir mais longe, se formar um bom profissional, ampliar o mundo, fazer o aluno pensar.

Na universidade, é preciso ter tempo para ler, para acompanhar o que está sendo produzido – para fazer melhor, para fazer bem. Se isso não acontece, é um custo, um desvio do dinheiro público que deveria ser empregado para nos fazer sermos professores universitários. É um adoecimento – porque vemos tudo o que a gente não consegue fazer e temos uma insatisfação constante.

Tento ler e estar em contato com a produção recente da minha área, assinando e lendo as publicações – um tempo que não está sendo pago, no contrato de 40h semanais, o que é feito no tempo ‘livre’. No tempo livre, estou trabalhando. Essa sobrecarga de trabalho, a longo prazo, vai causando estafa, vai causando um desgosto, um desconforto com o trabalho, que vai se tornando cada vez pior. Ficando estafada, estressada e se sentindo com menos empenho, ao falar: não vou mais aplicar o meu tempo, que não está sendo remunerado para isso, para fazer trabalho. Nas épocas de defesa, se lê a dissertação e tese no final de semana, de madrugada, para manter os prazos dos alunos. Os alunos costumam produzir muito na época de férias, só

que é férias da professora também. Se fizer isso, um ano, dois anos, três anos, nunca vou ter férias – porque os alunos mudam, mas eu continuo lá. Ou seja, existe um sistema que coloca a gente em uma roda viva, nessa ‘máquina de moer gente’ – isso é terrível. Tenho a sorte de não estar, ainda, ‘doente’.

Estou mais jovem do que muitos professores que estão comigo, tenho uma saúde que a juventude me permite. Mas, o que eu dei a dez anos, eu não consigo dar mais hoje e, certamente, não darei daqui a 10 anos. Pensando a carreira docente, em 30 anos, se chega no final dessa carreira muito desgastado – e seria o momento em que a gente poderia mais contribuir na formação dos alunos. Porque, efetivamente o intelectual, ele não se forma do dia para a noite. O intelectual se forma nesta jornada e quando tem 30 anos de experiência, está cansado, não tem forças para produzir tanto quanto precisaria, e é um momento em que realmente está maduro para produzir.

Os professores – a minha bisavó, por exemplo, era uma professora do ensino fundamental, elementar, de formação de alfabetização, e ela criou filhos, ela ficou viúva muito cedo, e criou 5 filhos, com o seu salário e ela era respeitada – era uma profissão, ser uma professora alfabetizadora. Hoje, a gente tem governantes que acham que a professora é ‘mau casada’, porque tem que ser casada com um homem que a sustente. Absurdos que ouvimos, que tem a ver com essa precarização. O salário dos professores do ensino fundamental e médio achataram muito, as condições de trabalho são muito piores, a quantidade de alunos que eles atendem é muito maior. E, isso está acontecendo na universidade.

Gosto muito de estar com os alunos, do contato com os alunos, e esta pandemia nos coloca com esse contato afastado, com essa coisa remota, que me fez muito mal. Não conseguir olhar no olho do aluno, dar aula para essas ‘carinhas’, todo mundo fechado, no Googlemeet, Teens ou Zoom. Não vemos os nossos alunos, e isso é uma coisa muito ruim. Deixa de ter a retroalimentação, que é tão importante, de ver o trabalho sendo realizado, ver o aluno pensando coisas novas, passando a conectar coisas que não eram conectadas. No contexto da pandemia, não ter esse contato direto, é uma coisa que me faz mal.

Ao mesmo tempo, ter o contato direto com alguns alunos que, muitas vezes, não estão tão motivados – mesmo estando na universidade pública, em desenvolvimento, estão muito formados dentro de uma mentalidade bancária ou bastante utilitarista do ensino. Alunos que efetivamente não estão pensando na sua formação ou na educação de forma mais ampla. Eles pensam na nota, no quê que tem que fazer, isso é uma coisa que aborrece. Outra dimensão da precarização é o WhatsApp – os alunos têm acesso a você 24h por dia e, às vezes, chegam mensagens à meia noite. Antes eu respondia, ficava com medo de esquecer e não dar o retorno

para o aluno. Agora, se mandarem mensagens no sábado, no domingo, depois da meia noite, provavelmente não vou responder – não tenho como ter uma agenda. Porque senão, a gente fica o tempo todo tendo que dar essas respostas, e isso, não chegou a causar um problema de saúde, mas me causava uma ansiedade – ‘eu tenho que responder, eu tenho que responder, eu tenho que responder’. Agora, estou ficando mais tranquila – não tenho que responder. O aluno mandou, ok, estamos numa sociedade livre. Mas, não tenho obrigação de responder, 24h por dia. Cada sala tem 50, 60, 70, 80. Como dar conta de responder as mensagens?

A universidade está também imersa nesse sistema de produção, de cobrança, de aula, de redução de custos. Então, a gente é parte deste sistema capitalista maior, que tem uma estrutura, de fornecer mais produtos com o menor custo, independente da qualidade. Tem um capitalismo da qualidade só para uma classe A, disposta a pagar um carro bacana, bem-acabado, e com um preço muito alto. E o capitalismo vulgar, comum, ele é o do menor preço, sem qualidade, com produtos que são consumidos em larga escala. Introduzimos a universidade pública, que era a referência dos nossos estudos, do nosso pensamento e da nossa formação superior, esse sistema produtivista, de formar muita gente a baixo custo. Ocupo na minha função de professora, pelo ao menos o trabalho de secretaria também. E, efetivamente, com isso eu estou ficando mais doente, eu estou acumulando trabalho para mim, e causando o desemprego.

O que faz com que eu evite o adoecimento, como enfrento: tenho que ser encantada, ser apaixonada pelo que faço, e tento me apaixonar todo dia. Embora tenha dia que seja muito difícil me apaixonar. Passando nota no sistema, é um dia bem difícil de me apaixonar pela docência. No final do semestre, os alunos chorando por meio ponto, também é bem difícil. Gosto muito da relação com os alunos, de conversar, me sinto mais jovem toda vez que entro numa sala de primeiro ano e aprendo com eles. Tento aprender coisas todo dia, é o que me faz pesquisadora, estudiosa, intelectual, todo dia – aprender coisas. E a docência me faz aprender coisas. As perguntas dos alunos, me fazem estudar. Disciplinas novas, tem que estudar e são desafios. Então, isso são coisas bastante boas.

Quando tenho muitos alunos para atender, acaba sendo cansativo. Tento focar, criando estratégias de me associar com os alunos, e de criar elos e ligação maior com aqueles alunos que estão dividindo sonhos e objetivos com você. Então, realizar esse sonho, essa formação mais ampla, mais humanista e mais humanizadora, das relações. Isso, eu faço para evitar os meus adoecimentos.

Eu tento evitar fazer coisas que detesto, por exemplo a prova. Mesmo no presencial, para não associar com nota, com uma coisa bem burocrática. Costumo dar trabalhos, dar avaliações que sejam mais reflexivas, para que já o aluno entenda que a minha ideia não é escalonar, hierarquizar, quem é 10, quem é 9, quem é 5 – porque não é esse o objetivo de um professor universitário. Tento criar uma pesquisa, que é uma coisa muito importante, processos de avaliação que são mais saudáveis, e diminuir a burocracia.

Tento me organizar para lançar as notas, sempre, e lançar as presenças, não deixar acumular muito e não perder muito tempo para fazer isso – detesto e pode ser uma coisa que vai me incomodar muito. Tento ter coisas de lazer meu – meu marido me ajudou muito a organizar isso. Quando estou em um final de semana com a família, estou no final de semana com a família. Não estou trabalhando, não quero pensar em trabalho, estou desligada dessas questões. Não respondo WhatsApp.

Talvez na UFMS, e em outras instituições federais, deva ter um programa de acolhimento para quem chega – para não se sentir muito perdido, eu me senti. A Universidade é grande, com 12 sistemas diferentes, com uma série de faculdades. A sugestão é ter uma central de apoio a quem está entrando na universidade, um programa de acolhimento, que mostre tudo o que a universidade tem. Ao chegar na Universidade, o acolhimento foi dado pelos próprios funcionários da secretaria. Um funcionário, no carro dele, foi me falando: aqui é tal faculdade, – porque eu não sabia nem onde ia dar aula, não tinha noção. É na sala tal e no prédio tal. Onde é o prédio tal? Que prédio é esse? Esse mínimo foi feito pelo funcionário, na boa vontade.

Se tem projetos de promoção de saúde, desconheço. Porque sou nova ou porque não precisei ter acesso a eles, ou talvez eles estejam escondidos. A universidade tem a noção dessa precarização? Os nossos gestores não são ingênuos, mal-informados ou burros – eles sabem dessa precarização, eles vivem essa precarização, porque são professores do ensino superior. E eles fazem algo a esse respeito? Se fazem, fazem pouco. A universidade quer mudar isso? Acho que não!

Dentro do sistema, a ideia é diminuir custos – o funcionário é um custo muito alto, então eu tenho que fazer cada funcionário acumular trabalho, para reduzir o custo final da coisa, e possa demitir alguns. Cada um de nós está trabalhando por dois ou três e, portanto, tem dois pelo menos na rua, sem emprego. E daí, as pessoas que têm algum emprego, dentro desta lógica perversa, fazem cada vez mais, para não perder o seu e estarem incluídas, gerando exclusão para outras. É muito perverso, porque cada um de nós é parte, é ao mesmo tempo vítima e ao mesmo tempo algoz, desse mecanismo que muitas vezes a gente não tem muito como sair. Me considero uma pessoa crítica e olho essa situação toda e sei que a universidade está moendo um

pedacinho de mim. De vez em quando, tenho que dar um pedacinho de mim para ser moído, porque é assim que é a regra do jogo. Tento me manter um pouco mais saudável, mas, vira e mexe, um pedacinho de mim é moído. É um sistema muito complicado. Tem lugares que estão moendo muito rapidamente – as universidades privadas, por exemplo. Aqui no sistema público ainda está melhor que lá. Mas, não pode ser esse o referencial. Não sabemos também por quanto tempo, porque vai avançando esse sistema.

O adoecimento é algo que a gente sente individualmente, mas ele não é um processo individual. Cada um, paga o preço no seu corpo. Mas, quando vários professores universitários estão ficando doente, que várias pessoas nessa sociedade estão ficando doente, seja fisicamente ou mentalmente, a gente vê que é um problema de uma saúde coletiva. Não é um problema individual, é um problema coletivo – embora cada um pague individualmente a conta desse adoecimento. A universidade, o estado, a nossa sociedade, deveria pensar em formas de enfrentamento coletivo. Efetivamente, a gente não vai sair dessa máquina individualmente. Nenhum de nós sozinho, por mais fortes que sejamos, conseguimos enfrentar esse sistema sozinhos. Mas, eu acho que é possível a gente colocar numa velocidade menor, priorizando algumas questões de qualidade: de vida, de ensino, de pesquisa, de trabalho. Desvalorizando um pouco as questões da quantidade: de produtos, de formulários preenchidos, de alunos aprovados. Conseguindo dar valor e dar peso à qualidade, talvez a gente consiga diminuir o ritmo em que as pessoas estão ficando doentes, e daí sim conseguir com que menos pessoas fiquem doentes. A saúde pública nos ensina a pensar a saúde como um bem coletivo, pensar como a gente está ficando doente em decorrência de questões sociais, estruturais. Enfim, talvez as soluções elas não sejam individuais, elas tenham que ser coletivas.

Os professores na federal, até porque têm uma possibilidade de permanência no trabalho – ninguém está arriscado a perder o emprego do dia para a noite, tem uma possibilidade de resistência maior. Mas, diferentes professores têm diferentes engajamentos. Alguns de nós acreditam no empreendedorismo, não acreditam nas estruturas dos sindicatos. Dizem que o sindicato não faz nada, o sindicato não presta, não representa. Muitas vezes não me representa nas suas lutas, mas eu não tenho ainda algo que seja melhor do que isso para me representar. A minha voz sozinha também não me representa, não é ouvida.

No começo da pandemia por exemplo, foi muito importante o posicionamento do sindicato nessa coisa do afastamento social. Muitas reitorias, inclusive a nossa na UFMS, não tinha uma posição ainda muito clara sobre se vai ficar remoto, se não vai, como vai ser isso? O sindicato foi importante, nesse sentido, de preservar a saúde dos professores e dos alunos. Em alguns momentos, precisaria ser mais democrático também, mas ainda acredito nessa instância

de representação. Até mesmo este esgarçamento, de alguns professores não acreditarem, é o resultado de uma sociedade que vem sendo cada vez mais individualizada e defendendo soluções cada vez mais individualistas; o que acaba fragilizando ainda mais estruturas como os sindicatos.

Tem outras instâncias de representação dentro da universidade. Muitos de nós, professores universitários, muitas vezes não nos colocamos nos coletivos, nas comissões – porque é mais trabalho burocrático e todo mundo já está até a tampa de trabalho. Entre o que você tem que fazer e o que você poderia fazer, você fica com o que você tem que fazer e larga os órgãos representativos, e isso faz mal para a vida coletiva. Está todo mundo sobrecarregado. Efetivamente, as nossas soluções coletivas vão ficando cada vez menos fortalecidas, porque tem cada vez menos participação. Tem uma coisa de sempre – os mesmos tomarem os espaços, e daí quem não gosta daquele acaba não participando. Enfim, muitos problemas, não estou achando que é solução fácil não. Mas, não vejo solução real que não seja por um caminho de participação maior das pessoas, nos espaços públicos e vão ficando cada vez mais difíceis as soluções.

SABIÁ

Tenho 51 anos de idade, 27 anos de docência e estou desde 1992 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Tenho nódulos nas cordas vocais (reincidente), princípio de diabetes e problemas de coluna, posteriores à atividade docente.

Um contexto menor, é o contexto no qual participo – a vida acadêmica, a universidade. No contexto maior – no Brasil e talvez mundo, com certeza, há uma crise: o lugar que ocupa a educação e o lugar que ocupa o professor.

Na experiência como professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), não há um cuidado, com a relação, com o professor – de um tempo para cá isso tem sido intensificado. A relação do professor com a instituição, está bastante complicada, o que piora as condições de trabalho, objetivas e subjetivas. Isso é bastante sério.

As relações de trabalho no contexto institucional também complicam a nossa saúde psíquica. Relações de trabalho difíceis com o colega, com o aluno, o que acaba gerando um estresse. Muita burocracia, professor destinado a trabalhos burocráticos para o qual ele não está preparado.

Quando se assume uma coordenação, não se é preparada(o) com relação a legislações, a parte administrativa; o professor tem formação acadêmica, mas não uma formação administrativa. Não se tem retaguarda administrativa. Corre-se o risco de processo de aluno, no ministério público ou na justiça, por erro e falta de orientação.

Muitas vezes ninguém quer ser coordenador de curso porque é um trabalho enorme. Tem que fazer, digitar, ata de reunião para encaminhar para o professor e mandar e-mails. Acumula a parte do coordenador, do secretariado e a carga horária do professor(a). Não há um cuidado na relação da instituição com o professor/coordenador.

Hoje, na nossa relação com a instituição, somos vigiados. Bem a ideia de Foucault – de ‘vigiar e punir’. Essas relações têm sido complicadas nos últimos anos – você se sente vigiado e a qualquer momento, um erro pode ser cometido e você punido. Há um aumento no número de denúncias na ouvidoria. Essas relações de trabalho são bastante grave e geram um desgaste do professor com a própria sala de aula, no seu próprio exercício de docência. Quando o professor(a) entra na sala de aula para ministrar aula, além das questões do ensino, da educação, ainda tem esse agravante.

Em outras instituições, que a média de horas aula é 12 horas. Se o professor tiver um projeto de pesquisa, são 10 horas aula. Se ele estiver na pós-graduação, ele tem uma carga de 6 horas ou 8 horas. Aqui nós temos o mínimo que é de 14 horas aula.

Existe uma norma de estágios, que funciona praticamente para toda a universidade – estágios presenciais e aqueles que são a distância. Os presenciais, que são aqueles que o professor está lá, por exemplo o médico que está lá na hora que o aluno está no centro cirúrgico, conta uma carga horária. Quando existe o estágio a distância, o professor não está lá com o aluno, atendendo, não recebe carga horária suficiente. Se no papel temos 14 horas, na prática, são dadas 18 horas em média. Se o professor fica 2 horas com o aluno numa turma de estágio de 5 alunos, fico 3 horas ou mais, não dá tempo para supervisionar 5 alunos em duas horas aulas. Bom, a instituição é ciente disso e há uma omissão.

Então, a 6 anos atrás eu era uma das professoras, que estavam reivindicando que as condições de trabalho fossem melhores. Quando me mandaram procurar outro setor para resolver, quando não era minha função fazer isso, ou comprar um microfone, de preferência que já venha com o quite de som. Então, é uma terceirização, é uma ideia, uma política, uma perspectiva. Quando chego para dar aula e a sala está interditada, e o servidor diz, professora, procura uma sala – é uma ideia impregnada. Qual é o lugar do professor? Qual é o lugar da instituição? Isso está completamente decomposto, está tudo misturado. Qual é a minha atribuição enquanto professor, a atribuição do servidor, a atribuição da direção? Isso está tudo muito diluído, nas responsabilidades, nos deveres e nos direitos.

A relação na educação passa a ser de relação com o mercado. Quer dizer, de eficiência, de produção, de que a gente precisa ter mais alunos, da ideia do empreendedorismo. Nunca vi isso dentro da Universidade, uma reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) onde estivesse escancarada a ideia do ensino, pesquisa, extensão e o empreendedorismo. Como se fosse o quarto pilar. Essa ideia do empreendedorismo, precisa ser questionada, é preciso somar forças mesmo para questionar. As instituições de ensino têm sido fortemente atacadas. Um dos focos principais desse governo, é o ataque às instituições públicas, as universidades, que sofrem a consequência de um discurso autoritário, de um discurso que na verdade tenta enfraquecer as universidades. O reflexo disso, do ponto de vista do contexto local, é potencializado pela estrutura que a Universidade acabou tendo em diversos setores.

Há adoecimento claro de professores – psíquico e físico, isso é algo comum. Minha experiência pessoal não é a única. No ensino há 27 anos, há 6 anos tive nódulos na corda vocal. A indicação da fonoaudióloga e do médico era redução de carga horária e uso contínuo de microfone, adequação do local de trabalho. Para que não voltasse a acontecer. Isso nunca foi

resolvido na instituição. Apesar de insistente solicitação. E agora estou de novo com esse nódulo.

Neste momento me afastei, no outro momento em que eu tive problema com a corda vocal eu não me afastei, eu continuei trabalhando da mesma forma. Não tive nenhuma redução da carga horária, pelo contrário, ficava trabalhando 16 horas, 18 horas, 14 horas em sala de aula – não queria me afastar.

Estar na coordenação, e passei por situações de risco de um erro administrativo, por desconhecimento ou falha, sem funcionário que possa trabalhar com você, faz você correr o risco de séria punição, processo administrativo ou sindicância – o que gera um estresse enorme. Você continua professor, com carga alta de sala de aula (14h/16h), porque não tinha professor para substituir ou pegar parte das disciplinas, e no cargo de coordenação, que é muito trabalho, extremamente difícil e sem secretária. Isso gera estresse e vai levando você a um adoecimento.

Respondi a algumas denúncias completamente infundadas, mas tive que responder. Por exemplo, num desses problemas na minha corda vocal. Estando afônica no final de semana, na segunda-feira o otorrino me deu um atestado de 7 dias e eu avisei aos alunos. Recebi uma denúncia anônima de um aluno, por eu não ter avisado antes – porque eles tinham ido só para a minha aula; e a ouvidoria acolheu isso e encaminhou para mim. Há uma relação de trabalho, uma política, que potencializa o adoecimento, seja o adoecimento físico ou psíquico.

Não há mais um debate tão democrático, temos perdido um pouco este espaço democrático da diversidade, da alteridade, do pensamento diferente, para isso que durante muito tempo fez parte da vida universitária, inclusive com a UFMS, onde discutíamos, fazíamos uma discussão acalorada e depois saíamos para tomar uma cerveja, com as mesmas pessoas. Porque posso pensar de um jeito e a pessoa pensa de outro, institucionalmente, e depois estávamos lá conversando sobre as coisas da vida. Estamos minando isso, dentro da vida acadêmica de um modo geral.

A universidade hoje não representa um lugar onde eu goste de estar. Gosto de dar aula, gosto do exercício da docência, gosto de fazer projetos, mas o ambiente institucional faz com que não me sinta mais acolhida e à vontade. As relações nas nossas instituições do ponto de vista democrático estão bastante afetadas. E isso afeta o nosso trabalho e afeta a nossa saúde. Nesse sentido passa a ser um trabalho extremamente cansativo, é assim que eu me sinto, numa relação de cansaço. De cansaço e de estresse.

As relações entre o professor e o aluno, hoje estão mais judicializadas. A gente teme estar em sala de aula e as vezes falar alguma coisa e isso ser mal interpretado. As relações estão policiadas. É claro que eu sou contra, e óbvio, qualquer exagero feito pelo professor, mas estou

dizendo simplesmente de você falar sobre alguma coisa política, se você entrar numa sala de aula, e tocar em algum assunto do contexto social e político do que a gente vive, isso já pode ser uma brecha para você ser denunciado ou acontecer algum problema. Então nesse sentido nos sentimos mais vigiados. É claro que isso nos afeta. Essa parte da minha relação com o educar, minha posição de docente, eu me sinto muito mais afetada por isso, como se a gente estivesse muito mais vigiada em sala de aula.

Nós tínhamos um ministro que pedia para nos vigiar, para nos gravar. Então, a relação professor e aluno ficou tensa. Mas para mim, isso ainda não é o pior. Eu tenho prazer ainda, em trabalhar, em dar uma aula, em ler um projeto, em estar com o aluno. O que está mais complicado nos últimos anos é a relação no contexto institucional. E isso se torna bastante cansativo. Eu penso em tentar estar dentro da instituição para reivindicar isso, melhores condições de trabalho? Não, não penso. Porque na minha perspectiva, pelo menos nesse momento é inviável, não me é possível isso. Vou só me desgastar, me expor, ser mais punida, mas eu não vou conseguir reverter isso, não vou ser escutada. Então eu não vejo uma saída nesse momento. Da forma como a universidade tem sido administrada. Então, isso é frio, isso é deprimente. Isso me deprime. Dizendo isso de uma forma genérica, é deprimente isso de você estar num lugar onde você não vê um lugar para você. Não há um lugar na vida acadêmica, que possa acolher, que possa fazer com que você seja escutada. Então, as relações de trabalho, elas estão bastante adoecidas.

Quando converso com colegas que também se sentem desta forma: cansados, desmotivados, deprimidos, estressados, impotentes, então esses sentimentos repercutem. Pessoas que se aposentaram, não só pela questão da reforma da previdência, que poderiam continuar, mas que optaram por se aposentar por estarem cansados dessa relação, deste contexto institucional. De uma certa forma é isso que está acontecendo com o país, um processo longo e que vai trazer dor.

Na sala de aula, a própria relação com os alunos é atravessada pelas relações do contexto institucional. Como eu faço para minimizar isso? Uma das coisas que eu tenho tentado fazer, até porque já estou envelhecendo, estou com quase 30 anos de docência, é me afastar da instituição. Sempre fui uma pessoa bastante ativa em colegiados de curso, em comissões, em comissões permanentes. E tomei uma decisão, definitiva, pelo menos enquanto eu estiver na UFMS, que eu não mais participo dessas instâncias, digamos assim, dentro da instituição. Porque isso potencializa. Se hoje penso x, e alguém da instituição, inclusive em cargo superior pensa y, essa relação fica extremamente complicada, porque ela é personalizada. Não posso mais discordar de você. Não posso mais dizer, eu penso x para esta questão em relação ao curso.

E o coordenador ou diretor pensa y. Porque se ele sabe que penso x e ele pensa y, e faço um enfrentamento disso, eu sou marcada e isso se torna pessoal. Acho que isso tem acirrado as relações dentro da instituição. Então uma das coisas que decidi é me distanciar dessa vida administrativa da universidade, dessa vida institucional e me restringir exclusivamente a vida acadêmica. Então, a ideia de vigiar e punir funcionou, e eu quero ficar mais distante.

A outra questão é a análise. Faço análise, há muitos anos, para poder falar sobre o sofrimento, sobre as minhas questões frente a isso, as minhas dificuldades. Porque claro que existem as minhas dificuldades frente a isso, dessas relações com a universidade, com o trabalho. E tem a yoga, atividade física, meditação, música, leitura e poesia. Então todas as coisas que eu encontro para minimizar isto estão fora do ambiente institucional.

Existe uma crise. É muito cansativo, inclusive nesse momento da pandemia e trabalho remoto, a questão do ambiente democrático. A UFMS é uma das poucas universidades que no início da pandemia decidiu continuar remotamente. A grande maioria das instituições públicas federais paralisaram as suas atividades. Até para pensar como seria feito isso, pensar nas dificuldades em relação ao aluno, na exclusão – sabíamos que que uma grande parte dos acadêmicos não teria condições para acompanhar, para se adaptar a essa questão remota. As instituições de modo geral, respeitaram isso, fizeram todo um trabalho durante o semestre, para adaptar caso não pudéssemos voltar presencialmente. Para muitas universidades, agora é que eles estão começando a implementar um trabalho.

A instituição não escutou, nem mesmo o sindicato dos professores, que tinha uma posição contrária a este início, pelo menos imediatamente remoto. Nós tivemos que num prazo recorde, simplesmente nos adaptar. Com tecnologias, com o Google Meet, com Skype, com o zoom; e tudo isso fomos nós que tivemos que decidir.

Acho que isso é transitório, nós já tivemos momentos mais produtivos dentro da Universidade, mais democráticos. Eu acho que a gente atravessa um momento no país, que reflete estas políticas não democráticas e autoritárias, então é isso que estou dizendo, o contexto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, de certa forma reflete um contexto maior. A gente está muito mais baseada numa relação autoritária, pouco democrática. Baseada numa relação que passou a estar muito mais presente o medo.

Acho que a gente precisa ir para o enfrentamento disso, a gente precisa enfrentar isso, a gente tem que resistir, essa é uma boa palavra. Mas, eu não sei bem o caminho. Porque a gente tem uma política muito mais individualista. Individualizada e individualista. Nós tivemos esse desmonte. Os sindicatos foram desmontados. Nós não temos mais essa relação. Porque antes, quando eu entrei na universidade era muito mais forte a nossa relação com o sindicato. O

sindicato era muito mais respeitado dentro da instituição nas instâncias superiores. E hoje nós temos também o próprio enfraquecimento dos sindicatos, onde era o ponto de reivindicação nosso e de resistência.

Existe um setor dentro da PROGEP, equipe de recursos humanos, que é direcionada a saúde do servido, de um modo geral, seja técnico ou professor, mas isso é muito pouco efetivado. Programas devem existir, mas isso é muito mal divulgado e muito pouco trabalhado dentro da instituição. Pode ter uma cartilha sobre a saúde do professor, alguma coisa no papel, na página da Universidade, mas efetivamente a gente não vê isso se concretizar no dia a dia, ao330 contrário, temos uma carga alta de trabalho para o professor. A Universidade pode ter alguns programas, ter alguns projetos no papel para pensar a saúde do servidor, do professor em particular. Mas, isso não se transforma efetivamente. Porque o professor não é escutado. Não existe a divulgação, não existe efetivamente a confirmação.

A gente vê cada vez menos os espaços, para reuniões com professores. Quando havia os departamentos, a gente podia conversar e trocar. Os espaços de conversa, de diálogo com a instituição, eles foram cada vez mais enxugados, restritos. A Universidade não sabe qual é a demanda direito, não escuta essa demanda. Precisa de um lugar na universidade onde os professores pudessem ser mais escutados, nas suas queixas e que isso possa ser transformado em algo efetivo. Em um projeto que se efetive.

Não adianta colocar no papel, por exemplo há mais de 6 anos há um problema nos blocos, que não tem condições de uso de microfone, que precisa melhorar a vida do professor, montar um projeto sobre isso, se na verdade as coisas continuam exatamente iguais. Não há um setor da Universidade que pense verdadeiramente; tem o setor, mas não existe uma política, um cuidado do professor (adoecido/com restrição).

Com nódulos reincidentes o médico disse para só entrar em sala de aula com o microfone. A instituição não providenciou. Pediu que formalizasse, entregasse o atestado, que o médico descrevesse a obrigatoriedade ou a indicação do microfone. E mesmo assim, a instituição não resolveu. Disse que não tinha o microfone, questionou não ter caixa de som na sala. Coloca uma série de obstáculos. Não é pessoal, é uma política, a perspectiva institucional sobre a relação com o professor, com o ensino – aspecto que afeta a saúde física do professor. Uma série de fatores: salas de aulas com péssima acústica, aulas concentradas. A instituição não pensa na perspectiva da saúde, condição de trabalho mais digna, na sua função de preservar a saúde do professor. Então, nas nossas diversas pró-reitorias, eu não vejo esse cuidado numa saúde do professor, em efetivamente trabalhar em prol disso.

BEM TE VI

Tenho 54 anos de idade, 19 anos de docência e estou desde 2010 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Tenho fibromialgia, hipertensão, diabetes e hipertireoidismo, posteriores à atividade docente e associados à idade e à hereditariedade.

Nós temos visto vários colegas tirando licenças por problemas de depressão. Eu nunca tirei, eu tenho dez anos de universidade, da UFMS, eu tenho dez anos e nunca tirei nenhuma licença. Isso não significa que eu não tenha vivido alguns processos de adoecimento. Na verdade, tem algumas coisas que não sei se pela questão da idade ou pelo próprio processo de opressão na UFMS, porque o jogo é bem pesado.

As pessoas têm receio de se manifestar. Infelizmente nós temos vivido um processo, nos últimos tempos, de muito assédio no local de trabalho, os professores têm se queixado bastante ao sindicato, esta gestão já abriu mais processos administrativos, do que as últimas três gestões. Eles têm usado muito essa ferramenta da universidade, e causa um estado de tensão no professor, muito intenso. Porque ele deixa de fazer o seu trabalho para ficar respondendo a questões administrativas e de uma forma muito, às vezes, até agressiva contra o professor – o que é considerado assédio, mas que o professor tem muita dificuldade para denunciar.

Nos últimos tempos a gente tem visto a tentativa de desqualificação dos sindicatos, então, o professor vai reclamar do seu chefe imediato, que é vinculado à administração, para a ouvidoria da instituição, que é um órgão ligado a própria reitoria. Quer dizer, uma coisa meio desequilibrada aí do ponto de vista das relações de poder.

A Universidade está, cada vez mais, buscando estratégias de individualização do trabalho. Não temos na UFMS, por exemplo, uma organização para que as áreas se encontrem e discutam as suas necessidades. Em torno de 95 pessoas da nossa área na universidade, nunca nos encontramos como área para conversar. Descobrimos que pessoas estavam em Ponta Porã, em Campo Grande, por exemplo, fazendo pesquisa na área que seria do nosso interesse. E nós não conseguimos fazer isso. As unidades não têm um espaço de encontro. A universidade não tem um programa para que a gente se encontre. Antes, nós tínhamos ali, o corredor central que tinha os quiosques. Então ali, era um ponto de encontro. No final da tarde os professores saíam de todas as unidades, iam, passavam por ali, tomavam um cafezinho se encontravam e tal. Não existe mais, não existe mais esse espaço. Então, a gente passa um tempão sem encontrar um colega. Não temos um espaço da Universidade para a gente se encontrar.

A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), fez um trabalho para tirar de dentro da universidade o espaço sindical, o espaço das associações. A Associação dos Docentes da UFMS (ADUFEMS), o Sindicato dos Trabalhadores das Instituições Federais de Ensino do Estado de Mato Grosso do Sul (SISTA), a Associação Recreativa dos Servidores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (ASSUFEMS), estão todas fora da universidade e já tentaram tirar o Diretório Central das e dos Estudantes da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (DCEUFMS) também. Tem o Congresso do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES) todos os anos, cada ano em uma universidade. Na maioria dessas universidades, o espaço do sindicato fica dentro da universidade, e as pessoas têm um espaço para se encontrar. Um espaço de integração.

Em uma banca de concurso, por exemplo, tem pessoas extremamente competentes no trabalho, que tem publicação, tem conhecimento, mas chega numa banca a pessoa não consegue desenvolver o tema. Percebe-se que ela tem conhecimento, mas ela não consegue. É o nível de pressão que as pessoas sofrem já desde o início, desde o processo de ingresso na Universidade. E depois que entra, em vez de melhorar, piora um pouco.

Nos últimos anos, tem aflorado algumas doenças – fibromialgia, diabetes, faço tratamento, tomo a medicação. Algumas pessoas as vezes resistem, em tomar a medicação. Eu fiz terapia, por conta da fibromialgia é indicado. Faço fisioterapia. E vou tocando a vida e procurando sempre colocar para fora aquilo que está me incomodando. Que é uma forma de contenção das doenças.

É uma coisa muito minha. Eu tenho dez anos de UFMS, mas eu tenho 34 anos de docência e posso dizer as vezes que eu peguei atestado. Quando eu comecei a carreira, em 1987/1990, eu peguei um atestado de 20, 30 dias – tive crise de ansiedade, e depois só licenças quando os filhos nasceram. Prefiro lidar com as questões trabalhando. Preciso estar em movimento. Nunca tive nenhuma questão grave que me impedisse de trabalhar.

Para a UFMS fiz dois concursos, em um concurso não consegui terminar a prova, tive uma crise de ansiedade. E isso acontece muito, muito. Vi colegas que fizeram concurso em várias universidades do Brasil, não conseguiram concluir a prova. Eu não sei se é por conta de uma ideia que se estabelece do que a universidade e do que é o professor universitário, sabe? Meio que um endeusamento. E parece que as pessoas se sentem na obrigação mesmo de serem esses deuses da sabedoria. E nós somos seres humanos, falíveis como qualquer outro ser humano.

As questões emocionais aparecem, quanto mais nos afastamos daquilo que é familiar, que sobre certos aspectos nos dá prazer... Escolhi ser professora, isso é algo que me faz muito

bem. Meu elemento é a sala de aula, nunca senti necessidade de me afastar do trabalho e nem sei explicar o que significa ficar em casa - excetuando agora, por conta da pandemia, mas estou o tempo todo no computador, reunião, fazendo alguma coisa. Nunca senti necessidade de atestado para me recuperar de alguma coisa.

Não temos um espaço de encontro dos professores, dos técnicos, um espaço para a gente se confraternizar. O único espaço que temos é a nossa própria unidade, e tem algumas unidades que nem sala para o professor não tem, inclusive aqui em Campo Grande. Essa questão da individualização do trabalho, vai impactando na vida do professor e isso vai se tornando um modo de vida. A individualização, que é fortalecida no trabalho, nesse ambiente de trabalho, vai para as vidas. E isso é muito ruim, é uma cultura que tem se estendido cada vez mais, principalmente nas grandes cidades. E acaba com as pessoas desenvolvendo uma dificuldade de se relacionar umas com as outras. E a universidade que seria esse espaço, que seria um espaço universal, espaço de troca entre os diferentes, isso acaba não acontecendo. Não tem este espaço de interação. De 2003 para cá, houve uma grande renovação dos quadros das universidades brasileiras e das universidades públicas, principalmente as federais, e as pessoas não se conhecem.

Temos que interromper aula, apresentação de trabalho, porque a internet cai, essa é uma outra questão, principalmente no interior. Em Campo Grande tem dias que cai todos os sistemas e não se consegue fazer absolutamente nada.

Sou uma pessoa que assume algumas coisas na linha de frente. Certamente eu sinto os impactos, de uma forma talvez até mais intensa, do que aquele professor que vai à Universidade faz sua pesquisa, faz o ensino, a extensão e volta para casa. Eu me envolvo com conselhos, colegiados, essas coisas que fazem parte do nosso trabalho e eu penso que nós realmente devemos nos envolver. Nesses espaços eu me posiciono, eu acho que essa é uma forma de não adoecer. Porque as vezes as pessoas ficam ali, vivendo a sua opressão, sentindo medo de se manifestar, e a pessoa acaba somatizando e isso intensifica os processos de adoecimento. Obviamente que falar o que se pensa nessa sociedade que nós vivemos não é exatamente algo que não gere reações. Isso faz parte do processo de manutenção da saúde. Não ficar guardando, como já vi acontecendo, as pessoas ficam acumulando, acumulando e aí explode, acaba tendo consequências muito mais acentuadas do que se você se colocar o tempo todo e ir resolvendo as questões.

Em outra instituição de educação superior, tínhamos pelo menos dois encontros de área, por ano – os professores de todas as unidades se encontravam para discutir os seus fazeres, as

suas pesquisas. Isso estabelece uma relação entre as pessoas que trabalham naquela área, pesquisas coletivas, dá um suporte para o professor. Ele não se sente sozinho.

A universidade exerce sobre nós uma pressão e uma opressão que a gente precisa discutir, a gente precisa explicitar para começar aí a construir novas relações. E precisa ser construído, isso não vai se construir a partir do nada.

Na perspectiva do sindicato, tentamos fazer uma pesquisa, constituímos uma comissão com pessoas que estudam a saúde do trabalhador, mas não conseguimos que a universidade nos passasse dados. Alegou o sigilo. Nós tentamos solicitar junto à Pró Reitoria de Gestão de Pessoas, que eles nos passassem um perfil dos professores que tiveram licenças de um determinado período. O que motivou a licença, qual a idade desses professores, dados com os quais poderíamos traçar um perfil e o sindicato, fazer gestão junto a Universidade para pensar programas específicos. Pedimos, que eles próprios levantassem esses dados a partir desse perfil que nós estabelecemos para a nossa pesquisa. Eles disseram que não tinham técnicos para isso. Pediram para que nós fizéssemos um projeto de extensão. E aí nós entendemos que enquanto sindicato, não daria para a gente fazer um projeto de extensão porque seria um projeto da Universidade. E o nosso sindicato nacional, adquiriu um programa que era para se levantar esse perfil do professor, dados, elementos para algumas ações. Não conseguimos fazer isso na UFMS, nós não temos acesso aos dados – solicitamos então a lista de e-mails dos docentes, eles também não aceitaram fazer isso. Eles pediram que encaminhássemos as questões porque eles encaminhariam para todos os professores. Não queríamos fazer uma pesquisa a partir de um olhar da universidade, mas a partir de um olhar do sindicato. Se a universidade encaminha, o professor vai se colocar de uma maneira. Se o sindicato encaminha ele vai se colocar de uma outra maneira. Essa coisa do lugar de fala. Quando o sindicato pergunta, as pessoas têm muito mais liberdade para se colocar. Quando a instituição pergunta, as pessoas já ficam com alguns receios, mesmo que você garanta o sigilo.

O sindicato, realizava duas festas por ano – o ‘Dia do Professor’ e o ‘final de ano’. No ano passado, fizemos uma só, por uma série de razões. Este ano, infelizmente, talvez a gente não tenha nenhuma. Tem colegas que encontramos uma vez por ano, na festa do sindicato. As festas do sindicato, normalmente, são muito concorridas. As pessoas participam, é um espaço em que elas levam as suas famílias, nos encontramos, as pessoas dançam, conversam. Quem gosta de beber – vai beber. Quem gosta de dançar – dança.

Não tenho conhecimento de programas e projetos específicos da Universidade para trabalhar essa questão da saúde laboral – programas institucionais. Normalmente os projetos dos professores são projetos de extensão, para a comunidade externa, e a comunidade interna

são alunos. A Universidade de Educação Física (FAED) tem aulas de dança, academia, o Instituto Integrado de Saúde (INISA), tem a hidroterapia e a piscina aquecida. Mas esses programas, eles não são voltados especificamente para a saúde do professor. Nós não temos programas nesse nível.

A Universidade de Brasília (UNB) tem um auditório com 300 ou 500 lugares, dentro da universidade – um espaço que os professores podem usar para fazer uma palestra, um espaço somente para se encontrar. Uma mesa de sinuca numa varanda, um espaço de confraternização. Nós não temos isso. Hoje na universidade, para usar um auditório precisa fazer um projeto de extensão, registrar no SIGPROJ, registrá-lo no SEI, receber a autorização da Pró-reitoria correspondente, para tentar agendar um auditório, para fazer a atividade. Se for fazer essa atividade pelo sindicato, tem que pagar uma taxa para usar o auditório.

CORUJA

Tenho 64 anos de idade, 24 anos de docência, trabalho desde 1995 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Tenho alergia e hipertensão, anteriores à docência e problemas nas cordas vocais e problemas do sistema nervoso posteriores à atividade docente.

As relações de trabalho da universidade são adoecidas porque é um reflexo da sociedade – porque ela é adoecida. A preocupação não é com o indivíduo, a preocupação não é com o humano, o gênero humano. Existe uma individualidade que é exaltada, na sociedade capitalista, e tudo isso leva a você a não ter compaixão e solidariedade, preocupação com o outro. E a instituição reflete isso. Agora, claro que determinados momentos, dependendo do governo que assume, isso piora.

No momento em que tive problemas de saúde, das cordas vocais, não senti nenhum apoio da instituição. Muito pelo contrário, senti a cobrança por parte de alguns que tinham uma posição de poder – coordenador e diretor. Quando é dado um apoio, é de colegas. Esse apoio, essa preocupação, é individual, mas institucionalmente não existe esse apoio. Ninguém está preocupado, a instituição não está preocupada com a subjetividade do professor. Não sinto, nunca senti essa preocupação, por parte da instituição. De colegas, individualmente, sim.

A universidade passou por um certo período de contratação de professores e de uma certa mudança do perfil do curso, que está se moldando agora, e os colegas também mudaram, e foram colegas que tiveram uma certa resistência aos antigos que pensavam a formação e profissão no viés crítico. Agora se instalou no curso um viés mais comportamentalista. Os colegas que chegaram, vieram fazendo um certo embate – mas não era um embate, era uma certa agressividade para com esses outros professores, que eu digo antigos e que pensavam uma profissão crítica, eu sentia isso também.

Não é só você dar aula, que já é uma carga enorme, se te disser o tanto de disciplina que eu dava. Tem as tarefas administrativas, que o professor tem que fazer e tem que participar de comissão, várias.

Sempre tive muito prazer em dar aula. Gostava mais dos alunos, da relação com o aluno, de dar aula, de ver o quanto os alunos – porque dava aula, disciplina para o primeiro semestre e, às vezes, para os mesmos alunos lá na frente, no 8º semestre, cresceram, e que de uma certa forma contribuí para o aprendizado, eu ficava muito contente.

Tive um problema sério de saúde, em seguida ao início de trabalho no mestrado. Me sentia sobrecarregada, porque dava muitas aulas na graduação, fazia pesquisa, extensão, tinha projeto de iniciação científica e era da comissão que fazia a seleção do mestrado. Então,

desencadeei esse problema, essa doença que eu já devia ter. É de se perguntar: uma pessoa super praticante de atividades físicas, alimentação boa, muito saudável e o organismo não conseguiu combater essa infecção? Fui internada, fiquei no hospital, no CTI, me afastei por meses do trabalho e fiz cirurgia. Tive muita força de vontade para voltar, porque eu queria voltar para a universidade, para a sala de aula.

Depois da cirurgia, tinha absoluta certeza, eles queriam me aposentar. A cobrança: vamos aposentar! Falei: não quero aposentar, porque eu vou conseguir voltar. Na minha fase de doença, senti cobrança dos colegas, na época, a coordenadora da graduação me ligou e disse: escuta, mas o que é que você tem, que não consegue voltar? Questionando. Não é fácil. Me senti cobrada por eu estar doente, por eu não voltar ao trabalho. Também tive muito apoio de colegas, visitas, força.

Na época que estava afastada e que eu estava no mestrado, fiquei sabendo que – em seguida ao meu adoecimento, um professor se colocou à disposição para assumir a minha aluna, que estava comigo – fazia dissertação comigo. Entendo que a aluna não poderia ficar esperando, tranquilamente. Mas, alguns colegas, especificamente um, ficaram bastante incomodados pelo fato de que o professor já assumiu e a coordenadora queria, tinha pressa, em fazer a redistribuição do aluno. O único momento em que eu senti de diálogo, ou pelo menos de alguma tomada de atitude, por conta dos colegas, foi essa. Mas eu senti também muito apoio de outros colegas, que vinham me visitar, muito apoio também, não foi só cobranças. Tem colegas muito cruéis, muito cruéis.

Voltei, me dediquei à graduação, continuei com uma dedicação muito grande às aulas – estudava muito para dar aula, lia, e continuei da mesma forma, trabalhando muito. Aumentei aulas na graduação e continuei sobrecarregada da mesma forma.

Quando voltei do meu problema, era uma outra coordenadora, também ‘muito cruel’, ela me deu uma turma que eu dava aula no auditório. Quando juntava várias turmas e eu nunca tive voz suficiente para gritar, e eles me deram um microfone. Reclamei que eu estava, inclusive eu fiquei com problema nas cordas vocais. Fui ao médico, vivia rouca, e ela se quer me respondeu. Eu disse que estava com problema e que tinha muitos alunos e que queria um microfone – se quer ela me respondeu. Em outras vezes, fizeram também isso. Um outro coordenador colocou mais alunos do que sempre foram as turmas – de 60 alunos. Eles colocam cento e tanto, cento e vinte, e a outra vez que eles colocaram, eu disse não, não vou dar aula para mais de 60, dou aula para 60 alunos, que é a turma. Daí exigi que abrissem uma outra turma, como foi feita para uma outra professora. Então, tem tudo isso, dos próprios colegas.

A minha capacidade de trabalho não era boa, eu tinha consciência disso, e eu me aposentei. Aposentei, porque eu disse: olha, a universidade precisa, por outro lado eu não posso mais dar, então vou aposentar. Aposentei mesmo podendo contribuir ainda, com o que eu estava podendo contribuir com a universidade. Mas, como eu me sentia cobrada, saí. Aposentei mesmo perdendo um bom salário. Aposentei como professora, pois já era aposentada em outro cargo.

Disse: chega! Quero ter um pouco de vida – trabalhava domingo, sábado, era muito cobrada pela família, meus filhos, netos que começavam a chegar. Mas, saí mais cedo, saí com 10 anos, com o mínimo quando tem um segundo contrato com a universidade – o de professor. Antes eu era técnico, e pude assumir esse contrato. Só que você tem que trabalhar no mínimo 10 anos para se aposentar; era o mínimo – mas, eu poderia não ter me aposentado. Poderia ter continuado, porque me sentia em franca produção, tinha muito ainda a contribuir. E tinha muito, e queria muito ainda desenvolver o meu potencial. Mas, me sentia mais cobrada, do que eu podia dar. E aí eu aposentei.

O que me levou também à aposentadoria, foi esse momento de governo Bolsonaro. Porque eu entendo a minha área, como uma área crítica, eu fazia críticas nas minhas aulas e naquela época era assim, o medo, o medo de ser gravado. O medo, e a gente sabia que no curso já estavam muitos alunos evangélicos, que faziam uma certa resistência à essas posições. Isso acontece e piora mais ainda, e hoje a gente vive um momento muito difícil para a universidade e o professor – esse governo Bolsonaro, muito difícil, os professores estão acuados e eu também me sentia.

Depois que eu voltei, voltei outra – tinha que dar um basta. Saí do mestrado, disse não para o mestrado, mas me sentia cobrada por isso. Os alunos, falavam: professora porque que a senhora não volta para o mestrado. Decidi dizer não e fazer dentro daquilo que a universidade, que o meu contrato exige, não fazer mais o que fazia antes. Fiquei só na graduação, dar aula para os dois para mim não daria mais. Me aposentei, mais uma vez eu resisti. Eu falei: vou sair, vou sair de cena, vou viver minha vida, vou agora dar todo o meu afeto para a minha família. Investir a minha afetividade na minha família.

TUCANO²⁸

Tenho 62 anos de idade, 37 anos de docência. Trabalho desde 2009 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Olha, na verdade, a docência é um tipo de trabalho. Na minha avaliação, eu já passei por vários níveis da educação, trabalhei no ensino fundamental e no ensino médio - Fui professora na educação básica. Na época, a intensidade do trabalho, também era extrema. A gente trabalhava em escolas marginais e se encontrava com situações de extrema pobreza. Mas, à medida que você vai entrando em outros âmbitos dentro da educação, em outros espaços, em outros níveis educacionais, começa a aparecer uma série de cobranças profissionais, que faz com que você ainda intensifique mais o seu trabalho.

Uma outra questão, eu sempre a coloco como exemplo: quando era professora, na educação básica, quais eram as minhas tarefas? Preparar aulas, avaliar os trabalhos das crianças, dar aula e levar para casa os cadernos, as tarefas, avaliar em casa e novamente preparar aula e tal. Diariamente na escola, eu chegava assinava o ponto e, dentro da sala de aula, tinha uma liberdade para dar aulas tranquilamente e o máximo que eu fazia, do ponto de vista administrativo, era levar o livro de frequência. Os alunos estavam listados e havia uma secretária que entregava esse livro de frequência para os professores, e a gente fazia esse controle diário. No final do mês, a gente somava, fazia as continhas e passava para a secretária o resultado do acompanhamento da frequência. Pegava um caderno didático, onde a gente lançava a matérias, os conteúdos que abordava semanalmente. Era esse o nosso trabalho; além de participar de reuniões da escola, reuniões com os pais, reuniões na secretaria e cursos de formação continuada.

Quando entrei na universidade, a relação mudou. Primeiro, não havia esse controle diário, esse controle da frequência, que a gente fazia na escola. Havia uma certa liberdade, digamos você tinha um espaço talvez de menos controle. Entretanto, o trabalho foi se intensificando. Digamos, aquilo que, em um momento era uma secretária que fazia para a gente, que eram responsabilidades administrativas, de um funcionário que não precisava ter um título de mestre ou doutor para fazer aquela tarefa, nós começamos a assumir. Então, na universidade

²⁸ A presente transcrição se difere do formato das demais, pois não se refere ao grupo dos 19 professores que responderam ao questionário via web no prazo estabelecido, mas que colaborou com as entrevistas como resultado de busca ativa.

eu fui percebendo que, quando se incorpora a tecnologia, que em princípio iria libertar nosso trabalho, iria facilitar, na verdade nós fomos assumindo tarefas que, em outros momentos históricos, era responsabilidade de funcionários e não do professor. Então, quando entrei, nos primeiros anos de universidade ainda se mantinha essa figura do secretário e o secretário tomando conta, praticamente, de todas essas atividades administrativas. O professor só passava as informações e o secretário sistematizava.

Hoje, nós temos, além de toda essa tarefa (preparar aulas, estudar, sei lá... corrigir, levar tarefa para casa), soma a isso o trabalho que, em outros momentos históricos, era feito por uma pessoa que não necessariamente era professor. Então, perante isto, o que nós temos, eu como pessoa estou sentindo, é essa intensificação do trabalho. Diferente de outros trabalhos que você tem um horário, entra 8 e sai, sei lá, 6 da tarde e vai para casa, no nosso caso, hoje, isso desapareceu. Você entra na universidade, dá sua aula, faz seus trabalhos de pesquisa, orientação, vamos supor no horário habitual das 8 horas. Mas, na verdade, nosso trabalho supera amplamente as 8h diárias. Nós recebemos, sobretudo os professores que estão na pós-graduação, uma demanda de parte de nossos orientandos. Você tem isso semanalmente. No meu caso, tenho 8 orientandos na pós-graduação e mais 2 orientandos na graduação. Já desisti de ter alunos de iniciação científica por que não estou dando conta.

Antigamente até dava conta. Agora, à medida que você avança na sua carreira também você vai perdendo aquela energia inicial, por conta do cansaço da própria idade. Eu não sou uma pessoa jovem, sou de idade. Então, você começa a ter um problema do ponto de vista físico, o rendimento físico, ele já não é o mesmo por conta que os anos já chegaram em sua vida e seu rendimento também se vê afetado por essa sobrecarga de tarefas administrativas. Te digo, que eu há anos estou na docência superior; estou na docência superior faz muitos anos, são mais de 40 anos trabalhando.

Então, você tem toda essa responsabilidade. Você trabalha sábado, domingo, dez da noite, você continua trabalhando. Então não tem um momento que a gente diga, bom: parou. Às vezes eu paro e digo: “não! Chega!”. Mas, chega um e-mail ou chega uma mensagem de WhatsApp que eu tenho que dar retorno. É uma avaliação, de um parecer, porque a gente está em um congresso como membro de comissão científica, ou um parecer que eu tenho que dar para a CAPS. Digamos, não é só aquilo que um aluno percebe, dando aulas, um professor. Nós temos, sobretudo na pós-graduação insisto, a gente trabalha: é parecerista de revista, é parecerista de eventos acadêmicos, é parecerista de diversas instituições com CAPS, CNPQ etc.; participa de bancas. Recentemente participei de uma banca. Você participa da banca de

seus orientandos, ou seja tem essa tarefa, mas também você participa em banca de outros colegas. Aqui em Mato Grosso do Sul e em outros estados – agora a gente não viaja mais, mas antigamente a gente até viajava.

Outra questão é o teletrabalho. Nós estamos nesse momento, nesse regime do teletrabalho. Ele invadiu a sua casa, você perdeu aquele espaço íntimo, daquela intimidade que se tinha, fecho a porta da minha casa e ninguém entra. Não, a tecnologia se aproxima de tal maneira na sua vida privada que você já não separa o público do privado; sua atividade pública de sua atividade privada. Então, eu, pessoalmente, me sinto angustiada com essa situação. tenho dias em que vejo no celular, mensagem do WhatsApp, e falo: “não vou responder”. Resisto a responder. Faço isso, domingo de manhã e lá pela hora do almoço, não aguentei e respondi, entendeu? Porque é como uma espécie de responsabilidade, tal o nível de responsabilidade que as instituições depositam nos professores, ou nos funcionários também. Não só os professores. Como que é tua obrigação, responder no domingo, por quê? Porque há um sistema de controle, seu aluno sabe que você viu e não respondeu. A universidade controla por e-mail, em que horário você acessou.

A tecnologia de alguma forma facilita, ajuda em algumas questões, por exemplo neste momento, a gente não poderia estar fazendo esta entrevista se não fosse por este mecanismo. Mas, por outro lado, eu estou de alguma forma sendo controlada porque você está gravando a comunicação – claro, necessário para a sua pesquisa, mas é uma forma que você também, tecnologicamente, pode controlar o trabalho do professor em que horário ele está, em que momento ele está. Essa questão me incomoda muito mais, o acúmulo de trabalho e a perda da liberdade.

A gente grava as *lives* que faz com os alunos, os encontros, para facilitar. Mas, por outro lado, eu sei que isso é um sistema que também, de alguma maneira, controla o que eu digo. Já aconteceu, nessa semana que passou, no curso de pedagogia, uma professora estava dando aula normal, e entraram na sala virtual dela. Uma série de sujeitos, falando um monte de coisas, entende? Então, essas questões, neste momento, me incomodam enormemente e, eu acho, que emocionalmente eu sou uma pessoa relativamente equilibrada – mas, para você ter uma ideia, eu estou estes dias com tontura, passando mal. Fisicamente começo a ficar doente, mas não são situações de doença que se diga: essa pessoa está doente. Vou lá investigo – não, você está com problema de ouvido. Aí o médico, nessa semana, me falou: olha, se você continua com essa tontura a gente vai ter que investigar por quê? Não sei, talvez seja uma coisa insignificante. Recentemente estou com um problema, uma coisa raríssima: é um problema de nervos. Vai

aparecendo coisas, claro, passo horas e horas sentada, meus pés estão... (rsrs) entende? Fisicamente, digamos em outro momento na universidade, você fica em pé, senta, caminha. Agora não, passo seis, sete, dez horas dependendo dos dias, sentada na frente do computador. Então, você tem, pelo menos na minha percepção, questões que tem a ver com o cotidiano da demanda de trabalho, que é cada vez maior.

Você cada vez vai assumindo mais tarefas. Mas, as condições de trabalho não são as mais adequadas: respeitar horário, respeitar sua privacidade – porque, mesmo não estando em sistema de teletrabalho, o trabalho chega na sua casa via internet, te invade. Acho que isso é altamente negativo, na minha avaliação, na minha condição de docente – eu não consigo cortar e dizer “até aqui chegou meu horário, agora estou no horário de descanso”. Insisto, muitas vezes, tento parar com isso e digo: “não! é sábado, é domingo, descansa, assiste um filme”. Mas, eu assisto o filme e me sinto culpada, porque não cumpro com a tarefa que eu tinha que fazer, uma tarefa que talvez não fosse urgente. Mas, você tem que fazer um monte de coisas e essa tarefa deve ser feita. Sinto culpa por ter assistido TV e não ter realizado aquela “tarefinha” que é responder, sei lá, um parecer. Entende?

Hoje tudo é organizado via sistema de informação – plataformas, distintas plataformas. Então, o que está acontecendo: tem cada vez menos contratados, menos funcionários nos distintos lugares. Quando eu entrei, naquela época era sistema de departamento, o local para eu trabalhar – era o Centro de Ciências Humanas e Sociais CCHS. Naquele momento nós tínhamos a secretária do departamento, tínhamos dois funcionários que atendiam o Departamento de Educação. E, praticamente tudo o que nós fazíamos era em papel. Então, você, sei lá, queria um afastamento para sair para um evento. Você preenchia um documento, entregava para o secretário, e a coisa era responsabilidade do funcionário. Logo chegava a resposta na mão do funcionário, ele dizia “olha professora, já foi autorizada a sua saída!”. Simples, um papelzinho, colocava o comprovante e o funcionário resolvia para você. Hoje, você tem que entrar na internet, escanear o documento, ir atrás e iniciar um processo, aí vai para aqui, vai para lá, você tem que estar atento a este processo – porque ninguém te vai dizer: olha foi autorizado.

Hoje não há formas de evitar isso, a gente – via sindicato, já temos conversado e todo mundo se manifesta desta situação, mas a tendência administrativa da universidade é precisamente isso. Porque, você economiza papel, isso está correto, mas fundamentalmente você economiza força de trabalho. Entendeu? Então, se antes você tinha cinco funcionários para

fazer essa tarefa, hoje você tem um. E muitas vezes, esse funcionário que está nesse momento não tem a qualificação dos antigos funcionários, que é outro fenômeno que nós estamos vivenciando, pelo ao menos eu, na universidade.

Na Faculdade de Educação, tem um número razoável de funcionários, mas a grande maioria são pessoas novatas, entraram recentemente, e elas se esforçam para dar conta dos processos. Porém, não têm o conhecimento que os antigos funcionários tinham, da totalidade do processo. Esse funcionário hoje, ele cuida, vamos supor, dos diplomas. Não lhe pergunte sobre outra coisa, porque o rapaz só sabe de diplomas. Entendeu? Então, se deu uma espécie de especialização dos funcionários dentro da universidade. Ele sabe desse setorzinho dele, não pergunte outra coisa. Eu te digo, que tenho participado de algumas comissões e me acontece isso, para resolver um problema você passa por vários funcionários, porque cada um conhece uma parte do fenômeno, e então essa é a grande questão.

A universidade, está se comportando como uma grande empresa, o conceito empresarial. Isso, você vê até nos slogans da Universidade Federal. Empreendedor. Aparece uma série de novos conceitos. Mas, esses conceitos são da área empresarial. Então, eles estabelecem uma relação de custo-benefício donde os professores não contam nesse sentido. A gente tem que render contas, você tem que: para tal data, você tem que preparar o seu plano de aula anual. Para tal data, você... Entendeu? Então, eu não quero saber se você está com muito trabalho ou pouco trabalho, se você tem 8 orientandos ou não, passa por aí.

Agora, nós temos entre nós, obviamente, os diretores são professores, os coordenadores são professores, mas eles são, eu diria, o presunto do sanduiche – esses coordenadores, esses diretores, estão entre nós que reclamamos e que exigimos e a direção, a administração central, que fala para ele: é para fazer tal coisa. E aí, os professores que estão nesse momento nas coordenações, tentam passar para nós a ideia: é para fazer tal coisa; a gente reclama, mas nós fazemos.

Para se ter uma ideia, sobre a questão do teletrabalho na pandemia, o curso de pedagogia foi contra. Nós dizíamos que deveriam suspender o calendário. Fomos voto vencido, a gente fez reuniões, tivemos várias reuniões dentro do curso, com todos os professores. Aprovamos essa questão de não trabalhar dessa forma, porque entendemos que, realmente, não era produtivo para ninguém, não era benefício para ninguém. Mas, se decidiu pela questão do teletrabalho e pronto, acabou. Entendeu? Os mecanismos de imposição são muito grandes e nós temos um problema, que é a questão das relações coletivas.

Em determinadas situações as respostas são mais individuais que coletivas. Cada um resolve como pode. Quando a coisa é muito, muito, muito grave, aí a gente se reúne, tenta chegar a um consenso. Chega-se à consenso, mas a universidade é fragmentada por cursos, então é difícil você ter uma posição que leve em consideração a vontade de muitos professores, de muitos cursos; porque nós temos, por exemplo, na faculdade de educação nós somos 6 cursos. Eu não conheço os professores dos outros cursos, essa é uma questão – dificilmente me encontro com eles. Então, você não tem aquele espaço de convivência que se tinha, por exemplo, no sistema de departamentos.

Com o departamento, a gente tinha reuniões mensais. Se discutia absolutamente tudo. Então, a gente se inteirava dos mínimos detalhes da administração central, e o departamento discutia a questão acadêmica, mas também as questões administrativas. Então, você como membro, como professor do departamento vivenciava a universidade muito mais que neste momento. Neste momento, a gente não tem, como professor, nenhum espaço coletivo para debater nem as condições de trabalho, nem as questões pedagógicas, nem as questões administrativas. O único, espaço que nós temos é o colegiado que é aberto, mas não é como no caso do departamento que a gente era convocado para participar. Se você não participava, avisava as razões pelas quais não comparecia. Agora não. Então, aquela participação, não é que era impositiva, mas era uma prática que se tornava habitual. Então, havia condições de desenvolver articulações de um caráter societário, de uma postura coletiva, que você tinha mais chances de lidar com a administração central.

Eu vou dar um exemplo claro disso. Na época, nós tínhamos o coordenador do curso de pedagogia e a coordenadora do programa. Por exemplo, eu acabava de entrar na universidade, antes eu trabalhava numa universidade particular. Neste ano, eu assumi 8 disciplinas, 8 na graduação, mais a pós-graduação. Eu estava “morrendo”, trabalhava muitíssimo mais que no setor privado. Um dia, eu falei: “Ah, não estou conseguindo. Isso aqui é desesperador”. Aí ele falou: “não. No próximo semestre, a gente vai verificar isso, foi um erro”. Mas, eu estava com 8 disciplinas. Porque estava com 8 disciplinas? Porque a disciplina que eu fiz concurso era tal, da qual ainda sou professora. Havia, olha aí a diferença, havia 8 contratados professores substitutos para essa disciplina. Quando eu entrei, a universidade não contratou substitutos e aí, eu assumi as disciplinas que os contratados assumiam, entendeu? Então, foi um momento assim esdrúxulo, mas eu passei por isso. E aí, não só eu estava com um acúmulo de trabalho, havia outros colegas que estavam na mesma situação – que atuavam na pós-graduação e na graduação.

A universidade, ela nunca reconheceu, nunca considerou, seriamente o trabalho dos professores na pós-graduação. É uma dificuldade enorme, é uma batalha para eles entenderem, por exemplo, que a orientação é uma carga horária pesada para o professor, que a gente precisa de muito tempo. Mas, eles não consideram isso. Na época, fomos falar com o pró-reitor de graduação. Conversamos com ele e colocamos a situação dos professores, que estávamos atuando na pós-graduação e na graduação com esse acúmulo de aulas, porque eles não consideravam as outras tarefas que a gente desenvolvia na pós-graduação. Aí, conseguimos que o professor, que dava aula na pós-graduação, só como mínimo, poderia dar uma disciplina na graduação. Então a gente tinha a possibilidade de você, cada semestre, dar uma disciplina na graduação e o resto do teu tempo, dedicar à pós-graduação. Isso se conseguiu nesse momento. Hoje, a situação piorou totalmente, a gente não tem mais esse espaço de negociação.

A reitoria decide, por exemplo, que todas as disciplinas que antigamente eram destinadas à orientação não são mais disciplinas de carga horária para o professor, são carga horária para o aluno, mas não para o professor. Pronto, a gente fica acumulado, porque só o que se considera carga horária é carga horária de aula, o resto não é considerado carga horária. Aquelas 8 horas, aquela regulamentação que a LDB estabelece. Então, digamos, insisto, o que noutro momento havia possibilidade de você se reunir, discutir, e de alguma forma entrar em contato com as autoridades e melhorar as condições de trabalho, hoje isso praticamente é impossível. O máximo que se consegue é, no nível da faculdade, negociar com a sua diretora, ou com a sua coordenadora de curso a carga horária e o número de disciplinas. Mas, assim, com um trabalho individual. Não é que coletivamente a gente defina as condições com que a gente vai desenvolver nossas tarefas.

Sobre se existe o cuidado da universidade em relação à saúde e bem-estar do professor? A resposta é não. Na verdade, tem um setor que cuida de algumas questões. Então, a gente tem uma clínica nesse momento – eu não sei se se chama de clínica. Mas tem um setor da saúde que você se vacina, que diríamos, acompanha do ponto de vista da saúde, mas da saúde física. Da questão mental, da questão psicológica, tem um serviço, que basicamente é frequentado, pelo que eu conheço, mais por alunos. Em geral, nós professores, claro cada um tem plano médico; no meu caso essa, neuropatia que eu estou vivendo – por conta de estar sentada (chama neuropatia), resolvi individualmente. Consultei, peguei um médico do meu plano, fui lá e estou fazendo o tratamento com ele.

Então, o que mais se encontra são iniciativas de professores, que desenvolvem alguns projetos, que tentam de alguma forma lidar com essas questões. Eu não vejo que a universidade

tenha um departamento específico, para atender estas questões, que esteja realmente preocupada com isso. Formalmente, há departamento sim, há um setor que cuida da saúde, e aí a saúde física e a saúde mental. Mas, não é uma questão que você diga, não, o programa... Agora, interessante, porque o que observei nos últimos tempos, por conta do processo de pandemia, tem havido várias intervenções de *live*, promovidas até pela universidade, convidando professores para falarem de seus temas. Mas, nada que se diga: olha professor eu sei que o sr. está passando. Se dirigindo à comunidade, aos professores em seu conjunto. Eu não vejo que tenha uma iniciativa nesse sentido, que desça horizontalmente para as bases onde, nós professores, atuamos.

Quando você tem algum problema, é você que tem que ir até lá, individualmente e nenhum professor vai nesses setores, geralmente são os alunos que frequentam. Que aliás, é um serviço para alunos, não é um serviço para professor, pelo que eu sei.

No início, do afastamento que nós tivemos por conta da pandemia, recebi uma ligação – duas vezes, ligaram na minha casa para saber como eu estava de saúde, por conta do COVID; e me perguntaram questões: se eu estava nervosa, mas, nesse momento, inicialmente, eu não estava nervosa pra nada – estava pensando que: bom, logo, logo a gente retorna; logo, logo isso se resolve. Depois, nunca mais entraram em contato telefônico. Sim, de vez em quando, mandam online aqueles formulários, para você responder. No início eu respondia, agora eu cansei, falei “oh, quer saber, não estou mais a fim de responder essa coisa; liga na minha casa e me procura, se você quer saber da minha vida”. Porque, eles fazem as coisas assim maciçamente. Não há como que uma espécie de focalizar os professores, entendeu?

Qual seria o ideal? bom, tem um curso de psicologia, a psicologia trabalhar junto à faculdade de ciências sociais e educação para pensar um programa de discussão de atendimento, do que for, uma coisa que desça aos professores no dia a dia do professor, entendeu? Que se preocupe com esse nosso dia a dia, do jeito que você está fazendo aqui: olha, me conta como você está... não é? O que você faz de sua vida? Esses grupos focais, que a gente pudesse de alguma forma sentir que não está sozinho, não é?

Quando eu falo com meus colegas, com meus amigos – “ah eu estou mal”, entendeu? Mas no sentido do reclamo. Não há uma contenção de um terapeuta que comece a trabalhar essas angústias que a gente tem. Não há. Não há um programa nesse sentido, que você diga: olha professor, você está convidado, quer participar? Sente a necessidade de discutir

determinado problema? Isso não está acontecendo, pelo ao menos eu não percebo. Pode ser que exista, mas isso não está devidamente divulgado, caso exista.

Eu só queria salientar a importância da sua pesquisa. Acho que é, é importante a gente conhecer essa realidade, no caso você está estudando a UFMS, e que de alguma forma que essa pesquisa não fique na prateleira da biblioteca, que seja motivo de algum projeto de alguma proposta futura, para atender essas questões. Que isso seja institucional, que não seja apenas iniciativas individuais. Se não há um apoio institucional, dificilmente a gente consegue que esses programas se mantenham no tempo. Você precisa de recursos, recursos técnicos, pessoal especializado; digamos, não é qualquer um que vai tocar nessas questões. Então, o conhecimento da realidade, é importante para a gente pensar, futuramente, em um projeto, uma proposta para discutir com os professores, para acompanhar o trabalho dos professores, para que a gente não se sinta sozinho neste ambiente tão exigente.



Eu sinto assim, como que diria, que nesse momento o professor é, quase tão perecido no seu trabalho quanto um operário em uma fábrica, não tem esse processo de humanização. Nós fazemos um grande esforço para manter essa questão da humanização em nosso trabalho, porque você tem que responder a tantas exigências externas, administrativas, que aquilo que é o mais importante – que é a relação professor-aluno, a questão da formação, a questão da pesquisa, fica quase que secundarizado na relação, quando você acaba atendendo às exigências administrativas. Essa é uma outra questão que acho que é importante ressaltar, que você perde neste momento histórico, nessas condições de trabalho, o lado humanizador do trabalho. O trabalho é isso. A diferença entre um animal e o ser humano é a capacidade que nós temos de transformar a natureza. Mas, como se transforma a natureza? é mediante o trabalho, o trabalho te humaniza, te faz humano. Só que, nesse momento, cada vez a gente vai perdendo esse laço de humanização. Não sei como te explicar, mas o convívio do dia a dia, que a gente tinha anos atrás com os alunos, com os colegas, a gente tinha tempo para discutir e tomar um café com o colega. Hoje isso desapareceu praticamente, a gente tem que fazer um esforço para se encontrar com os colegas e geralmente os encontros são a trabalho, para resolver alguma questão administrativa ou alguma reunião. Então, acho que isso é importante também salientar, que, para mim, há uma desumanização em nosso trabalho profissional – cada vez, nós somos mais próximos ao trabalho desumanizado que se pode fazer em uma fábrica. Um robô pode fazer tranquilamente um trabalho e não vai ser diferente, se eu não consigo colocar meu lado humano em tudo isso, entendeu? Eu acho que isso também é importante destacar, pelo ao menos na

minha ideia do que deveria apontar uma pesquisa: como que a gente vai perdendo qualidade humana, nesse processo do mundo do trabalho.

As condições de trabalho, nas relações capitalistas, nas relações materiais que o capital coloca, as instituições públicas hoje, elas se comportam quase como empresas, como empresas educativas. Mas, há toda uma série de demandas e exigências externas à universidade, que ela lentamente se vai enquadrando em padrões que o sistema das relações capitalista. Então, isso também é importante a gente não perder de vista, que não é só uma questão local, aqui na UFMS, se você faz essa pesquisa noutras instituições provavelmente você vai também encontrando situações parecidas, em relação às condições de trabalho dos professores.

ANEXO
ANEXO 1

Autorização da pesquisa junto ao comitê de ética.²⁹

	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ	
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP		
DADOS DA EMENDA		
Título da Pesquisa: AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA A COMPREENSÃO DO ADOECIMENTO DO PROFESSOR NO ENSINO SUPERIOR		
Pesquisador: MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI		
Área Temática:		
Versão: 2		
CAAE: 83428418.5.0000.0104		
Instituição Proponente: Universidade Estadual de Maringá		
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio		
DADOS DO PARECER		
Número do Parecer: 3.617.838		
Apresentação do Projeto:		
Trata-se de emenda ao projeto de pesquisa proposto por pesquisador vinculado à Universidade Estadual de Maringá.		
Objetivo da Pesquisa:		
Objetivo Primário: O objetivo geral desta pesquisa é analisar o adoecimento do professor universitário e as relações de trabalho, tendo como fundamento a Psicologia Histórico-Cultural. Objetivo Secundário: Analisar as relações de trabalho no atual sistema de produção, a partir de autores marxistas. Estudar sobre o adoecimento do professor universitário, por meio da leitura de artigos que tratam do tema. Discorrer sobre conceitos da Teoria da Atividade de A. N. Leontiev, que auxiliem na compreensão do adoecimento do professor. Aprofundar estudos sobre a formação da personalidade, tomando como referencias estudos de Lucian Sève, Leontiev e demais autores que tratam do tema a partir do marxismo e/ou dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural. Aprofundar estudos sobre a patopsicologia, tomando como referencias autores da Psicologia Histórico-Cultural. Realizar levantamento sobre adoecimento de docentes das Universidades públicas do Estado do Paraná.		
Avaliação dos Riscos e Benefícios:		
Avalia-se que os possíveis riscos a que estarão sujeitos os participantes da pesquisa serão suplantados pelos benefícios apontados.		
Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4 Bairro: Jardim Universitário CEP: 87.020-900 UF: PR Município: MARINGÁ Telefone: (44)3011-4597 Fax: (44)3011-4444 E-mail: copep@uem.br		

Página 01 de 04

²⁹ É importante lembrar, como já mencionado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que a presente pesquisa se dá em parceria acadêmica e por essa razão utiliza os mesmos procedimentos metodológicos da pesquisa aqui referida em aprovação no comitê de Ética. Sendo, pois, desnecessário parecer específico, podendo ambas as pesquisas se apoiarem no mesmo parecer.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 3.617.838

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Iniciou a pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética (CAAE: 83428418.5.0000.0104, Parecer 2.547.732) intitulada As contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a compreensão do adoecimento do professor no ensino superior. Considerando a relevância dos dados obtidos até o momento e o início das atividades como Professor Visitante na UFMS, solicito autorização desse comitê para estender o campo de pesquisa para as seguintes universidades: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campo Grande; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Três Lagoas; Universidade Estadual de Londrina (Centro de Educação, Comunicação e Artes e Centro de Letras e Ciências Humanas); Universidade Estadual do Paraná; Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Informa que os questionários e entrevistas serão realizados apenas com professores dos cursos da área de Ciências Humanas e que as autorizações para realizar a pesquisa estão sendo submetidas ao Comitê.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram acostados os termos de apresentação obrigatória.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá é de parecer favorável à aprovação do protocolo de pesquisa apresentado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Face ao exposto e considerando a normativa ética vigente, este Comitê se manifesta pela aprovação do protocolo de pesquisa em tela. Alerta-se a respeito da necessidade de apresentação de relatório final no prazo de 30 dias após o término do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1432217_E1.pdf	10/09/2019 11:10:24		Aceito
Outros	cartacomite2.pdf	10/09/2019 11:08:54	MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI	Aceito
Outros	cnppeticareformulado2019.pdf	10/09/2019 11:07:41	MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI	Aceito
Outros	Autorizacaouems.pdf	10/09/2019 11:01:42	MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI	Aceito

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4597 **Fax:** (44)3011-4444 **E-mail:** copep@uem.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 3.617.838

Outros	Autorizacaotreslagoas.pdf	09/09/2019 19:34:17	MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI	Aceito
Outros	Autorizacaounespar.pdf	09/09/2019 19:33:55	MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI	Aceito
Outros	AUTORIZAcaounioeste.pdf	09/09/2019 19:33:32	MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI	Aceito
Outros	autorizacaoufmscch.pdf	09/09/2019 19:32:51	MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI	Aceito
Outros	AutorizacaoCECAUEL.pdf	09/09/2019 19:32:17	MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI	Aceito
Outros	autorizacaocchuel.pdf	09/09/2019 19:31:13	MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tccl.pdf	21/02/2018 08:35:29	MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI	Aceito
Outros	Autorizacaocchuem.pdf	29/01/2018 20:43:26	MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI	Aceito
Outros	autorizacaoccsuem.pdf	29/01/2018 20:41:20	MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoomiteetica.pdf	29/01/2018 20:40:35	MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI	Aceito
Outros	autorizacaoufpr.pdf	25/01/2018 16:15:08	MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI	Aceito
Outros	Autorizacaouemenfermagem.pdf	25/01/2018 16:12:29	MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI	Aceito
Outros	AutorizacaocienciasumanasUEPG.pdf	25/01/2018 16:10:55	MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	25/01/2018 16:07:26	MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
 Bairro: Jardim Universitário CEP: 87.020-900
 UF: PR Município: MARINGÁ
 Telefone: (44)3011-4597 Fax: (44)3011-4444 E-mail: copep@uem.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 3.617.838

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MARINGÁ, 03 de Outubro de 2019

Assinado por:
Ricardo Cesar Gardiolo
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4597 **Fax:** (44)3011-4444 **E-mail:** copep@uem.br